

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Eloisa Marques Damasco Penna

Processamento simbólico arquetípico:
uma proposta de método de pesquisa em
psicologia analítica

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA

NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Eloisa Marques Damasco Penna

Processamento simbólico arquetípico:
uma proposta de método de pesquisa em
psicologia analítica

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial
para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação
da Prof^a Doutora - Denise Gimenez Ramos.

SÃO PAULO

2009

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____

Profa. Dra. Denise Gimenez Ramos

Examinadores: _____

Agradecimentos

Ao fundo de apoio à Pesquisa do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP, o subsídio recebido.

À PUC-SP, a oportunidade de ter feito essa pesquisa

À Dr^a Denise Gimenez Ramos, orientadora, colega e amiga, o apoio irrestrito ao meu projeto de pesquisa, a escuta atenciosa e as preciosas sugestões.

Aos professores, colegas e amigos da Faculdade de Psicologia da PUC-SP com os quais compartilhei dúvidas e desabafei, e dos quais recebi apoio e incentivo.

Aos alunos da Faculdade de Psicologia da PUC-SP e aos trainees da SBPA, sobretudo aos meus orientandos, que com seus dilemas metodológicos instigaram este trabalho.

Aos pesquisadores que generosamente cederam seus trabalhos e àqueles que, com sua produção científica, forneceram o material para essa pesquisa.

A Susan Carol Albert, aluna, colega e amiga, a versão dos resumos e sua disponibilidade irrestrita sempre.

A Milena Guarnieri, a dedicação nas buscas da primeira etapa de coleta de material e muitas outras solitudes e gentilezas.

A Felicia Araújo, a incansável disposição nas buscas da segunda etapa de coleta de material e seu espírito curioso e inteligente que ensejou tantas conversas produtivas e agradáveis.

A Luisa de Oliveira, a preparação e organização eletrônica dos originais. Mas principalmente tudo mais que as palavras não expressam.

Aos meus filhos recém-adquiridos Fabio Bento e Silvio

Ao Kiko meu '*puer-trickster-aeternus*'.

Às minhas filhas, Ana Carolina e Adriana, que são o meu grande incentivo e a mais valiosa recompensa de todas as minhas realizações.

Ao João Baptista, companheiro de sempre, para tudo e para sempre.

Resumo

Penna, Eloisa Marques Damasco. **Processamento Simbólico Arquetípico**: Uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica, São Paulo, 2009.

Com o objetivo de fazer uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica, foi feito um levantamento da produção acadêmica nesta abordagem – teses de doutorado e dissertações de mestrado – em duas universidades brasileiras – PUC-SP e USP – no período de 2002 a 2007. O material coletado foi analisado, a partir das diretrizes metodológicas do paradigma junguiano. A análise das pesquisas destacou os principais procedimentos metodológicos utilizados pelos pesquisadores, tanto na coleta como na interpretação dos dados. A articulação entre o fenômeno eleito com o objeto de pesquisa, o objetivo e os procedimentos metodológicos de coleta e análise do material propiciou a identificação das modalidades de pesquisa mais frequentes e as principais dificuldades dos pesquisadores. Com base na análise do material coletado, foi feita uma proposta de método de investigação em psicologia analítica.

O processo de pesquisa, no paradigma junguiano, abarca as etapas de apreensão e compreensão dos fenômenos, nas quais são empregados recursos e procedimentos metodológicos compatíveis com as diretrizes básicas do paradigma. Dentre eles, destaca-se a amplificação simbólica. A participação do pesquisador, sua função, sua formação e, sobretudo, o aprimoramento da atitude simbólica na condução do processo e na relação ‘pesquisador-pesquisado’ foram ressaltados. São, também, apontados os principais riscos que a atividade de pesquisa oferece ao pesquisador junguiano contemporâneo e com isso, os cuidados a serem observados durante o processo. Por fim, são discutidas as implicações éticas da atividade científica, em geral, e do trabalho do pesquisador junguiano, em especial. O método de pesquisa em psicologia analítica, por suas características, epistemológicas e metodológicas, é denominado processamento simbólico arquetípico.

Palavras-chave: epistemologia, método; símbolo; processo de pesquisa; paradigma junguiano; processamento simbólico arquetípico.

Abstract

Penna, Eloisa Marques Damasco. **Archetypal Symbolic Process**: a proposal for a research method for analytical psychology. São Paulo, 2009.

The objective of this study was to propose a research method for analytical psychology and for such an investigation was undertaken into the academic production in analytical psychology – doctorate thesis and masters' dissertations – at two Brazilian universities – PUC-SP and USP – from 2002 through 2007. The material collected was analyzed based on the methodological guidelines for the Jungian paradigm. The analysis of the research projects identified the main methodological procedures adopted by the researchers, both for collecting and for interpreting the data, and the articulation between the objective of the research, the phenomenon selected as the object of research and the methodological procedures used to collect and analyze the material; the most frequent research modules were identified together with the main difficulties faced by the researchers in undertaking their research. Based on an analysis of the material collected, a research method for investigation into analytical psychology was proposed.

The research process, within the Jungian paradigm, includes stages for apprehending and comprehending phenomena, during which methodological procedures and resources are used that are compatible with the basic guidelines for the paradigm, which include symbolic amplification. Special attention was given to the researcher's participation in the process, considering his/her function and academic background and more importantly, the development of a symbolic attitude to approach the work and within the relationship 'researcher-researched'. This research also identifies the main risk that the research activity presents to the contemporary Jungian researcher, and consequently, the care that needs to be taken during the research process. Finally, the ethical implications of scientific activity in general are discussed, and particularly in the work of Jungian researchers. The research method in analytical psychology, given its characteristics, epistemology and methodologies, is referred to as an archetypal symbolic procedure.

Key words: epistemology, method; symbol; research process; Jungian paradigm; archetypal symbolic process.

Resumée

Penna, Eloisa Marques Damasco: Processus Symbolique Archétype: une proposition de méthode de recherche en psychologie analytique, São Paulo, 2009.

Dans le but de proposer une méthode de recherche en psychologie analytique une étude a été réalisée sur la production académique psychologie analytique – thèses de doctorat et dissertations de Master – dans deux universités brésiliennes – PUC-SP et USP – entre 2002 et 2007. Le matériau recueilli a été analysé à partir des orientations méthodologiques du paradigme junguien. L'analyse des recherches a mis en relief les principales procédures méthodologiques employées par les chercheurs si bien pour le recueil comme pour l'interprétation des données; à partir de l'articulation entre but de la recherche, phénomène choisi comme but de recherche et des procédures méthodologiques employées pour le recueil et l'analyse du matériel de la recherche ont été identifiées les modalités de recherche les plus fréquentes et encore les principales difficultés des chercheurs dans la conduite de leurs recherches ont été observées. À partir de l'analyse du matériau recueilli, une proposition de méthode d'investigation en psychologie analytique a été faite.

Le processus de recherche, dans le paradigme junguien, comprend les étapes de saisie et compréhension des phénomènes, où sont employées des ressources et procédures méthodologiques compatibles avec les orientations de base du paradigme. Parmi elles nous retenons l'amplification symbolique. La participation du chercheur dans le processus mérite une reconnaissance spéciale, étant donné sa fonction, sa formation et surtout, le perfectionnement de l'attitude symbolique dans la conduite du processus et dans le rapport "chercheur-recherché". Nous soulignons aussi les principaux risques que l'activité de recherche comporte au chercheur junguien contemporain et ainsi, l'attention à être observée pendant le processus de la recherche. Enfin, les implications éthiques de l'activité scientifique en général et notamment du travail du chercheur junguien seront discutées. La méthode de recherche en psychologie analytique par ses caractéristiques épistémologiques et méthodologiques est dénommée procédure symbolique archétype.

Mots-clés: épistémologie, méthode; symbole; procédure de recherche; paradigme junguien; processus symbolique archétype.

Sumário

1	Introdução	12
1.1	O tema: contexto, justificativa e relevância	13
2	Objetivo	17
3	Método	18
3.1	Procedimentos	18
4	Formas de produção de conhecimento	30
4.1	Mito - religião - arte e filosofia	31
4.2	Ciência - concepções e objetivos	34
4.2.1	A vertente romântica do conhecimento na arte e na ciência	40
4.3	Transição para uma concepção de ciência e método pós-moderno	42
5	Meios de produção de conhecimento: método	45
5.1	Método científico	46
5.2	Sobre Paradigma	51
5.3	Pesquisa científica - a forma de produção do conhecimento científico	56
5.4	Enfoques metodológicos de pesquisa	57
5.4.1	Enfoque metodológico quantitativo	58
5.4.2	Enfoque metodológico qualitativo	61
5.4.3	Enfoque metodológico misto	66
5.5	Método de investigação em psicologia	68
6	Diretrizes metodológicas básicas para a pesquisa em psicologia analítica ...	77
6.1	Perspectiva ontológica	77
6.2	Perspectiva Epistemológica	80
6.2.1	Origem e limites da consciência conhecedora	81
6.2.2	Possibilidades e limites do conhecimento	82

6.2.3	Relação sujeito e objeto – objetividade e subjetividade	84
6.3	Perspectiva metodológica: apreensão e compreensão dos fenômenos.....	87
6.3.1	Apreensão do fenômeno / símbolo - coleta de material.....	88
6.3.2	Delimitação do contexto de apreensão	88
6.3.3	Recursos de apreensão do fenômeno - coleta de material	89
6.3.4	Relação pesquisador-pesquisado	93
6.3.5	Compreensão do fenômeno - análise do material.....	95
7	Análise e compreensão do material.....	99
7.1	Análise descritiva	100
7.1.1	Amostra geral	100
7.1.2	Amostra atual	103
7.2	Análise compreensiva.....	105
7.2.1	Método declarado	106
7.2.2	Tema de pesquisa.....	110
7.2.3	Objeto / fenômeno: alvo de investigação.....	111
7.2.4	Contexto da pesquisa	112
7.2.5	Procedimentos de coleta – apreensão do fenômeno	115
7.2.6	Procedimentos de análise.....	119
7.2.7	Modalidade de pesquisa	122
7.3	Comentários a título de propor uma discussão sobre método de pesquisa em psicologia analítica.....	126
8	Processo de pesquisa - processo de individuação - processo analítico	138
8.1	Características gerais do processo.....	138
8.2	Plano de pesquisa e projeto de pesquisa	143
8.3	Etapas do processo de pesquisa.....	146
8.3.1	Primeira etapa - Escolha do tema.....	147
8.3.1.1.	Estabelecimento e delimitação do objetivo da pesquisa	151
8.3.2	Etapa intermediária: pausa para reflexão sobre o andamento do processo ..	153
8.3.2.1.	Uma dinâmica intrincada: pesquisador – pesquisado	155

8.3.3 Segunda etapa – apreensão do fenômeno – coleta de material	162
8.3.3.1. Recursos metodológicos	162
8.3.3.2. Observação e auto-observação	162
8.3.3.3. Procedimentos metodológicos para a apreensão dos fenômenos	166
8.3.3.4. Procedimentos em Pesquisas com seres humanos	166
8.3.3.5. Entrevistas	168
8.3.3.6. Recursos projetivos	170
8.3.3.7. Material não-verbal	171
8.3.3.8. Considerações sobre pesquisa e Intervenção psicoterapêutica	171
8.3.3.9. Procedimentos em Pesquisas de fenômenos culturais	172
8.3.3.10. Procedimentos em Pesquisas de conceitos ou temas teóricos	174
8.3.4 Terceira etapa: Processamento simbólico arquetípico	175
8.3.4.1. Organização do material para fins de análise	177
8.3.4.2. Parâmetros de interpretação	180
8.3.4.3. Atitude simbólica do pesquisador	180
8.3.4.4. Amplificação simbólica	183
8.3.5 Quarta e última etapa – produção do relato da pesquisa	185
8.3.6 Riscos e possibilidades na pesquisa contemporânea	188
8.3.7 Questões éticas	193
9 Considerações finais	196
10 Postscriptum	198
Referências	200
Anexos	208

Lista de Tabelas e Figuras

Quadro 1: Descrição das etapas de coleta de material	24
Tabela 1: Amostra geral	101
Tabela 2: Amostra geral: área de concentração	102
Tabela 3: Amostra geral psicologia x outras áreas de concentração	103
Tabela 4: Pesquisas em psicologia: sub-áreas	103
Tabela 5: Amostra atual	104
Tabela 6: Método declarado	106
Tabela 7: Objeto de pesquisa	112
Tabela 8: Contexto de apreensão	115
Tabela 9: Procedimentos de coleta de material	116
Tabela 10: Material verbal e não-verbal	118
Tabela 11: Procedimentos de análise	120
Tabela 12: Procedimentos de análise: fundamentação teórica	122
Tabela 13: Modalidade de pesquisa	124
Figura 1: Relação pesquisador-pesquisado	160

Introdução

O principal objetivo desta tese de doutorado é propor um método de investigação dos fenômenos psíquicos aplicável à pesquisa em psicologia analítica.

Para atingir esse objetivo decidiu-se realizar um levantamento da produção científica da comunidade junguiana no contexto acadêmico atual em duas instituições brasileiras de ensino superior (PUC–SP e USP). Tal opção fundamenta-se nas ideias de Thomas Kuhn ([1970] 2001), que considera relevante a avaliação do estatuto da produção científica realizada na própria comunidade à qual o pesquisador pertence.

Para tanto, inicialmente, foi feita uma retrospectiva histórica com o intuito de posicionar a psicologia analítica e seu método de investigação no contexto da ciência e da metodologia científica atuais, assim como no campo da psicologia. Essa retrospectiva, primeiramente, situa a ciência como uma forma de produção de conhecimento entre outras formas de conhecimento, tais como: mito, religião, arte e filosofia. Destaca, também, a ciência como forma de conhecimento – sua concepção na modernidade – assim como a transição para a concepção pós-moderna (capítulo 4).

Em seguida, apresenta a evolução do método cartesiano para a metodologia positivista e discute as epistemologias que contestaram a hegemonia do método experimental, com a finalidade de, por um lado, localizar as bases filosóficas e epistemológicas da psicologia analítica e, por outro lado, observar o surgimento dos métodos qualitativos de pesquisa no panorama científico contemporâneo. Nesse contexto foi destacado o conceito de paradigma e o estatuto do modelo junguiano como um paradigma científico. São apresentados, ainda, os enfoques metodológicos por meio dos quais o conhecimento científico é produzido atualmente. No paradigma junguiano, o conhecimento é produzido predominantemente pelo enfoque metodológico qualitativo (capítulo 5).

Com base nos estudos realizados sobre o método de investigação da psique proposto por C.G. Jung (PENNA, 2003, 2005, 2007), são explicitadas as diretrizes metodológicas básicas para a pesquisa em psicologia analítica, com a finalidade de

subsidiar a análise e discussão do material coletado no levantamento da produção acadêmica junguiana atual (capítulo 6).

O referido levantamento é apresentado de modo a traçar um perfil da produção científica atual em psicologia analítica e, em seguida, é analisado e discutido com base nas diretrizes metodológicas do paradigma junguiano. Foram destacados os principais procedimentos metodológicos empregados na condução das pesquisas e as modalidades de pesquisa mais frequentes na amostra (capítulos 7).

Com base na avaliação do material coletado foi encaminhada a proposta do método junguiano de investigação científica. No processo de pesquisa no paradigma junguiano são destacadas as etapas de apreensão e compreensão dos fenômenos, suas características e procedimentos compatíveis com as diretrizes básicas do paradigma. É dada ênfase especial à participação do pesquisador no processo, com destaque para sua função, sua formação e, sobretudo, o aprimoramento de uma atitude simbólica na condução do processo de pesquisa e diante do fenômeno pesquisado. São apontados os principais riscos que a atividade de pesquisa oferece ao pesquisador contemporâneo e, com isso, os cuidados a serem observados, especialmente pelo pesquisador junguiano durante o processo de pesquisa. Por fim, são discutidas as implicações éticas da atividade científica em geral e do trabalho do pesquisador junguiano em especial (capítulo 8).

1.1 O tema: contexto, justificativa e relevância

O modelo teórico proposto pela psicologia analítica se mostra mais afinado com a concepção de ciência atual do que com a concepção de ciência do início do século (PENNA, 2003), o que, de certa forma, justifica a grande resistência e a ampla gama de incompreensões que o pensamento de C.G.Jung suscitou na comunidade científica, sobretudo na primeira metade do século 20 (TACEY, 1997)¹, quando ainda prevaleciam os padrões positivistas de cientificidade e seus métodos de investigação.

¹ Os textos consultados em outros idiomas foram traduzidos pela autora.

No entanto, a psicologia analítica tem alcançado grande repercussão no panorama científico contemporâneo, principalmente, nas duas últimas décadas. É notável a crescente inserção do pensamento junguiano nas universidades, não apenas no Brasil, destacando-se a PUC-SP onde o ensino da psicologia analítica está presente nos curso de graduação desde a década de 1970, mas também na Europa e na América do Norte.

O paradigma junguiano apresenta diversos pontos de aproximação com a ciência pós-moderna e seu método de investigação psicológica e sintonia com os princípios básicos da metodologia qualitativa de pesquisa.

O modelo junguiano desenvolveu-se, predominantemente, na direção da formação de analistas, privilegiando a aplicação da teoria à psicoterapia. No entanto, tem sido observada a aplicação deste modelo teórico a vários campos de trabalho e um crescente interesse por parte da comunidade acadêmica em conduzir pesquisas baseadas nos pressupostos teóricos da psicologia analítica.

Cumprе salientar, no entanto que o valor e reconhecimento da psicologia junguiana permanecem ainda fortemente associados ao método psicoterapêutico como área de maior concentração de estudos e pesquisas até hoje. Entretanto, para que sua aplicabilidade realmente se estenda para além do âmbito clínico é necessária a formulação de uma metodologia de pesquisa própria deste paradigma.

Quando se fala de método junguiano, geralmente, entende-se método psicoterapêutico. Jung, no entanto, além de exímio psicoterapeuta, foi antes um grande pensador que construiu um modelo teórico consistente tanto em termos ontológicos quanto epistemológicos e metodológicos, o que permite se falar de um novo paradigma científico (PENNA, 2003).

A produção de conhecimento na área da psicologia analítica tem contemplado temas associados à clínica, com destaque para a psicoterapia, mas também temas relacionados à cultura, às artes, à mitologia, à sociologia, assim como desdobramentos teóricos e reflexões importantes por partes dos pós-junguianos de questões contemporâneas.

A aplicação da psicologia analítica à pesquisa científica abre possibilidades

de atuação profissional que vão além da prática clínica e constitui um desafio da prática junguiana a ser enfrentado. A perspectiva simbólica arquetípica como forma de compreensão da realidade nos habilita a investigar os fenômenos nos contextos individual e coletivo. É nesse contexto que se insere o presente estudo com a finalidade de fornecer suporte teórico e prático para os pesquisadores junguianos e incentivar a pesquisa nesta área.

Em se tratando de analisar e discutir a produção de conhecimento na psicologia analítica e suas diretrizes básicas de pesquisa é recomendável a contextualização do tema no panorama da ciência contemporânea, e os enfoques metodológicos que esta propõe aos pesquisadores. Além de explicitar os motivos pessoais que subjazem este estudo.

Foi no contexto acadêmico que este interesse se forjou, resultante da experiência de orientar monografias de conclusão de curso e pesquisas de iniciação científica na Faculdade de Psicologia da PUC-SP e no curso de formação de analista junguianos da SBPA. Nesse contexto foram se evidenciando as dificuldades e as controvérsias teórico-metodológicas que a pesquisa em psicologia analítica envolviam. As inquietações quanto a este tema, primeiramente, motivou entre 2000 e 2003 a realização de minha dissertação de mestrado "Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C.G.Jung", onde foi feita uma sistematização dos fundamentos epistemológicos e dos pressupostos metodológicos do modelo proposto por Jung. O texto resultante dessa pesquisa mostrou-se bastante útil para alunos e professores da graduação e da pós-graduação cujo interesse está voltado para a utilização da psicologia analítica em suas pesquisas. No entanto, acredito que ainda há uma lacuna quanto a diretrizes metodológicas mais específicas que orientem na condução de pesquisas nessa área. O estudo atual, por um lado é uma consequência natural do trabalho realizado anteriormente e por outro lado constitui-se, a meu ver, na consecução de uma nova etapa no desenvolvimento do modelo junguiano, qual seja, uma proposta metodológica aplicável à pesquisa científica. Etapa esta que outras abordagens teóricas da psicologia já efetivaram e que na psicologia analítica está apenas começando. Com isso espero contribuir para a ampliação e o aprofundamento das possibilidades de aplicação da psicologia analítica no campo da pesquisa acadêmico-científica e evitar tanto o desgaste do pesquisador que precisa fazer

constantemente adaptações metodológicas, quanto as inevitáveis inadequações metodológicas que tais adaptações acarretam nos projetos de pesquisa em psicologia analítica. Humberto Eco em seu livro 'Como se faz uma tese' define como tese de doutorado

um trabalho original de pesquisa, com o qual o candidato deve demonstrar ser um estudioso capaz de fazer avançar a disciplina a que se dedica [...] em qualquer caso, o estudioso deve produzir um trabalho que, teoricamente, os outros estudiosos do ramo não deveriam ignorar, porquanto diz algo de novo sobre o assunto. (ECO, 1998, p. 2)

Desse modo espero que este trabalho atenda às exigências de uma tese de doutorado e seja útil à comunidade junguiana para dar prosseguimento aos estudos e pesquisas nesta área. Com respeito à realização de teses de doutorado esse autor faz ainda um comentário que particularmente me confortou, ele diz:

E, com efeito, ela não é elaborada, como entre nós, aos vinte e dois anos, mas bem mais tarde, às vezes mesmo aos quarenta ou cinquenta anos (embora é claro, existam PhDs bastante jovens). (ECO, 1998, p. 2)

Objetivo

O estudo realizado sobre o método de investigação da psique na obra de C.G.Jung (PENNA, 2003) levou à conclusão de que o modelo proposto por Jung pode ser considerado um paradigma no sentido atual do termo, uma vez que apresenta uma base ontológica e pressupostos epistemológicos coerentes e consistentes entre si e com sua proposta metodológica. A presente pesquisa tem como objetivo avançar nesses estudos no sentido de propor um método de pesquisa em psicologia analítica.

O objetivo principal deste estudo é a sistematização de uma proposta de método de pesquisa condizente com o paradigma junguiano para atender a uma demanda por parte de pesquisadores. É frequente os pesquisadores lançarem mão de métodos de investigação de outras abordagens numa tentativa de articulação entre suas necessidades e o referencial teórico. Esse cenário acarreta desgaste ao pesquisador, que necessita realizar adaptações metodológicas que, por vezes, geram inadequações e incongruências nos processos de pesquisa em psicologia analítica.

A presente pesquisa reflete sobre os procedimentos metodológicos e instrumentos adequados à proposta epistemológica da psicologia analítica para fornecer indicadores sobre as possibilidades e limites da investigação junguiana

Método

Esta pesquisa foi realizada sob o enfoque metodológico qualitativo seguiu as diretrizes metodológicas básicas do paradigma junguiano. O estudo foi conduzido em quatro níveis principais:

- Levantamento bibliográfico
- Enquadre teórico
- Levantamento e análise da produção científica acadêmica
- Proposta de método de pesquisa em psicologia analítica

O enfoque qualitativo caracteriza-se como um processo de pesquisa constituído por várias etapas, não previamente estabelecidas. A cada etapa, o processo pode e deve ser revisto em função dos achados das etapas anteriores. Os procedimentos para a consecução desta pesquisa seguiram um plano básico, inicialmente delineado no projeto, mas este sofreu alterações ao longo do processo de realização da pesquisa.

O detalhamento dos procedimentos de coleta de material, assim como as alterações ocorridas ao longo do processo de pesquisa são apresentadas da forma mais fiel possível, embora alguns detalhes possam ter escapado ao registro.

3.1 Procedimentos

3.1.1 Revisão bibliográfica, cuja finalidade principal é a contextualização do tema no panorama da ciência contemporânea e no campo específico da psicologia. Nesta etapa, primeiramente, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre formas de produção de conhecimento, com destaque ao contexto histórico que faz surgir uma concepção de ciência, que passa a ser considerada como a produção de conhecimento por excelência, e seu condizente método de investigação, caracterizado como enfoque metodológico quantitativo de pesquisa ou pesquisa experimental (CHIZZOTTI, 2003). Em seguida, a pesquisa bibliográfica focalizou os questionamentos que levaram a uma nova concepção de ciência e o surgimento,

principalmente na área das ciências humanas, do enfoque metodológico qualitativo de pesquisa. O levantamento bibliográfico revelou a presença de um terceiro enfoque metodológico, na atualidade, que busca a conciliação dos dois enfoques anteriores (quantitativo e qualitativo). Em razão da ênfase qualitativa do método junguiano, a pesquisa bibliográfica em metodologia qualitativa de pesquisa foi mais extensa.

3.1.2 Enquadre teórico da pesquisa com a finalidade de localizar epistemologicamente o estudo atual, fornecendo subsídios para a consecução do objetivo mais abrangente sobre método de pesquisa em psicologia analítica. Com base no levantamento bibliográfico foi feita a articulação entre os pressupostos dos enfoques metodológicos de pesquisa vigentes e o método junguiano de investigação da psique (PENNA, 2003, 2005, 2007). Foram abordadas as articulações possíveis entre a pesquisa quantitativa e qualitativa e apresentadas as diretrizes metodológicas básicas do paradigma junguiano que serviram de suporte teórico para a análise e discussão do material.

3.1.3 Levantamento da produção acadêmica na área da psicologia analítica para a obtenção de subsídios para atingir a meta principal deste estudo – análise do método praticado nas pesquisas acadêmicas e proposição de uma metodologia de pesquisa em psicologia analítica. A opção pelo levantamento e análise da produção realizada pela comunidade junguiana inserida no contexto acadêmico fundamenta-se nas ideias de Thomas Kuhn e outros autores da filosofia da ciência que julgam relevante a consideração do estatuto da ciência dentro da própria comunidade à qual o pesquisador pertence. Assim, para melhor analisar, discutir e mesmo fazer alguma proposta sobre método de pesquisa em psicologia analítica nada melhor do que “olhar” e “ver” como esta comunidade tem conduzido suas pesquisas. Esse levantamento de pesquisas consta de:

3.1.3.1 Objeto de estudo e contexto

Pesquisas acadêmicas realizadas em psicologia analítica. Foram definidas como produção acadêmica científica: dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Foram escolhidas duas instituições de ensino superior da cidade de São

Paulo – PUC-SP e USP – em função de sua reconhecida importância e relevância no panorama científico brasileiro atual, sobretudo no que tange ao ensino e à pesquisa em psicologia analítica. Foi inicialmente estabelecido o período de 2002-2007 como alvo do estudo com a finalidade de circunscrever a produção atual (últimos 5 anos).

3.1.3.2 Coleta de Material

A coleta do material foi feita em várias etapas intercaladas por etapas de análises preliminares. As análises preliminares sugeriram a necessidade de novas buscas a fim de que a coleta de material fosse concluída de forma satisfatória para o objetivo do estudo. Dessa forma, o procedimento de coleta de dados e a preparação do material para fins de organização e análise serão apresentados consecutivamente para proporcionar uma visão mais clara do processo de coleta de material.

Primeiramente, destacam-se as fontes por meio das quais foi realizada a apreensão dos fenômenos em cada etapa:

Fontes da 1ª etapa de coleta

- Arquivos eletrônicos das duas instituições.
- Resumos disponíveis nos meios eletrônicos das duas instituições.
- Cópias xerográficas das pesquisas obtidas nas bibliotecas das duas instituições.
- Cópias xerográficas dos capítulos 'objetivo e método' obtidas nas bibliotecas das duas instituições.
- Cópia xerográfica dos sumários de algumas dissertações obtidas nas bibliotecas das duas instituições.
- Cópia xerográfica da Introdução e/ou capítulos considerados relevantes e/ou necessários, para os objetivos da pesquisa, das dissertações e teses obtidas nas bibliotecas das duas instituições.

Fontes da 2ª etapa de coleta

Refinamento dos procedimentos de busca em relação à 1ª etapa de coleta e ampliação dos meios de acesso ao material:

- Solicitação de informação sobre teses e dissertações via e-mail aos alunos e ex-alunos da pós-graduação da PUC-SP.
- Seleção de novas palavras-chave para busca nos meios eletrônicos das duas instituições.
- Contato direto – via e-mail ou telefone – com pesquisadores.
- Cópias xerográficas do material cedido pelos pesquisadores.

Procedimentos de coleta de material: 1ª etapa

1. A primeira busca de material foi realizada nos arquivos eletrônicos das duas instituições com as palavras-chave: psicologia analítica; Jung; arquétipo e símbolo. Tais termos foram selecionados por constituírem palavras que permitem a identificação da abordagem da psicologia analítica. Com esta primeira busca visava-se obter um panorama amplo das pesquisas em psicologia analítica nas duas instituições escolhidas. Desta primeira busca resultaram 80 pesquisas num período que se estendia de 1990 a 2007.

2. Foram então selecionadas, do montante de 80 pesquisas, as pesquisas do período de 2002 a 2007, com a finalidade de se circunscrever um panorama mais atual e significativo da produção científica. Desta etapa resultaram 58 pesquisas.

3. O material selecionado (58 pesquisas) – resumos apresentados pelos autores e disponíveis nos meios eletrônicos das duas instituições de ensino superior (PUC-SP e USP) – foi lido e analisado quanto a sua adequação ao objetivo deste estudo, qual seja, análise do método utilizado em pesquisas que tivessem como enquadre teórico a psicologia analítica.

4. Da leitura e análise dos resumos obtidos pelos meios eletrônicos, verificou-se que:

- Em algumas pesquisas o referencial junguiano não parecia ter sido utilizado como abordagem principal.
- Em algumas pesquisas o resumo não fornecia informação sobre abordagem metodológica da pesquisa.

5. Foram então eliminadas 11 pesquisas, resultando 47 pesquisas que foram consideradas 'pesquisa em psicologia analítica'.

6. Esse material foi novamente lido e analisado com o objetivo de orientar a eleição de categorias que auxiliassem na organização do material e sua posterior análise. Desta análise preliminar do material emergiram 4 categorias norteadoras da primeira e mais ampla organização do material:

- a) Tema da pesquisa
- b) Fenômeno/objeto de estudo
- c) Instrumentos de coleta de material
- d) Recursos metodológicos de análise

Tais categorias visavam verificar a presença de algum padrão fenômeno-instrumento-análise em cada modalidade.

7. Com base na leitura e análise dos resumos xerográficos das 47 pesquisas, verificou-se que estes não forneciam dados suficientes para a visualização adequada dos tópicos selecionados para organização do material, principalmente, no que se refere a procedimentos de coleta e recursos metodológicos de análise.

8. Procedeu-se, então, à coleta de cópias xerográficas dos capítulos 'objetivo e método' das pesquisas obtidos nas bibliotecas das duas instituições. Nesta busca verificou-se que algumas dissertações não continham capítulos intitulados 'objetivo' e/ou 'método'.

9. Foram então coletados os sumários destas pesquisas e realizada sua leitura crítica com o objetivo de selecionar os trechos que fornecessem o material adequado para análise. A seleção desses trechos deu-se a partir da suposição, pelo

título do capítulo aliado ao contexto do estudo todo, de que estes apresentassem as informações necessárias para a composição de um quadro geral das pesquisas.

10. Procedeu-se, assim, à coleta de cópia xerográfica dos trechos considerados relevantes e necessários das dissertações em que o capítulo 'Objetivo' e/ou 'Método' estava ausente.

11. Leitura e análise dos capítulos selecionados (objetivo, método, introdução e outros).

A organização preliminar feita do material recolhido nesta 1ª etapa levantou algumas questões e reflexões quanto à representatividade do material, em função da suspeita de que algumas teses e dissertações poderiam não ter sido coletadas. Passou-se, então, a uma 2ª etapa de coleta de material.

Procedimentos de coleta de material: 2ª etapa

Refinamento dos procedimentos de busca e ampliação dos meios de acesso ao material:

- Solicitação de informação sobre teses e dissertações via e-mail aos alunos e ex-alunos da pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.
- Seleção de outras palavras-chave que foram adicionadas às anteriormente citadas: junguiana/o e inconsciente coletivo, utilizadas em:
- Novas buscas nos meios eletrônicos das duas instituições
- Novas buscas nas bibliotecas das duas instituições.
- Levantamento dos professores orientadores da pós-graduação nas duas instituições (em abordagem junguiana).
- Busca eletrônica de teses e dissertações, pelo nome de professores orientadores nas duas instituições.
- Consulta direta a pesquisadores das duas instituições e a pessoas que supostamente poderiam fornecer informações sobre o material pretendido.

Dessas novas buscas resultou um total de 133 teses de doutorado e dissertações de mestrado, incluindo as 80 recolhidas na 1ª etapa de coleta. Em razão das dificuldades encontradas na 1ª etapa e mesmo com os esforços e aperfeiçoamento das buscas na 2ª etapa, cumpre salientar que o levantamento realizado pode ainda não revelar a totalidade das pesquisas feitas no período, no entanto, supõe-se que a amostra recolhida seja representativa da produção de pesquisas acadêmicas em psicologia analítica e passível de análise.

Quadro 1 – descrição das etapas de coleta de material

Primeira Etapa da Coleta de Material 1990-2007		Segunda Etapa da Coleta de Material 1990-2007	
Total de pesquisas coletadas	80	Total de pesquisas coletadas	133*
Critério de Exclusão: Data de realização 1990-2001	22	Critério de Exclusão: Abordagem não junguiana	7
Total parcial	58	Total parcial: Amostra Geral	126
Critério de Exclusão: Abordagem não junguiana	11	Critérios de Exclusão: Data de realização e área do conhecimento	89
Total final: 2002-2007 Abordagem junguiana	47	Total final: Amostra Atual 2002-2007 Abordagem junguiana Área do conhecimento: Psicologia	37

* Esse total de 133 pesquisas inclui as 80 coletadas na Primeira Etapa da Coleta de Material

Da análise preliminar do material colhido nesta 2ª etapa resultaram algumas alterações no projeto inicial, as quais estão registradas a seguir.

3.1.3.3 Alterações no projeto inicial – diante desse novo conjunto de dados foram feitas algumas modificações no projeto original. Os 80 trabalhos constantes da 1ª coleta foram retomados e revistos quanto a sua abordagem teórica.

A partir do quadro geral das pesquisas coletadas, pretendia-se, inicialmente, chegar ao agrupamento das pesquisas com um perfil semelhante em relação a modos de coleta e de análise, que permitissem a classificação das pesquisas quanto

aos recursos metodológicos empregados. Com base nesse agrupamento, selecionar uma pesquisa de cada modalidade para análise em profundidade, as quais seriam avaliadas e discutidas com base nas 'diretrizes metodológicas básicas do modelo junguiano'. Constava do plano inicial que 'os critérios de seleção destas pesquisas dependiam da configuração do quadro geral das pesquisas e previa a eventual reformulação das categorias em decorrência da análise em profundidade das pesquisas selecionadas'.

Entretanto, diante do novo quadro das pesquisas coletadas na 2ª etapa foi abandonada a intenção inicial de escolha de apenas algumas pesquisas para a análise em profundidade e optou-se por trabalhar com a totalidade do material, que foi organizado e analisado em dois níveis.

1. Amostra geral – 1990 - 2008
2. Amostra atual – 2002 - 2007

Foram então fixados critérios de inclusão e exclusão para estabelecimento das duas amostras.

Na **amostra geral** incluem-se todas as dissertações e teses encontradas no período 1990 – 2008 em que o referencial junguiano, de alguma forma, tivesse sido utilizado. Foram excluídas aquelas que apenas mencionavam Jung ou autores junguianos, mas não utilizavam a psicologia analítica como forma de abordagem. Desta amostra foram excluídos sete trabalhos que mostraram não utilizar o referencial da psicologia analítica como abordagem principal, resultando um total de 126 pesquisas.

Na **amostra atual** incluem-se as teses e dissertações encontradas no período de 2002-2007, realizadas na área da Psicologia e que utilizam o referencial junguiano como abordagem principal mesmo que aliada a outras abordagens. Foram excluídas as teses e dissertações oriundas de outras áreas do conhecimento. Foram excluídas as teses e dissertações de 2008 em função da exiguidade de tempo para sua análise, uma vez que estas foram obtidas no fim de 2008. A amostra atual consiste, portanto, de 37 pesquisas.

A decisão de dividir o material em dois grupos para análise justifica-se pela oportunidade que o material ofereceu de avaliar a aplicação da psicologia a outras

áreas de conhecimento e a possibilidade de observar o crescimento da produção de conhecimento em psicologia analítica.

3.1.3.4 Organização do material para fins de análise e interpretação

Amostra geral (anexo 1):

A organização do material foi orientada pelas informações constantes da ficha catalográfica disponível nos meios digitais, sendo considerados os seguintes dados:

- Data de apresentação da pesquisa
- Tipo: mestrado ou doutorado
- Área de concentração: foi definida como área de concentração o curso de pós-graduação em que a pesquisa foi realizada.

O quadro do levantamento geral do material (anexo 1) apresenta a amostra geral de 126 pesquisas encontradas a partir dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. A numeração das pesquisas neste quadro apresenta-se pela ordem em que elas foram encontradas ao longo das diversas buscas realizadas (que inicialmente perfazia um total de 133 pesquisas). Essa numeração tinha como objetivo a identificação das pesquisas da amostra geral. A amostra atual foi re-numerada conforme se apresenta no anexo 2.

Amostra atual (anexo 2):

1. A organização do material foi orientada pelas informações constantes:

1º nos resumos disponíveis em meios eletrônicos ou por cópia xerográfica do material original encontrado nas bibliotecas ou cedido pelos autores.

2º nos capítulos selecionados e xerografados do material original encontrado nas bibliotecas ou cedido pelos autores.

3º nos textos integrais das teses e dissertações, em formato PDF, obtidos nos arquivos eletrônicos das duas instituições ou cedidos pelos autores.

As leituras do material advindo destas fontes foram realizadas

progressivamente em função da necessidade de obter informações fiéis e suficientemente aprofundadas para a análise que se pretendia.

2. A organização da amostra atual para fins de análise foi feita segundo duas diretrizes básicas:

- Informações explicitamente fornecidas pelos autores nos textos consultados.
- Avaliação depreendida da leitura do material, mas não necessariamente explicitada pelos autores.

3. Processo de organização do material para fins de análise:

Todo material foi submetido a leituras sucessivas ao longo de todo o processo de organização e análise, resultando em uma nova seleção de categorias de análise, as quais foram baseadas no material coletado e nas diretrizes metodológicas básicas do paradigma junguiano. Foram definidas as seguintes categorias de análise:

- Método declarado – refere-se ao método de pesquisa utilizado pelo pesquisador. A fonte de informação para esta categoria é exclusivamente o texto da pesquisa, seja no capítulo que informa sobre o método, seja em especificações ou comentários complementares encontrados ao longo do texto sobre o método empregado na pesquisa.
- Objeto / fenômeno alvo da investigação – refere-se ao objeto de estudo escolhido pelo pesquisador, ou seja, é o fenômeno que se apresenta para o pesquisador como a melhor via de acesso ao tema da pesquisa. Dessa forma, o objeto da pesquisa é a expressão simbólica por meio da qual o pesquisador buscará as informações necessárias para a compreensão da incógnita do símbolo a ser investigado. As informações referentes a essa categoria foram obtidas pela articulação entre o material encontrado nos textos e a leitura analítica do material.
- Contexto em que a pesquisa foi realizada - refere-se ao campo delimitado nas pesquisas para a coleta do material, que informa sobre o recorte e os limites em que os dados foram coletados, configurando a abrangência dos

resultados e a amplitude de sua análise e interpretação. As informações referentes a essa categoria foram obtidas pela articulação entre as especificações encontradas nos textos e a leitura analítica do material.

- Procedimentos de coleta – são os recursos metodológicos utilizados na investigação para captar o fenômeno a ser investigado. Consistem nos instrumentos e/ou estratégias utilizadas para a apreensão do fenômeno e/ou os meios pelos quais as facetas que o objeto de estudo oferece sobre o símbolo a ser investigado podem ser melhor capturadas. As informações referentes a essa categoria foram obtidas pela articulação entre as especificações encontradas nos textos e a leitura analítica do material.
- Procedimento de análise – refere-se ao conjunto de instrumentos e estratégias (técnicas) e ao tratamento a que são submetidos os dados recolhidos para fins de compreensão e interpretação do material disponibilizado pelos procedimentos de coleta. As informações referentes a essa categoria foram obtidas, sobretudo, pela leitura analítica do material, mas também a partir de referências encontradas nos textos.
- Modalidade de pesquisa – por modalidade de pesquisa entende-se uma categorização ampla da pesquisa que engloba vários aspectos: o tema, os objetivos, o fenômeno alvo da investigação, o contexto em que o fenômeno é investigado e a finalidade da discussão empreendida na pesquisa pelo pesquisador. As informações referentes a essa categoria foram obtidas exclusivamente pela leitura analítica do material.

Estabelecidas as categorias de análise procedeu-se à elaboração de uma ficha de análise (anexo 5) onde os dados foram registrados, de modo a distinguir o texto original dos pesquisadores e as informações depreendidas da leitura crítica do material. Dessa forma, foi possível organizar e analisar os registros. Os registros da ficha de análise foram transpostos para um quadro geral descritivo em que foi possível, mais uma vez, proceder a uma reorganização do material com base em novos elementos observados, que foram agrupados em categorias de análise (anexo 3).

3.1.4 Análise do material coletado

A análise do material foi conduzida no sentido de se observar e selecionar:

- As regularidades ou semelhanças encontradas nas categorias de análise relativas a tema, objeto de estudo, procedimentos de coleta e procedimentos de análise, e outras que se mostraram relevantes ao longo da análise.
- As discrepâncias relevantes em relação aos itens acima destacados.
- Situar as dificuldades mais frequentes enfrentadas pelos pesquisadores.

3.1.5 Discussão e considerações finais

- Articulação entre a análise do material obtido pelo levantamento da produção acadêmica com as diretrizes metodológicas básicas do modelo junguiano.
- Proposta de um método de pesquisa em Psicologia Analítica.

3.1.6 Cuidados éticos

O material coletado foi tratado dentro dos parâmetros éticos recomendáveis, ou seja, a preservação da identidade dos autores das teses e dissertações de mestrado recolhidas neste levantamento, embora o material coletado seja de cunho público e tenha sido coletado em meios públicos ou com a anuência dos autores. O objetivo desta tese não é fazer uma crítica ao material ou ao pesquisador, mas, sim, uma análise do conjunto da produção científica no contexto e período selecionados.

Cabe aqui uma última observação a título de esclarecimento aos leitores. No texto deste estudo são usados os termos '*pesquisador*', '*leitor*', '*orientador*' etc., no gênero gramatical masculino, que tradicionalmente indica o uso genérico do termo, visto que na língua portuguesa são raros os substantivos neutros. Conforme Eco (1998) adverte "não vai nesse uso gramatical qualquer discriminação de sexo" (p. XV).

Formas de produção de conhecimento

O conhecimento é a marca característica do ser humano e define sua trajetória. Ser e conhecer são indissociáveis para o ser humano. Buscar o conhecimento do mundo e de si-mesmo foi o moto inicial da humanidade, e continua a movê-la em todas as suas atividades.

"A vida é um processo de conhecimento; assim se o objetivo é compreendê-la, é necessário entender como os seres vivos conhecem o mundo" (MARIOTTI, 2001). Esse conhecimento se produz de diversas formas. Dificilmente somos capazes de discriminar completamente todas as vertentes pelas quais o conhecimento vem se operacionalizando ao longo da história da humanidade. Dentre as diversas formas de produção de conhecimento, atualmente, a ciência representa uma vertente do conhecimento humano de grande repercussão e credibilidade, constituindo um dos melhores instrumentos para explorar os aspectos desconhecidos da realidade. Cassirer (1997) aponta a ciência como a última etapa do desenvolvimento mental do homem – a mais alta e mais característica façanha da cultura humana.

O ocidente, desde a antiguidade grega, segue uma tradição de produção de conhecimento calcada nas funções cognitivas que privilegiam o pensamento racional. Entretanto o pensamento não foi a forma original do ser humano de se relacionar com a vida e a natureza e construir conhecimento. Na história da humanidade, outras formas de conhecimento antecederam o pensamento filosófico e científico. A percepção, a intuição e a emoção precedem o pensamento como meio de aquisição de conhecimento tanto no desenvolvimento individual como na história da humanidade. A criança é movida por funções perceptivas, intuitivas e afetivas antes de se orientar pela função cognitiva ou intelectual.

Não é pretensão deste estudo esmiuçar a história do conhecimento humano, nem as teorias do conhecimento, mas apenas destacar alguns pontos importantes para o objetivo atual.

4.1 Mito - religião - arte e filosofia

Mitologia e Religião desde tempos imemoriais lidam com o conhecimento e o autoconhecimento do ser humano. Os mitos e as doutrinas religiosas consideram uma obrigação fundamental do homem – conhecer suas origens e a origem do universo. Estas questões, atualmente, estão a cargo da ciência, que talvez possa ser considerada um mito contemporâneo.

Os mitos forneciam aos seres humanos um corpo de conhecimentos e métodos para lidar com a natureza e construir modos comunitários de vida produtivos e criativos. Os mitos são resultantes da compilação do conhecimento acumulado sobre a constituição do mundo e dos seres vivos, seu funcionamento e integração. A mitologia é uma produção coletiva anônima e espontânea de conhecimento que brota do inconsciente coletivo e constrói consciência coletiva. Podemos indiscutivelmente considerar os mitos como uma forma de conhecimento produzido e acumulado pela humanidade desde seus primórdios. Assim sendo, a mitologia constitui uma das primeiras formas de produção de conhecimento registrado e compilado.

Mito e religião são formas de conhecimento que mantêm estreita correlação tanto em sua origem como em sua estrutura e finalidade. Ambos têm origem nos mesmos fenômenos fundamentais da vida humana. No desenvolvimento da cultura humana, não é possível fixar claramente um ponto em que o mito acaba ou começa a religião. Em todo o curso de sua história, a religião permanece ligada a elementos míticos, e impregnada deles. O mito, mesmo em suas formas mais grosseiras e rudimentares, traz em si alguns motivos que antecipam os ideais religiosos superiores que surgiram posteriormente. Desde o início, o mito é religião em potencial. Segundo Eliade (1986) o mito conta uma história sagrada. Gilbert Murray (1930) afirma que é comum considerarmos o mito como o começo normal de toda religião, ou quase como a matéria bruta de que é feita a religião.

Tanto Cassirer (1997) como Eliade (1986) comentam que antropólogos e etnólogos em suas pesquisas com material religioso e mitológico se surpreenderam ao encontrar os mesmos pensamentos básicos dispersos por todo o mundo, embora em condições culturais e sociais diferentes. Parece que algumas formas de elaborar conhecimento emergiram simultaneamente em vários pontos do planeta, indicando

um modo de formular conhecimento típico de uma época.

À medida que o pensamento religioso vai se separando do mito surge um corpo de conhecimento religioso que vai se aproximando do pensamento filosófico. Do conhecimento mítico para o conhecimento filosófico Goldfarb (2001) insere um tipo de agente do conhecimento, que ela denomina o sábio. Goldfarb (2001) aponta a 'sabedoria' como um corpo de doutrina que tem um autor – o sábio – e traz consigo a marca da individualidade e das circunstâncias culturais desse autor, o que não está presente na produção mítica. A 'sabedoria' indica o início de uma sistematização do conhecimento adquirido sob uma autoria individual precedente à formulação de uma teoria. O que distingue o mito do "saber", no sentido que Goldfarb (2001) propõe, seria o caráter coletivo do conhecimento mítico e o caráter individual de uma 'sabedoria', além da maior especificidade da sabedoria versus a generalidade do mito. O mito é um conhecimento universal, genérico e abrangente; a sabedoria é específica, relativa a um aspecto particular da vida e da natureza.

Na Grécia, a filosofia é um sucedâneo natural da mitologia. O pensamento filosófico, desde a escola de Mileto, é a expressão do desejo de conhecimento do homem na antiguidade. Trata-se de uma forma mais sistematizada e individualizada de produzir conhecimento.

Na história da cultura grega encontramos um período em que os deuses antigos, os deuses de Homero e de Hesíodo começam a declinar. Surge um novo ideal religioso formado por homens individuais. A humanização dos deuses foi um passo indispensável na evolução do pensamento religioso (CASSIRER, 1997, p. 150).

Há um período, na Grécia, em que mitologia e filosofia coexistiram e, gradativamente, a mitologia foi cedendo espaço à filosofia. Na filosofia pré-socrática já se observa uma crítica contundente à tradição mítica. Segundo Gorresio (1999, p. 49) foi na escola de Mileto "que o *logos* teria se diferenciado do *mito*". De acordo com Cornford (apud GORRESIO, 1999), na filosofia, o mito foi racionalizado, isto é, os elementos primordiais antropomorfizados na narrativa mítica transformam-se em princípios abstratos (conceitos ou ideias). Nessa época observa-se também uma discriminação entre religião e filosofia, sendo que esta passa a ser considerada uma forma de conhecimento mais confiável. Hoje não temos dúvidas quanto às diferenças entre mitologia e filosofia como

formas de conhecimento distintas, entretanto em suas origens há parentescos e observa-se que uma sucedeu à outra.

A obra de Heródoto apresenta uma verdadeira mestiçagem entre mitologia e história. Os fatos relatados por Heródoto são simultaneamente ocasionados pelos deuses e pelos homens. A realidade mítica e a realidade empírica se sobrepõem. Personagens históricos convivem com entidades sobrenaturais. Segundo Azevedo (1964, p. XX):

Heródoto, vendo em todas as coisas humanas o efeito e a influência do 'demonium', revela tendências inteiramente diversas das de um historiador moderno, que coloque os acontecimentos sob a dependência de fatores naturais e econômicos. Coexistem em sua personalidade, juntamente com o cronista atento e minucioso, um teólogo e um poeta.

Algumas características dos mitos tais como sua dramaticidade, plasticidade e emocionalidade nos permitem considerá-los, hoje, mais aparentados da arte, enquanto a religião, por seu aspecto mais regrado e sistematizado se aproxima da filosofia.

A arte também pode ser considerada uma forma de conhecimento que detém modos de estruturação, realização e métodos bastante particulares. As expressões artísticas desde a pré-história são formas de manifestação da visão de mundo e das preocupações, sentimentos e emoções mais poderosas do ser humano. A expressão pictórica cumpria também uma função ritualística de propiciação e preparação para as atividades de caça ou enfrentamento do mundo natural.

A filosofia é herdeira da mitologia e da religião, no entanto seu caráter de autoria individual distingue a produção filosófica do conhecimento mítico e religioso. O atributo da individualidade está, necessariamente, associado à ideia de opinião e pontos de vista. Julgamentos baseados no livre arbítrio darão origem às concepções filosóficas como uma nova forma de produzir e instituir conhecimento.

As bases epistemológicas da mitologia e da religião não são de todo dessemelhantes, mas o fundamento epistemológico da ciência ocidental é totalmente diferente destas formas de conhecimento, principalmente a partir da modernidade.

A mentalidade ocidental foi forjada pelo entrelaçamento do pensamento filosófico grego e a tradição judaico-cristã, com seu mito monoteísta que dá origem a uma nova forma de conhecimento mesclando religião e filosofia na proposição de princípios morais e de convivência social, a mentalidade romana também exerce grande influência na formação do cânone cultural do ocidente. O cristianismo entra no império romano e passa de mito a religião institucionalizada e em seguida dá origem a todo um corpo filosófico que dominará a Europa durante séculos. A associação duradoura e intensa entre filosofia e religião sintetizada na mentalidade cristã medieval vai desencadear um movimento de suma importância em todas as áreas do conhecimento europeu - a renascença. Deste renascimento, tanto na arte como na filosofia nascerá a ciência moderna.

4.2 Ciência - concepções e objetivos

Cassirer (1997) coloca a ciência como a última etapa do desenvolvimento mental do homem – sendo a mais alta e mais característica forma de conhecimento da cultura humana atual. O conhecimento científico moderno e seus métodos de pesquisa subsidiaram um desenvolvimento tecnológico nunca antes observado na humanidade. Embora os princípios básicos da modalidade científica do conhecimento tenham suas origens nos grandes pensadores gregos e seus modelos filosóficos, o conhecimento em sua vertente científico-tecnológica moderna é um produto recente e requintado da humanidade.

Para Platão, a ciência é uma introdução, ou pressuposto da filosofia; é ela (ciência) que permite o discurso verdadeiro. No modelo filosófico platônico, a ciência é a ponte entre o sensível e o discurso absolutamente verdadeiro, que é o da filosofia. Com Descartes a filosofia deixa de ser o acabamento para tornar-se o pressuposto da ciência. Sua imagem sobre o conhecimento é famosa: o saber é como uma árvore, cujas raízes são a metafísica, o tronco, a ciência física, e os ramos, as ciências aplicadas. Segundo Davy (1983), para Platão a 'ciência das ideias' era a única e verdadeira ciência, e o único meio de salvação para o homem e a cidade; na sociologia positiva de Augusto Comte (séc.19), a 'ciência dos fatos' é a salvação para a sociedade.

Ainda segundo Davy (1983, p. XV), tanto Platão como Augusto Comte

devotam uma fé absoluta na ciência como encarregada de "inspirar, dirigir e executar as reconstruções necessárias" para que se realizem as transformações reclamadas pelos homens, para Platão, e pela sociedade, para Comte.

A ciência como promotora de conhecimento vai se instalando lenta e gradualmente na mentalidade ocidental, convivendo com a filosofia e, mais recentemente, substituindo-a. Santos (2000, p. 28) afirma que, de meados do séc. 19 até hoje, a ciência adquiriu total hegemonia no pensamento ocidental, tomando-se a produção de conhecimento por excelência. O paradigma moderno "pressupõe uma única forma de conhecimento válido, o conhecimento científico".

Cumprе salientar que o conhecimento humano continua se realizando por meio da filosofia, da arte e da religião, embora haja preconceitos quanto à validade e seriedade, principalmente, desta última.

Do ponto de vista epistemológico, a marca fundamental da transição entre a filosofia medieval e a moderna é o caráter construtivo do conhecimento, que tem como autor principal a razão humana e não mais uma entidade divina exterior. Em Descartes o conhecimento é construído por uma razão lógica, e em Kant, pelas relações dialéticas entre a razão pura e a razão prática.

Dentre as diversas formas de produção de conhecimento, a ciência moderna passa a ocupar lugar de destaque. Em todas as formas de produção de conhecimento - mito, religião, filosofia, arte e ciência – o ser humano tem como objetivo "entender e interpretar, articular, organizar, sintetizar e universalizar sua experiência humana" (CASSIRER, 1997, p. 359) com a finalidade última de apreender e compreender seu mundo e a si-mesmo.

O objetivo principal da ciência, portanto, coincide com as metas das outras formas de conhecimento, ou seja, conhecimento do mundo e dos seres; e se distingue delas por sua ênfase, e quase exclusividade, no aspecto cognitivo intelectual como meio pelo qual o conhecimento se produz. Nesse percurso o ser humano é sempre o sujeito e o alvo mais importante do conhecimento.

A ciência moderna privilegia um tipo de conhecimento produzido por meio de um pensamento racional e lógico identificado como uma atividade estritamente

intelectual. No entanto, já na filosofia grega observa-se a presença de uma forma de produção de conhecimento baseada no *logos*.

O vocábulo grego *logos*, frequentemente traduzido por estudo, ciência, disciplina, discurso e investigação sistemática (PAPADOPOULOS, 2006), surge entre o séc. VIII e VII a.c. para designar um novo tipo de *palavra*, marcando o declínio da 'palavra mágico-religiosa' (fase mitológica) e a ascensão da 'palavra argumento' (fase filosófica). Usada nas discussões e nos debates, esta palavra argumento dá origem aos *diálogos* e, nesse sentido, adquire o significado de discurso e de instrumento do conhecimento. "Na retórica sofista, pelo *logos* (discurso ou debate) é delimitado um plano de pensamento mais secularizado, em que a *Alétheia* (verdade suprema) é excluída" (GORRESIO, 1999, p.67). *Logos* é a palavra instrumental pela qual o homem pode se exercer no mundo de modo mais ativo e prático - um instrumento de conhecimento e controle no plano cotidiano da palavra prática e coloquial distinto do conhecimento verdadeiro associado a *Alétheia* (verdade). Segundo Vernant (apud GORRESIO, 1999), o pensamento do tipo *logos* surge quando o homem alcança certa autonomia em relação às forças divinas; o controle e o domínio da vontade, do pensamento e da ação denotam uma consciência do eu separada do mundo. O conhecimento que se produz por meio do *logos* é um conhecimento associado à razão - um pensamento emancipado das forças divinas. Segundo Gorresio (1999, p. 84), "para a razão nascer, houve necessidade de diferenciar-se dos deuses". O conhecimento que se produz via *logos* é um tipo de conhecimento derivado de competências essencialmente humanas que se discrimina do conhecimento oriundo de potências divinas. Essa discriminação e emancipação, no entanto, não anula o plano divino, pois o conhecimento 'verdadeiro' ainda pertence ao âmbito divino.

A ciência moderna também surge de uma profunda crise filosófico-religiosa que se instala no período medieval e dá origem à mentalidade renascentista, que por sua vez, conduz a civilização ocidental aos ideais da modernidade. Na Renascença, aos poucos, vai se instalando a secularização do conhecimento tanto na vertente filosófica quanto na arte. As manifestações humanas vão se desvinculando do sentido religioso que até então carregavam. A arte religiosa dá lugar a expressões artísticas laicas; temas da natureza e da vida cotidiana passam a

prevalecer sobre os temas religiosos. Aos poucos esta desvinculação entre religião e ciência passa a conferir supremacia a esta que será a detentora do conhecimento 'verdadeiro' e promove a desvalorização daquela.

Para Jung (vol. 5)², o *logos* está associado ao pensamento conceitual, distinto do pensamento mítico, e radica-se principalmente na extensão e intensidade da consciência sendo característico do dinamismo patriarcal operante na consciência.

Do latim, *scientia* é sinônimo de conhecimento de onde deriva o termo *consciência*, que se refere, do ponto de vista psicológico, àquilo de que se tem conhecimento, abarcando também o autoconhecimento. Em grego conhecimento é *episteme*. Poderia se pensar, então, que ciência, como concebida hoje, refere-se a um tipo de conhecimento associado ao *logos*. No entanto, para Papadopoulos (2006), o correlato latino – *scientia* – do termo grego *episteme* não traduz sua profundidade e riqueza. Etimologicamente, *episteme* relaciona-se com o verbo *epistemi* e *epistamai* que significam respectivamente 'estabelecer ou localizar' e 'saber como', sugerindo que *episteme* poderia ser entendida como o ato de marcar um território para ser observado ou compreendido. Onde epistemologia seria a demarcação de um campo a ser conhecido ou para fins de conhecimento ou compreensão.

Com esta exposição sobre os significados originais dos termos *logos*, *episteme* e *scientia*, talvez seja possível esclarecer os sentidos e funções que estes termos compreendem no campo do conhecimento científico hoje. *Logos* refere-se a uma forma de abordar a realidade por meio da 'palavra argumento', sob o domínio da razão humana diferenciada da razão divina; *Episteme* é o conhecimento demarcado ou localizado, isto é, caracteriza um campo de conhecimento; e *scientia* é conhecimento no sentido de um saber adquirido. Assim, entende-se por ciência um tipo de conhecimento produzido por uma forma de abordagem – racional – de um campo demarcado da realidade. A atividade científica, a partir da modernidade, deve ser totalmente isenta de crenças religiosas. Os limites do conhecimento científico

² As referências e citações retiradas das obras completas de C.G.Jung são feitas pela indicação do volume seguida do parágrafo.

estão demarcados, assim como seus métodos, posto que a ciência moderna pretende um conhecimento operacionalizado pela razão humana.

Na Idade Moderna, a separação entre Ciência e Religião caminha no sentido de estabelecer duas formas de conhecimento independentes, cujos campos de conhecimento não se cruzam. Primeiro Descartes, depois Pascal, Montaigne, Copérnico e Galileu e depois Newton vão modelando as bases da filosofia e da epistemologia modernas nas quais o poder da razão humana é estabelecido e confirmado. Apesar de conflitos e tensões profundos e intensos, o homem ocidental entra numa época em que o conhecimento estará centrado na razão. Com Darwin, definitivamente, o ser racional supera o ser religioso.

A partir do século 17 implanta-se a *solução racionalista* para o conhecimento em geral. A razão matemática e a física mecanicista são o elo entre o ser humano e o universo. Filosofia e Ciência começam a trilhar caminhos paralelos, entretanto separados, a partir da modernidade.

No século 18 ciência e religião estão completamente separadas, espírito e razão são polaridades não apenas discriminadas, mas dissociadas. A ciência moderna afasta o polo subjetivo da observação científica, pois este não somente "atrapalha" como compromete a produção de conhecimento fidedigno e confiável. De acordo com Byington (1986), o preconceito contra a subjetividade, que se instaura no paradigma cartesiano, vai acarretar um desvio na epistemologia altamente prejudicial para todo o caminho da humanidade em direção ao autoconhecimento. A unilateralidade que passa a vigorar promove um grande vazio que culmina com um sentimento profundo de perda do sentido individual da vida como aponta Bauman (1998) em seu livro *O mal estar da pós-modernidade*.

O Racionalismo e o Iluminismo, que deram origem à ciência e tecnologia modernas, foram uma contra revolução à Inquisição medieval, que professava a supremacia da religião sobre outras formas de conhecimento. O polo anteriormente oprimido (razão, lógica, secularidade) foi trazido à luz, entretanto, neste movimento, mais uma vez houve a hipertrofia de uma das partes da totalidade. Desta vez a polaridade racional exclui o polo irracional e espiritual antes exacerbado, assim como as funções cognitivas e perceptivas eclipsam as funções sentimento e

intuição.

No século 19 a ciência passou a ser socialmente reconhecida pelas virtualidades instrumentais da sua racionalidade, ou seja, pelo desenvolvimento tecnológico por ela mesma impulsionado. Segundo Japiassu e Marcondes (2001), modernamente, a ciência é a modalidade de saber constituída por um conjunto de aquisições intelectuais que tem por finalidade propor uma explicação racional e objetiva da realidade.

Neste panorama os objetivos da ciência como produtora exclusiva de conhecimento sério, confiável e verdadeiro, de acordo com Mazzotti e Gewandsznajder (1998), chegaram à ambição máxima de conseguir alcançar um conhecimento empírico certo, comprovado e com o maior número possível de enunciados verdadeiros acerca do mundo. Já o racionalismo crítico pretendia conseguir enunciados verdadeiros, embora admitindo que não fosse possível conseguir um conhecimento absolutamente certo, ou seja, mesmo que se conseguisse descobrir uma teoria verdadeira, nunca se poderia ter certeza absoluta. Mas o conhecimento científico mantinha também como um de seus objetivos básicos a previsibilidade e capacidade de generalização, segundo Mazzotti e Gewandsznajder (1998), buscando teorias mais amplas, precisas ou exatas, que alcançassem um maior número de fenômenos.

Observa-se que a produção de conhecimento científico, por um lado, apóia-se em teorias que são validadas por meio do método científico e, inversamente, o conhecimento produzido com base no rigor metodológico do paradigma produz teorias precisas, exatas e verdadeiras, formando um círculo vicioso entre teoria e método, em que um valida e referencia o outro sucessivamente. Segundo Santos (2000, p. 28), a partir de então, o conhecimento científico opera uma verdadeira inversão de valores, pois pode dispensar a investigação das suas causas como meio de justificação, passando a "justificar-se não pelas suas causas, mas pelas suas consequências". Assim também "a tecnologia da ciência e a tecnologia produtiva progridem juntas, amparando-se e incentivando-se reciprocamente" (FIGUEIREDO, 1989, p. 15), posto que ambas compartilham objetivos e modos de abordagem.

Resumindo, a ciência moderna alicerçada na filosofia iluminista e racionalista

é orientada por uma mentalidade, essencialmente do tipo pensamento-sensação extrovertida. A produção do conhecimento científico é nitidamente associada ao pensamento e à percepção de um modo extrovertido. Intuição e sentimento foram aspectos bastante negligenciados pela consciência coletiva na construção do conhecimento científico assim como a abordagem introvertida dos fenômenos. Por isso sempre nos referimos a um 'pensamento científico' ou a uma 'percepção científica' da realidade ou dos fenômenos. Não há menção a um '*sentimento científico*' ou a uma '*intuição científica*'. O aspecto extrovertido desse conhecimento qualifica como fenômeno real os fatos da realidade externa, daí a grande ênfase na objetividade. O aspecto perceptivo destaca o dado observável – perceptível – como o fenômeno passível de investigação científica, elegendo o método empírico que enfatiza a observação perceptiva dos fatos e sua sofisticação crescente, que está expressa na tecnologia cada vez mais avançada de instrumentos de observação e mensuração. O pensamento dá o tom principal à produção científica moderna fortemente associada à racionalidade e à lógica e define o método científico baseado no determinismo lógico e na causalidade.

O processo científico leva a um equilíbrio estável, a uma estabilização e consolidação do mundo, de nossas percepções e pensamentos (...) o fator material é dado por nossa percepção sensorial; o formal é representado por nossos conceitos científicos. (CASSIRER, 1997, p.338)

A era moderna marcou a época em que o conceito de ciência se configurou como a melhor forma de produzir conhecimento.

4.2.1 A vertente romântica do conhecimento na arte e na ciência

A vertente romântica do conhecimento está relacionada aos filósofos alemães (BORNHEIM, 1993), que, partindo de Kant, formulam um conjunto de sistemas idealistas, incluindo a teologia sentimental de Schleiermacher e o realismo mágico de Novalis, e excluindo o idealismo de Hegel (GUINSBURB, 1993), que será mais absorvido pela dialética materialista de Engels e Marx e pela fenomenologia existencial de Heidegger.

Tarnas (2001) situa o início do Romantismo em paralelo ao Iluminismo, tendo ambos surgido da complexa matriz do Renascimento. Para Nunes (1993), o Romantismo, propriamente dito, surge como uma reação ao Iluminismo, sendo o

ponto nascente da filosofia romântica, a tentativa de Fichte de discutir as antinomias de Kant. No século 19 há um renascimento dos ideais românticos que será denominado neo-romantismo. Os filósofos neo-românticos operam uma pequena revolução no andamento da filosofia em geral, retomando algumas questões esquecidas pela filosofia racionalista herdeira do iluminismo. Dentre elas destacam-se as questões relativas à espiritualidade e à individualidade.

A filosofia romântica foi uma reação ao Iluminismo, este, porém, vai sobreviver através do positivismo, do pragmatismo e da ciência tecnológica dos dias atuais.

O discurso romântico é essencialmente interpretativo e formativo. As fontes propulsoras do romantismo estão no indivíduo. O ser humano é fantasioso, imprevisível, de alta complexidade psicológica, dotado de um mundo interno rico e exuberante e por isso centrado na sua imaginação, sensibilidade e intuição; o ser humano do romantismo é um organismo dotado de corpo e alma, sendo o espírito seu centro nevralgico (PENNA, 2003). Sua principal distinção em relação ao pensamento cartesiano e à filosofia positivista reside na visão pluralista da filosofia romântica que contempla o objeto de vários pontos de vista e a preferência por uma abordagem circular em lugar do pensamento lógico linear da perspectiva positivista.

No panorama filosófico do fim do século 19, paralelamente à filosofia positivista associada ao empirismo lógico inglês, destacam-se a filosofia de Kant em seus desdobramentos neo-kantianos, e o neo-romantismo, que revive e resgata o romantismo dos séculos anteriores.

A concepção de ciência prevalecente até meados do século 20 identificou-se com a vertente filosófica racionalista e positivista, sendo que a filosofia alemã romântica foi mais assimilada pela arte. Outras áreas do conhecimento que foram influenciadas pela filosofia romântica, como por exemplo, a psiquiatria dinâmica e a psicologia profunda, foram duramente criticadas pela ciência tradicional em função de sua recusa em se adequar aos padrões metodológicos de cientificidade propostos pela concepção racionalista positivista.

4.3 Transição para uma concepção de ciência e método pós-moderno

A partir da segunda metade do século 20 movimentos importantes foram surgindo no sentido de questionar a hegemonia do paradigma positivista na ciência.

Ao longo do século 20, de acordo com Tarnas (2001), observa-se uma crise epistemológica e metodológica na ciência ocidental, que questiona o pensamento científico moderno. Prigogine (1996) avalia que, neste período, estamos no ponto de partida de uma nova racionalidade, em que a ciência não mais se identifica com a busca de certezas absolutas.

Karl Popper (1902-1994) e Thomas Kuhn (1922-1996) são considerados os principais articuladores da concepção pós-moderna de ciência. Popper foi o primeiro a questionar a relação estrita estabelecida entre hipótese, comprovação e previsão (JAPIASSU; MARCONDES, 2001) do método dedutivo, e criticou também o método indutivo ao discutir os limites do observador e sua interferência na experimentação. Para Popper as hipóteses de caráter geral jamais podem ser comprovadas ou verificadas de modo definitivo, a verdade é colocada por ele como essencialmente transitória, isto é, algo pode ser considerado verdadeiro até que seja verificada evidência contrária. Dessa forma o objetivo da ciência não é mais a comprovação, mas a possibilidade de refutação, reafirmando o caráter dinâmico do conhecimento científico. Thomas Kuhn critica a 'ciência normal' (positivismo e empirismo) em virtude da estreiteza de seus limites e da exigência de uma objetividade impossível de ser mantida ou mesmo alcançada.

As críticas da Escola de Frankfurt à "ciência tradicional" também afetaram profundamente, segundo Mazzotti e Gewandsznajder (1998), tanto a concepção de ciência como seu método, contribuindo para o esgotamento do empirismo lógico. É neste contexto que surge a concepção de método qualitativo aplicado principalmente às ciências humanas.

A visão de ciência apresentada por Thomas Kuhn ([1970] 2001) foi duramente criticada pela comunidade científica, por defender uma visão considerada excessivamente relativista ao negar a existência de critérios objetivos para a avaliação de teorias e, sobretudo, por ressaltar a forte influência de fatores

psicológicos e sociais em qualquer tipo de investigação e avaliação científicas que se queira fazer.

As premissas da Física de Heisemberg e Eistein, quanto à interferência do observador no objeto observado, nesta época, ainda não haviam abalado a crença na objetividade científica. Vale também lembrar Nietzsche, que já havia levantado essa questão em relação aos modelos filosóficos no fim do século 19, para quem não era possível separar assepticamente a obra e a pessoa dos filósofos, *"toda grande filosofia" é a "confissão pessoal de seu autor"* (NIETZSCHE,1978). Sem falar na psicologia profunda que desde o início do século 20 apresentava uma noção de conhecimento e método bastante discrepante da tradição lógico - empírica da ciência moderna, mais afinada com a filosofia romântica e com a dialética kantiana do que com os princípios filosóficos cartesianos e positivistas.

No panorama contemporâneo da ciência observa-se, porém, que a tradição do positivismo lógico, herdeiro do Iluminismo, e ambos radicados no "grande paradigma do ocidente" (MORIN, 2000) formulado por Descartes, ainda prevalece como método promotor do conhecimento científico sério e confiável, privilegiando o enfoque metodológico quantitativo de investigação científica.

No entanto, as críticas à 'ciência normal' proferidas por Thomas Kuhn e suas proposições a respeito das revoluções científicas repercutiram na comunidade científica a partir da década de 1970, fazendo despontar uma concepção de ciência menos idealizada e mais realizável, que admite a incerteza, a diversidade e a complexidade do mundo e do ser humano. Para Prigogine (1996), trata-se de uma ciência que permite a criatividade como expressão singular de um traço humano comum e fundamental a todos os níveis de conhecimento. Kuhn ([1970] 2001) discute ciência como uma produção de conhecimento realizada por cientistas e dá destaque aos cientistas como seres humanos e à comunidade científica como integrante da comunidade humana, discutindo as intrincadas relações entre indivíduo e cultura, ressaltando a importância do contexto histórico social em que as teorias científicas são produzidas. Sua ênfase na pessoa do cientista e na comunidade desloca o eixo de discussão da natureza e das teorias para o ser humano (cientista no caso) produtor de conhecimento, destacando os aspectos psicológicos e sociais de todas as formas de produção de conhecimento,

especialmente o conhecimento científico.

Santos (2000) aponta a 'desdogmatização' como a característica principal da concepção de ciência na pós-modernidade. A partir do interesse crescente por parte de alguns filósofos da ciência em questionar as bases do pensamento científico moderno, o movimento de 'desdogmatização' da ciência intensificou-se na segunda metade do século.

A relativização do rigor metodológico observado na atualidade, sobretudo nas ciências humanas, está vinculada também à proposição epistemológica de substituição da busca da *verdade* pela tentativa de aumentar o poder explicativo das teorias (LUNA, 1996), e enfatizando a função compreensiva mais do que descritiva do conhecimento, além de seu caráter provisório e relativo na pós-modernidade.

Os horizontes da cientificidade foram ampliados em relação aos limites estritos propostos pela filosofia iluminista e pelo rigor metodológico do positivismo lógico. Estes têm se mostrado não apenas insuficientes e insatisfatórios, mas sobretudo impeditivos para o desenvolvimento do conhecimento.

As revoluções dos paradigmas científicos, cujos princípios fundamentais foram questionados e avaliados criticamente, são a marca do pensamento científico do século 20. Não apenas a concepção de ciência se diversifica a partir de então, como também os métodos pelos quais esse conhecimento vai ser produzido.

Meios de produção de conhecimento: método

O termo método tem sua origem no grego clássico e comporta sentidos relativos a percurso (espaço) e duração (tempo). Diz respeito ao caminho a ser seguido ou percorrido durante a caminhada em direção a uma meta; ou a estrada a ser trilhada para se chegar ao destino; ou ainda, o caminho que está de acordo com a viagem a ser empreendida e aonde se quer chegar. O método está associado ao viajante e à viagem a ser empreendida. Daí se destacam as particularidades dos métodos, em função das características específicas tanto da meta que se tem quanto dos pressupostos de que se parte.

Junto aos antigos, principalmente, Platão e Aristóteles, método aparece com o sentido de investigação e pesquisa (ABBAGANO,1999), ligado à busca de conhecimento. Alude assim ao caminho tortuoso e árduo a ser trilhado em direção ao conhecimento.

Dentre as acepções modernas do termo, o dicionário Larousse Universal (1923) indica o verbete método como:

o andar racional que se segue para chegar a um fim [...] andamento racional do espírito para chegar ao conhecimento ou à demonstração da verdade; conjunto de procedimentos destinados a conduzir o espírito ao conhecimento da verdade. Cada ciência tem seus procedimentos particulares, apropriados ao seu objeto próprio.

Foulquié e Saint-Jean (1969) assinalam, no sentido abstrato – "caráter de uma atividade que se desdobra seguindo um plano refletido e determinado anteriormente" e um sentido concreto – "um conjunto de procedimentos destinados a assegurar um resultado determinado". Abbagano (1999) considera que, na medida em que toda doutrina filosófica ou teoria científica possui uma ordem de procedimentos que visam à aquisição de conhecimento, estes podem então ser chamados de método. De acordo com Mazzotti e Gewandsznajder (1998), método pode ser definido como uma série de regras para tentar resolver um problema. Japiassu e Marcondes (2001) definem método como um conjunto de procedimentos racionais baseados em regras, que visam atingir um objetivo determinado. Como conjunto de regras ou procedimentos, esta definição diz mais respeito a técnicas ou

recursos metodológicos do que propriamente o método.

Observa-se que o termo método comporta um sentido abstrato (teórico) e um aspecto concreto (prático). O significado concreto refere-se a técnicas – procedimentos, recursos, estratégias e instrumentos – utilizados para se alcançar uma meta. O sentido abstrato do termo indica modo de pensar – forma de conduzir o pensamento – para aquisição de conhecimento associado a teorias científicas ou doutrinas filosóficas e, nesse sentido, compreende o processo através do qual se efetiva o conhecimento. O método implica sempre sentido prático relativo à aplicabilidade e viabilidade da teoria sobre a qual este se assenta.

Por método, entende-se o *modo* de produção de conhecimento; o *caminho* a ser seguido para aquisição de conhecimento. Deste ponto de vista, mais filosófico do que prático, método associa-se à busca de conhecimento de forma ampla e geral, indicando os meios de produção do conhecimento a partir da concepção de conhecimento e da área de conhecimento a que se propõe. Mais uma vez, vale lembrar a estreita relação entre epistemologia e método no conhecimento científico.

5.1 Método científico

As características mais marcantes do conhecimento científico moderno, como foi visto, residem na busca de ordem, universalidade, constância e veracidade. Tais atributos conferem à ciência o estatuto de conhecimento sério e confiável. A garantia de alcance destas qualidades se dá pelos meios através dos quais o conhecimento é adquirido e produzido, isto é, pelo método científico.

Método em ciência é um indicador de como as pesquisas científicas devem e/ou podem ser conduzidas e, conseqüentemente, sugere os recursos técnicos mais adequados para a condução do processo de produção de conhecimento científico.

Tais recursos são também denominados recursos metodológicos e incluem, estratégias, ferramentas ou instrumentos (técnicas). Ao conjunto de recursos metodológicos empregados em uma pesquisa e seu modo de articulação e manejo dá-se o nome de procedimentos metodológicos. Denzin e Lincoln (1998a) consideram o método, no contexto da concepção contemporânea de paradigma, parte integrante do corpo do paradigma (ontologia, epistemologia e metodologia) e

destina às técnicas funções denominadas '*procedimentos de investigação*'; '*estratégias empíricas*' ou '*ferramentas de pesquisa*'.

De acordo com Mazzotti e Gewandsznajder (1998), atualmente não há uma concordância completa entre os filósofos da ciência acerca das características do método científico. Uma das características básicas do método científico moderno é a tentativa de resolver problemas por meio de hipóteses que possam ser testadas através de observações ou experiências.

No entanto, a partir da segunda metade do século 20, a comunidade científica começou a questionar as bases e fundamentos vigentes do conhecimento científico.

Considerando-se a ciência como uma forma de produção de conhecimento, ela necessariamente implica uma epistemologia (demarcação de um campo ou território a ser compreendido) e um método decorrente dessa epistemologia.

Com Descartes (1596 - 1650), a concepção de ciência caracteriza-se por seu aspecto racional, e o método privilegia o raciocínio lógico formal baseado na Física e na Matemática. Contudo é na obra de Francis Bacon (1561- 1626) que a abordagem empirista se afigura como um novo modo de articulação entre teoria e prática, ao enfatizar, pela primeira vez, "o caráter operante das relações entre o homem e o mundo, bem como a legitimidade dessa forma de relacionamento." (FIGUEIREDO, 1989). O racionalismo de Descartes e o empirismo de Bacon marcam a transição entre a Renascença e a Idade Moderna no que diz respeito ao método científico. A tônica de Bacon reside na produção de conhecimento objetivo e no método instrumental, pois sua ênfase no caráter operante e dominador da mente humana, no processo de conhecimento, faz com que uma preocupação metodológica se imponha, colocando 'a disciplina do espírito' como o objetivo das "regras metodológicas que definirão a própria especificidade da prática científica: cientista não é quem alcança a verdade, mas quem se submete conscienciosamente à disciplina do método" (FIGUEIREDO, 1989, p.15). Para Descartes o aspecto racional precede e predomina sobre o empirismo de Bacon, mas o método também tem papel preponderante e definidor de sua concepção de ciência. A dúvida metódica de Descartes é o procedimento fundamental para a produção de conhecimento científico. Para ele o caráter verdadeiramente científico do conhecimento reside em

descartar como inteiramente falso tudo aquilo que possa supor a menor dúvida. Ressalta, sobre os fatos que

não basta observá-los com cuidado, descrevê-los e classificá-los, mas, e isso é muito mais difícil, cumpre ainda, segundo a palavra de Descartes, encontrar o aspecto pelo qual são científicos, isto é, descobrir neles algum elemento objetivo suscetível de determinação exata e, se possível, de medida (DURKEIM, 1983, p. XIX).

O racionalismo de Descartes e o empirismo de Bacon vão constituir a base do paradigma científico da modernidade – concepção de ciência e método científico.

Kant (1724 - 1804) instaura um novo conceito de conhecimento (dialético) ao discutir as relações entre a razão pura (transcendente) e a razão prática (sensível) e, de acordo com Denzin e Lincoln, (1998), rompe com a tradição cartesiana que inaugurou o método quantitativo de pesquisa, ao instaurar o limite fenomenológico ao conhecimento científico. Kant abala a busca de uma verdade absoluta e definitiva como meta do conhecimento possível.

No entanto, apesar da grande questão da dúvida lançada por Descartes, o caráter incerto do conhecimento humano não foi, e ainda não é, facilmente aceito pela comunidade científica. Apesar dos dilemas e questionamentos apresentados tanto por Descartes quanto pela dialética kantiana, a busca por certezas e verdades, previsibilidade e confiabilidade, generalidade e universalidade são ideais muito arraigados no ocidente, e permaneceram na base do método científico moderno. O século 19 e a primeira metade do século 20 são pautados por uma concepção de ciência mais cartesiana do que kantiana, pois buscava certezas por meio da razão lógica. De Kant, permanecem as noções de fenômeno e experiência; esta, porém, tomada no sentido geral de Bacon e não no sentido particular da filosofia fenomenológica existencial, herdeira de Kant; e a objetividade prevalece sobre a subjetividade nos métodos científicos.

Segundo Chizzotti (2003), o século 20 se caracterizou por duas tendências conflitantes quanto a métodos de pesquisa, uma que se "caracteriza pela adoção de uma estratégia de pesquisa modelada pelas ciências naturais e baseada em observações empíricas para explicar fatos e fazer previsões, e outra, que advoga uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando as significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem" (p.12).

A tendência modelada originalmente pelas ciências naturais estendeu-se às ciências humanas e constituiu-se no grande paradigma científico da modernidade, denominado por Kuhn 'ciência normal' ou 'paradigma cartesiano', segundo Morin (2008), que centralizou toda a produção de conhecimento e determinou um método de produção de conhecimento – enfoque metodológico quantitativo – que perdurou como o único paradigma aceitável nos meios acadêmicos até meados do século 20.

A partir de Bacon e Descartes, passando por Galileo (1564-1642) e pela física de Newton (1642-1727), forma-se a corrente teórico-metodológica do empirismo lógico, derivado da combinação de ideias empiristas com o uso da lógica racionalista, realizada pelos pesquisadores da escola anglo-americana, que, segundo Mazzotti e Gewandsznajder (1998), privilegia o método dedutivo. As vertentes metodológicas racionalista e empirista, aplicadas às ciências naturais, invadem as ciências humanas por meio do positivismo de Augusto Comte (1786-1873), para quem a ciência é o parâmetro de todo o conhecimento. Segundo Santos (2000, p. 28) o paradigma moderno "pressupõe uma única forma de conhecimento válido, o conhecimento científico", validade esta que se assenta na primazia da objetividade e prescreve métodos que garantam essa objetividade pelo rigor de suas normas metodológicas, priorizando dados mensuráveis que são analisados por uma lógica matemática que exclui o pesquisador como sujeito do conhecimento e despreza os aspectos qualitativos dos fatos.

Para o positivismo, a lógica e a matemática seriam válidas porque estabelecem as regras da linguagem, constituindo-se em um conhecimento a priori, ou seja, independente da experiência. Para a vertente empirista, o conhecimento factual ou empírico deveria ser obtido a partir da observação. O positivismo lógico recuperou alguns aspectos do pensamento cartesiano, imprimindo à ciência um caráter essencialmente racionalista e lógico que dominou o método científico moderno a partir do século 17. A ciência, como uma forma de conhecimento que "não somente pretende apropriar-se do real para explicá-lo de modo racional e objetivo, mas procura estabelecer entre os fenômenos observados relações universais e necessárias" (JAPIASSU; MARCONDES, 2001, p. 43) de causa e efeito com a finalidade principal de previsão de resultados, adota um método baseado em procedimentos experimentais que permitem pelos efeitos (resultados), deduzir as causas.

Nessa concepção de ciência, o método experimental é o legado da síntese entre Descartes, Bacon e Kant (PENNA, 2005), cujas características principais são: objetividade, previsibilidade, fidedignidade e validade alcançadas pelo pensamento dedutivo. Trata-se, por um lado, de aceitar a proposta kantiana de um conhecimento resultante da experiência, mas, por outro lado, de manter a tônica cartesiana de um conhecimento produzido racionalmente, baseado no pensamento lógico em que o rigor é alcançado pela máxima objetividade do pesquisador. O empirismo lógico enfatiza o método experimental, em que a observação e a distinção ascética entre sujeito e objeto é primordial para que o método científico cumpra seu papel de promotor de conhecimento sério e confiável. Segundo (JAPIASSU; MARCONDES, 2001), o método hipotético-dedutivo é considerado científico na medida em que constrói uma teoria a partir de hipóteses das quais os resultados podem ser deduzidos. Este método contempla os requisitos de previsibilidade e generalidade, pois, além de fidedigno, fornece garantia de alcançar um conhecimento seguro e verdadeiro.

O método indutivo, segundo o qual uma lei geral é estabelecida a partir da observação e pela regularidade das repetições, na concepção moderna de ciência, pode ser aplicado em casos particulares, uma vez que não garante o estabelecimento de verdades, mas apenas de probabilidades. A observação e a experimentação são seus aspectos mais importantes para o alcance de níveis maiores de confiabilidade e previsibilidade em termos de probabilidade. Tanto o método dedutivo como o método indutivo são criticados por Popper, que propõe a refutação como principal objetivo da ciência, o que não altera significativamente o método científico em si, mas abre espaço para as discussões sobre método, que ganham grande impulso no século 20 e resultam na formulação dos métodos qualitativos de pesquisa científica.

Morin (2008) reconhece que são inquestionáveis os progressos extraordinários que a ciência realizou a partir do século 17 até o século 20, os quais são evidentes na vida cotidiana contemporânea, mas critica o método experimental fundamento da ciência durante muito tempo ao avaliar que mesmo este, ao mesmo tempo que

serviu para alimentar os progressos do conhecimento, provocou o desenvolvimento da manipulação, ou seja, das disposições destinadas à

experimentação, e essa manipulação, de subproduto da Ciência, pôde tornar-se o produto principal no universo das aplicações técnicas, onde, finalmente se experimenta para manipular (em vez de manipular para experimentar) (p. 101).

O autor conclui que o conhecimento científico é tragicamente ambivalente, pois na busca de certezas alcança incertezas. O progresso da ciência revela assim o progresso da incerteza num movimento progressivo e regressivo incessante.

Segundo França, Vasconcellos e Borges (1992), atualmente, é importante distinguir metodologia de método. Método é a justificativa para o tipo de procedimento (quantitativo ou qualitativo) empregado na pesquisa, a teoria do método; ao passo que metodologia é o conjunto de procedimentos empregado na realização do estudo. A distinção entre os termos método e metodologia, apesar de se mostrar relevante, tem se apresentado de forma bastante ambígua e ambivalente, levando a um uso, às vezes, indiscriminado dos termos e, outras vezes, considerados sinônimos. Sinteticamente é útil e didático assumir que metodologia refere-se ao estudo do método (científico). Discussões e avaliações sobre método em ciência (metodologia científica), embora sempre tenham sido feitas, intensificam-se durante o século 20, quando a concepção de ciência, vigente na modernidade (paradigma positivista ou empírico-lógico), e seu método (experimental-dedutivo) passam a ser mais insistentemente questionados, principalmente pelas ciências humanas. Deste questionamento resulta uma diversidade de metodologias, ou seja, estudos e propostas de métodos científicos, uma vez que a acepção do termo ciência também se diversifica, passando a admitir várias concepções de produção de conhecimento, o que dá origem a 'epistemologias' e 'métodos' diversos.

Para que se tenha um entendimento mais amplo e profundo das transformações operadas na concepção de ciência na atualidade e suas implicações no método científico, faz-se necessária a compreensão do conceito de paradigma proposto por Thomas Kuhn ([1970] 2001).

5.2 Sobre Paradigma

Paradigma, originalmente, significa modelo ou exemplo (ABBAGANO, 1999).

Esse termo foi usado por Platão no primeiro sentido, e por Aristóteles, no segundo. Para Platão as formas ou ideias são paradigmas, ou seja, *"arquétipos, modelos perfeitos, eternos e imutáveis dos objetos existentes no mundo natural que são cópias desses modelos"* (JAPIASSU; MARCONDES, 2001).

O termo paradigma começa a ser divulgado na ciência contemporânea a partir do livro de Thomas Kuhn (2001), *A Estrutura das Revoluções Científicas*, publicado em 1962 e revisto pelo autor em 1970, quando passa a ser utilizado por diversos autores, ganhando crescente penetração na filosofia das ciências. Atualmente o uso deste termo cobre uma grande variedade de sentidos, às vezes contraditórios, mas também resultantes da reflexão crítica de autores contemporâneos.

Torna-se, portanto, oportuna uma retrospectiva sobre o termo e o esclarecimento sobre o sentido com que o conceito de paradigma será utilizado no presente estudo.

Para Kuhn ([1970] 2001), "um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em indivíduos que partilham um paradigma" (p. 219). Embora esta definição, à primeira vista, pareça circular, ela expressa com propriedade a proposta do autor, que ressalta a relação de reciprocidade entre conhecimento científico e comunidade científica.

Segundo Mazzotti e Gewadsznajder (1998), a proposta de Thomas Kuhn considera que a "pesquisa científica é orientada não apenas por teorias, no sentido tradicional deste termo (conjunto de leis e conceitos), mas por algo mais amplo, o paradigma, que constituiria uma 'teoria ampliada'" (p. 24). A noção de 'teoria ampliada', na definição kuhniana de paradigma envolve vários elementos: uma matriz disciplinar que compreende 'generalizações simbólicas' que constituem leis e definições conceituais; compromissos coletivos com crenças e valores; coerência interna e exemplos compartilhados (exemplares), que são as soluções concretas dos problemas. Tais fatores resultam num corpo de conhecimento amplo – paradigma – que norteia o cientista em suas investigações (Kuhn, [1970] 2001).

Devido às violentas críticas que o termo paradigma recebeu por parte da

comunidade científica, em 1969, Kuhn retoma o texto de 1962 e acrescenta um pós-fácio com o objetivo de elucidar as dúvidas e polêmicas que o termo suscitara. Inicialmente Kuhn havia proposto o conceito de matriz disciplinar, cujos componentes eram: generalizações simbólicas (leis ou definições), compromisso coletivo (modelo), valores e exemplares (exemplos partilhados). Em seguida ele enfatiza o papel dos exemplares e amplia seu significado, afirmando que "alguns exemplos (exemplares) que incluem, ao mesmo tempo, lei, teoria, aplicação e instrumentação, proporcionam modelos dos quais surgem as tradições coerentes e específicas de pesquisa científica" (KUHN [1970] 2001, p. 30). Em sua revisão, no entanto, Kuhn propõe duas acepções distintas para a noção de paradigma: 'matriz disciplinar' como sinônimo aproximado de teoria ampliada, e 'exemplares', como as "soluções concretas de problemas que os estudantes encontram desde o início de sua educação e formação" e que funcionam como visão de mundo, praticada e vivida, determinando que tipo de ideias são válidas; que tipo de questões são pertinentes; que tipo de procedimentos devem ser aplicados para a solução de problemas; e chega a propor que o termo paradigma seja substituído pelo termo 'exemplares'. Curiosamente a noção de "exemplares" foi praticamente abolida da literatura da Filosofia das Ciências, e a noção de paradigma, apesar de criticada no início, foi adotada e discutida, sendo amplamente aceita atualmente.

A ideia básica de paradigma, para Thomas Kuhn ([1970] 2001), é de um conjunto de crenças, valores e concepções que, como um todo, rege e orienta uma dada comunidade e é aceito tacitamente em suas ações e intervenções no mundo. A noção de compartilhamento e compromisso é central na ideia kuhniana de paradigma. Ao compartilhar concepções, valores e modos de resolver problemas, a comunidade forma um paradigma, e automaticamente está sob a égide de um paradigma que determinaria até mesmo a forma como um fenômeno é percebido pelos cientistas.

Os períodos de revolução científica são caracterizados por mudanças de paradigmas, quando novos fenômenos são descobertos, conhecimentos antigos são abandonados e há uma mudança radical na prática científica e na 'visão de mundo' do cientista. Embora o mundo não mude com a mudança de paradigma, depois dela "os cientistas passam a trabalhar em um mundo diferente" (KUHN,

[1970] 2001, p. 171).

Segundo Japiassu e Marcondes (2001), atualmente, o termo paradigma é utilizado no sentido de modelo teórico, abrangendo um corpo de conhecimentos, ao mesmo tempo abrangente e consistente, que envolve "*lei, teoria, aplicação e instrumentação*" (p. 206), coincidindo com Denzin e Lincoln (1998), para quem a noção de paradigma envolve três elementos fundamentais – ontologia, epistemologia e metodologia – que devem estar articulados e entrelaçados de forma consistente e coerente.

Bateson (1972) define paradigma como "uma rede de premissas epistemológicas e ontológicas que – a despeito de sua veracidade ou falsidade última – tornam-se auto-validadas" (p.314) e configuram procedimentos metodológicos compatíveis.

Vasconcellos (2005, p. 34), citando Morin, "considera que os paradigmas são princípios 'supralógicos' de organização do pensamento, princípios ocultos que governam nossa visão de mundo, que controlam a lógica de nossos discursos, que comandam nossa seleção de dados significativos e nossa recusa dos não - significativos, sem que tenhamos consciência disso".

Figueiredo (1989) utiliza a expressão 'matrizes do pensamento psicológico' para discutir "os modelos de inteligibilidade e os interesses expressos nas várias posições teóricas e metodológicas geradores [...] de escolas e 'seitas' psicológicas" (p.11), cada uma delas representando um conjunto cultural de caráter científico ou não, que, de alguma forma, originaram-se de um cânone científico ou cultural, legitimando-o, ou que influenciaram a formação de um novo cânone cultural ou científico.

Nesse sentido, a noção de paradigma, às vezes, equivale a um modelo teórico amplo, incluindo metodologia e aplicação prática, outras vezes, refere-se a uma mentalidade, cânone cultural ou, ainda, 'espírito de época', sendo utilizado tanto no âmbito da ciência como em sentido laico. Seu compartilhamento pode abranger desde grandes comunidades até pequenos grupos, e também se refere a concepções e formas de agir, mais ou menos conscientes, embora uma certa porção de consciência seja indispensável para que o paradigma se estabeleça. Suas raízes,

no entanto, de acordo com Kuhn ([1970] 2001), não são necessariamente racionais. A efetividade de um paradigma se revela na capacidade desse corpo de conhecimentos se mostrar útil ou apropriado para a solução de problemas.

Para Tarnas (2001), o conceito kuhniano de paradigma representa uma das características principais do pensamento pós-moderno, "refletindo uma consciência crítica da natureza essencialmente interpretativa da cultura" (p. 424) contemporânea, que não se satisfaz mais com a simples constatação dos fatos, mas deseja compreendê-los e interpretá-los criticamente.

Considerando-se que as mudanças de paradigma são raras e se processam lentamente (KUHN, [1970] 2001), pode-se supor que as descobertas científicas e novas epistemologias que eclodem no início do século 20 têm suas raízes nos séculos precedentes. Dentre elas, o surgimento da Psicologia Profunda, que deu origem à psicanálise em 1900 e à psicologia analítica em 1914, pode representar um período de 'revolução científica' que implicou numa mudança de paradigma.

Os paradigmas científicos traduzem uma 'mentalidade científica', que inclui aspectos ontológicos e epistemológicos, os quais encaminham métodos e estratégias de investigação científica. A comunidade que o compartilha, em primeira instância, é uma comunidade de cientistas, no entanto, a efetividade deste paradigma tende a transpor as fronteiras do mundo científico e impregnar a cultura.

De acordo com (PIERI, 2002), na psicologia junguiana, o paradigma centrista e determinista cede lugar ao paradigma da complexidade e diversidade dinâmica. O paradigma junguiano faz parte dos, assim chamados, 'paradigmas qualitativos', por sua ênfase no aspecto compreensivo e interpretativo dos fenômenos. Sua característica mais distintiva é, no entanto, seu caráter simbólico arquetípico, como discutido em Penna (2003). Por paradigma junguiano entende-se o corpo de conhecimentos propostos por C.G. Jung, ampliado e atualizado pelos pós-junguianos, e sua aplicação prática (clínica e pesquisa). Esse corpo consiste em concepções ontológicas, pressupostos epistemológicos e propostas metodológicas articuladas num todo consistente e coerente que configura uma atitude perante o mundo e o ser humano.

5.3 Pesquisa científica - a forma de produção do conhecimento científico

Além de ser a mais recente aquisição humana, a ciência é, atualmente, considerada a mais sofisticada e confiável forma de produção de conhecimento. A produção de conhecimento científico se realiza por meio da pesquisa científica, cujos fins subjacentes, de acordo com Chizzotti (2003), são: transformar o mundo, criar objetos e concepções, encontrar explicações e avançar previsões, trabalhar a natureza e elaborar as suas ações e ideias.

De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006), o que distingue uma pesquisa científica de qualquer outro tipo de pesquisa é o método pelo qual ela é conduzida. Assim sendo o que vai definir um conhecimento como científico é o seu método de produção, em geral mais organizado e cuidadosamente delineado além de bem explicitado do que nas investigações não científicas. Como salienta Kerlinger (2002), isso se aplica tanto aos estudos quantitativos, qualitativos como mistos.

Sampieri, Collado e Lucio (2006), afirmam que a pesquisa científica é sistemática, empírica e crítica. O aspecto sistemático implica disciplina, organização dos fatos que assim "não são deixados à casualidade" (p. XX). Quanto ao ser empírica, Sampieri, Collado e Lucio (p. XX) falam de "dados coletados e analisados", e ser crítica significa que está sendo avaliada e melhorada constantemente, podendo ser mais ou menos controlada, mais ou menos flexível ou aberta, mais ou menos estruturada, mas nunca caótica e sem método.

Para Chizzotti (2003), a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem transformando os horizontes de sua vida. Nesta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre problemas que enfrenta e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, munindo-se dos instrumentos e técnicas mais adequados à sua ação, a fim de intervir no seu mundo com a intenção de construí-lo adequadamente à sua vida.

Para Kuhn ([1970] 2001), a 'ciência normal' é constituída pelas realizações "reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica" (p. 29), as quais servem como indicadores tanto dos problemas de pesquisa como dos "métodos legítimos de um campo de pesquisa" (p. 30). Dessa forma a 'ciência

normal', equivalente à concepção de ciência vigente desde Descartes até meados do século 20, elabora uma teoria a partir da estruturação de preceitos, noções fundamentais que funcionam como postulados básicos, que prescrevem os procedimentos de pesquisa dominantes em uma comunidade científica, isto é, formula um método de pesquisa condizente. Da mesma forma Chizzotti (2003) comenta que o paradigma dominante numa dada comunidade científica condiciona o modo como as pesquisas são conduzidas, envolvendo uma concepção de ciência que estabelece os critérios de definição e de formulação de um problema a ser pesquisado, implicando numa abordagem metodológica condizente que indica ou mesmo determina também a forma de apreensão dos dados e sua compreensão.

Ainda com o propósito de contextualizar o tema deste estudo, é importante ressaltar que os debates e questionamentos em relação ao método científico de pesquisa, tradicionalmente utilizado pela ciência moderna, foram encabeçados por pensadores ligados às ciências humanas, embora alguns cientistas filiados às assim chamadas ciências naturais tenham contribuído com críticas e reflexões importantes como foi o caso de Heisenberg e Bohr, quanto à relatividade e incerteza do conhecimento (PENNA, 2005) na física quântica. Estes questionamentos resultaram numa nova concepção de ciência o que, por sua vez, levou à formulação dos assim chamados métodos qualitativos de pesquisa. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006), atualmente a pesquisa científica pode ser conduzida baseada em três principais enfoques metodológicos, a saber: o enfoque quantitativo, o enfoque qualitativo e o enfoque integrado, 'multimodal' ou misto.

5.4 Enfoques metodológicos de pesquisa

Para Sampieri, Collado e Lucio (2006), o enfoque metodológico de uma pesquisa modula a maior ou menor flexibilidade do método, o nível de controle sobre as condições de apreensão e análise do material e o grau de estruturação do projeto de pesquisa como um todo. No entanto em qualquer modalidade de pesquisa o método é importante e deve ser claramente explicitado pelo pesquisador.

Desde a segunda metade do século 20 as correntes teórico-metodológicas foram polarizadas em dois enfoques metodológicos principais: enfoque quantitativo e enfoque qualitativo da pesquisa.

Mais relevante do que discutir a maior ou menor validade de uma forma de abordagem ou de outra é analisar em que contexto emerge a metodologia qualitativa de pesquisa e com isso compreender seu significado e sua aplicabilidade no modelo de pesquisa junguiana, assunto sobre o qual este estudo pretende se debruçar.

5.4.1 Enfoque metodológico quantitativo

O enfoque metodológico quantitativo está alinhado com a concepção moderna de ciência alicerçada no modelo cartesiano e positivista, que pretende produzir um conhecimento verdadeiro, confiável, generalizável e preditivo, livre de erro e objetivo.

O método experimental constitui-se o 'método-padrão' das pesquisas científicas na modernidade e vigorou de forma praticamente absoluta até a segunda metade do século 20 (CHIZZOTTI, 2003). As pesquisas conduzidas pelo método experimental são designadas 'científicas', reafirmando a posição positivista que só reconhece como válido o conhecimento resultante de experimentações comprovadas por padrões mensuráveis de aferição, tanto em relação à coleta quanto à análise dos dados, que são avaliados por dedução matemática. O modelo de pesquisa experimental privilegia a verificação e controle das variáveis implicadas por meio do uso de técnicas sofisticadas de medida dos dados, fatos ou fenômenos, e alcançou grande prestígio na comunidade científica, tornando-se o modelo dominante de pesquisa científica. A sofisticação dos instrumentos de coleta e análise de dados utilizados no enfoque quantitativo de pesquisa é justificada pelos seus objetivos e é condizente com uma concepção de ciência definida como promotora de um conhecimento verdadeiro e definitivo.

Originário nas ciências naturais, o enfoque metodológico quantitativo foi adotado nas ciências humanas a partir do século 18 por Augusto Comte (1798-1854), e Émile Durkheim (1858-1917) que propõem a aplicação do mesmo método científico (experimental), utilizado com considerável êxito nas ciências naturais, ao estudo dos fenômenos sociais, por considerarem que todas as coisas ou fenômenos podem ser medidos (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). O positivismo lógico também denominado empirismo lógico, como foi visto anteriormente, constitui-se num enfoque metodológico adotado pela ciência moderna, sendo caracterizado

pelos assim chamados métodos quantitativos de pesquisa.

Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006), o enfoque quantitativo fundamenta-se no método hipotético-dedutivo, do qual, a partir das teorias, são derivadas hipóteses, que são submetidas a prova pela utilização de modelos de pesquisa apropriados. Se os resultados obtidos forem condizentes com as hipóteses inicialmente colocadas, estas são confirmadas pelas evidências em seu favor. Se, por outro lado, os resultados refutarem tais hipóteses, tanto os resultados como as hipóteses podem ser descartados, para que se busquem melhores explicações ou reavaliação das hipóteses. Como se pode observar, este procedimento é condizente com as diretrizes do método experimental, e aceita a utilização do método hipotético-dedutivo e do método indutivo, além de ter incorporado a proposta de refutabilidade de Popper.

De acordo com Chizzotti (2003), no método experimental os fatos são captados em condições experimentais rigorosamente controladas, e sua análise consiste em medidas de frequência e constância de incidência coerentes com as regras lógicas aplicadas tanto na coleta como na análise dos dados, sendo considerados científicos, neste enfoque, "somente os conhecimentos passíveis de apreensão em condições de controle legitimados pela experimentação e comprovados pela mensuração" (p. 25). Com isso são alcançadas as metas de confiabilidade, validade e generalização, aspectos fundamentais dessa concepção de ciência e consequentemente objetivo desse enfoque metodológico.

No enfoque quantitativo há regras claramente colocadas tanto em relação à coleta como à análise do material, as quais se apoiam nas leis determinadas pela teoria. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006), "se essas regras são seguidas cuidadosamente os dados gerados possuem os padrões de validade e confiabilidade, e as conclusões obtidas serão válidas, ou seja, há possibilidade de serem contestadas ou replicadas com a finalidade de construir conhecimento" (p. 10).

Tanto Sampieri, Collado e Lucio (2006) como Chizzotti (2003) ressaltam o controle como uma característica que permeia o enfoque quantitativo e seu método experimental. São controladas as condições de seleção e coleta de dados, a análise

dos fatos, as deduções possíveis e também a atividade do pesquisador. A coleta é conduzida com observação de critérios rigorosos de assepsia para evitar vieses que possam acarretar a interferência de variáveis estranhas ao objetivo da pesquisa, dentre as quais destaca-se a influência de possíveis aspectos subjetivos do pesquisador. Dessa forma, no enfoque quantitativo há menor flexibilidade ou autonomia do pesquisador. A análise do material coletado consiste na mensuração dos dados a partir da organização das variáveis em categorias de análise; as medições obtidas são analisadas frequentemente por métodos estatísticos, e é estabelecida uma série de conclusões a respeito das hipóteses inicialmente levantadas. No caso das ciências sociais e do comportamento humano, de acordo com Sampieril, Collado e Lucio (2006), seguindo essas diretrizes metodológicas é possível estabelecer com exatidão os padrões de comportamento de uma população.

Denzin e Lincoln (1998) afirmam que no modelo positivista o plano de pesquisa consiste de uma proposta de etapas e fases previamente definida, em que uma questão é colocada e um conjunto de hipóteses é levantado, sendo estabelecidas, a partir disso, estratégias de coleta, em geral por amostragem, e procedimentos de análise que são previamente especificados. "Os projetos positivistas tentam antecipar todos os problemas que possam surgir num estudo qualitativo" (p. XII). Embora esse autor admita a aplicação do modelo positivista à pesquisa qualitativa, ele foi originalmente pensado e aplicado à pesquisa quantitativa, pois o paradigma científico positivista reconhecia como ciência o conhecimento produzido, exclusivamente, por meio do método quantitativo. No entanto observa-se a utilização do paradigma positivista em pesquisas de tipo qualitativo, na verdade, essas tentativas faziam uso tanto da mensuração ou quantificação dos dados e na análise era feita uma avaliação qualitativa, buscando com isso alcançar uma compreensão dos fenômenos para além da simples quantificação descritiva.

Em função de sua ênfase na quantificação, constatação e mensuração dos fenômenos, de acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006), na análise do material, no enfoque quantitativo, observa-se uma humildade por parte do pesquisador, que deixa tudo sem conclusão para evitar a interpretação e incentivar novas pesquisas, a fim de que o conhecimento possa prosseguir rumo a melhores e mais amplas e/ou

confiáveis informações, para tal todos os métodos e os procedimentos são colocados à disposição de outros pesquisadores.

Há um certo consenso entre os autores sobre a maior adequação do enfoque metodológico quantitativo para as ciências chamadas 'exatas' ou naturais³. Nas ciências humanas os pesquisadores que adotaram esse enfoque metodológico pretendiam expandir os estudos sociais para além do que se consideravam abordagens meramente especulativas.

As pesquisas conduzidas pelo enfoque quantitativo permitem uma descrição acurada dos fenômenos assim como sua classificação em categorias de acordo com sua incidência na população pesquisada. São, portanto, bons meios para fazer levantamentos e mapeamentos de fenômenos em uma dada população. Nas ciências da saúde, por exemplo, as pesquisas quantitativas são bastante úteis para estudos epidemiológicos; nas ciências sociais, este enfoque é produtivo para levantamento de níveis de incidência de determinado fenômeno num dado contexto. Sua aplicação à Psicologia será analisada e discutida mais adiante.

5.4.2 Enfoque metodológico qualitativo

O enfoque qualitativo, comumente denominado metodologia qualitativa de pesquisa ou apenas pesquisa qualitativa, de acordo com Chizzotti (2003), abriga diversas tendências oriundas de pressupostos filosóficos distintos. A principal característica do método qualitativo é o fato de associar-se à tradição compreensiva e interpretativa. Este é também o traço principal da Psiquiatria Dinâmica que está na origem da Psicologia Profunda.

No início do século 20, controvérsias metodológicas entre adeptos dos modelos explicativos das ciências naturais aplicados às ciências humanas e uma vertente que buscava novas possibilidades de compreensão dos fenômenos mais adequada às ciências humanas dão origem às primeiras propostas do que viria a se constituir nos métodos qualitativos em ciência. Dilthey (1833-1911) e Weber (1864-1920) advogam em favor da apreensão e 'compreensão' ou 'entendimento',

³ Para maiores informações sobre o tema, ver: Chizzotti (2003), Denzin & Lincoln (1998), Figueiredo (1989), Sampieri, Collado e Lucio (2006).

verstehen, dos significados, reconhecendo que, além da descrição e da medição de variáveis, devem ser considerados também seus significados subjetivos e o contexto no qual o fenômeno ocorre. Weber propõe um método híbrido, em que os estudos não devem ser compostos unicamente de variáveis macrosociais, mas também de instâncias individuais. Bérghson (1859-1941) defende a intuição como meio de se conhecer a realidade vivida. Uma ponte nova começa a ser construída no caminho do conhecimento entre o enfoque quantitativo e o enfoque qualitativo, tentando amenizar e flexibilizar os procedimentos metodológicos tradicionais exclusivamente quantitativos a fim de abarcar também a dimensão compreensiva na produção científica de conhecimento. Na medida em que a compreensão dos significados e circunstâncias dos fenômenos implica sua avaliação e não apenas sua descrição, isso necessariamente envolve questões de subjetividade que geraram grandes controvérsias em relação aos métodos qualitativos de pesquisa.

As primeiras tentativas nessa direção datam do século 18, quando Kant propõe uma epistemologia com base nas relações dialéticas, rompendo com a tradição cartesiana baseada na razão lógica. Em Kant encontram-se as primeiras tentativas de relativização dos métodos científicos de caráter racional, empírico e lógico. Vários movimentos filosóficos se sucedem nesta direção, desde Kant até os dias atuais. No entanto a ciência ocidental permaneceu fiel à tradição cartesiana, positivista e tecnicista enquanto a filosofia e a arte aderiram às vertentes epistemológicas neokantianas e românticas.

A fenomenologia e a tradição dialética estão na base de diversas teorias nas ciências humanas e exerceram forte influência na formulação de métodos qualitativos de pesquisa.

Os métodos qualitativos de pesquisa propõem uma abordagem compreensiva e interpretativa dos fenômenos, buscando seus significados e finalidades. A maioria dos autores dessa abordagem considera que toda pesquisa é interpretativa, guiada por um conjunto de crenças e sentimentos sobre o mundo que norteia o modo como os fenômenos devem ser investigados e compreendidos na ciência. (GUBA, 1990, LINCOLN; GUGA, 1985, DENZIN; LINCOLN, 1998a).

A partir da segunda metade do século 20, em consequência do

questionamento dos padrões tradicionais de produção de conhecimento científico e da própria concepção de ciência, começam a se delinear propostas metodológicas essencialmente qualitativas. Nesse panorama científico observa-se, então, uma espécie de dois mundos separados e isolados quanto aos métodos de pesquisa – quantitativos e qualitativos – sem que seja possível diálogo entre ambos.

A articulação dessas transformações, nos paradigmas científicos, surge principalmente nas ciências humanas, pois segundo Denzin e Lincoln (1998), "o comportamento humano, diferentemente dos objetos físicos, não pode ser compreendido sem referência aos significados e propósitos atribuídos pelos humanos às suas atividades" (p. 107).

Se o pressuposto do paradigma experimental defende um padrão único de pesquisa para todas as ciências, na abordagem qualitativa, por outro lado, o método deve estar alinhado às especificidades de cada área de conhecimento, portanto, o enfoque qualitativo abriga diversas tendências e pressupostos com raízes filosóficas distintas. Dessa forma, cada paradigma interpretativo faz exigências particulares ao pesquisador, desde as questões que são formuladas até as interpretações que são feitas a partir delas. Portanto é essencial a consistência entre a metodologia e as premissas ontológicas e epistemológicas do paradigma.

Somente a partir da década de 1970 a pesquisa qualitativa começa a ser definida e realmente praticada, devendo aqui ser ressaltada a contribuição importante da publicação da 2ª edição do livro de Thomas Kuhn *A estrutura das revoluções científicas*. Segundo Denzin e Lincoln (1998), por mais de duas décadas uma revolução metodológica foi se dando nas ciências sociais em direção a uma abordagem interpretativa e qualitativa dos fenômenos.

A palavra qualitativa implica uma ênfase em processos e significados que não são rigorosamente examinados ou medidos (se medidos), em termos de quantidade, intensidade ou frequência. Pesquisadores qualitativos enfatizam a relação íntima entre o pesquisador e o que é estudado, e os limites situacionais da investigação. Eles buscam respostas para questões que enfatizam como a experiência é criada e significada. Em contraste, estudos quantitativos enfatizam a medida e análise de relações causais entre variáveis e não os processos. (DENZIN; LINCOLN, 1998a, p.8).

Esta metodologia baseia-se numa perspectiva epistemológica em que o conhecimento resulta de processos dinâmicos que fluem dialeticamente. Do princípio

da relatividade, da complementaridade e da incerteza deriva uma concepção de verdade relativa e temporária. Do ponto de vista metodológico, os fenômenos são considerados em função do contexto em que são investigados, do seu significado e valor tanto individual como social; tanto a objetividade quanto a subjetividade são consideradas, sendo que a intersubjetividade se configura como a melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento e de seu objeto de investigação.

A abordagem qualitativa, em geral, opõe-se ao modelo experimental que defende um método unificado de pesquisa, independente do objeto de pesquisa e de seus objetivos, assim como a área do conhecimento envolvida. O enfoque qualitativo com frequência está baseado em métodos de coleta de dados sem medição numérica, privilegiando a observação como modo básico de apreensão dos fenômenos.

O processo de pesquisa baseado no enfoque qualitativo, segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006), é mais flexível e se move entre os eventos e sua interpretação, entre as respostas e o desenvolvimento da teoria com a finalidade de 'reconstruir' a realidade. Muitas vezes é chamado 'holístico', porque considera o todo, sem reduzi-lo ao estudo das partes.

Em razão do intenso e recente desenvolvimento da pesquisa qualitativa, observa-se uma proliferação de propostas metodológicas nesse campo. Guba (1990) adverte que algumas dessas podem ser assumidas em princípio; outras são altamente problemáticas e controversas. Denzin e Lincoln (1998b) comenta sobre o *'researcher-as-bricoleur-theorist'*⁴ que trabalha em meio a paradigmas ou perspectivas rivais justapostas, para quem as teorias tem um papel secundário ou até irrelevante. Sob o título de pesquisa qualitativa, uma imensa variedade de procedimentos e instrumentos pode ser articulada, às vezes, de uma forma precipitada ou grosseira, quase aleatória, sem que seja necessária uma justificativa teórica ou metodológica mais acurada. Assim, é importante que o pesquisador esteja ciente de que cada paradigma interpretativo faz exigências particulares ao pesquisador, incluindo as

⁴ A tradução aproximada para esse neologismo poderia ser 'pesquisador-teorizador itinerante' ou 'pesquisador-teórico de improviso'. O termo 'Bricolage' admite a tradução em português para 'colagem' ou 'colcha de retalhos'.

questões que são formuladas e as interpretações que são feitas a partir delas. Portanto é essencial a consistência entre a metodologia e as premissas ontológicas e epistemológicas.

De acordo com o acima exposto, torna-se bastante arriscado conduzir pesquisas sem uma base teórica definida, principalmente na psicologia, área em que toda atuação pressupõe uma concepção de mundo e de homem; um contexto em que o fenômeno acontece; e exige fundamentos epistemológicos sobre construção e aquisição de conhecimento. Figueiredo (1989, p. 20) sustenta que a psicologia "que nasce no bojo das tentativas de fundamentação de outras ciências" é caracterizada desde seus primórdios pela diversidade expressa na variedade de suas posições teóricas e metodológicas.

Diante do amplo e variado panorama que se descortina para a pesquisa qualitativa e para a psicologia, a opção pelo enfoque metodológico qualitativo exige do pesquisador coerência e consistência epistemológicas, envolvimento pessoal com a investigação e, sobretudo, uma atitude crítica e ética perante o conhecimento e às comunidades social e científica a que pertence. A produção de conhecimento científico, no contexto da pesquisa qualitativa, busca não apenas a descrição dos fenômenos, mas principalmente, a compreensão e interpretação da realidade pesquisada.

Ao abranger tendências teóricas e práticas diversas e pressupostos filosóficos distintos a pesquisa qualitativa requer rigorosa fundamentação teórica, explicitação clara dos objetivos e delimitação do contexto de coleta e análise do material, pois a falta de uma fundamentação consistente pode resultar em oposição gratuita e infundada à mensuração e levar a uma rejeição elementar dos fundamentos e métodos de validação dos conhecimentos sob uma alegação ingênua de maior flexibilidade que permite uma produção mais criativa ou até crítica.

Os métodos de pesquisa qualitativa vêm alcançando crescente penetração nos meios universitários, sobretudo nas ciências humanas. Contribuíram, para isso, os questionamentos e discussões sobre a concepção de ciência e sua adequação aos diferentes campos de conhecimento, além das inovações trazidas à pesquisa pelas ciências sociais, em geral, e também o fato de alguns pesquisadores, com

longa tradição em pesquisa naturalista, terem transigido em seus modelos tradicionais em favor de uma abordagem mais ampla de pesquisa.

Ambos os enfoques podem ser considerados bastante valiosos tendo fornecido contribuições notáveis ao avanço do conhecimento. Nenhum é intrinsecamente melhor que o outro, são apenas diferentes em relação ao estudo de um fenômeno. Na opinião de Sampieri, Collado e Lucio (2006), a controvérsia entre as duas visões tem sido desnecessária e não está isenta de dogmatismo.

São enfoques complementares e podem enriquecer a pesquisa quando utilizados em conjunto, ou seja, cada um exerce uma função específica para o conhecimento de um fenômeno e o alcance de solução dos diversos problemas e questionamentos colocados pela pesquisa.

O pesquisador deve ser metodologicamente plural guiar-se pelo contexto, pela situação, pelos recursos de que dispõe, por seus objetivos e pelo problema de estudo em questão.

5.4.3 Enfoque metodológico misto

Os métodos de pesquisa qualitativa conseguiram ampla difusão nos meios universitários. Contribuíram para isso os questionamentos e discussões sobre a concepção de ciência e sua adequação aos diferentes campos de conhecimento além das inovações trazidas à pesquisa pelas ciências sociais, em geral, e também o fato de alguns pesquisadores, com longa tradição em pesquisa naturalista, terem transigido em seus modelos tradicionais em favor de uma abordagem mais ampla de pesquisa.

Desde o surgimento das metodologias qualitativas até recentemente os enfoques de pesquisa quantitativo e qualitativo foram considerados modos opostos e inconciliáveis de se conduzir uma investigação. Hoje, no entanto é possível perceber tentativas de aproximação e convergência entre os dois enfoques, denominada como 'triangulação' por Denzin e Lincoln (1998a), quali-quantitativo por outros autores, dentre eles Fernando Lefèvre (2003), ou ainda enfoque integrado "multimodal", segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006), que ressalta que o pesquisador deve ser metodologicamente plural e guiar-se pelo contexto, pela situação, pelos recursos de

que dispõe, por seus objetivos e pelo problema de estudo em questão. Desde já é preciso ressaltar que a alternativa deste enfoque integrado é muito recente e os resultados de pesquisas conduzidas dessa forma precisam ser mais avaliadas.

Embora Sampieri, Collado e Lucio (2006) denominem como 'puristas' aqueles que defendem a assepsia entre os enfoques quantitativos e qualitativos, não se trata propriamente de purismo, mas de discussão e avaliação crítica sobre os limites e possibilidades de integração entre os enfoques, assim como de possíveis riscos a serem considerados. Não se deve esquecer a premissa principal de que o método é antes de tudo uma decorrência do modelo teórico adotado pelo pesquisador.

Sampieri, Collado e Lucio (2006) apresentam algumas formas de integração dos dois enfoques, a saber: modelo de duas etapas; modelo de enfoque dominante e modelo misto. No primeiro caso, em uma mesma pesquisa são aplicados ambos os enfoques em fases distintas do processo. Em um dos exemplos citados pelo autor, em uma primeira etapa foi realizado um estudo quantitativo e, em uma segunda etapa, um estudo qualitativo baseado nos dados coletados por meio de instrumentos apropriados para o enfoque quantitativo. Esses dados foram devidamente analisados por meio de cálculos estatísticos e em uma segunda etapa, com base no material da primeira etapa, foram selecionados aqueles a serem investigados qualitativamente, por meio de instrumentos e procedimentos de análise compatíveis. Em outro exemplo, a partir de entrevistas não estruturadas com um número reduzido de participantes, foi elaborada uma escala aplicada à totalidade da população em questão e os dados coletados foram tratados quantitativamente.

No modelo de enfoque dominante, o estudo é realizado dentro de um dos enfoques, o qual prevalece, mas são utilizados elementos do outro enfoque. Por exemplo, ao enfoque qualitativo inclui-se a aplicação de uma escala ou teste padronizado para medir determinada variável. Ou inversamente, num estudo basicamente quantitativo podem ser incluídas entrevistas abertas. O modelo misto, segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006), "representa o mais alto grau de integração ou combinação entre os enfoques qualitativo e quantitativo" (p. 18), envolvendo coleta de dados qualitativos e quantitativos que se sucedem e reorientam as fases subsequentes de coleta e análise. Este modelo exige por parte dos pesquisadores domínio completo sobre os dois enfoques e capacidade de

"pensamento dedutivo e indutivo" para a melhor condução do processo todo. Uma outra forma de integração entre os dois enfoques é a realização de um estudo qualitativo decorrente de outro estudo realizado pelo enfoque quantitativo, ou seja, a partir dos resultados obtidos por uma pesquisa quantitativa pode ser feita uma análise qualitativa desse material. Esta pode ser considerada uma variante do modelo de duas etapas, as quais seriam realizadas por pesquisadores diferentes e constituiriam duas pesquisas complementares.

No caso da pesquisa em psicologia analítica, a abordagem qualitativa é predominante, uma vez que os pressupostos epistemológicos desta abordagem são essencialmente de cunho compreensivo e interpretativo, desta forma o modelo de enfoque dominante poderia ser utilizado desde que se procedesse a uma reflexão cuidadosa por parte do pesquisador sobre os objetivos gerais e específicos da pesquisa e as circunstâncias em que os instrumentos quantitativos, tanto de coleta como de análise, são aplicáveis. É possível também a aplicação da abordagem junguiana a dados previamente coletados e analisados quantitativamente.

Em qualquer um dos modelos de integração quali-quantitativa há que se ter claro que o uso de elementos quantitativos não tem por finalidade conferir maior confiabilidade ou veracidade aos dados, pois essa crença por si só elimina o uso do enfoque qualitativo, uma vez que esta concepção de ciência é prerrogativa do enfoque quantitativo. A integração dos dois enfoques deve ter como finalidade básica a busca de maior abrangência e profundidade da pesquisa.

5.5 Método de investigação em psicologia

A partir da segunda metade do século 19, observa-se na Europa Central o surgimento de uma preocupação crescente com os aspectos psicológicos em várias áreas. Na medicina essa tendência vai se manifestar na psiquiatria dinâmica (PENNA, 2003). Na fisiologia aparecem estudos que integram o aspecto psicológico e o fisiológico, resultando na psicofisiologia. Na Filosofia o movimento romântico enfatiza o aspecto psicológico do ser humano; o liberalismo ressalta a noção de individualidade, e o positivismo, herdeiro do iluminismo, destaca a disciplina e o racionalismo como determinantes do comportamento. Wertheimer (1972) afirma que a Psicologia surgiu da confluência de dois grandes rios – da ciência e da filosofia.

Por não estar afinada com o método positivista, a psicologia, até meados do século 19, não era considerada ciência, mas um tipo de saber filosófico. Quando "os psicólogos se convenceram de que também eles precisavam seguir o caminho tomado pelos físicos, químicos e fisiólogos e transformar a psicologia em ciência experimental" (WOODWORTH, 1965, p. 6), esta passa a adotar o método experimental e adquire o estatuto de ciência.

A dupla filiação da Psicologia remonta também de acordo com Figueiredo (1992), às 'duas revoluções individualistas' que surgem na Renascença e são a gênese da modernidade: o movimento iluminista e o movimento romântico. O primeiro enfatiza a igualdade de direitos e a supremacia da racionalidade como meio de se exercer a liberdade individual e se volta para o estudo dos processos cognitivos; seus objetos de estudo são reificados; metodologicamente observa-se uma tentativa constante de assepsia entre sujeito e objeto e a decorrente valorização da objetividade típica da pesquisa experimental. O movimento romântico, por outro lado, enfatiza as diferenças qualitativas num individualismo baseado nas singularidades, valorizando a experiência interior (afetos, sentimentos, imaginação), em que sujeito e objeto se mesclam ou mesmo se confundem com uma valorização inevitável da subjetividade. Os dois movimentos são representantes das polaridades divididas na modernidade: corpo e espírito; razão e paixão; ciência e religião. No iluminismo o caráter sublime e elevado do ser humano está sediado na razão, e para os românticos sua sede é o coração.

Conforme Hilgard e Atkinson (1976), antes do aparecimento da psicologia experimental havia duas teorias da mente: a teoria das faculdades inatas (pensamento, sentimento e vontade) e a teoria associacionista, para a qual o conteúdo mental resultava das associações realizadas pelos sentidos; ambas influenciaram o desenvolvimento das diversas correntes posteriores da psicologia.

As pesquisas da psicologia experimental se concentram em descrever e compreender, assim como discriminar e classificar os elementos e características psíquicas humanas em geral, que se desdobram em extensos estudos sobre a inteligência humana e pesquisas acerca de capacidades como memória, atenção e percepção; dos processos mentais, a associação de idéias, os atos reflexos; sobre aprendizagem, desenvolvimento e, principalmente, sobre os comportamentos

humanos.

Conforme Garrett (1969), a partir do método pavloviano de reflexos condicionados, dos estudos de Franz e Lashley sobre o papel do cérebro na aprendizagem; passando por Thorndike e seus experimentos sobre aprendizagem animal e seus correlatos na aprendizagem humana; pelos estudos experimentais sobre o desenvolvimento sensório-motor, mental e social da criança de Watson; pelas pesquisas pioneiras de Galton sobre hereditariedade, fazendo uso da estatística aplicada aos problemas mentais; por Fechner (1801-1887) e sua abordagem psicofísica até chegar ao primeiro laboratório de psicologia fundado por Wundt em 1879, sob cuja influência Cattell desenvolveu seus estudos sobre o tempo de reação e os primeiros 'testes mentais'; destacando-se, ainda, os testes de inteligência de Binet e Simon, cuja escala publicada em 1905 "marca o verdadeiro início da medida da inteligência" (GARRET, 1969, p. 298), tem-se um breve panorama da psicologia sob o enfoque quantitativo de pesquisa denominada psicologia experimental. Embora Anastasi (1965) situe os testes de associação na categoria de testes projetivos, seus métodos e procedimentos são derivados da psicologia experimental, como é o caso do teste de associação livre descrito e sistematizado por Galton em 1879, adaptado e ampliado por Wundt, cuja finalidade era detectar ritmo, atenção e memória associativa. Kraepelin adaptou o experimento à clínica e, em 1904, Jung faz uma nova adaptação da versão de Wundt com função de diagnóstico psiquiátrico, cuja finalidade principal era detectar a interferência de conteúdos inconscientes no funcionamento da consciência. Baseado nos experimentos de Wundt, Jung organiza, em 1904, o laboratório experimental de psicopatologia no Bûrgholzli e realiza seu experimento de associação de palavras, que constitui a primeira pesquisa do inconsciente nos moldes experimentais.

Além dos testes de inteligência, o enfoque metodológico quantitativo na psicologia também predomina nos testes de capacidades, de aptidão e de aproveitamento para crianças e adultos, desde a escala de inteligência Binet-Simon; o quociente de inteligência (QI) de Terman e suas diversas revisões, incluindo a escala Wechsler-Bellevue para adultos, de 1939, e suas revisões; estendendo-se a testes de personalidade, tais como os inventários de personalidade como o MMPI, escalas de preferência e escalas de fatores de personalidade, como o 16 PF de Cattell, e nessa categoria se incluem também os testes de tipos psicológicos

elaborados a partir da concepção de Jung sobre os tipos psicológicos de abordagem da realidade, como o MBTI e o QUATI, nos quais não há propriamente mensuração de capacidades, mas apenas descrição de características que são agrupadas em torno de tipos de personalidade. Embora estes testes não façam uso de uma quantificação estatística no sentido de medir a incidência dos sujeitos dentro de uma população, seus instrumentos de coleta de dados são questionários fechados cujas respostas são tabuladas quantitativamente. Dessa forma podem ser considerados procedimentos de cunho mais quantitativo do que qualitativo em termos de método de pesquisa, ainda que não associados aos padrões epistemológicos da psicologia experimental.

Embora o termo 'método projetivo' tenha sido utilizado pela primeira vez por Frank, em artigo publicado em 1939, esses métodos já eram usados desde o início do século 19. Segundo Anastasi (1965), a principal característica das técnicas projetivas reside na apresentação de uma tarefa relativamente não-estruturada que permite uma variedade quase ilimitada de respostas possíveis. Outro elemento característico dos testes projetivos é a natureza de seu material, que consiste em estímulos, suficientemente ambíguos ou vagos, que permitam a expressão de conteúdos internos, subjetivos e/ou inconscientes, donde se aplica o termo 'projetivo', ou seja, estímulos que favorecem a projeção por meio da qual é possível avaliar o funcionamento psíquico do indivíduo tanto na vertente extrapsíquica como no âmbito intrapsíquico. A grande maioria dos testes projetivos baseia-se numa concepção psicodinâmica da personalidade e fundamenta-se em pressupostos ontológicos e epistemológicos da psicologia profunda e da fenomenologia, cujas concepções de realidade e ser não se identificam com a ciência positivista. Com isso está claro seu caráter metodológico mais qualitativo do que quantitativo não alinhado com a psicologia experimental.

Figueiredo (1989) situa a psicologia experimental nas 'matrizes científicas' do pensamento psicológico, que abarcam todas as tentativas de identificar a psicologia com as ciências naturais. Fazem parte da matriz científica três submatrizes: nomotética e quantificadora; atomista e mecanicista; e funcionalista e organicista. A matriz nomotética quantificadora "orienta o pesquisador para a busca da ordem natural dos fenômenos psicológicos e comportamentais na forma de classificações e leis gerais com caráter preditivo" (p. 27), em que a mensuração em

condições experimentais rigorosamente controladas define o procedimento experimental e garante "um movimento incessante de autocorreção das expectativas acerca dos resultados" do experimento (p. 28). A matriz atomista e mecanicista "orienta o pesquisador para a procura de relações deterministas ou probabilísticas" (p. 28), fazendo uso de um raciocínio linear e causalista típico da lógica formal empregada no paradigma cartesiano e no positivismo lógico. A matriz funcionalista e organicista "caracteriza-se por uma noção de causalidade funcional" (p. 30.) que privilegia um modelo funcional de explicação com tendência a eleger uma causa determinável para os fenômenos. A psicologia norte-americana foi fortemente influenciada e apoiada nos princípios de Wundt, os quais foram criticados por William James (1842-1910), o pioneiro da ciência do comportamento na América do Norte, que priorizava a observação como método para compreender o funcionamento da consciência, sendo considerado o fundador do funcionalismo (DAVIDOFF, 2001). O funcionalismo organicista, originário da biologia, influenciou e exerceu (ainda exerce) papel importante na psicologia, principalmente quando esta pretende alçar-se ao estatuto científico equivalente ao da medicina. Seu método de pesquisa segue os ditames do paradigma positivista racional e pragmático, utilizando o enfoque metodológico quantitativo de investigação, embora de certo modo, em maior ou menor grau, o aspecto qualitativo sempre se insinue nas pesquisas, uma vez que o objeto de estudo da psicologia é essencialmente voltado para as qualidades psicológicas humanas.

As pesquisas em psicologia experimental com seres humanos a partir da década de 1970 já apresentavam uma tentativa de articulação entre os enfoques metodológicos quantitativo e qualitativo. Os procedimentos de coleta de material eram bastante controlados e orientados pelo empirismo lógico, mas a análise dos dados utilizava o método indutivo e fazia avaliações compreensivas do comportamento. A flexibilização do determinismo biológico-ambiental pode ser observada na obra de B.F. Skinner.

Benkö (1961) avalia que "até a segunda guerra mundial a psicologia, para alguns devia ser unicamente de laboratório – uma ciência acadêmica – para outros não devia se preocupar com 'elucubrações teóricas'", com isso "corria-se o risco de uma psicologia afastada da realidade concreta cheia de suposições ou especulações infundadas, ou aderida a um empirismo extremo" (p. 630)

De modo geral até meados do século 20, a base da concepção ontológica da psicologia assentava-se no binômio biológico-ambiental e seus métodos visavam comprovar e/ou discutir a medida de interferência deste no comportamento humano. A proposta do inconsciente como uma variável importante na vida psíquica, embora atraente e interessante, ainda não consegue ser inserida na mentalidade científica da época.

A filosofia romântica, que surge como uma reação ao iluminismo e se afirma em oposição ao positivismo, não exerceu, praticamente, nenhuma influência na epistemologia e método das ciências naturais, mas, ao contrário, ela está no cerne das ciências humanas; sua influência também é notável na psiquiatria dinâmica, ramo da psiquiatria que se distingue da psiquiatria organicista por seu método de investigação mais compreensivo do que descritivo. Da psiquiatria dinâmica emerge o conceito de inconsciente que dá origem à psicologia profunda com Freud e Jung. É interessante notar que a psiquiatria dinâmica se manteve quase como um saber marginal na perspectiva da ciência moderna, fortemente influenciada pelo positivismo de Augusto Comte e pelo racionalismo cartesiano, que adota o método experimental de pesquisa.

Segundo Figueiredo (1989), a psicanálise freudiana situa-se na matriz funcionalista e organicista, embora o autor admita que a obra de Freud seja "tributária de diversas tradições" com aproximações à filosofia, à filologia – hermenêutica e linguística, e à ciência – fisiologia mecanicista e biologia funcionalista. O mesmo autor reputa à psicanálise de Freud o que denomina 'interacionismo', no qual a vida é resultante da interdependência entre o organismo e o ambiente. Figueiredo (1989) reconhece ainda traços estruturalistas na psicanálise, notadamente em sua versão lacaniana, em função de sua ênfase no rigor metodológico, cujos procedimentos analíticos devem ser cuidadosamente formalizados. De qualquer modo, o método psicanalítico foi extensiva e exaustivamente exposto e revisto pelos psicanalistas, discutido e comentado dentro e fora da psicanálise, e em todas as circunstâncias deve ser considerado um método interpretativo que privilegia a subjetividade, embora recomende a neutralidade do analista e a observação rigorosa do método e da técnica.

Dentre as correntes filosóficas não positivistas que rejeitam o modelo de

pesquisa quantitativa, além da filosofia romântica que deu origem à psiquiatria dinâmica e à psicologia profunda, destacam-se, de acordo com Chizzotti (2003), a fenomenologia e a dialética cujos métodos exerceram grande influência nas ciências humanas em geral e na psicologia em particular.

Da tradição filosófica neo-kantiana, a partir de Husserl e Heidegger, deriva uma importante vertente da psicologia contemporânea, a fenomenologia existencial situada, de acordo com Figueiredo (1989), nas matrizes compreensivas pós-românticas, cuja concepção de ser não pressupõe uma essência pré-definida; a existência é o modo de ser e ressalta mais o rigor epistemológico e menos os aspectos metodológicos. Augras (1978) destaca a análise da intersubjetividade como uma característica importante do método fenomenológico, assim como a hermenêutica é seu centro como modelo para a compreensão. Quando Chizzotti (2003) afirma que a abordagem qualitativa fundamenta-se na relação dinâmica entre o mundo real e a pessoa, formando-se um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do indivíduo, é indiscutível a afinidade da fenomenologia com os enfoques metodológicos essencialmente e exclusivamente qualitativos.

Concluindo, pode-se dizer que o modelo contemporâneo de método qualitativo de produção de conhecimento com o objetivo de alcançar compreensão dos fenômenos parece ser o mais adequado às ciências humanas, em geral, e para a psicologia em particular. Mesmo quando se lança mão de dados quantitativos, os métodos de produção de conhecimento em psicologia são predominantemente qualitativos, em função de sua finalidade compreensiva e interpretativa dos fenômenos numa perspectiva psicológica. A produção de conhecimento em psicologia decorre essencialmente das tentativas de compreensão do ser e do mundo em seus aspectos psicológicos.

A metodologia qualitativa de pesquisa alcançou destaque e repercussão no panorama científico a partir da segunda metade do século 20, por ocasião da eclosão de uma crise epistemológica e metodológica que passou a questionar o paradigma vigente – materialista-racional-pragmático – e propôs um método científico mais adequado às ciências humanas. Na psicologia, no entanto, desde o início do século 20, já se observam modelos teóricos cujas epistemologias contrastam com o paradigma vigente e cujos métodos não se adequam aos padrões

de cientificidade da época, como é o caso da psicanálise e da psicologia analítica; essas abordagens são consideradas não-científicas ou anti-científicas. Freud, e a psicanálise em geral, ao reconhecer e sublinhar a especificidade de seu objeto de estudo – atos e vivências de um sujeito, dotados de valor e significado subjetivos – reivindica para o modelo psicanalítico total independência diante da psicologia e das demais ciências (FIGUEIREDO, 1989).

Já Jung (vol.A), desde o final do século 19, critica o modelo materialista positivista e propõe uma concepção de ciência baseada nos postulados de Kant e da filosofia romântica, mais adequada ao estudo do homem em sua vertente espiritual, e defendeu seu método como científico.

Com o teste de associação de palavras, em 1904, Jung comprovou, experimentalmente, a atuação de conteúdos inconscientes sobre o funcionamento da consciência. Esse instrumento foi testado e validado dentro de todo o rigor científico da época – o método experimental. Já nessa época, porém, declara sua insatisfação em relação ao método experimental para a investigação psicológica, principalmente no que diz respeito à análise do material que exige uma abordagem interpretativa de caráter simbólico e não apenas descritiva, que vise tão somente a constatação e mensuração dos fenômenos.

Com este experimento, embora, aparentemente tão simples, há uma grande dificuldade - a interpretação dos distúrbios; ou para expressar de outra forma (n.) sugerimos que a interpretação no presente é antes arte do que ciência. No futuro, talvez, leis serão descobertas para o método de interpretação. (vol. 2, §1024)

[...] muitas vezes não era clara à primeira vista [a relação entre estímulo/distúrbio], mas tinha um caráter mais 'simbólico' eram 'alusões'. (vol. 2, § 1350)

Em 1912 ele definitivamente considera o método experimental não apenas insuficiente, mas também inadequado para as pesquisas em psicologia profunda.

A psicologia experimental hodierna está longe, porém, de poder comunicar uma visão articulada daquilo que constitui, praticamente, os processos mais importantes da psique [...] Portanto, quem quiser conhecer a psique humana infelizmente pouco receberá da psicologia experimental. (vol.7/1, p.112)

Numa época em que o paradigma científico vigente ainda era o positivismo lógico racional, a psicologia do inconsciente não era considerada científica por não

seguir o método experimental tradicional. Em 1920 Jung reivindica à psicologia o estatuto de ciência fora do campo das ciências naturais e adverte que o método experimental não atende aos seus fundamentos ontológicos e epistemológicos.

Quem houver penetrado mais fundo na essência da psicologia e exigido que seja considerada ciência, sem depender, em sua existência, dos limites impostos pela metodologia das ciências naturais, terá percebido que jamais haverá um 'método experimental' que satisfaça à essência da alma humana ou que trace uma imagem bastante fiel dos complicados fenômenos anímicos. (Vol. 6, §741)

Diretrizes metodológicas básicas para a pesquisa em psicologia analítica

A pesquisa em psicologia analítica situa-se no contexto da pesquisa qualitativa que se caracteriza por uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos, buscando seus significados e finalidades, cujo método é resultante da articulação das perspectivas ontológica e epistemológica do paradigma junguiano. É importante que o pesquisador adote um paradigma científico a partir do qual seu projeto de pesquisa é construído.

A noção de paradigma envolve três elementos fundamentais - ontologia, epistemologia e metodologia - que devem estar articulados e entrelaçados de forma consistente e coerente. Esses três elementos constituem seus aspectos principais e serão aqui denominados: perspectiva ontológica, perspectiva epistemológica e perspectiva metodológica do paradigma.

Formalmente, as premissas ontológicas localizam-se na base do paradigma e sobre estas se apóiam as proposições epistemológicas e o método, formando um todo. No entanto, esta relação linear e causal entre os elementos que compõem um paradigma é impossível de ser alcançada na formação de um paradigma, visto que eles mantêm uma relação dinâmica e interdependente, o que torna o paradigma um corpo de conhecimento vivo, sendo constantemente atualizado em função de novas descobertas. Deve-se sublinhar que essa linha de raciocínio tem apenas, e tão somente, a função de organizar e sistematizar a análise do paradigma, correndo-se inevitavelmente o risco de limitar sua amplitude e esvaziar sua dinâmica. (PENNA, 2003)

6.1 Perspectiva ontológica

A perspectiva ontológica de um paradigma refere-se à natureza da realidade considerando as concepções básicas de mundo e ser humano sobre as quais se assentam sua epistemologia e método. As bases ontológicas do paradigma junguiano compreendem a concepção de mundo, realidade psíquica, ser humano e psique. A noção de totalidade - unidade e diversidade - constitui o pilar básico da

perspectiva ontológica do paradigma junguiano permeando sua visão de mundo e ser. Trata-se de uma totalidade dinâmica que contém diversos elementos. O mundo para Jung é concebido em seus aspectos subjacente e manifesto - inconsciente e consciente respectivamente. A noção de *unus mundus*, emprestada da filosofia medieval, é utilizada por Jung como um paralelo metafísico de seu conceito de totalidade. Duas características da concepção de mundo junguiana associada à noção de *unus mundus* devem ser destacadas: em primeiro lugar, cada aspecto da totalidade "está intimamente ligado a todos os outros" (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988) conferindo dinamismo ao todo e integrando microcosmo e macrocosmo; em segundo lugar, a dinâmica do sistema se assenta em relações causais e não causais. Disto decorre um pressuposto epistemológico altamente relevante do paradigma, qual seja: a totalidade consiste numa cosmovisão que não se limita à explicação de causas, mas ressalta as relações de significado na compreensão da psique. A totalidade se define mais por um sistema de relações do que como um campo embora não descarte esta acepção também. Como campo, a totalidade tem caráter 'todo abrangente' incluindo consciente e inconsciente, psique e corpo, indivíduo, natureza e cultura. Como sistema de relações implica uma dinâmica multi-vetorial de interações e entrelaçamentos constantes entre todos os elementos que compõem a totalidade num processo de diferenciação e integração das partes rumo a uma complexidade crescente. Esta dinâmica opera tanto no plano individual como cultural e histórico.

O ser humano é considerado uma totalidade eco-bio-psíquica-social incluindo consciente e inconsciente (PENNA, 2003); como microcosmo, o ser humano é parte integrante do macrocosmo, o qual compreende as esferas do inconsciente coletivo e da consciência coletiva. Do ponto de vista psicológico Jung distingue o plano coletivo e individual da psique humana.

De modo geral esta totalidade contém aspectos herdados, inatos e adquiridos pela experiência vivenciada na relação com o mundo. O plano coletivo da psique refere-se a conteúdos herdados e inatos que constituem o humano em sua acepção mais ampla e universal, daquilo que lhe é típico.

O homem não nasceu *tábula rasa*, apenas nasceu inconsciente. Traz consigo sistemas organizados e que estão prontos a funcionar numa forma especificamente humana. (...) denominei este modelo instintivo, congênito e

preexistente (...) de arquétipo. Esta é a imagem, carregada com o dinamismo, que não podemos atribuir a um ser humano individual (vol. 4, § 728-9)

No plano individual o ser humano é concebido como uma totalidade única (indivíduo) resultante de um potencial arquetípico que se atualiza num corpo biológico inserido num ambiente natural e num contexto histórico e social (cultura) - um microcosmo dentro de um macrocosmo.

A noção de realidade psíquica formulada por Jung, de acordo com Tarnas (2001), confere estatuto empírico ao psiquismo dando substância à experiência interior. O mundo e o ser humano são definidos por sua qualidade simbólica. Desta forma o ser humano é um ser simbólico, que vive numa dimensão simbólica. Segundo Cassirer (1944), o homem é um animal '*symbolicum*', que não vive mais num universo meramente físico; o universo humano é simbólico e isto o insere numa nova dimensão de realidade: a dimensão simbólica que abarca os aspectos biológicos, ambientais, culturais (sócio-históricos) e espirituais, integrando-os num todo único e típico.

A concepção romântica de uma realidade subjacente interferindo na realidade manifesta e a noção de uma totalidade abrangente movida por padrões organizadores (BOHM, 2001), isto é, arquétipos fora do controle da consciência, constituem a base da ontologia junguiana, que hoje começa a ser aceita por outros paradigmas.

A psique constitui uma dimensão do humano que inclui tanto o âmbito inconsciente, relacionado aos fenômenos do mundo subjacente, como o âmbito consciente, relativo aos fenômenos do mundo manifesto. Na realidade psíquica distinguem-se dois planos principais: coletivo e pessoal ou individual. O plano coletivo refere-se ao inconsciente coletivo e à consciência coletiva, denominada por Jung psique objetiva de caráter impessoal. O âmbito inconsciente da psique objetiva (inconsciente coletivo e arquétipos) consiste num macro sistema de caráter originário postulado como a priori e, portanto, um fator primário no sistema. O plano individual da psique, denominado por Jung psique subjetiva, tem caráter histórico, constitui um fator secundário do sistema e refere-se ao ego e à consciência, no que diz respeito ao âmbito consciente, e ao inconsciente pessoal e os complexos, no âmbito

inconsciente. Disto decorre que a concepção de inconsciente (coletivo e pessoal) constitui uma das noções mais básicas da ontologia deste paradigma, principalmente no que se refere ao inconsciente coletivo e aos arquétipos. Segundo Rauhala (1991) o conceito de arquétipo está essencialmente associado à concepção de homem, determinando o estatuto ontológico do modelo junguiano em termos mais filosóficos do que propriamente psicológicos. Ao distinguir o 'arquétipo em si' da manifestação arquetípica ou 'experiência arquetípica', Jung delimitou o campo epistemológico de sua psicologia, pois como Rauhala (1991, p. 233) aponta, "o 'arquétipo em si' claramente não é um conceito psicológico. A experiência arquetípica, por outro lado, é um assunto de psicologia".

6.2 Perspectiva Epistemológica

Retomando o sentido original grego do termo *episteme* como o ato de marcar um território para ser observado ou compreendido (Papadopoulos, 2006), epistemologia refere-se à demarcação de um campo para fins de conhecimento.

A perspectiva epistemológica de um paradigma refere-se às questões relativas ao valor, possibilidades e limites do conhecimento e à relação entre o pesquisador e o objeto a ser conhecido. A produção de conhecimento científico se dá por meio de pesquisas científicas. O processo de produção de conhecimento está diretamente associado às concepções ontológicas assumidas pelo paradigma e encaminha os meios pelos quais o conhecimento pode ser produzido - método.

A perspectiva epistemológica começa pela definição de conhecimento para em seguida, avaliar como esse conhecimento é viável em termos de suas possibilidades e limites. Na psicologia analítica, conhecimento equivale a consciência. É importante assinalar que conhecimento e autoconhecimento são inseparáveis. O processo de aquisição e construção de conhecimento é um processo de ampliação da consciência que se estende por toda a existência do ser humano e permeia toda a história da humanidade, denominado por Jung processo de individuação. Trata-se de um processo gradual e constante de integração de aspectos do inconsciente e do mundo na consciência, que visa integração à comunidade humana e a si mesmo, num movimento de crescente complexidade e diversidade. A capacidade de conhecer do ser humano não se esgota enquanto

houver uma consciência viva.

“A individuação é o tornar-se um consigo mesmo, e ao mesmo tempo com a humanidade toda, em que também nos incluímos” (JUNG, vol 16, § 227).

Atualmente as teorias de conhecimento consideram relevante o conhecimento buscado e alcançado pelas teorias científicas, conforme foi apresentado no capítulo sobre as formas de produção de conhecimento. A validade do conhecimento está associada àquilo que faz sentido num determinado contexto. Assim, o conhecimento válido para a psicologia analítica é aquele que tem um valor simbólico para o indivíduo ou para uma dada comunidade humana.

O estudo da psicologia, e especialmente a psicologia do inconsciente iniciada por Freud e Jung coincidiu com desenvolvimentos extraordinários na Física do século 20 que desafiaram as hipóteses da física clássica dos 500 anos precedentes. (HAUKE, 2000, p. 238)

A epistemologia junguiana aborda o conhecimento em termos psicológicos e seu maior desafio se concentra na possibilidade da consciência conhecer o inconsciente.

6.2.1 Origem e limites da consciência conhecedora

A consciência como sede do conhecimento é limitada, de um lado, pelo inconsciente e, por outro, pelo mundo. A aquisição de conhecimento promove ampliação da consciência que se dá pela integração de conteúdos inconscientes simultaneamente à incorporação de elementos do mundo externo na consciência individual e coletiva.

Ego e consciência são fatores secundários oriundos de um fator primário - o inconsciente coletivo. Como um subsistema o complexo ego-consciência está contido num sistema mais abrangente de caráter coletivo (inconsciente coletivo e consciência coletiva) e faz parte de um sistema de caráter individual que abrange o inconsciente pessoal.

A origem da consciência é arquetípica, ou seja, postula-se uma aptidão inata ou um potencial que é inerente ao ser humano para formar ego e consolidar consciência. Por um lado, este potencial tende a se realizar independentemente do

fator tempo ou local, visto que em todas as épocas e lugares o ser humano apresenta algum tipo de consciência e produção de conhecimento. Por outro lado, o conhecimento está intimamente associado às circunstâncias históricas e ambientais. Verifica-se, portanto, um intrincado entrelaçamento dinâmico de vários aspectos.

A consciência do eu parece depender de dois fatores: primeiramente depende das condições da consciência coletiva, isto é, social e, em segundo lugar, depende dos arquétipos do inconsciente coletivo. (JUNG, vol. 8, §154)

Esses fatores constituem os limites deste subsistema e são eles também que o desafiam e são desafiados pelo sistema a ir além de seus próprios limites. O processo pelo qual esta dinâmica se traduz em aquisição de conhecimento e ampliação da consciência é o processo de individuação.

6.2.2 Possibilidades e limites do conhecimento

A epistemologia junguiana concentra-se, principalmente, na possibilidade e nos limites de acesso ao inconsciente. A possibilidade de acessar o mundo subjacente (inconsciente) repousa na hipótese de que este se expressa na realidade manifesta (consciente) (PENNA, 2003).

De acordo com Cassirer (1997), a única forma de conhecer o ser humano é através de suas manifestações, que são "os fios que tecem a rede simbólica da experiência humana" (p. 48).

Para Jung, o inconsciente não é passível de um contato direto, ele se dá a conhecer apenas por meio da consciência, que constitui o ponto de partida de todo conhecimento em psicologia.

A psicologia como ciência relaciona-se, em primeiro lugar, com a consciência; a seguir, ela trata dos produtos do que chamamos psique inconsciente que não pode ser diretamente explorada por estar a um nível desconhecido, ao qual não temos acesso. O único meio de que dispomos, neste caso, é tratar os produtos conscientes de uma realidade, que supomos originários do campo inconsciente, esse campo de 'representações obscuras' ao qual Kant, em sua Antropologia, se refere como sendo um mundo pela metade. Tudo que conhecemos a respeito do inconsciente foi-nos transmitido pelo próprio consciente. A psique inconsciente (coletivo), cuja natureza é completamente desconhecida, sempre se exprime através de elementos conscientes. Não se pode ir além desse ponto. (JUNG, vol.18, §8).

A distinção que Jung faz entre a noção de arquétipo em si e de manifestação arquetípica é fundamental para a discriminação entre os conceitos de arquétipo e símbolo. O construto teórico limite (arquétipo) de natureza psicóide e impossível de ser representado (vol. 8), e portanto, fora dos limites do campo de conhecimento (consciência), as manifestações dessa entidade teórica que são acessíveis à consciência e, por isso, passíveis de observação e conhecimento são os símbolos (PENNA, 2003). De acordo com Jaffé (1989), a distinção entre o conteúdo arquetípico na consciência e o arquétipo em si "caracteriza o fundamento epistemológico da obra de Jung desde os seus primórdios" (p. 42). Essa distinção tem papel fundamental na epistemologia e acarreta implicações metodológicas altamente relevantes no paradigma junguiano. Com isso é definida a fronteira entre psíquico e não psíquico, e delimitado o campo de investigação psicológica. A fronteira psicóide delimita aquilo que é potencialmente cognoscível daquilo que é totalmente incognoscível (STEIN, 2000).

As representações desse construto teórico (arquétipo) são acessíveis à consciência por intermédio de suas expressões simbólicas e, dessa forma, passíveis de observação e compreensão. O estudo da psique se efetiva através da pesquisa dessas manifestações na esfera consciente tanto no âmbito pessoal como no coletivo. Como fenômeno psíquico passível de investigação, o símbolo, constitui a chave possível para o conhecimento, pois "sempre exprimimos através de símbolos as coisas que não conhecemos" (JUNG, vol.8, §.366)

Segundo Jung (vol.6), o símbolo pressupõe uma função psíquica que cria símbolos e uma função que os compreende, a qual denominou de "pensamento simbólico ou entendimento simbólico" (§171). Esta é coordenada pelo ego e realiza a transformação de material inconsciente em material consciente.

Segundo Jacobi (1986), a capacidade da psique de formar símbolos, chamada função transcendente, é uma função complexa operada pela psique por meio do mecanismo de auto-regulação, que une os pares de opostos numa síntese e cria uma comunicação entre consciente e inconsciente.

Quando o arquétipo aparece no aqui e agora do espaço e do tempo, podendo ser, de algum modo percebido pelo consciente, falamos então de símbolo. Dessa forma, cada símbolo é também um arquétipo, mas isso não quer dizer que um arquétipo é idêntico a um símbolo. Quando existe uma

constelação psíquica geral ou uma posição adequada do consciente, ele (arquétipo) está sempre pronto a aparecer como símbolo. (JACOBI, 1986, p.72)

O símbolo como manifestação do arquétipo situa-se no limiar da possibilidade de conhecimento, pois o arquétipo em si está fora dos limites do conhecimento, ou seja, o símbolo constitui a possibilidade e o limite do conhecimento.

Do ponto de vista individual, o conhecimento do ser humano se dá através de suas manifestações subjetivas, como sonhos, fantasias, sintomas e comportamentos. Do ponto de vista coletivo, o conhecimento se dá pelas manifestações humanas coletivas, ou seja, culturais, tais como na mitologia, no folclore, na arte, nos eventos históricos e sociais e também na produção científica.

6.2.3 Relação sujeito e objeto – objetividade e subjetividade

A metodologia de pesquisa qualitativa afirma que a relação estabelecida entre o pesquisador e o pesquisado decorre dos pressupostos epistemológicos que definem a relação entre o conhecedor e o conhecido (DENZIN, 1998a).

Do ponto de vista epistemológico, o fato de a psique ser tanto sujeito como objeto de conhecimento na psicologia é o ponto crucial desta ciência. Jung considerava este o maior desafio na busca de métodos em psicologia (PENNA, 2004).

No paradigma da totalidade/diversidade, segundo Papadopoulos (2002), o outro está contido no todo do qual faz parte o eu, e nesse sentido o outro é o restante do eu, que falta ou sobra ao eu e, portanto, lhe é desconhecido. A noção de inconsciente, embora não coincida exatamente com o desconhecido, o inclui. Do ponto de vista egoico, o mundo externo e o inconsciente são experimentados pelo ego como 'outro', isto acarreta diversos tipos de conexões entre o eu e o outro, as quais podem ser colocadas em termos de diferença e similaridade ou união e separação, ou ainda, oposição e complementaridade.

Hauke (2000) salienta que na concepção de inconsciente de Jung, o ego e sua subjetividade são colocados frente a um “inconsciente que é experimentado pelo sujeito como profundamente *outro*” (p. 150, grifo do autor); dessa forma é possível

falar de um outro 'interno', além do outro 'externo' ao eu.

No entanto, ainda que o outro esteja contido no mesmo todo do qual o ego faz parte, não se trata, em momento algum, de anular as diferenças entre o eu e o outro, uma vez que, segundo Jung (vol.6) "a identidade sujeito-objeto torna impossível qualquer conhecimento" (§ 449). Trata-se de perceber as características dessa relação dinâmica que se estabelece entre sujeito e objeto, suas especificidades e limites, posto que nela está implícita a presença do conhecedor - sujeito - e do desconhecido a ser conhecido – objeto.

O mundo não existe apenas em si mesmo, mas também é o que representa para mim. No fundo, não teríamos qualquer critério para julgar um mundo que não fosse assimilável pelo sujeito [...] descambaríamos para o caminho do vazio e crasso positivismo que estragou a virada de nosso século e também para uma arrogância intelectual precursora da rudeza de sentimentos e de uma violência igualmente estúpida e pretenciosa. Pela supervalorização da capacidade objetiva de conhecer, reprimimos a importância do fator subjetivo, a importância do próprio sujeito. Seria doentio ignorar que o conhecer tem um sujeito e que não existe conhecer algum, portanto mundo algum para nós, em que alguém não diga 'eu conheço', fórmula pela qual exprime a limitação subjetiva de todo conhecer. (JUNG, vol.6, § 692)

Pode-se, assim, concluir que o conhecimento é limitado tanto pela subjetividade do sujeito conhecedor quanto pela objetividade do outro (interno ou externo) a ser conhecido.

A questão da objetividade nos paradigmas científicos foi amplamente discutida e debatida por Kant, depois pelos filósofos românticos e por Nietzsche que afirma a impossibilidade de objetividade, uma vez que o conhecimento produzido por um pensador está inevitavelmente impregnado de sua personalidade. A subjetividade, originalmente colocada num campo marginal à ciência, passa para uma posição central nos debates sobre critérios de cientificidade e na formulação de métodos qualitativos de pesquisa. No século 20, Nietzsche e Thomas Kuhn são duas referências pioneiras no questionamento e na crítica aos ideais cartesianos e positivistas quanto à objetividade na produção de conhecimento. Do ponto de vista filosófico, a posição nietzschiana é destacada, e do ponto de vista da epistemologia científica, Kuhn é uma referência. É interessante notar que na literatura pós-junguiana Nietzsche é constantemente citado, provavelmente por ter sido uma referência para o próprio Jung, mas Kuhn raramente é mencionado.

Para Jung, o conhecimento é influenciado pela psique do sujeito conhecedor, mas diferentemente de Nietzsche, ele considera o conhecimento, assim como as ações humanas, condicionados tanto pelo objeto como pelo sujeito (vol.7/1), podendo haver oscilações numa ou noutra direção, de acordo com as características do sujeito conhecedor. Uma abordagem mais calcada no objeto (outro) externo tende a uma observação mais objetiva; por outro lado, uma abordagem condicionada, preferencialmente, pelas disposições do eu, tende a uma visão mais subjetiva.

Fica assim patente que Jung (vol.9/1) considera o conhecimento fruto inevitável da personalidade do pesquisador, que necessariamente interfere no fenômeno observado. Assim como uma partícula atômica sofre a interferência do observador, também "o arquétipo se altera ao se tornar consciente e ser percebido, e toma as cores da consciência individual na qual ele aparece". (§ 6)

Em qualquer circunstância o observador necessariamente interfere no fenômeno observado, sobretudo quando se trata da percepção de elementos psíquicos inconscientes.

A relação entre sujeito e objeto - pesquisador e fenômeno - é uma relação dialética e significativa, em que sujeito e objeto participam ativamente do conhecimento. Essa dialética deve ser balanceada de tal forma que sejam evitadas posições unilaterais. Se a subjetividade for desconsiderada, ela permanecerá inconsciente no processo de conhecimento e, como tal, tenderá a se projetar de forma automática e primitiva. Entre a objetividade e a subjetividade, o máximo que se pode almejar é uma intersubjetividade, evitando-se tanto o 'subjetivismo' como o 'objetivismo'.

Em parte alguma, como no campo da psicologia, é exigência absolutamente básica que o observador e pesquisador sejam adequados a seu objeto, no sentido de serem capazes de ver uma e outra coisa. Exigir que só se olhe objetivamente nem entra em cogitação, pois isto é impossível. Já deveria bastar que não se olhasse subjetivamente demais. (JUNG, vol.6, § 8)

A objetividade na investigação científica hoje é discutida não mais em termos de sua manutenção rigorosa, mas, de acordo com Hauke (2000), na perspectiva de que uma posição objetiva é impossível de ser alcançada, pois "qualquer exame humano de um fenômeno deve sempre envolver a intervenção humana neste

fenômeno" (p. 237). Esta, por um lado, inevitavelmente altera permanentemente o fenômeno, e, por outro lado, a percepção ou abordagem do fenômeno é impregnada pelas características subjetivas do pesquisador.

6.3 Perspectiva metodológica: apreensão e compreensão dos fenômenos

A perspectiva metodológica diz respeito ao modo como o conhecimento é adquirido e acumulado; os meios pelos quais o conhecimento é efetivado. Os métodos de investigação compreendem duas grandes etapas, quais sejam: coleta de material ou apreensão dos fenômenos a serem investigados e análise do material ou compreensão dos dados coletados.

Ellenberger (1970) aponta Jung como precursor do método interpretativo na psiquiatria dinâmica no início do século 20. Von Franz ([1975] 1992) afirma que a compreensão do inconsciente, formulada e praticada por Jung, marca o fim do racionalismo científico do século 19.

O símbolo como ponte epistemológica entre consciente e inconsciente é o fenômeno psíquico passível de investigação. Ele congrega o âmbito pessoal e o âmbito coletivo, a dimensão histórica e a dimensão universal dos eventos psíquicos, e coloca-se como o elemento a ser apreendido pela consciência, podendo ser compreendido e assimilado quando elaborado. A emergência de um símbolo conta com a anuência da consciência no sentido de que, em razão do mecanismo de autorregulação da psique, o ego "*deseja e precisa*" da mensagem contida no símbolo, embora isto não seja garantia de sua compreensão. O aspecto consciente do símbolo consiste na forma reconhecível de que o símbolo se reveste e pela qual é captado pela consciência que o reconhece. Seu aspecto desconhecido representa o enigma a ser decifrado, que constitui, justamente, aquilo de que a consciência se ressent no momento. O símbolo é sempre algo intrigante e instigante para a consciência que o vivencia; seu caráter ambivalente e paradoxal produz uma sensação simultânea de plenitude e vazio (PENNA, 2003). A manifestação de um símbolo é invariavelmente acompanhada pela experiência numinosa que ele provoca e o define como experiência arquetípica.

A investigação psicológica na psicologia analítica considera os fenômenos em seu âmbito individual (sonhos, fantasias, experiências pessoais) e coletivo (mitos, contos de fadas, obras de arte, acontecimentos sociais e políticos), desde que revestidos de valor simbólico, seja para o indivíduo ou a coletividade que os produz e os vivencia psicologicamente.

6.3.1 Apreensão do fenômeno / símbolo - coleta de material

Em função de seu valor significativo o símbolo não passa despercebido pelo ego. Assim, será considerado símbolo qualquer evento que provoque ou mobilize a atenção, seja de um indivíduo, no caso de símbolos individuais, seja de um grupo, no caso de símbolos coletivos. A presença de um símbolo é percebida pela consciência como instigante, surpreendente ou intrigante, provocando estranhamento, curiosidade, inquietação, atração ou repulsa, admiração ou reprovação. Dessa forma, os fenômenos / símbolos são aqueles que têm grande repercussão no contexto em que eles ocorrem em razão de seu alto valor de significado e sentido.

6.3.2 Delimitação do contexto de apreensão

Kuhn ([1970] 2001), ao discutir as intrincadas relações entre indivíduo e cultura, ressalta a importância do contexto histórico e social em que as teorias científicas são produzidas e as pesquisas são conduzidas. Para Jung, todo conhecimento é contingente, isto é, ocorre dentro de um contexto determinado. O símbolo emerge “*no aqui agora do espaço e do tempo, podendo ser, de algum modo percebido pelo consciente*” (JACOBI, 1986), fruto da constelação atual da energia psíquica no sistema como um todo, decorre, portanto, da situação – do contexto – em que surge (PENNA, 2003).

O contexto em que o fenômeno ocorre e é captado deve ser considerado na investigação psicológica e cuidadosamente explicitado, a fim de circunscrever o campo da pesquisa, o que constitui fator importante na compreensão (análise) do material coletado. O contexto mais amplo e geral de um fenômeno psicológico qualquer é o âmbito arquetípico, e o contexto mais estrito e específico do fenômeno é o âmbito individual. Entre esses dois polos há gradações que devem ser

observadas e explicitadas de acordo com a situação e o objetivo da investigação em curso.

Neste sentido, a metodologia junguiana propõe um método de investigação dos fenômenos que inclui tanto um contexto subjetivo quanto um contexto objetivo da realidade e permite que sejam conduzidas pesquisas no âmbito pessoal e no âmbito coletivo dos fenômenos culturais. O método junguiano aplicado à psicoterapia tem como ênfase principal o aspecto subjetivo e visa compreender a dinâmica psíquica com base nas manifestações individuais. A aplicação do método junguiano a outros contextos condicionará o grau de prioridade com que os aspectos subjetivos e objetivos serão enfatizados e quais as manifestações que serão alvo de investigação.

6.3.3 Recursos de apreensão do fenômeno - coleta de material

Cabe aqui retomar e novamente esclarecer a distinção entre método e técnica. Por técnica, geralmente, são entendidos os instrumentos, estratégias ou ferramentas que são utilizados como subsídios metodológicos no processo de pesquisa e atualmente têm sido denominados procedimentos de investigação, estratégias ou ferramentas de pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 1998a). Entende-se por recursos metodológicos os meios disponíveis para o pesquisador captar e compreender os fenômenos investigados que incluem as estratégias e/ou instrumentos, mas também, às vezes, vão além do emprego de técnicas, como por exemplo, no caso da observação como meio de apreensão de material de pesquisa. Os procedimentos, por sua vez, dizem respeito ao modo como são manejados e aplicados pelo pesquisador os recursos metodológicos de que dispõe o pesquisador e não têm um fim em si mesmos, estão sempre a serviço do método.

A apreensão do fenômeno psíquico – símbolo – é alcançada primordialmente pela observação; tanto pela 'observação natural' como pela 'observação instrumental' (PIERI, 2002), em ambos os casos, a apreensão ou captação do símbolo envolve a articulação entre um sistema observador e um sistema observado.

Observação e auto-observação têm importante papel no método de pesquisa, uma vez que constituem o meio pelo qual é possível acessar o fenômeno psíquico

(símbolo) a ser investigado. Assim, o pesquisador deve ser capaz de conduzir a observação de modo adequado para a apreensão do material inconsciente contido no símbolo. Quanto à auto-observação, o pesquisador deve manter-se atento e fiel a suas metas e objetivos de pesquisa, refletindo constantemente sobre suas decisões e ações, avaliando-as.

Cumprir lembrar que a capacidade de observação é um traço característico dos seres humanos, sendo operada pelas suas funções perceptivas. A percepção como função da consciência foi denominada por Jung de ‘função sensação’, “a função dos sentidos que os psicólogos franceses chamam ‘la fonction du réel’, a soma total de minhas percepções de fatos externos, vindas até mim por meio dos sentidos [...] A sensação me diz que alguma coisa é (JUNG, vol.18/1, §21). A sensação como função perceptiva da consciência foi considerada por Jung (vol.6 e 8) uma função irracional por seu caráter imediato em relação aos objetos, isto é, a percepção não é mediada por nenhum tipo de julgamento. Segundo Jung, ela simplesmente constata o que o objeto é, nesse sentido é uma função puramente apreensiva; juntamente com a intuição estas funções captam os fenômenos. A sensação, de uma forma perceptiva sensorial, capta os fenômenos de modo detalhado e minucioso, e a intuição os capta de modo global e abrangente, percebendo-os como parte de um todo mais amplo – visão de contexto. As funções de julgamento – racionais – como o pensamento e o sentimento atribuem significado e valor ao fato percebido, o pensamento define e conceitua, dizendo *o que* a coisa é (JUNG, vol.18/1), e o sentimento agrega valor ao objeto, fazendo uma avaliação sobre os fatos percebidos. A articulação entre as funções perceptivas e as funções de julgamento resulta numa observação perceptiva e compreensiva dos fenômenos.

Quanto à articulação entre o observador e o objeto observado e suas implicações quanto à subjetividade e objetividade da observação, Jaffé (1989) comenta que, assim como Heisenberg afirmou que “não é mais possível falar do comportamento de uma partícula atômica independentemente do processo de observação”, não podemos também “falar do comportamento do inconsciente independentemente do processo de observação e da consciência que observa; como na física nuclear a observação altera o comportamento das partículas, o mesmo ocorre na psicologia” (JAFFÉ, 1989, p. 41). Da mesma forma que o átomo sofre a interferência do observador, Jung (vol.9/1) afirma que “o arquétipo se altera

ao se tornar consciente e ser percebido, e toma as cores da consciência individual na qual ele aparece” (vol.9/1,§6). A forma alterada pela qual o arquétipo se expressa é o símbolo que se constitui no fenômeno psíquico a ser investigado.

Considerando que o sistema observado não é apenas perturbado pelo sistema observador, mas também é produto deste sistema (PIERI, 2002), de acordo com Hauke (2000), o efeito da observação sobre o fenômeno a ser conhecido é absolutamente fundamental e não pode ser reduzido ou mesmo neutralizado. A relação entre esses dois sistemas é bastante complexa no período de apreensão do fenômeno pesquisado e envolve diversos níveis de inter-relação.

Devem ser considerados três aspectos importantes no que diz respeito à observação e auto-observação:

1. As particularidades do objeto de investigação – símbolo – que inclui aspectos conscientes e inconscientes, ou seja, conteúdos conhecidos e desconhecidos para o observador. A natureza da expressão simbólica alvo de investigação deve ser analisada para que o melhor modo de apreensão seja escolhido. (escolha de instrumentos e modos de observação adequados ao objeto).
2. A equação pessoal do sistema observador também contém aspectos conscientes e inconscientes compreendidos no âmbito coletivo e pessoal.
3. A dinâmica entre esses dois sistemas envolve um inter-jogo entre todos esses aspectos – coletivo e pessoal, consciente e inconsciente.

Apesar de Jung afirmar que "em psicologia o observador é o observado, a psique é não apenas o objeto, mas também o sujeito de nossa ciência" (JUNG, Vol.18/1, §277). Na verdade, um vínculo estreito e uma dinâmica complexa se estabelecem entre sujeito e objeto, mas não propriamente uma identidade entre eles. Epistemologicamente, conhecimento e autoconhecimento são inseparáveis, e metodologicamente, observação e auto-observação são indispensáveis.

No processo de pesquisa, à semelhança do processo de individuação, a forma e o grau de interação entre elementos conscientes e inconscientes depende, em última instância, do ego do pesquisador. A esse respeito, contudo, cumpre

salientar a posição do ego na totalidade do sistema psíquico, lembrando que:

A consciência do ego parece depender de dois fatores: primeiramente, das condições do consciente coletivo, isto é, consciência social; e por outro lado, dos arquétipos, ou dominantes, do inconsciente coletivo. (JUNG, vol. 8, § 423)

É importante ressaltar também a dinâmica própria do sistema psíquico que opera pela função compensatória, cujo produto é o símbolo que representa a síntese necessária para o equilíbrio do sistema todo. Todavia somente o processamento desse símbolo, realizado pelo ego, efetiva a integração dos conteúdos inconscientes na consciência, resultando em ampliação da consciência, ou seja, produzindo conhecimento.

No processo de pesquisa, a tarefa do ego do pesquisador é manejar a captação e o processamento dos símbolos investigados desde sua apreensão (coleta) até sua compreensão (análise).

Os recursos metodológicos utilizados são aqueles que favorecem a observação e a captação dos símbolos produzidos pela psique, ou seja, os meios que fornecem a melhor forma possível de detectar e recolher o material simbólico e que facilitam sua compreensão. Dessa forma, são empregadas as técnicas projetivas e expressivas que se mostrem mais favoráveis à elaboração simbólica no contexto da investigação (PENNA, 2003).

Uma vez que o símbolo é composto de material consciente e inconsciente e a meta epistemológica da psicologia analítica é captar além da face consciente também os aspectos inconscientes do símbolo, os instrumentos de apreensão do fenômeno psíquico/símbolo devem ser escolhidos a partir desse critério – capacidade de captar material consciente e inconsciente. Os instrumentos de pesquisa utilizados são, sobretudo, recursos de caráter projetivos em geral, visto que o pesquisador deve lançar mão de recursos capazes de apreender os aspectos conscientes e inconscientes do símbolo. Assim como a observação do fenômeno pode se dar tanto por meio da 'observação natural' como da 'observação instrumental', a apreensão também pode ser feita por meio direto ou indireto.

A seleção dos recursos metodológicos para apreensão do fenômeno a ser pesquisado é condicionada pela articulação de diversos aspectos: tema da

pesquisa, seus objetivos, a delimitação do contexto e o objeto de estudo, ou seja, o tipo de manifestação simbólica a ser captada e observada. O objeto de estudo se configura como o recorte da ampla variedade de formas de expressão que um símbolo pode ter, sendo que esse recorte define a representação deste símbolo como sendo a forma como ele é apresentado à consciência (coletiva ou individual).

As técnicas expressivas de caráter projetivo favorecem a apreensão dos símbolos. Sonhos, fantasias dirigidas, imaginação ativa, relaxamento, meditação, desenho, pintura, expressão corporal, dramatização e Sandplay são alguns dos recursos utilizados para acessar material inconsciente. Jung foi um dos pioneiros no uso de recursos expressivos em psicoterapia como um meio de trabalhar com os produtos do inconsciente.

[...] eu aproveitava uma imagem onírica ou uma associação do paciente para lhe dar como tarefa elaborar ou desenvolver estas imagens, deixando a fantasia trabalhar livremente. De conformidade com o gosto ou os dotes pessoais, cada um poderia fazê-lo de forma dramática, dialética, visual, acústica, ou em forma de dança, de pintura, de desenho ou de modelagem. (JUNG, vol.8, §400)

As técnicas expressivas são instrumentos que visam também amplificar os conteúdos inconscientes contidos no símbolo e lançar luz sobre seus motivos arquetípicos. Tais técnicas demonstram-se úteis no levantamento de temas arquetípicos análogos, em diferentes manifestações simbólicas dentro de um mesmo contexto (a psique atual do indivíduo) (PENNA, 2003).

Pode-se ainda lançar mão de questionários e entrevistas abertas ou semidirigidas desde que formulados de modo a captar conteúdos conscientes e inconscientes.

6.3.4 Relação pesquisador-pesquisado

Interação Eu – outro; sujeito – objeto; conhecido – desconhecido

A metodologia de pesquisa qualitativa afirma que a relação estabelecida entre o pesquisador e o pesquisado deriva dos pressupostos epistemológicos que definem a relação entre o conhecedor e o conhecido (DENZIN, 1998)

Do ponto de vista epistemológico, o fato de, na psicologia, a psique ser tanto sujeito como objeto de conhecimento é o ponto crucial desta ciência, que se distingue das outras, exatas ou naturais (PENNA, 2004). Jung considerava este o maior desafio na busca de métodos em psicologia.

No paradigma junguiano, o mundo externo e o inconsciente são vivenciados pelo ego como 'outro', isto acarreta diversos tipos de conexões entre o eu e o outro, tais como: diferença e similaridade; união e separação; oposição e complementaridade. Embora o outro esteja contido no mesmo todo do qual o ego faz parte, não se trata de extinguir as diferenças entre eu e outro, uma vez que, segundo Jung, "a identidade sujeito-objeto torna impossível qualquer conhecimento". (vol. 6; § 402)

Do ponto de vista metodológico, é importante analisar as particularidades dessa relação para assegurar que um conhecimento científico seja produzido. A relação pesquisador-pesquisado envolve a articulação dinâmica de elementos conhecidos e desconhecidos, tanto no plano interno como no plano externo ao pesquisador.

Na abordagem simbólico-arquetípica do paradigma junguiano, pesquisador e pesquisado formam um par de opostos complementares em que se estabelece uma relação dialética mutuamente transformadora, sendo que a distinção entre as duas entidades é sempre indispensável. O outro é algo ou alguém (objeto do conhecimento) que não sou eu ou nós (pesquisador) sujeito do conhecimento (PAPADOPOULOS, 2002). Deste modo a relação sujeito-objeto diferencia eu e outro, mas não prioriza um em detrimento do outro. Embora a produção de conhecimento seja, primordialmente, conduzida pelo pesquisador, a este não é dado, em princípio, o controle egoico da situação de coleta de material, uma vez que o inconsciente – pessoal e coletivo – participa e interfere constantemente no processo. A manutenção de uma atitude simbólica em relação ao pesquisado (outro), buscando integrar as polaridades em questão numa relação dialética de trocas mútuas, favorece o andamento satisfatório do processo de apreensão dos símbolos em questão.

O processo de pesquisa, na etapa de apreensão do fenômeno, compreende

dois sistemas em constante e intensa interação: o sistema pesquisador com seus aspectos conscientes e inconscientes, e o sistema pesquisado – fenômeno psíquico a ser conhecido – símbolo – com seus aspectos conhecidos e desconhecidos, manifestos e subjacentes. Ambos, pesquisador e pesquisado fazem parte e compartilham a dimensão coletiva consciente e inconsciente.

6.3.5 Compreensão do fenômeno - análise do material

Segundo Jung (vol.6), a função que entende o símbolo, utilizada na análise do material coletado, é conduzida pelo 'pensamento simbólico' que opera por associações, comparações e analogias entre diversas áreas do conhecimento e entre as diversas funções da consciência. A compreensão dos fenômenos, ou seja, a análise do material coletado é realizada por meio da elaboração dos símbolos.

A compreensão do fenômeno / símbolo, segundo Jung (vol.8), abrange as etapas de tradução, interpretação, elaboração e integração do desconhecido à consciência conhecedora. Estas etapas têm por objetivo auxiliar o pesquisador no processo de compreensão da mensagem desconhecida contida no símbolo e correspondem ao que Jung chamou sucessivamente de: método associativo – comparativo; método hermenêutico; método hermenêutico-construtivo; método sintético-hermenêutico e, por fim, método de amplificação simbólica dos fenômenos psíquicos.

É importante ressaltar que, tanto na obra de Jung como para muitos pós-junguianos, a distinção entre método e procedimentos metodológicos não é clara. Frequentemente, estratégias (técnicas) empregadas para captar e compreender material inconsciente são chamadas método. Imaginação ativa, sandplay e mesmo desenho, visualização e meditação são denominados métodos na literatura junguiana. Chodorow (2006), por exemplo, ao discutir imaginação ativa reconhece a dificuldade para defini-la “porque Jung usou muitos nomes diferentes para descrever o método” (p. 228). Posteriormente a autora se refere à imaginação ativa como uma função da psique e, portanto, mais abrangente do que um método, o que de certa forma é adequado, dependendo do entendimento que se tem do significado e do uso da imaginação ativa. O mesmo se passa com relação à amplificação proposta por Jung como método.

Assim sendo é oportuno esclarecer o estatuto de método e seu emprego como procedimento metodológico no paradigma junguiano.

Pieri (2002) distingue a característica instrumental e a característica modeladora da amplificação psicológica do material inconsciente. Segundo o autor, o caráter instrumental designa um instrumento da prática e, dessa forma, uma técnica; e o caráter modelador está associado à própria forma de argumentação da teoria, principalmente a teoria dos arquétipos, que pressupõe a emergência de símbolos com características análogas universalmente perceptíveis.

Em resumo, como discutido em Penna (2003), por um lado, a amplificação simbólica é considerada um recurso metodológico que facilita e favorece a tradução e posterior interpretação do material simbólico. Por outro lado, a amplificação pode ser considerada o próprio método de investigação psicológica de C.G.Jung. Neste caso, amplificação refere-se a um modo de pensar, constituindo a perspectiva pela qual o conhecimento psicológico é produzido no paradigma junguiano.

O pensamento simbólico definido por Jung (vol.6) como a função que compreende os símbolos é, em si, uma forma amplificatória de pensar que flui por imagens, por comparações e por analogias em torno de um tema central. Esta forma de pensar congrega todas as funções da consciência para rodear o símbolo num movimento circum-ambulatorio, em busca do sentido e do significado mais essencial deste. A atuação integrada das funções da consciência nesse processo promove uma produção de conhecimento de ordem intelectual, perceptiva, valorativa e intuitiva. Dessa forma, mais do que um pensamento simbólico, como foi proposto por Jung, o processo de compreensão e assimilação dos símbolos é, na realidade, um *'processamento simbólico arquetípico'*⁵ do material.

Com o processamento simbólico arquetípico o potencial transformador do símbolo se realiza e a transformação necessária, exigida pela totalidade e ensejada pela auto-regulação, é alcançada, resultando na produção de um conhecimento novo e significativo. Este conhecimento se realiza na medida em que aspectos do

⁵ Esse termo foi sugerido pela Dr^a Ceres Araújo por ocasião da apresentação da dissertação de mestrado da autora, em 2003, "Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C.G.Jung", a quem agradeço e aceito a sugestão.

inconsciente ou do mundo, antes desconhecidos, passam a fazer parte do sistema consciente, operando uma ampliação da consciência, o que, em termos científicos significa produção de conhecimento e, no plano individual, remete ao processo de individuação.

O termo hermenêutica foi utilizado por Jung, à semelhança do linguista ou arqueólogo que procura traduzir um fenômeno desconhecido a partir do conhecido em busca da compreensão por analogias e comparações. Isso fica claro em sua afirmação de que “qualquer interpretação é uma hipótese, apenas uma tentativa de ler um texto desconhecido” (vol.16/1, § 322). No desenvolvimento de seu método, as raízes de sua concepção de hermenêutica situam-se na conceituação das duas formas de pensar do ser humano, quais sejam, o pensamento dirigido e o pensamento não dirigido ou ‘pensamento-fantasia’. Este é associativo, analógico, imagético e se aproxima mais do inconsciente (PENNA, 2003). A associação entre essas duas formas de pensar resulta no pensamento simbólico.

O aspecto hermenêutico do método junguiano decorre do pressuposto epistemológico de que o inconsciente só é acessível à consciência por meio dos símbolos. Estes por sua vez, por sua natureza híbrida (consciente e inconsciente), são percebidos pelo ego como uma mensagem cifrada, e como tal precisa ser traduzida para a linguagem da consciência. Dessa forma, pela hermenêutica, os símbolos são traduzidos em termos compreensíveis para a consciência.

Romanyshyn (2007) situa a origem da hermenêutica da psicologia analítica mais na alquimia do que na filosofia moderna. Já Kluger (1993) considera a hermenêutica junguiana um modo de pensar mais pós-moderno, do que a hermenêutica filosófica moderna.

Ao caráter hermenêutico do método junguiano se acrescenta o caráter construtivo e sintético que foi chamado por Jung de amplificação simbólica. Alguns autores usam a denominação método hermenêutico construtivo para a amplificação simbólica (CLARKE, 1993; MARONI, 1998).

Em primeiro lugar, tive que me convencer profundamente de que a "análise", na medida em que se restringe à decomposição, deve ser necessariamente seguida por uma síntese. Em segundo lugar, tive que me convencer da existência de um material psíquico praticamente desprovido

de significado quando simplesmente decomposto, mas que encerra uma plenitude de sentido ao ser confirmado e ampliado por todos os meios conscientes (é a chamada amplificação). Os valores das imagens ou símbolos do inconsciente coletivo só aparecem quando submetidos a um tratamento sintético. Como a análise decompõe o material simbólico da fantasia em seus componentes, o processo sintético integra-o numa expressão conjunta e coerente. (JUNG, vol. 7/1, §122)

De acordo com Chodorow (2006), o método de amplificação simbólica de Jung é construído sobre o processo natural de associações paralelas extraídas de diversas áreas do conhecimento, ou seja, em decorrência do método comparativo e hermenêutico.

A compreensão do material de pesquisa considera os fenômenos tanto na sua perspectiva causal como teleológica. Por um lado, as possíveis causas ou antecedentes do evento psicológico informam sobre a dimensão histórica do símbolo e localiza-o no contexto tanto pessoal como cultural em que ele ocorre. Isto está associado ao que Jung denominou de método redutivo causal. E, por outro lado, a perspectiva teleológica informa sobre a finalidade do símbolo no processo de individuação, situando a atualidade do evento na perspectiva futura, em termos de seu sentido e significado num contexto mais amplo e está associada ao que Jung denominou método energético final. A perspectiva causal está ligada a perguntas do tipo – por quê? A perspectiva final está associada a perguntas do tipo – para quê? Estas duas perspectivas devem necessariamente ser abordadas na análise do material para que uma compreensão junguiana dos fenômenos seja alcançada. A perspectiva da sincronicidade deve ser cogitada como uma possibilidade de compreensão, embora ela não esteja necessariamente presente, podendo, por conseguinte, ser ou não um parâmetro de análise utilizável.

Um aspecto importante que ainda deve ser ressaltado no que diz respeito à compreensão do material é a integração da perspectiva arquetípica dos eventos (símbolo) com sua perspectiva pessoal.

No processamento simbólico arquetípico do material de pesquisa, alguns parâmetros devem ser observados, tanto na apreensão como na compreensão dos fenômenos: a causalidade, a finalidade e a eventual sincronicidade presentes nos eventos simbólicos.

Análise e compreensão do material

De acordo com Pieri (2002), o termo análise indica um procedimento que visa “à descrição, interpretação ou compreensão de um objeto qualquer segundo seus componentes mais simples, e das diferentes relações entre os próprios componentes” (p. 32).

O objeto desta pesquisa é a produção acadêmica (teses e dissertações) em psicologia analítica, no contexto de duas universidades da cidade de São Paulo, que têm tradição no ensino e na pesquisa em psicologia analítica.

Todo processo de pesquisa resulta em um texto, essa é a forma como tradicionalmente as pesquisas acadêmicas são formatadas, pelo menos até hoje. É possível que outras formas surjam com o avanço da tecnologia, mas por enquanto o produto final das pesquisas é um texto, que pode ser considerado um documento científico. Na análise das teses de mestrado e dissertações de doutorado recolhidas para este estudo, o material para fins de análise ora é chamado de ‘pesquisa’, ora ‘texto’, ora ‘documento’, ou simplesmente material ou dados.

Cabe, assim, esclarecer que a análise do objeto de estudo desta pesquisa pretende descrever as características gerais do objeto, destacar seus componentes, observados e considerados mais relevantes, sugerindo relações entre alguns aspectos significativos para fins de compreensão do fenômeno – produção acadêmica em psicologia analítica – dentro de um contexto específico.

O objeto por meio do qual foram colhidas as informações para esta pesquisa consiste no texto das teses de doutorado e dissertações de mestrado. E o meio pelo qual esta pesquisa se produz é também um texto. Portanto a compreensão desses textos é formada pela articulação entre o texto explícito e o texto compreendido.

A análise das pesquisas foi conduzida em duas etapas. Na primeira etapa é feita uma apresentação do levantamento das teses de doutorado e das dissertações de mestrado em duas amostras – geral e atual. Em ambas, o material coletado foi organizado de modo a destacar os aspectos que se mostraram mais relevantes para a compreensão do fenômeno investigado – produção acadêmica em psicologia

analítica. Na segunda etapa, o material foi organizado e analisado em diferentes níveis de profundidade em cada uma das amostras, conforme o objetivo desta pesquisa (análise da produção acadêmica atual em psicologia analítica). A etapa de apresentação e organização do material faz uma análise descritiva das duas amostras. Na segunda etapa, a organização do material foi feita com base no registro do material coletado e nas categorias de análise selecionadas com o objetivo de promover uma análise compreensiva do material, que posteriormente é discutido articulando-se os dados levantados e a pesquisa bibliográfica realizada.

Considerando que qualquer análise consiste em descrição, compreensão e interpretação e o processo dinâmico pelo qual as pesquisas são realizadas, o material desta pesquisa será apresentado tendo em mente a ressalva que Jung (vol.7/1) faz, de que toda análise deve ser “necessariamente seguida por uma síntese” (§ 122) e, assim, descrição, análise, compreensão e discussão formam um todo que evolui para uma visão integrada do processo de pesquisa.

7.1 Análise descritiva

A descrição dos dados desse levantamento foi feita sob dois ângulos:

1. em relação ao que foi denominado ‘amostra geral’, que inclui pesquisas em psicologia analítica encontradas no período de 1990 a 2008.
2. Para efeito de análise foi feito um recorte na amostra geral denominada ‘amostra atual’ que se refere às pesquisas realizadas na área da Psicologia sob a abordagem da psicologia analítica no período de 2002 a 2007 (conforme especificado no capítulo 3).

7.1.1 Amostra geral

A amostra geral coletada, de acordo com os procedimentos descritos no capítulo 5, consta de dissertações e teses realizadas no período de 1990 – 2008 nas duas instituições (PUC-SP e USP), utilizando como abordagem a Psicologia Analítica. Primeiramente cumpre salientar que esse levantamento pode não revelar a totalidade das pesquisas efetivamente realizadas no período, em função de possíveis falhas na coleta, como foi apontado no capítulo 5. No entanto supõe-se

que a amostra recolhida seja representativa do universo que se pretende investigar e passível de análise e compreensão da situação atual da produção de pesquisas acadêmicas em psicologia analítica no que diz respeito ao método.

A amostra ampla compõe-se de 126 pesquisas, sendo 98 dissertações de mestrado e 28 teses de doutorado.

Tabela 1- amostra geral

Ano	Doutorado	Mestrado	Total	Porcentagem
1990	1	1	2	1,6%
1993	1	-	1	0,8%
1994	2	1	3	2,4%
1995	2	1	3	2,4%
1996	-	2	2	1,6%
1997	2	3	5	4,0%
1998	-	4	4	3,2%
1999	2	4	6	4,8%
2000	1	3	4	3,2%
2001	5	6	11	8,7%
2002	-	6	6	4,8%
2003	-	9	9	7,1%
2004	1	3	4	3,2%
2005	6	17	23	18,3%
2006	3	19	22	17,5%
2007	1	8	9	7,1%
2008	1	11	12	9,5%
Total	28	98	126	100,0%

Observa-se, durante os últimos 18 anos, um aumento gradual e constante na produção acadêmica das duas instituições, com aumento significativo a partir de 2001. Na década de 1990 a 1999 temos 26 pesquisas ao passo que no período de 2000 a 2008 há um total de 100 pesquisas, o que demonstra um relevante crescimento no interesse da comunidade acadêmica em conduzir pesquisas com base na abordagem junguiana, o que também justifica o presente estudo.

Foi observada acentuada predominância de pesquisas de mestrado em relação a pesquisas de doutorado, 78% das pesquisas encontradas são dissertações de mestrado e 22% são teses de doutorado.

Nas duas instituições de ensino superior em que essas teses e dissertações foram realizadas, observa-se uma distribuição em 7 áreas de conhecimento, sendo que a grande maioria das pesquisas encontradas (75%) situa-se na área da psicologia e 25% delas são oriundas de áreas de conhecimento fora da psicologia, mas com acentuada predominância nas ciências humanas. Esse dado ilustra a abrangência de aplicação da psicologia analítica.

Tabela 2 – amostra geral: área de concentração

Área de concentração	Total	Porcentagem
Ciências Contábeis	1	0,79%
Direito	1	0,79%
Gerontologia	1	0,79%
Medicina	1	0,79%
Educação	4	3,17%
Psicologia Social	3	2,38%
Literatura, Crítica Literária, Comunicação, Semiótica	7	5,56%
Ciências da Religião	16	12,70%
Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	16	12,70%
Psicologia Clínica	76	60,32%
Total geral	126	100,00%

De acordo com Freitas (2007), em levantamento realizado na USP, no período de 1979 – 2006 foram encontrados “21 trabalhos de pós-graduação fora do Instituto de Psicologia da USP que se valeram da psicologia analítica” (p. 62), distribuídos em oito áreas de conhecimento. Esse dado, embora referente a um período diferente do presente estudo, reafirma o panorama encontrado no contexto do levantamento desta análise, quanto ao alcance da psicologia analítica na academia atual.

Tabela 3 – amostra geral psicologia x outras áreas de concentração

Trabalhos acadêmicos no campo da psicologia X outras áreas	Total	Porcentagem
Psicologia	95	75,40%
Outras áreas do conhecimento	31	24,60%
Total Geral	126	100,00%

Na área da psicologia as teses e dissertações estão distribuídas em três sub-áreas (departamentos ou programas de pós-graduação), sendo que 79% das pesquisas encontradas pertencem à sub-área da psicologia clínica, o que demonstra a aplicação do modelo junguiano preferencialmente neste campo clínico, pelo menos aparentemente.

Tabela 4 – pesquisas em psicologia: sub-áreas

Pesquisas em psicologia: sub-áreas	Total	Porcentagem
Psicologia Social	3	3,2%
Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	16	16,8%
Psicologia Clínica	76	80,0%
Total geral	95	100,0%

7.1.2 Amostra atual

O levantamento da produção acadêmica que constitui a amostra atual é composto exclusivamente por pesquisas na área da psicologia no período de 2002-2007, realizadas na abordagem da psicologia analítica conforme critérios de inclusão e exclusão definidos no capítulo 5. Esta amostra é apresentada e analisada com base em categorias de análise selecionadas em função de sua significância e interesse para uma compreensão ampla e profunda da produção científica em psicologia analítica no que diz respeito ao método por meio do qual a pesquisa foi conduzida.

Essa amostra compreende 37 pesquisas, sendo 5 (14%) teses de doutorado e 32 (86%) dissertações de mestrado. Mais uma vez é notável a maior incidência de dissertações de mestrado na produção acadêmica em psicologia analítica.

Tabela 5 – amostra atual

Ano	Doutorado	Mestrado	Total	Porcentagem
2002		5	5	13,5%
2003		6	6	16,2%
2004	1		1	2,7%
2005	2	5	7	18,9%
2006	1	10	11	29,7%
2007	1	6	7	18,9%
Total	5	32	37	100,0%

Neste período o crescimento da produção se mantém num ritmo ascendente constante, observando-se, porém, um aumento significativo da produção em 2005 e 2006. É bastante provável que esse aumento da produção científica de pesquisas em psicologia analítica, nas duas instituições, esteja relacionado à criação do ‘Núcleo de Estudos Junguianos’ no programa de pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, em 2003, e também à inclusão da disciplina ‘Psicologia Analítica de Jung e Grupos Vivenciais: Subsídios para a Pesquisa em Saúde e Educação’ no elenco de disciplinas do IPUSP, em 2001, o que, segundo Freitas (2007), significa que “na pós-graduação, a Psicologia de Jung encontra-se, portanto, oficialmente abrigada atualmente na linha de pesquisa Saúde e Desenvolvimento Humano” (p. 62). Esses dados confirmam a hipótese geral de crescente interesse da comunidade acadêmica em conduzir pesquisas na abordagem junguiana.

Quanto à predominância de dissertações sobre teses, esta se expressa de forma até mais acentuada neste período do que na amostra geral. É possível supor que num futuro próximo essa proporção possa se alterar um pouco, uma vez que alguns dos novos pesquisadores que realizaram suas dissertações recentemente podem vir a produzir pesquisas de doutorado. Mas a expectativa é que a predominância de dissertações de mestrado se mantenha, seguindo a tendência

observada nos últimos 18 anos. Vale ressaltar que esse panorama (mais dissertações do que teses) caracteriza a produção acadêmica em geral, segundo dados do Dedalus, sistema integrado de bibliotecas da USP, e do Lúmen, sistema de bibliotecas da PUC-SP.

7.2 Análise compreensiva

A amostra de pesquisas na área da psicologia encontradas no período de 2002-2007 que foram realizadas sob o enfoque da psicologia analítica foi organizada a partir de sete vértices, selecionados como categorias de análise, com a finalidade de fornecer subsídios para uma análise compreensiva do método pelo qual essas pesquisas foram conduzidas e, com isso, viabilizar a discussão crítica do método de pesquisa em psicologia analítica com o objetivo de sistematizar uma metodologia de pesquisa em psicologia analítica.

Os vértices pelos quais essas pesquisas foram organizadas para fins de análise foram selecionados com o objetivo de serem abordados os principais aspectos componentes do método de pesquisa em psicologia analítica, conforme discutido por Penna (2003). São eles: 1. método declarado pelo pesquisador, 2. tema da pesquisa, 3. objeto / fenômeno alvo de investigação, 4. contexto da pesquisa, 5. procedimentos de coleta de material – apreensão do fenômeno, 6. procedimentos de análise – compreensão do fenômeno e 7. modalidades de pesquisa. Foram feitas também associações entre alguns desses aspectos que se mostraram relevantes ao longo do processo de análise.

A análise das pesquisas encontradas e recolhidas no levantamento realizado neste estudo considera, em primeiro lugar, o relato dos pesquisadores, ou seja, tem como fonte de informação o texto / documento consultado. Em segundo lugar foi feita uma análise crítica das pesquisas pela leitura apurada e compreensiva dos textos, conforme descrito no capítulo 5, portanto os vértices foram selecionados e analisados a partir desta leitura crítica mais apurada dos textos consultados e não mais exclusivamente baseado naquilo que o pesquisador declara ter feito, mas também naquilo que se observou que ele fez.

7.2.1 Método declarado

O método pelo qual uma pesquisa é conduzida resulta da opção metodológica do pesquisador e esta deriva da articulação de diversos fatores. Em geral, o fator principal na determinação do método de pesquisa é o paradigma adotado pelo pesquisador.

Entende-se por ‘método declarado’ aquilo que está explicitamente colocado pelo pesquisador a respeito do método de pesquisa, isto é, a fonte de informação para esta categoria é exclusivamente o texto sobre o método e as especificações complementares sobre o método empregado na pesquisa especificado no texto da pesquisa.

Na maioria das pesquisas analisadas, a justificativa para a opção metodológica é feita prioritariamente em função do paradigma adotado pelo pesquisador, no entanto, para alguns pesquisadores, percebe-se que o tema foi o ponto de partida da investigação, e a opção metodológica é justificada em decorrência do tema. Um exemplo desse processo é quando o pesquisador primeiramente discorre sobre o tema, abordando-o sob diversas perspectivas teóricas e, em seguida, justifica a opção pela abordagem junguiana como sendo a mais adequada para os objetivos de sua pesquisa ou para o objeto de estudo em questão.

Tabela 6 – método declarado

Método declarado	Total	Porcentagem
Qualitativo	8	22%
Não explicitado	7	19%
Explicitação das etapas da pesquisa	3	8%
Teórico	3	8%
Pesquisa de campo	2	5%
Quali/Quanti; Estudo exploratório	2	5%
Abordagem social e histórica	1	3%
Amplificação; Método simbólico construtivo	1	3%
Análise interpretativa	1	3%
Comparação entre grupos	1	3%
Empírico; Estudo de caso	1	3%
Método construtivo de Jung, fenomenológico	1	3%
Método junguiano	1	3%
Metodologia própria em caráter de ensaio	1	3%
Pesquisa descritiva Quali-Quanti	1	3%
Qualitativa; Estudo de caso	1	3%
Qualitativo e comparativo	1	3%
Qualitativo; Compreensão simbólica	1	3%
Total Geral	37	100%

Quanto ao método declarado pelo pesquisador, verificou-se uma ampla variedade de denominações e especificações para o método escolhido e definido para as pesquisas, o que resultou, na organização do material, num agrupamento de 18 tipos de denominações. Verificou-se que em 27% das pesquisas analisadas não há menção, ou definição explícita sobre o método utilizado nas pesquisas. Vale destacar, no entanto, que neste grupo incluem-se dois sub-grupos nos quais podem ser observados tratamentos diferentes dispensados pelo pesquisador em relação ao método.

Em 19% dos documentos não há nenhuma referência ao método empregado nas pesquisas. Incluem-se aqui as pesquisas nas quais não se encontra destacado um capítulo dedicado ao método e também não há explicitação da metodologia em outros trechos do texto consultado. Essas pesquisas foram classificadas quanto ao método declarado na categoria 'método não explicitado'. Em 8% das pesquisas não há definição explícita do método utilizado, mas observa-se menção e descrição do método. Incluem-se aqui as pesquisas em que é destacado um capítulo para o método, em que as etapas do processo de pesquisa e seus procedimentos metodológicos são descritos, mas não é nomeado ou especificado o enfoque metodológico da pesquisa. Estas foram classificadas na categoria 'explicitação de etapas'. Esta discriminação é importante, pois se percebe, em cada um desses dois grupos, um tratamento diferenciado dispensado ao método da pesquisa. No primeiro grupo, 'método não explicitado', pode-se supor que não haja nenhuma preocupação por parte do pesquisador quanto à importância de ser destacado e explicitado o método por meio do qual a pesquisa foi conduzida, embora, sem dúvida, o estudo tenha sido feito com algum método. O segundo grupo, 'explicitação de etapas', revela preocupação com relação à descrição do método de pesquisa ao destacar um capítulo especialmente para esse assunto e ao explicitar como as pesquisas foram conduzidas por meio da descrição das etapas do processo e dos procedimentos utilizados, no entanto, não há definição ou especificação da opção metodológica. Quanto a esse grupo pode-se supor que, embora seja evidente o valor atribuído ao assunto método, talvez tenha havido alguma dificuldade quanto à definição ou à especificação metodológica em função da ausência de literatura que oriente o pesquisador no campo da psicologia analítica. Esta é apenas uma hipótese que merece ser discutida.

Em 22% das pesquisas o método foi declarado como 'qualitativo' sem nenhuma especificação; incluem-se nesta categoria denominações do tipo: 'pesquisa qualitativa', 'método qualitativo de pesquisa', 'metodologia qualitativa' ou 'estudo qualitativo', sem outras especificações.

Em 9% das pesquisas a declaração do método 'qualitativo' é complementada por alguma especificação; incluem-se nesta categoria denominações tais como: 'pesquisa qualitativa – estudo de caso', 'método qualitativo e comparativo', 'método qualitativo com ênfase na compreensão simbólica'.

Há ainda pesquisas (8%) em que método é definido como qualitativo e quantitativo, sendo que duas delas recebem a especificação de estudo exploratório e outra é definida como pesquisa descritiva com a especificação 'quali-quantitativo'. Dessa forma, no quadro geral, 38% das pesquisas podem ser avaliadas como 'qualitativo + especificação', no método declarado pelo pesquisador.

A definição 'método teórico' aparece em 8 % das pesquisas, embora desde já se possa dizer que algumas pesquisas são nitidamente conduzidas pelo método teórico sem que sejam definidas metodologicamente como tais.

Somente três pesquisas (8%) são definidas metodologicamente pelo referencial junguiano; nestas o método declarado aparece como: 'amplificação – método simbólico construtivo', 'método junguiano' e 'método construtivo de Jung'. Nota-se, no entanto, que muitos pesquisadores fazem uso da amplificação na análise do material. (Esse tema será analisado em relação aos procedimentos de análise). Nestes casos o uso da amplificação é feito como recurso metodológico e não como método principal da pesquisa.

Além dessas especificações atribuídas ao método, que foram descritas na tabela 6: método declarado, foram encontradas outras especificações que podem ser consideradas secundárias por não constarem da definição principal do método, mas que merecem destaque para fins de discussão sobre o assunto.

Em 5 pesquisas (13%) encontra-se menção à denominação 'estudo exploratório', em 2 pesquisas esta denominação é a especificação principal do método, em 3 pesquisas a denominação aparece como uma particularidade

secundária.

Em 10 pesquisas (27%) foi verificada menção a 'estudo de campo' ou 'pesquisa de campo'. Em 2 pesquisas essa denominação consta como definição principal do método, nas outras 8 a referência a pesquisa ou estudo de campo diz respeito a uma particularidade da coleta de dados, não sendo considerada característica definidora do método.

Vale ressaltar ainda a presença de uma pesquisa em que o método declarado foi classificado como 'metodologia própria em caráter de ensaio' com base na explicitação feita pelo pesquisador no capítulo intitulado 'objeto da pesquisa e metodologia', nos seguintes termos: '[...] formam um conjunto de materiais fundamentais para a compreensão do fenômeno, e conseqüentemente da visão que desenvolvi da mesma a partir de minha metodologia', mais adiante se encontra: 'a dissertação tem um caráter de ensaio, feito a partir dos materiais acima descritos'.

Merece destaque também uma pesquisa cujo método declarado foi 'pesquisa de campo', em que o pesquisador declara: 'esta dissertação possui algumas pretensões, muitas das quais serão apenas esboçadas neste trabalho: propor uma metodologia específica de pesquisa qualitativa em psicologia analítica, [...]'.

Essas duas pesquisas, ainda que representem uma minoria no contexto da coleta realizada, podem ser ilustrativas da dificuldade encontrada pelo pesquisador em definir o método de pesquisa em psicologia analítica. Concorre para essa hipótese a amplitude de denominações dadas ao método de pesquisa – 18 tipos de denominação – fazendo supor que, por vezes, os pesquisadores são levados a fazer articulações metodológicas quase impossíveis de definição, ou a fazer uso de nomenclatura emprestada de outras abordagens.

A análise mais acurada do material coletado, no que diz respeito ao método declarado, demonstrou que em 95% das pesquisas é nítido o enfoque metodológico qualitativo da pesquisa. Mesmo quando são utilizados recursos quantitativos, estes servem como subsídios à análise qualitativa, não podendo ser considerado um enfoque propriamente misto nos termos descritos anteriormente (cap.5), no entanto, esse dado pode indicar uma possibilidade na pesquisa junguiana, ou seja, o uso de dados que recebem um tratamento quantitativo para ampliar e/ou aprofundar a

análise simbólica e a discussão do material da pesquisa na perspectiva da psicologia analítica.

Verificou-se em 5% das pesquisas a predominância de uma abordagem quantitativa descritiva do material. Um dos pesquisadores declarou sua opção metodológica como 'pesquisa descritiva quantitativa e qualitativa'. Na análise mais aprofundada do texto desta pesquisa, constata-se que o paradigma junguiano foi utilizado apenas na discussão do material, não constando da apreensão e compreensão dos dados. Em outra pesquisa em que não há explicitação da opção metodológica, observa-se, porém, que o encaminhamento preferencial se deu pelo enfoque metodológico quantitativo tanto na seleção dos objetos de estudo como na escolha dos instrumentos de coleta e análise do material que priorizou as descrições quantitativas, sem utilização do paradigma junguiano. Apenas na revisão preliminar da literatura e nas considerações finais são feitas alusões a conceitos da psicologia analítica. Essas duas pesquisas podem ser consideradas 'pouco junguianas' quanto ao método. Talvez seja possível levantar uma hipótese de que, quando o enfoque quantitativo é predominante, o produto final da pesquisa não pode ser considerado um estudo junguiano, pois esse tipo de abordagem do fenômeno não contempla uma análise de dados baseada na psicologia analítica.

7.2.2 Tema de pesquisa

Não foi possível classificar as pesquisas quanto ao tema. A ampla variedade de temas e a interpenetração de assuntos não permitiram uma análise das pesquisas por temas. Essa impossibilidade de classificação pode ser entendida como uma característica da pós-modernidade pela maior flexibilidade e plasticidade nas concepções científicas e pela diversidade e complexidade da própria vida contemporânea que resultaram numa acentuada pulverização de necessidades e interesses tanto no campo individual como cultural, proporcionando uma ampliação dos horizontes do conhecimento assim como das oportunidades de pesquisa científica.

Merece destaque quanto à análise do tema da pesquisa sua relação com os objetivos da pesquisa e o objeto de estudo selecionado, assim como os procedimentos de coleta embora esta articulação dificilmente seja passível de

expressão em termos de classificação ou categorização.

O tema da pesquisa constitui o símbolo que captura o pesquisador e é o 'motivador básico' da investigação; ele contém a incógnita a ser explorada. Há uma estreita relação entre o tema e o objeto de pesquisa.

7.2.3 Objeto / fenômeno: alvo de investigação

O objeto da pesquisa é definido como a expressão ou manifestação por meio da qual o símbolo contido no tema pode ser apreendido. O objeto de estudo escolhido pelo pesquisador como alvo de sua investigação constitui-se então como o fenômeno que se apresenta para o pesquisador como a melhor via de acesso ao tema da pesquisa. Nesse sentido o objeto da pesquisa, parafraseando Jung (vol.6), "constitui a melhor designação ou a melhor fórmula possível" para a investigação de algo relativamente desconhecido, sendo portanto considerado a manifestação simbólica escolhida, entre outras, pelo pesquisador, como o fenômeno a ser investigado.

O objeto da pesquisa é, então, a expressão do símbolo por meio da qual o pesquisador buscará, com seus procedimentos de apreensão, as informações necessárias para que a incógnita do símbolo possa vir a ser compreendida. No campo metodológico da pesquisa, o fenômeno investigado constitui-se pela síntese entre o tema da pesquisa e as expressões pela quais esse fenômeno se manifesta (objeto da pesquisa).

Em algumas pesquisas verificou-se a articulação de mais de um objeto de estudo, ou seja, foram escolhidas mais de uma forma de expressão do fenômeno a partir das quais o tema da pesquisa foi investigado. Para efeito de análise foram destacados como objeto de estudo para compor as categorias de análise o objeto predominante na apreensão dos dados. Os objetos de pesquisa foram, assim, agrupados em três categorias de análise:

Seres humanos – quando o material pesquisado foi obtido diretamente por pessoas, isto é a fonte de apreensão dos fenômenos foi o ser humano.

Fenômenos da cultura – quando o material de pesquisa foi obtido por meio da

apreensão de fenômenos culturais, tais como personagens de filmes, obras de arte, atividades culturais ou outros elementos da cultura.

Conceitos teórico-científicos – esta categoria inclui pesquisas em que o material pesquisado diz respeito a conceitos teóricos investigados no âmbito da ciência. Embora conceitos científicos também possam ser considerados fenômenos culturais, uma vez que a produção científica é parte integrante da cultura, decidiu-se destacar essa categoria em função de suas especificidades quanto a uma modalidade de pesquisa.

Tabela 7 – objeto de pesquisa

Objeto	Total	Porcentagem
Seres Humanos	23	62%
Fenômenos da cultura	8	22%
Conceitos teórico-científicos	6	16%
Total Geral	37	100%

Quanto ao objeto ou o fenômeno alvo de investigação, a grande maioria das pesquisas tem como objeto de suas investigações o ser humano (62%), seja no contexto clínico como sociocultural, seja no âmbito individual como grupal ou coletivo mais amplo. Os fenômenos culturais aparecem como objeto de pesquisa em 22% dos documentos, e a investigação sobre conceitos teóricos aparecem como objeto de investigação em 16% das pesquisas.

7.2.4 Contexto da pesquisa

O contexto da pesquisa foi destacado neste estudo em função da importância de sua delimitação na apreensão dos fenômenos na pesquisa. Assim como o conhecimento humano é sempre contingente, isto é, ocorre dentro de um contexto determinado que circunscreve suas possibilidades e limites; também as descobertas resultantes de uma pesquisa – produção de conhecimento – principalmente sob o enfoque qualitativo, são delimitadas pelo contexto em que os fenômenos são coletados.

Em todas as pesquisas analisadas o contexto de apreensão do fenômeno é claramente especificado, embora nem sempre sua delimitação seja justificada. O contexto em que a compreensão do material foi realizada, isto é, o ângulo ou perspectiva pela qual o material foi analisado raramente é explicitado. Às vezes, é possível depreender a ênfase dada à análise pela leitura dos textos, mas optou-se por não destacar esse vértice de análise em função da escassez de informações. Na organização do material foi então destacado o contexto em que o fenômeno foi colhido, denominado contexto de apreensão do fenômeno.

Contexto de apreensão – refere-se ao campo delimitado nas pesquisas para a coleta do material. A delimitação deste contexto informa sobre o recorte e os limites em que os dados foram coletados, configurando a abrangência dos resultados e a amplitude de sua análise e interpretação. A validade do conhecimento nos estudos qualitativos está associada àquilo que faz sentido num determinado contexto. A importância da explicitação do contexto reside na descrição das condições em que os dados foram coletados, ou seja, a situação em que o fenômeno foi observado e registrado. Para a compreensão de um dado fenômeno é indispensável determinar o contexto em que este fenômeno foi captado.

O contexto do fenômeno deve ser considerado, primeiramente, em relação à dimensão espaço-temporal em que ele ocorre, isto é, as contingências culturais e históricas em que ele surge (PENNA, 2003). Este, porém, não é o único critério para a definição do contexto, além do espaço e do tempo deve-se considerar a situação e as condições em que coleta foi feita, pois do contexto decorre o viés pelo qual o fenômeno pode ser analisado e compreendido.

Kuhn ([1970] 2001) discute ciência como uma produção de conhecimento realizada por cientistas e dá destaque aos cientistas como seres humanos e à comunidade científica como integrante da comunidade humana, discutindo as intrincadas relações entre indivíduo e cultura, ressaltando a importância do contexto histórico e social em que as teorias científicas são produzidas.

A opção por um procedimento de investigação deve ser sintônica com o método, sendo que a decisão sobre as estratégias e os instrumentos utilizados é da competência do pesquisador e decorre do paradigma adotado por ele. Um mesmo

método admite vários recursos técnicos, dependendo do contexto da investigação. No caso da psicologia analítica, o contexto psicoterapêutico admite procedimentos que podem não ser procedentes em outros contextos.

Quanto ao contexto de apreensão, o material da presente pesquisa foi agrupado e resultou em 6 tipos de contexto:

Contexto clínico: refere-se às pesquisas em que o material foi coletado no âmbito clínico – consultório particular, instituição clínica pública ou privada – e a perspectiva de compreensão do material é clínica.

Contexto institucional: refere-se às pesquisas em que o material foi coletado no âmbito de instituições públicas ou privadas, tais como: universidades, hospitais, ambulatorios ou escolas, e o objetivo da pesquisa era uma compreensão do fenômeno no âmbito grupal, cultural ou histórico.

Contexto social: refere-se a pesquisas em que a delimitação da coleta de material foi feita pela circunscrição de um grupo social específico determinado por diversos critérios, tais como: faixa etária, gênero, pertencimento a grupos sociais específicos.

Contexto cultural: refere-se às pesquisas em que o material foi coletado num contexto amplo, abrangendo suas expressões na cultura em geral.

Contexto científico: refere-se às pesquisas cuja coleta foi circunscrita ao âmbito científico, ou seja, textos científicos específicos.

Contexto histórico: refere-se às pesquisas cujo material foi coletado sob a delimitação histórica do fenômeno, tais como documentos e textos de caráter histórico.

Tabela 8 – contexto de apreensão

Contexto de Apreensão	Total	Porcentagem
Clínico	9	24%
Institucional	8	22%
Social	8	22%
Cultural	6	16%
Científico	5	14%
Histórico	1	3%
Total Geral	37	100%

Em 24% das pesquisas, o material foi apreendido no contexto clínico quando a coleta de dados se deu no ambiente clínico e sob a perspectiva clínica. Em todas as pesquisas cujo contexto de apreensão é clínico o objeto de pesquisa foi o ser humano. O contexto institucional de apreensão foi observado em 22% das pesquisas, e o contexto social aparece em 22% das pesquisas. Em ambos o objeto de estudo é predominantemente o ser humano, sendo que quanto às pesquisas cujo contexto é institucional, em todas, exceto uma, o objeto de estudo é o ser humano, o mesmo se observa nas pesquisas de contexto social. O contexto cultural foi aplicado em 16% das pesquisas nas quais o objeto de estudo é predominantemente fenômenos culturais (66%), com a presença de 22% de seres humanos como objeto de estudo. O contexto científico e o contexto histórico perfazem 17% do total das pesquisas analisadas, e o objeto de estudo neste caso são textos e documentos.

7.2.5 Procedimentos de coleta – apreensão do fenômeno

A escolha dos procedimentos de investigação é condicionada em larga escala pela articulação do objeto de estudo, ou seja, o tipo de manifestação pela qual o fenômeno é investigado, com os objetivos da pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 1998).

Foi observada uma grande diversidade de procedimentos empregados na apreensão dos fenômenos, que resultou na detecção de 84 procedimentos utilizados

pelos pesquisadores nas 37 pesquisas analisadas, que foram agrupados em categorias de análise conforme descrição no capítulo 3.

As pesquisas são conduzidas com utilização de, em média, dois a três instrumentos para apreensão dos fenômenos. Considerando-se que as pesquisas teóricas fazem uso exclusivamente do recurso de pesquisa bibliográfica em sua coleta de material, é bem provável que a média de utilização de outros recursos metodológicos para apreensão de dados em cada pesquisa fique em torno de três a quatro instrumentos de coleta utilizados pelos pesquisadores.

No quadro 'procedimentos de coleta de dados por pesquisa', anexo 4, pode-se observar uma variação de um a sete instrumentos utilizados pelo pesquisador para a coleta de material. Um dos pesquisadores, ao justificar seus procedimentos, comenta que 'a diversidade de métodos (procedimentos) reflete o esforço dos pesquisadores para encontrar e elaborar recursos que contemplem o material de pesquisa e o referencial teórico'.

Tabela 9 – procedimentos de coleta de material

Procedimentos de coleta	Total	Porcentagem
Entrevistas	17	18,1%
Pesquisa bibliográfica	12	12,8%
Observação	10	10,6%
Intervenção terapêutica	9	9,6%
Recursos Expressivos	9	9,6%
Registros escritos	6	6,4%
Registro de imagem e/ou som	6	6,4%
Questionário estruturado	5	5,3%
Testes psicológicos	5	5,3%
Testes projetivos	4	4,3%
Relato de sonhos	4	4,3%
Documentos	3	3,2%
Pesquisa literária	2	2,1%
Experiência do pesquisador	1	1,1%
Recursos Audio-Visuais	1	1,1%
Total Geral	94	100%

Em 32% das pesquisas é mencionado o uso da pesquisa bibliográfica como meio de coletar material. No entanto, numa análise mais acurada das pesquisas verifica-se que em todas é feito algum tipo de pesquisa bibliográfica com a finalidade de colher informações sobre o fenômeno pesquisado.

Em 21% das pesquisas encontra-se referência ao uso da observação (direta ou indireta) como recurso de apreensão do fenômeno. No entanto supõe-se que alguma forma de observação esteja presente em todas as pesquisas, mesmo que não tenha sido explicitada pelo pesquisador em seu método de apreensão do fenômeno.

Entrevista é o procedimento mais frequentemente utilizado para apreensão dos fenômenos; 46% das pesquisas usam entrevistas como instrumento de coleta de material, com predominância da entrevista semi-dirigida, embora tenha sido verificado o uso de entrevistas abertas e estruturadas também.

Recursos expressivos foram empregados na coleta de material em 24% das pesquisas, e 10% fizeram uso de testes projetivos. Em algumas pesquisas há uma articulação de dois ou mais instrumentos de caráter expressivo e/ou projetivo (desenho e visualização, ou desenho e modelagem ou CAT e desenho) para apreensão dos dados. Dentre os recursos expressivos, o mais comumente usado foi o desenho.

Outro procedimento bastante usado refere-se às formas de intervenção terapêutica que totalizam 22%. Dentre estas, o tipo de intervenção mais freqüente é o Sandplay (37%).

O uso de instrumentos de registro de imagem e som foi utilizado por 16% dos pesquisadores como forma de coleta, equipamentos tais como gravador e máquina fotográfica ou vídeo foram usados, demonstrando a possibilidade de integração da tecnologia com a observação e o registro pessoal do pesquisador, embora estes ainda prevaleçam, evidenciando a pessoa do pesquisador como, em última análise, o principal instrumento de apreensão dos fenômenos pesquisados.

A análise dos procedimentos de captação dos fenômenos possibilitou também a classificação destes em termos de coleta de material escrito ou verbal (entrevistas

gravadas ou registradas, registros escritos pelos participantes e/ou pelos pesquisadores, depoimentos gravados ou registrados, documentos, textos) e de material não-verbal (desenhos, modelagem, imagens fotográficas, cinematográficas ou mentais), o que do ponto de vista junguiano é altamente relevante, uma vez que a expressão imagética do símbolo tem especial destaque tanto para Jung como para os pós-junguianos. Em 35% das pesquisas são utilizados pelo menos um tipo de procedimento para a coleta de material não-verbal.

Tabela 10 – material verbal e não-verbal

Material: verbal/não-verbal	Total	Porcentagem
Material verbal	15	40,5%
Material verbal e não-verbal	9	24,3%
Material não-verbal	4	10,8%
Não se aplica	9	24,3%
Total Geral	37	100%

No entanto, apenas 20% dos pesquisadores referem-se à imagem como um elemento destacado na análise e compreensão do material. Mesmo quando não há referência a um procedimento específico para coleta de imagens, na análise do material notam-se procedimentos em que as imagens são privilegiadas e analisadas.

Quanto aos instrumentos de coleta de material, é interessante destacar a diversidade de procedimentos empregados nas pesquisas e a articulação criativa destes, a fim de que sejam captadas as diversas faces do objeto de pesquisa e os objetivos aos quais a investigação se propõe sejam mais amplamente alcançados. A articulação entre procedimentos para captação de material verbal e material não-verbal é especialmente interessante no sentido de revelar a intenção de apreender aspectos dos símbolos investigados em sua vertente verbal e imagética, o que é bastante sintônico com o paradigma junguiano. Outras articulações de instrumentos também se mostraram muito criativas. Nota-se, por exemplo, que o emprego de entrevistas – o mais usado nas pesquisas – como recurso metodológico para

apreensão do fenômeno, a maioria das vezes (73%), é articulado com algum outro procedimento – testes projetivos, desenhos, modelagem, relato de sonhos ou visualização de imagens.

A forma de elaborar o roteiro das entrevistas também denota a finalidade de captar nuances do objeto, o que demonstra não apenas a perspicácia, sensibilidade e criatividade do pesquisador como também a percepção das particularidades do fenômeno que o objeto pode oferecer se for explorado por ângulos diversos. Um dos pesquisadores faz uma descrição detalhada de seu roteiro de entrevista semi-estruturada, que permite observar a forma como o instrumento congrega perguntas objetivas que informam sobre alguns aspectos do tema em questão; perguntas que evocam lembranças significativas na forma de histórias sobre o assunto – ‘conte-me um caso ou uma situação de conflito ocorrida no departamento’; perguntas que solicitam associação imagética na forma de imagens metafóricas sobre os temas abordados – ‘se você tivesse que escolher um instrumento musical, um animal ou uma canção para representar o departamento qual você escolheria’. Dependendo da forma como uma entrevista é elaborada, ela é praticamente um recurso expressivo e projetivo de captação de material consciente e inconsciente. Um dos pesquisadores destaca a importância de se prestar atenção ao tom e ritmo de voz e aos gestos do participante durante a entrevista. O uso do gravador para registro de entrevistas ou depoimentos é bastante favorecedor para essa captação de nuances e ênfases significativas para a análise.

7.2.6 Procedimentos de análise

Os procedimentos de análise estão diretamente associados aos procedimentos de apreensão na medida em que o material é analisado em função da forma como foi coletado, ainda que vários tratamentos possam ser dados do ponto de vista compreensivo e interpretativo ao material obtido pelos procedimentos de coleta. Nota-se, em geral, maior detalhamento dos procedimentos de coleta do que dos procedimentos de análise nas pesquisas deste estudo. Em 10% das pesquisas não foi encontrada menção aos procedimentos de análise do material, mas todos os pesquisadores de alguma forma mencionam como seus dados foram coletados. É possível supor que para estes pesquisadores não seja relevante a discriminação de procedimentos de análise, embora os de coleta, sim; supõe-se

também que algum tipo de procedimento foi aplicado ao material para se proceder à análise. Por vezes esse procedimento é feito de forma intuitiva e escapa ao crivo analítico do pesquisador.

Observa-se também a utilização de procedimentos de análise combinados, ou seja, em várias pesquisas são empregados mais de um procedimento de análise na compreensão do material. A amplitude de procedimentos de análise é menor do que a de procedimentos de coleta.

Os recursos metodológicos empregados na compreensão do material pesquisado foram agrupados em torno de seis categorias (tabela 11) as quais tem por objetivo apresentar os tipos de procedimentos utilizados e sua frequência de uso diante da diversidade de procedimentos observada. Na tabela 12, os procedimentos foram reagrupados em face da perspectiva teórica, ou seja, nessa tabela os procedimentos: categorias de análise, quantitativos e elaborados pelo pesquisador foram analisados quanto ao seu embasamento teórico.

Tabela 11 – procedimentos de análise

Procedimentos de Análise	Total	Porcentagem
Procedimentos exclusivamente junguianos	20	34%
Procedimentos específicos de outras abordagens	15	25%
Categorias de análise	9	15%
Procedimentos Quantitativos	6	10%
Análise conceitual	2	3%
Procedimentos elaborados pelo pesquisador	1	2%
Não consta	6	10%
Total Geral	59	100%

Foram considerados procedimentos exclusivamente junguianos aqueles característicos do paradigma junguiano. A determinação de procedimentos de caráter junguiano considerou o procedimento explicitamente apresentado no texto das dissertações e teses analisadas (amplificação, leitura simbólica, análise de

desenhos, análise de contos de fadas, análise de mitos) e a referência a autores junguianos citados no texto.

Foram considerados procedimentos específicos de outras abordagens aqueles que são explicitamente apontados no texto das pesquisas analisadas como baseados em outros autores. Por exemplo ‘análise de conteúdo proposta por Bardin’, ‘descrição densa de Geertz’ ou ‘método de leitura baseado em Cervo e Bervian’.

O procedimento ‘categorias de análise’, na tabela 11, evidencia o uso deste tipo de procedimento na análise do material e a frequência com que ele aparece. Categorias de análise como recurso metodológico empregado para a compreensão dos fenômenos, associado ou não a procedimentos exclusivamente junguianos, são bastante utilizadas se considerarmos que, em relação ao número de pesquisas analisadas, 24% delas faz uso de categorias de análise para compreensão dos fenômenos. O uso de categorias de análise, muitas vezes, aponta para uma visão junguiana na organização e seleção de categorias de análise, principalmente no caso de ‘categorias temáticas’, ou ‘categorias em torno de um eixo temático’. Na tabela 12, este procedimento foi analisado em razão da fundamentação teórica na qual se baseou o pesquisador para a formulação das categorias de análise, sendo então incluído em uma das categorias dessa tabela.

A tabela ‘procedimentos de análise – fundamentação teórica’ expressa a articulação entre os procedimentos selecionados e a base teórica na qual estes se apoiam pela relevância que esse dado tem para o presente estudo. Para a elaboração desta tabela foram consideradas, em primeiro lugar, as informações colhidas para a tabela 11 e, em segundo lugar, a leitura analítica do material, quando se buscou apreender a ênfase ou perspectiva pela qual o material foi analisado, nos casos em que o texto consultado não foi suficientemente claro quanto ao referencial teórico subjacente aos procedimentos de análise.

Tabela 12 – procedimentos de análise: fundamentação teórica

Procedimentos de Análise e Fundamentação Teórica	Total	Porcentagem
Procedimentos articulados (junguianos e não-junguianos)	12	32%
Procedimentos não-junguianos	10	27%
Procedimentos exclusivamente junguianos	8	22%
Procedimentos elaborados pelo pesquisador	1	3%
Não consta	6	16%
Total Geral	37	100%

Em 27% das pesquisas são utilizados procedimentos de análise específicos de outras abordagens teóricas. Em 32% das pesquisas há articulação de procedimentos de análise junguianos e não junguianos, e 22% das pesquisas fazem uso de procedimentos exclusivamente junguianos. Pode-se então perceber que 54% das pesquisas empregam algum tipo de procedimento junguiano na análise de seu material. Apenas uma pesquisa explicitamente utiliza a amplificação como recurso metodológico único na compreensão dos fenômenos, mas em várias pesquisas percebe-se o uso da amplificação simbólica como recurso básico e principal na análise, embora isto não esteja especificado no texto sobre método da pesquisa.

7.2.7 Modalidade de pesquisa

A categoria de análise 'modalidade de pesquisa' foi selecionada na expectativa da possibilidade de classificação do material coletado, a exemplo das propostas encontradas na literatura sobre metodologia de pesquisa qualitativa, adaptando-as ao paradigma junguiano. A nomenclatura sobre modalidades de pesquisa varia muito entre os autores. Para Cozby (2003), as pesquisas podem ser divididas em: básica e aplicada, sendo que esta divide-se em experimental e de campo. Eco (1998) discrimina três tipos de pesquisa acadêmica: teórica, histórica e experimental. Chizzotti (2003) faz duas grandes distinções nas pesquisas em

ciências humanas: experimental e qualitativa; e faz uma classificação extensa e detalhada dessas pesquisas sob vários ângulos. Quanto à denotação que se quer dar, elas podem ser do tipo: teórica ou fundamental, aplicada, descritiva, analítica, descritiva, quantitativa, qualitativa ou nomotética. Quanto ao método de abordagem analítica, elas podem ser: comparativas, históricas, funcionais, estruturais, sistêmicas ou dialéticas. Em relação aos objetivos específicos a que se propõem podem ser pesquisa clínica ou pesquisa-intervenção. Sampieri; Collado; Lucio (2006) Mazzotti; Gewandsznajder (1998) e Severino (2002) preferem uma divisão ampla: experimental, teórica e de campo.

Por modalidade de pesquisa entende-se uma categorização abrangente das pesquisas, que engloba vários aspectos: o tema, os objetivos, o fenômeno alvo da investigação, o contexto em que o fenômeno é investigado e a finalidade da discussão empreendida na pesquisa pelo pesquisador.

Dessa articulação foram selecionadas as seguintes classificações, resultantes da análise do material: cultural, clínica, teórica, análise institucional e mistas – teórica-clínica e teórica-cultural.

Foram consideradas pesquisas culturais aquelas em que a tônica básica da investigação é o plano cultural, ou seja, tratam de temas relativos à consciência coletiva, os fenômenos escolhidos são enfocados pelo ângulo coletivo/cultural e não pelo viés da individualidade; mesmo quando o objeto de estudo é o ser humano, este é tratado como representante de um grupo social ou no âmbito mais amplo do humano universal. O contexto da pesquisa é social, institucional, histórico ou cultural e a compreensão do fenômeno tem como finalidade fazer articulações com o plano arquetípico, visando a uma interpretação em termos coletivos. Nessas pesquisas não há ênfase no aspecto subjetivo/individual do tema e dos fenômenos.

As pesquisas clínicas, por outro lado, têm a ênfase colocada no plano subjetivo/individual. Os temas são relativos à prática clínica, os fenômenos investigados são destacados pela sua expressão no ser humano como individualidade e o contexto da pesquisa é principalmente clínico, mas também pode ser institucional ou social.

As pesquisas teóricas são aquelas em que o tema refere-se a conceitos ou

aspectos científicos específicos de uma ou várias abordagens teóricas, os objetivos são a ampliação, discussão ou aprofundamento de conceitos das teorias abordadas, e os fenômenos destacados são, via de regra, textos ou documentos de cunho científico. Esse tipo de pesquisa é denominado na literatura tradicional também como pesquisa básica, fundamental ou pura.

As modalidades mistas são articulações entre modalidades. As pesquisas consideradas teórico-clínicas são principalmente do tipo teórica, ou seja, trata-se de um tema conceitual abordado no plano teórico, que faz uso de ilustração clínica para aprofundar ou enriquecer a compreensão do material, e as pesquisas consideradas teórico-culturais fazem uso de ilustrações ou amplificações culturais com o intuito de compreender o fenômeno em sua articulação com o plano cultural.

A modalidade de pesquisa análise institucional foi destacada por sua especificidade quanto ao tema, quanto ao objeto de estudo e quanto ao enfoque da análise. Nestas pesquisas a instituição é tratada como uma 'individualidade' em suas características e idiossincrasias e, por isso, não se encaixa na categoria cultural.

Tabela 13 – modalidade de pesquisa

Modalidade	Total	Porcentagem
Cultural	13	35%
Clínica	12	32%
Teórica	5	14%
Mista: teórica/clínica	3	8%
Análise institucional	2	5%
Mista: teórica/cultural	2	5%
Total Geral	37	100,00%

A mais frequente modalidade de pesquisa encontrada refere-se à investigação de fenômenos culturais no âmbito coletivo, que foi classificada como pesquisa cultural e perfaz 35% do total. Em seguida há os estudos clínicos observados em 32% da amostra. As pesquisas teóricas somam 14%. Foram encontrados também estudos classificados como mistos (clínico-teóricos e teórico-

culturais) num total de 13%, e 5% das pesquisas foram definidas como análise institucional.

Quanto às pesquisas clínicas, cabe salientar algumas diferenças no projeto da pesquisa e no processo pelo qual ela é realizada, que podem parecer sutis, mas envolvem escolhas e decisões particularmente diferentes por parte do pesquisador. Em algumas pesquisas a intenção de investigar o material clínico foi posterior à realização do processo terapêutico, em outras, o movimento foi inverso, ou seja, a partir do propósito de fazer uma pesquisa decorre a intervenção terapêutica. No primeiro caso, o pesquisador lança mão de registros arquivados e faz o trabalho de análise e compreensão dos dados à semelhança das outras modalidades de pesquisa. No segundo caso, o pesquisador escolhe como contexto e como procedimento de coleta de dados o *setting* terapêutico; neste caso o papel e a função de pesquisador e psicoterapeuta são acumulados e a investigação se sobrepõe à intervenção. Essas duas formas de encaminhar o processo de investigação acarretam implicações bastante distintas no que se refere ao vínculo estabelecido entre o pesquisador e o participante, as quais merecem reflexão e discussão.

A presença significativa de pesquisas cuja modalidade foi considerada cultural aponta para uma característica do paradigma junguiano no campo da pesquisa, ou seja, o campo da compreensão de fenômenos culturais na perspectiva simbólica arquetípica. A concepção de inconsciente coletivo e da consciência coletiva como âmbitos psíquicos de natureza universal leva à conceituação de símbolos culturais (coletivos) e símbolos individuais. Nesse sentido a investigação psicológica de material de ordem cultural é tão possível quanto apropriada para o paradigma e tem se mostrado uma tendência significativa na produção de conhecimento em psicologia analítica. A proporção entre pesquisas clínicas e culturais mostra também que o paradigma junguiano, originalmente formulado por Jung para o campo clínico, hoje divide o interesse dos pesquisadores com o campo cultural. Vale lembrar que o próprio Jung apontou essa possibilidade em suas obras, ao discutir a perspectiva simbólica arquetípica dos fenômenos culturais, mas a tradição junguiana de aplicação da psicologia analítica até recentemente situava-se predominantemente no campo clínico.

7.3 Comentários a título de propor uma discussão sobre método de pesquisa em psicologia analítica

Em primeiro lugar deve ser salientado que a amostra de 37 pesquisas analisadas quanto ao método apresenta trabalhos cujo método é bastante sofisticado, articulando vários procedimentos para a apreensão dos fenômenos, e faz uso de procedimentos combinados de análise para uma compreensão mais profunda do material.

A utilização de ampla variedade de procedimentos metodológicos, seja na coleta de dados, seja na análise do material de pesquisa, é uma marca do enfoque qualitativo de pesquisa. Conforme comentam Mazzotti e Gewandsznajder (1998), “as pesquisas qualitativas são caracteristicamente multi-metodológicas, isto é, usam grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados” (p. 163). A articulação desses recursos visa atender da forma mais adequada possível às necessidades que se impõem ao pesquisador no processo de pesquisa. Tais recursos têm por finalidade a sintonia entre o tema da pesquisa, seus objetivos e as características do objeto de pesquisa. Um dos pesquisadores expressa bem essa questão: ‘a diversidade de métodos reflete o esforço dos pesquisadores para encontrar e elaborar recursos que contemplem o material de pesquisa e o referencial teórico’.

Concordando com Mazzotti e Gewandsznajder (1998), a variedade de recursos metodológicos empregados na coleta de material é, não apenas necessária, como também aconselhável nas pesquisas qualitativas e, sobretudo, na pesquisa junguiana, pois os procedimentos metodológicos, conforme Oliveira (2007) ‘devem contemplar os objetivos e os fenômenos que a pesquisa pretende investigar’. Foi observada também uma certa medida de criatividade na articulação de recursos metodológicos para a coleta de material. Um pesquisador lança mão do recurso de ‘observador auxiliar com a função de complementar a coleta de dados feita pelo pesquisador’.

Quanto à compreensão dos fenômenos, constatou-se menor variedade de recursos metodológicos empregados, embora se verifique o uso de mais de um procedimento nas pesquisas para a compreensão do material. O detalhamento dos procedimentos é feito predominantemente na etapa de apreensão dos fenômenos.

Na etapa de compreensão do material, os procedimentos, quando explicitados, são mencionados de forma mais genérica. Isto pode ser entendido como um viés contaminador do enfoque metodológico quantitativo em que a análise, muitas vezes, se resume ao tratamento estatístico dos dados e sua descrição é mais apresentativa do que interpretativa. Este viés, por vezes, é observado também no enfoque metodológico qualitativo. Mazzotti (1998); Sampieri, Collado e Lucio (2006); Chizzotti (2003) são autores que, ao discutir metodologia qualitativa de pesquisa, se estendem e detalham muito mais as questões relativas à escolha de objeto de estudo e instrumentos de coleta do que aos procedimentos de compreensão do material. Há, sem dúvida, autores como Bardin (1991); Rey (2001); e Lefèvre; Lefèvre (2003), que se dedicam à orientação no que diz respeito à organização e análise dos dados. No entanto, o valor do relato minucioso dos recursos metodológicos empregados na compreensão do material ainda parece não mobilizar a maioria dos pesquisadores.

Considerando-se que as metodologias de pesquisa qualitativa exigem uma articulação consistente entre epistemologia e método, é principalmente na etapa de análise e interpretação que essa associação do método com os pressupostos epistemológicos se faz mais imprescindível. Dessa forma, no que tange à pesquisa em psicologia analítica, os procedimentos de compreensão dos fenômenos devem ser preferencialmente buscados na literatura junguiana, podendo ser, obviamente, articulados com outros procedimentos. É bastante compreensível o fato de 27% dos pesquisadores terem buscado recursos metodológicos em outras abordagens em função de uma suposta lacuna na bibliografia da psicologia analítica quanto a esse assunto, no entanto, isso não foi apontado como uma dificuldade encontrada pelo pesquisador na condução das pesquisas.

Vale ressaltar, ainda, que poucos pesquisadores relatam dificuldades metodológicas encontradas no processo de pesquisa. Dois pesquisadores referem dificuldade no acesso aos participantes da pesquisa e relatam mudança no plano inicial da pesquisa em função das dificuldades encontradas durante o processo. Poucos pesquisadores referem-se a modificações feitas em seus objetivos durante o processo, entretanto, isso é bastante possível, uma vez que os objetivos gerais iniciais podem se revelar parcialmente impossíveis de serem alcançados depois de uma revisão de literatura mais aprofundada sobre o assunto, ou diante dos dados

coletados, requisitando reformulações nos objetivos da pesquisa. Um dos pesquisadores assinala mudança nos objetivos e nos procedimentos da pesquisa, 'no início da pesquisa pensávamos [que] para responder a tais questões seria necessário um trabalho de campo ou uma pesquisa clínica [...] assim mudamos o curso do trabalho [...] nossa pesquisa será construída a partir de um estudo teórico bibliográfico'. Esse relato é muito interessante e cumpre um dos papéis da pesquisa científica, qual seja, sua função de contribuir para a produção de conhecimento, entretanto, não foi encontrada referência a dificuldades que tenham motivado tal mudança.

A análise mais apurada das pesquisas, no entanto, faz supor a ocorrência de dificuldades, seja na etapa de coleta de material, seja na etapa de análise e interpretação do material. Uma dificuldade não declarada, mas observada na análise das pesquisas diz respeito à explicitação e definição do método usado nas pesquisas. A nomenclatura utilizada para definir o método, por vezes, é um tanto ambivalente.

É muito interessante notar que em uma das pesquisas, em que o método encontra-se muito bem apresentado e detalhado, este é denominado inicialmente como 'pesquisa empírica' e, em seguida, como 'estudo de caso'. Sob o título *Método*, a pesquisa é definida como estudo de caso – 'o estudo de caso foi escolhido como método válido para ser utilizado no presente estudo'. Por outro lado, verifica-se que o título *Método* faz parte de um capítulo intitulado *Pesquisa Empírica*, em que são explicitadas as estratégias de coleta de dados e suas finalidades perante os objetivos da pesquisa, onde se lê: 'para se chegar ao objeto necessário à presente investigação, será preciso colher os relatos das pessoas, para identificar os símbolos presentes nesses relatos será preciso não apenas recolher 'imagens', mas submetê-las a um processo de análise que confirme o seu enquadramento na categoria símbolo dentro da perspectiva adotada por C.G. Jung e seus seguidores. E somente após esse trabalho, tratar os dados colhidos com o objetivo de apreender os diferentes sentidos [...] coletados esses dados é necessário arranjá-los de forma a enfatizar os aspectos centrais que, organizados permitem uma análise segundo a hermenêutica junguiana'. No capítulo sobre a organização do material em categorias de análise, o método é denominado como 'método empírico, estudo de caso'. Essa pesquisa foi classificada quanto à categoria 'método declarado' como 'pesquisa

empírica, estudo de caso'. No entanto, parece evidente que se trata de uma pesquisa eminentemente junguiana desde seus objetivos, procedimentos de coleta e procedimentos de análise. Entretanto, o método pelo qual ela é definida não faz nenhuma referência ao paradigma junguiano. Essa é uma questão que merece reflexão.

Este é um exemplo, dentre outros, em que a nomenclatura não coincide plenamente com o método efetivamente utilizado. A denominação 'pesquisa qualitativa', encontrada em 22% das pesquisas, é invariavelmente acertada para um estudo sob o enfoque da psicologia analítica, mas ela, via de regra, requer uma qualificação mais específica, uma vez que os métodos qualitativos de pesquisa abrangem uma ampla gama de procedimentos e enfoques teórico-metodológicos que, muitas vezes, não expressam claramente o método pelo qual a pesquisa foi conduzida.

Algumas especificações foram explicitadas no capítulo sobre método e constam da tabela 6; outras foram encontradas ao longo do texto da pesquisa e, portanto, não constam da tabela. Alguns trabalhos, 13%, fazem menção adicional ao caráter exploratório da pesquisa, por exemplo, ' trata-se de um estudo exploratório' ou 'estudo exploratório teórico-clínico'. A referência ao caráter exploratório da pesquisa como qualificação adicional não é explicada ou justificada. Segundo Quivy e Van Campenhoudt (1992), os estudos exploratórios são definidos como aqueles que têm por finalidade esclarecer e/ou modificar conceitos e ideias com o objetivo de uma formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Para Sampieri, Collado e Lucio (2006), "os estudos exploratórios [são realizados], normalmente quando o objetivo é examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado, do qual se tem muitas dúvidas ou não foi abordado antes". (p. 99). Há referências também ao caráter descritivo – 'estudo descritivo' – das pesquisas, entretanto, não foi encontrada justificativa para o uso desse qualificativo no texto das pesquisas. Uma suposição que pode ser levantada é que, em se tratando de nomenclatura usual em metodologia de pesquisa, isto dispense esclarecimentos, o que não se justifica, uma vez que é aconselhável que o método em pesquisa qualitativa seja detalhadamente explicitado em função de sua diversidade de possibilidades tanto em termos de recursos metodológicos com de aportes epistemológicos. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006), os

estudos descritivos, muitas vezes, dispensam a especificação de procedimentos de análise, uma vez que a análise se resume à descrição, quantitativa ou não, do material coletado. Para Chizzotti (2003), a pesquisa descritiva restringe-se à descrição dos fatos ao passo que a pesquisa analítica faz análises interpretativas das quais se podem extrair conclusões. A pesquisa qualitativa, porém, busca principalmente a compreensão aprofundada do material e, por isso, dispensa uma coleta extensa e abrangente, como é o caso da pesquisa quantitativa, mas, por outro lado, requer aprofundamento analítico. Dessa forma os procedimentos de análise tornam-se altamente relevantes, pois as descobertas e a discussão do material dependem em larga escala da compreensão qualitativa do material. Compreensão esta que é, em larga escala, limitada pelo contexto em que o fenômeno é captado e pelos meios pelos quais o material é tratado, analisado e discutido.

O método empregado pelos pesquisadores em suas pesquisas demonstra a diversidade e complexidade que a metodologia qualitativa de pesquisa oferece, o que a um só tempo pode ser considerado um fator enriquecedor e problemático. Por um lado, o pesquisador precisa tomar muitas decisões e fazer diversas escolhas, num amplo leque de possibilidades, em todas as etapas do processo de pesquisa, buscando a melhor forma de investigação conforme seus objetivos e tema de pesquisa. Nesse percurso uma ampla gama de procedimentos lhe é oferecida, sendo o produto final – método – de certa forma uma composição particular em cada pesquisa, o que poderia justificar a denominação ‘minha metodologia’, como foi observado em uma das pesquisas analisadas. Por outro lado, a produção científica de conhecimento busca sempre uma organização e sistematização do conhecimento produzido com a finalidade de se alcançar um corpo de conhecimentos acumulados, seja para embasar ou orientar profissionais e pesquisadores, seja para ser avaliado, criticado e contestado pela comunidade científica e/ou pelo público em geral, de tal modo que o processo de conhecimento humano siga seu processo de ampliação e complexificação da consciência coletiva – cultura. Portanto é aconselhável e necessário que sejam procurados e encontrados termos, definições e explicações para todo tipo de recurso metodológico utilizado em pesquisa com o objetivo de se formar uma linguagem compreensível e comunicável.

Quanto à explicitação dos objetivos, é interessante analisar os termos com que estes são formulados. Em alguns textos, os objetivos estão expressos em

termos de: 'verificar de que forma determinadas características', 'verificar a importância de', 'verificar se', 'verificar o nível de satisfação', 'verificar a expressão de', 'demonstrar a viabilidade de', 'definir e rastrear', 'investigar as causas determinantes de'.

Depreende-se no texto das pesquisas analisadas, uma certa preocupação ambivalente do pesquisador, que oscila entre conferir um caráter científico as suas pesquisas, pelo uso de uma linguagem emprestada das pesquisas experimentais tradicionais. Por outro lado, ao afirmar o caráter qualitativo de sua pesquisa, nota-se uma tentativa de minimizar o valor do trabalho.

Ao tentar 'demonstrar' ou 'evidenciar' algo, supõe-se que o pesquisador partiu de uma hipótese que pretende demonstrar ou evidenciar em sua pesquisa. Muitas vezes, no entanto, esta hipótese inicial não é apresentada. Este tipo de formulação que enfatiza a verificação, comprovação, demonstração e definição do fenômeno, deixa transparecer o uso de uma linguagem que parece derivada das ciências exatas e da pesquisa experimental lógico-empírica. Deve-se evitar o uso burocrático da nomenclatura.

Por outro lado, algumas pesquisas apresentam os objetivos como: 'ampliar a compreensão', 'aprofundar questões', 'compreender a temática', 'investigar o significado simbólico', 'explorar', 'ampliar o conhecimento e auxiliar na prática clínica', 'abordar o simbolismo e os fundamentos arquetípicos de', 'explorar a contribuição', 'análise simbólica', 'observação e análise dos resultados terapêuticos' ou 'propor, aplicar e avaliar'. Este tipo de formulação salienta a compreensão, discussão, exploração e avaliação do fenômeno em termos de uma linguagem que se aproxima mais do enfoque qualitativo das ciências humanas. O caráter eminentemente compreensivo e interpretativo do enfoque qualitativo de pesquisas tende a encaminhar a investigação no sentido da compreensão, análise, interpretação ou exploração de significados.

Há ainda um grupo em que os objetivos são postos de forma apresentativa, sugerindo uma intenção mais descritiva do que analítica ou dinâmica do fenômeno: tratar, estudar, apresentar, abordar, observar.

Quanto aos meios de apreensão do fenômeno em psicologia analítica, estes

devem ser eleitos entre aqueles que possibilitem o acesso a aspectos inconscientes, para tanto, muitas vezes, é necessária a associação de instrumentos cuja articulação torna acessível material inconsciente e material consciente, isto favorece a revelação de aspectos inconscientes do símbolo e a constatação de seus aspectos manifestos.

Apenas 16% dos pesquisadores fazem menção ao uso de instrumentos de coleta capazes de captar material inconsciente, embora numa análise mais aprofundada das pesquisas observe-se que muitos instrumentos de coleta escolhidos se prestam nitidamente à captação de material inconsciente, tais como recursos expressivos de caráter projetivo (desenhos, técnica de visualização, técnicas de mobilização, sandplay, sonhos) e testes projetivos (CAP, HTP, teste de associação de palavras). Na análise do material, fica mais evidente a preocupação com a compreensão e avaliação dos aspectos inconscientes do material, entretanto, sobretudo na análise, raramente é destacada a particularidade do procedimento escolhido em função da consideração das facetas inconscientes captadas. Este fato pode levar à suposição de que, na verdade, o pesquisador junguiano não considera necessário explicitar sua intenção de coletar material inconsciente ou mencionar esse critério na escolha de seus procedimentos metodológicos, talvez por considerar que esse critério seja óbvio. Cumpre salientar, entretanto, que o inconsciente está na base ontológica do paradigma junguiano, sendo determinante na epistemologia e condicionante do método de investigação da psique, não podendo, portanto, ser negligenciado ou esquecido, tanto na etapa de apreensão dos fenômenos como na etapa de compreensão destes.

O paradigma junguiano destaca como parâmetros de análise a causa e a finalidade dos fenômenos, as quais estão intrinsecamente articuladas na forja do fenômeno e, portanto, devem ser consideradas em sua compreensão. Na amostra coletada há raríssimas referências à intenção de compreensão da finalidade dos fenômenos investigados. Apenas uma pesquisa explicita nos objetivos a intenção de investigar a finalidade do fenômeno – ‘abordar os fundamentos arquetípicos, compreender sua finalidade e seus significados para a psique subjetiva’, e apenas um pesquisador destaca em seu método a finalidade do fenômeno como um dos parâmetros para sua análise – ‘levando em conta a finalidade e o significado, não somente a causalidade e a origem’ do fenômeno a ser investigado. Nota-se, ainda,

que alguns, poucos, pesquisadores demonstram preocupação em ressaltar os aspectos prospectivos dos achados de sua pesquisa. Assim, é possível concluir que a ênfase no aspecto prospectivo, ou mesmo o destaque da análise da finalidade dos fenômenos, não constitui uma marca distintiva das pesquisas analisadas neste estudo.

Sobre a apreensão e compreensão dos fenômenos investigados, parece ser uma marca das pesquisas a articulação de diferentes procedimentos. O uso da amplificação simbólica como recurso metodológico foi observado em algumas pesquisas. Alguns pesquisadores referem-se à amplificação como método. Cumpre lembrar que, de fato, Jung utiliza essa nomenclatura – método construtivo sintético ou método hermenêutico construtivo – para se referir à amplificação, no entanto, nestes casos, trata-se, mais de um procedimento para compreensão (análise e interpretação) dos fenômenos do que de método de pesquisa. Com a análise em profundidade das pesquisas, por outro lado, foi possível perceber em duas delas a aplicação da amplificação como método no processo de pesquisa como um todo, desde a colocação dos objetivos, passando pelos procedimentos de coleta até os recursos empregados na análise do material. Apenas um desses pesquisadores nomeia, acertadamente, o método da pesquisa como ‘simbólico construtivo – amplificação’.

O emprego de diversos recursos metodológicos para a compreensão dos fenômenos deve ser cuidadosamente avaliado, a fim de evitar um produto de análises que se revelem contraditórias ou inadequadas para o paradigma adotado pelo pesquisador.

Foi observada também, em algumas pesquisas, a articulação de vários objetos de pesquisa como meio de captar diversas formas de expressão do fenômeno / símbolo. Essa articulação, às vezes, mostrou-se enriquecedora, mas, outras vezes, revelou-se problemática. A título de ilustração, adiciona-se ao objeto principal do estudo um objeto secundário com a intenção de ampliar e enriquecer a compreensão do fenômeno, no entanto, a suposta ampliação pode acarretar a captação de material difuso e de difícil articulação na etapa de análise, sem promover uma discussão mais profunda do fenômeno, mas apenas resultando numa discussão superficial. Por outro lado, há situações em que a adição de um novo

objeto de pesquisa a título de ilustração, de fato, promove ampliação e aprofundamento na compreensão do tema da pesquisa.

Todos os tipos de articulação, quer seja de procedimentos, ou de objetos de estudo, tornam mais complexo o manejo da diversidade de material disponível e consequentemente de material a ser analisado e discutido. Ao optar por essas articulações o pesquisador deve atentar para as exigências que essa opção acarreta.

Não foi possível avaliar a relação entre o pesquisador e o pesquisado em profundidade por falta de material apropriado para tanto. No caso das pesquisas em que o objeto de estudo – o pesquisado – eram seres humanos, a maioria dos pesquisadores descreveu detalhadamente a escolha dos participantes e o contato com eles, e atentou para os cuidados éticos necessários e indispensáveis para a realização da pesquisa. Alguns, pesquisadores mencionaram o cuidado quanto à escolha de local seguro e reservado para a coleta de material, denotando preocupação com o bem-estar do participante, assegurando também melhores condições para uma boa captação do material. Em alguns casos foi possível perceber uma atenção dispensada à forma de solicitar as informações, de modo a favorecer a coleta e/ou proporcionar conforto ao participante, garantindo naturalidade e espontaneidade às informações oferecidas pelo participante da pesquisa. No caso de pesquisas em que o pesquisado consistiu em fenômenos culturais, documentos ou textos, há referências aos critérios de escolha e acesso ao material. Não se observa, no entanto, referência a dificuldades no contato com o pesquisado / participante ou menção a questões relativas a contratransferência.

A ausência de comentários nem sempre pode ser tomada como sinônimo de falta de preocupação ou consideração sobre alguns assuntos. Na verdade parece que na cultura não há o hábito de se tecer considerações sobre as dificuldades enfrentadas no trabalho científico, em geral, e nos trabalhos acadêmicos, em particular. As dificuldades devem ser contornadas, solucionadas, mas não evidenciadas. Há pouquíssima literatura sobre falhas ou erros. Em congressos e encontros científicos raramente são apresentados trabalhos que proponham reflexão sobre erros ou dificuldades próprias, em geral, isso fica a cargo de críticas externas.

Convém assinalar a total ausência de referência ao fator sincronicidade nas pesquisas analisadas, embora a sincronicidade esteja presente, no paradigma junguiano, como um dos parâmetros de explicação dos fenômenos, da mesma forma que a causalidade e a finalidade. É, no entanto, bastante compreensível essa ausência por dois motivos. Primeiro, porque o fator sincronicidade não é uma ocorrência necessária como a causalidade e a finalidade, mas, sim, esporádica. Segundo, porque a inclusão da sincronicidade como uma característica possível ou mesmo viável na configuração dos fenômenos não faz parte do cotidiano dos pesquisadores, aliás, não só dos pesquisadores como da população em geral. Na literatura sobre pesquisa científica, recentemente, algumas referências esparsas ao fator acaso têm sido observadas. Um tipo de 'acaso significativo' são as descobertas acidentais, também conhecidas no ambiente científico como *serendipity*. "Só é possível fazer descobertas acidentais quando se vê o mundo com olhos curiosos" (COZBY, 2003, p.33).

Da mesma forma, os pesquisadores não fazem nenhuma alusão ao uso da intuição como função da consciência, como recurso para a captação dos fenômenos. Como mencionado anteriormente, a concepção de ciência e método ainda predominante na academia privilegia o 'pensamento científico', a 'percepção científica', e mais recentemente, valoriza a avaliação ou julgamento na ciência, mas devota muito pouca atenção para a intuição como uma faculdade utilizável na atividade de pesquisa científica.

Cozby (2003) menciona a abordagem intuitiva como frequente, mas problemática. De acordo com o autor, "a intuição é usada para explicar eventos integrantes observados" (p. 18). No entanto ao exemplificar situações em que isso acontece, percebe-se que, inicialmente, sua noção de intuição está relacionada com fantasia, imaginação e projeção. Ao alertar sobre os problemas em relação à intuição, o autor menciona os vieses cognitivos e motivacionais ('correlações ilusórias') que afetam a percepção e acarretam conclusões errôneas sobre a relação causa e efeito dos eventos, e nesse momento sua definição de intuição confunde-se com a noção de sincronicidade, quando afirma "o viés cognitivo chamado correlação ilusória acontece quando focalizamos dois eventos que se sobressaem e ocorrem juntos" (p. 18).

Por fim, é oportuno salientar que os relatos de pesquisa são sempre redutivos e dificilmente conseguem expressar tudo que se passa num processo de pesquisa, visto que seu objetivo principal consiste em comunicar os achados da pesquisa e fazer uma contribuição à produção de conhecimento mais do tipo pontual do que processual. Outro aspecto que merece destaque diz respeito ao imperativo do cumprimento de formalidades nos relatos de pesquisa, lembrando que atualmente os indicadores de produção científica, tanto no plano nacional como internacional, privilegiam quantidade, muitas vezes, em detrimento da qualidade. Particularmente no campo da produção acadêmica, segundo Waters (2006), atualmente, o número de publicações é mais importante para os órgãos científicos do que sua utilidade para a ciência. Nesse contexto, o cumprimento de formalidades supera a criatividade, e o aspecto burocrático se impõe na produção acadêmica em detrimento de um trabalho de cunho mais artesanal reflexivo e crítico. Waters (2006) aponta, nesse sentido, uma situação paradoxal que interessa particularmente aos pesquisadores das ciências humanas que se dedicam à pesquisa qualitativa. De acordo com o autor, ao mesmo tempo em que nos últimos vinte anos as publicações científicas, em algumas universidades norte-americanas, chegaram a se multiplicar por seis, “vimos diminuir, acentuadamente em alguns casos, o número de publicações na área de humanidades” (p. 9) em instituições acadêmicas altamente conceituadas dos EUA.

Essa informação pode contribuir para reflexões e conjecturas no contexto deste estudo. Será que a queda na produção em ‘humanidades’ tem relação com o fato de que o processo de pesquisa no enfoque qualitativo demanda mais tempo e mais investimento pessoal do pesquisador? Ou será que a concepção de ciência e, portanto, de método e produção científica, privilegia pesquisas quantitativas de caráter descritivo mais abrangentes e menos onerosas para o pesquisador, uma vez que podem ser conduzidas por técnicos de pesquisa e auxiliadas em grande escala pela tecnologia, tanto na coleta como na análise dos dados? Ou será que a compreensão qualitativa e crítica da realidade desperta menos interesse e mobiliza menos a consciência coletiva contemporânea?

Com o intuito de ampliar tais reflexões cabe aqui ressaltar Tarnas (2001), que aponta como uma das características principais do pensamento pós-moderno, “uma consciência crítica da natureza essencialmente interpretativa da cultura” (p. 424)

contemporânea que não se satisfaz mais com a simples constatação dos fatos, mas deseja compreendê-los e interpretá-los criticamente. Vale lembrar também Prigogine (1996), para quem a concepção de ciência contemporânea permite a criatividade como expressão singular de um traço humano comum e fundamental a todos os níveis de conhecimento, e ainda Kuhn ([1970] 2001), que discute ciência como uma produção de conhecimento realizada por cientistas, e dá destaque aos cientistas como seres humanos e à comunidade científica como integrante da comunidade humana.

No próximo capítulo será abordado o Processo de pesquisa em psicologia analítica, suas características e demandas para o pesquisador que pretende conduzir pesquisas sob o enfoque da psicologia analítica. A discussão do processo de pesquisa pretende articular a análise da produção acadêmica recente em psicologia analítica com a literatura disponível sobre o tema, com o objetivo de dar subsídios aos pesquisadores da área.

Processo de pesquisa - processo de individualização - processo analítico

Na pesquisa em psicologia analítica, devem ser destacados dois aspectos principais. Em primeiro lugar, a pesquisa é considerada um processo dinâmico de produção de conhecimento científico e, em segundo lugar, o pesquisador como parte integrante do processo é um pesquisador participativo (PENNA, 2007). Dessa forma, a discussão do processo de pesquisa em psicologia analítica, por um lado, contextualiza seus diversos aspectos perante a pesquisa qualitativa contemporânea num todo orgânico e dinâmico. E, por outro lado, destaca a pessoa do pesquisador como o ator – autor principal dessa aventura que é realizar uma pesquisa científica.

Para a discussão do processo de pesquisa em psicologia analítica, faz-se necessário em primeiríssimo lugar ressaltar que o caráter dinâmico deste processo exige uma postura dialética constante em relação às polaridades consciente e inconsciente do pesquisador e do pesquisado. Esta postura se assenta na atitude simbólica do pesquisador perante o processo (PENNA, 2007), e isso significa pôr em ação todos os recursos psíquicos de que dispõe para que o conhecimento se processe.

8.1 Características gerais do processo

Vários autores (SAMPIERI, COLLADO e LUCIO, 2006; DENZIN; LINCOLN, 1998; ALLONES, 2004; ROMANYSHYN, 2007) consideram a pesquisa qualitativa como resultante de um processo dinâmico.

Considerando-se ciência como uma produção de conhecimento realizada por cientistas, enfatiza-se a pessoa do pesquisador como produtor de conhecimento; com isso o centro da discussão científica se desloca da natureza e das teorias para o ser humano como ponto de partida e como alvo desta produção.

O processo de pesquisa guarda analogias com o processo analítico e com o processo de individualização proposto por Jung, mas também se distingue destes em alguns aspectos relevantes, os quais serão abordados ao longo deste capítulo. Em

toda e qualquer pesquisa, em qualquer área do conhecimento, a partir de qualquer orientação paradigmática e sob qualquer enfoque metodológico há uma constante inegável, na realização de uma pesquisa, que é a pessoa do pesquisador, um ser humano que, não importa quais recursos teóricos, metodológicos ou tecnológicos utilize, conduzirá a pesquisa.

A psique do pesquisador é sua mais importante ferramenta de trabalho, por esse motivo será debatida, mais adiante, a formação do pesquisador, a exemplo da formação do analista junguiano, ou a exemplo da formação pessoal, educacional e profissional pela qual todos os seres humanos passam para exercer seu papel na vida e se realizar o mais plenamente possível (processo de individuação).

Fazer pesquisa científica significa ingressar numa 'aventura heroica' que, de acordo com Eco (1998), "é longa, fatigante e absorvente" (p. 3) e requer a ativação de um verdadeiro exército de potenciais arquetípicos (herói, sábio, puer, senex...). A disposição e o entusiasmo com que o ego do pesquisador se entrega a um processo de pesquisa estão diretamente associados ao sentido e à necessidade que o movem para a realização da pesquisa, particularmente no caso de pesquisas acadêmicas.

A produção de conhecimento científico se realiza por meio da pesquisa científica. No século 20, o questionamento da concepção de ciência, vigente na modernidade (paradigma positivista ou empírico-lógico), e seu método (experimental-dedutivo) resulta numa diversidade de propostas metodológicas de cunho qualitativo. Tal diversidade decorre da ampliação da concepção de ciência que passa a admitir várias concepções de produção de conhecimento, o que dá origem a 'epistemologias' e 'métodos' diversos.

Embora alguns autores considerem que "não importa que tipo de paradigma fundamenta nosso estudo nem o enfoque que seguiremos" (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 24), a articulação entre epistemologia e método é essencial considerando-se que "sem o suporte de uma epistemologia, o 'metodólogo' cai fatalmente num tipo de atividade mecânica pouco inteligente, porque acrítica" (JAPIASSU; MARCONDES, 2001. p. 24). Chizzotti (2003) comenta que o paradigma dominante numa dada comunidade científica condiciona o modo como as pesquisas são conduzidas e envolvem uma concepção de ciência que implica numa

abordagem metodológica condizente. Papadopoulos (2006) destaca que “metodologia refere-se à aplicação das premissas epistemológicas que uma pessoa adota” (p.11). Janesick (1998) afirma que a pesquisa qualitativa é sempre ideologicamente conduzida e, por isso, a ideologia do pesquisador deve ser explicitada. Para Allones (2004), as especificidades e limites da psicologia e seus procedimentos exigem do pesquisador uma posição metodológica e epistemológica clara (p. 21).

Figueiredo (1989) ressalta que “o ecletismo é a maneira predominante da comunidade profissional enfrentar as contradições do projeto de psicologia como ciência independente. Sua principal desvantagem é que nesse enfrentamento as contradições ficam camufladas, travestidas de complementaridade e a própria natureza do projeto é subtraída do plano de reflexão e da crítica”.(p. 40)

A busca de conhecimento é sempre conduzida de modo compatível com a concepção de mundo (ontologia) e de conhecimento (epistemologia) de que se parte. Isso pode ser observado pelos diferentes métodos utilizados em diferentes épocas na história do conhecimento e em diferentes modelos teóricos (PENNA, 2003). A exigência indispensável, atualmente, da explicitação do paradigma adotado pelo pesquisador deve-se a grande diversidade de paradigmas científicos disponíveis. Como visto anteriormente, a concepção atual de paradigma envolve, segundo Denzin e Lincoln (1998), a articulação consistente e coerente entre ontologia, epistemologia e método. Observa-se, no entanto, que a noção de paradigma como um todo articulado ainda não parece ser uma concepção suficientemente difundida na metodologia científica contemporânea, o que torna ainda necessário sublinhar, repetidamente, a associação consistente entre epistemologia e método e a necessidade de explicitação da opção epistemológica adotada nas pesquisas científicas.

Dessa forma, o primeiro passo num processo de pesquisa refere-se à opção paradigmática que naturalmente encaminha o método pelo qual a pesquisa será conduzida, ainda que as estratégias e procedimentos metodológicos possam ir se delineando e se especificando à medida que o processo se dá. Assim, a perspectiva epistemológica do paradigma deve ser apresentada e discutida perante a opção metodológica feita pelo pesquisador, a fim de que sejam esclarecidos os

fundamentos que sustentam o método. Entende-se por opção metodológica o conjunto de escolhas e decisões metodológicas feitas ao longo do processo de pesquisa: o enfoque metodológico, o objeto de estudo, os procedimentos empregados na apreensão e na compreensão do fenômeno.

As concepções de ciência e produção de conhecimento científico contidas no paradigma junguiano coincidem mais com a concepção pós-moderna de ciência, mais abrangente e diversificada do que com a concepção moderna de ciência calcada no paradigma cartesiano-positivista.

Rey (2001) assinala que a produção de conhecimento na 'epistemologia qualitativa' "não segue as fórmulas tradicionais da indução, nem da dedução, mas segue um processo muito mais irregular, construtivo e contraditório, que definimos como lógica configuracional" (p. 124); no paradigma simbólico arquetípico o processo pelo qual o conhecimento (coletivo ou individual) se produz vai além do plano de qualquer lógica. A noção de conhecimento nesse paradigma não é apenas intelectual; sua criatividade e produtividade se efetivam somente à medida que incluir todas as funções psíquicas intelectivas, emocionais, intuitivas, perceptivas e imaginativas (PENNA, 2003).

A opção pelo paradigma junguiano é uma opção que vai além também da simples escolha de uma epistemologia ou mesmo de um modelo teórico e implica algumas atitudes do pesquisador diante do processo de pesquisa.

Entende-se, aqui, por processo de pesquisa todas as vicissitudes que abrangem a realização de uma pesquisa científica desde a motivação inicial do pesquisador, que inclui a idealização de um plano de pesquisa, passando pela elaboração de um projeto, até a realização da investigação propriamente dita, chegando ao produto final que geralmente se efetiva num texto público acessível à comunidade científica a que pertence o pesquisador. Para tanto

é preciso, ao menos, que o pesquisador individual se esforce em dar aos seus conceitos solidez e precisão, o que pode ser feito discutindo o sentido em que emprega o conceito, de modo que todos estejam em condições de entender o que pretende exprimir. (JUNG, vol.5, §743)

[...] não há dúvida de que qualquer pesquisador deve documentar, tanto quanto possível, os resultados a que chegou e suas opiniões; mas pode aventurar-se ocasionalmente a emitir alguma hipótese, mesmo com o risco

de errar. Afinal de contas, são os erros que nos proporcionam os fundamentos da verdade... (JUNG, vol.9/2; §429)

É no relato das pesquisas que a produção de conhecimento realmente se efetiva e o seu caráter científico se cumpre ao promover debate crítico, favorecendo a continuidade do processo de conhecimento tanto pelos erros como pelos acertos.

Isso acarreta uma atitude do pesquisador diante da pesquisa que considera todo conhecimento um autoconhecimento, considerando, assim, a produção de conhecimento como um processo gradual e constante de transformação de aspectos inconscientes em consciência tanto no âmbito individual como coletivo muito semelhante ao conceito de processo de individuação, mas que se circunscreve no âmbito da pesquisa em curso. O pesquisador, ao iniciar um projeto de pesquisa, assume um compromisso científico e social perante a comunidade a que pertence, que condiciona eticamente suas atitudes.

Discorrer sobre as características do processo de pesquisa em psicologia analítica é um desafio, posto que, por seu caráter dinâmico, o processo se desenrola de modo 'circum-ambulatorio' em torno de um eixo, que é a pesquisa em si, em constantes idas e vindas, para cima, para baixo, para a frente e para trás, para a direita e para a esquerda, tecendo uma rede de conexões, cuja linguagem verbal, muitas vezes, não consegue expressar tão satisfatoriamente quanto se desejaria. No entanto, esta é a forma pela qual este estudo pretende apresentar o processo de pesquisa em psicologia analítica, convidando o leitor a manter-se atento a esse movimento circum-ambulatorio que permeia todo este processo altamente dinâmico. Assim sendo, ao discutir as etapas do processo, não se pretende fixá-lo ou estratificá-lo, mas apenas lançar mão de uma estratégia didática em nome da melhor compreensão possível do assunto. Nem se pretende, aqui, fornecer um manual de instruções ou receituário sobre como fazer pesquisa, mas, sim, propor uma visão abrangente das etapas e elementos constituintes do processo de pesquisa, que oriente o pesquisador e favoreça a reflexão sobre os principais aspectos desse processo.

Toda pesquisa tem como ponto de partida uma motivação do pesquisador para conhecer algo, para descobrir algo novo. Como destaca Romanyshyn (2007), fazendo um trocadilho bastante criativo, pesquisar (research) , no idioma inglês, é re-

procurar (re-search) algo, ir em busca de algo para ser re-conhecido.

Esta motivação fundante da pesquisa tem o valor e a função de um símbolo para o pesquisador, uma vez que mobiliza, instiga e fomenta a criatividade do pesquisador em busca de algo tão desconhecido quanto necessário para si e para a cultura.

8.2 Plano de pesquisa e projeto de pesquisa

A partir do desejo e da intenção de realizar uma pesquisa, inicialmente, é formulado um plano de pesquisa que evolui para um projeto que orienta e conduz o pesquisador na execução da pesquisa. O processo engloba todas as etapas desde o plano de pesquisa, passando pela elaboração de um projeto, até a realização da investigação.

Um plano de pesquisa é um roteiro orientador para o trabalho do pesquisador e deve ser abrangente e flexível. Do ponto de vista psicológico, geralmente, um plano evolui a partir de fantasias, sonhos e ideais que, quando considerados, criteriosamente, conduzem o indivíduo a um comprometimento com esses sonhos, fantasias e ideais num esforço de articulação entre os níveis consciente e inconsciente que transforma ideais e planos, sonhos e fantasias em um projeto factível.

Cozby (2003), embora não aborde a questão em termos de plano ou projeto de pesquisa, também ressalta que “a motivação para realizar pesquisas científicas deriva de uma curiosidade natural a respeito do mundo”, sendo que uma pesquisa pode ser iniciada quando esta curiosidade conduz a perguntas, “seguida de uma tentativa de responder às perguntas”. (p. 30)

Sampieri (2006) coloca na base de um projeto de pesquisa ‘ideias de pesquisa’ que representam a primeira aproximação daquilo que se pretende pesquisar. Para o autor, “as ideias em sua maioria são vagas e requerem análise cuidadosa para que venham a se transformar em projetos mais precisos e estruturados” (p. 25).

De certa forma, o plano de pesquisa já é resultante de um processo de

elaboração com intenção de efetivação de um 'sonho'. O pesquisador deve estar aberto, durante todo o processo, às modificações que se fizerem necessárias à medida que for interagindo com o tema, com a colocação do problema e, posteriormente, com os dados coletados, estando assim sintonizado com a realidade pesquisada e com a sua criatividade.

Para Eco (1998), o plano de pesquisa é comparável a um roteiro de viagem cujo trajeto pode ser modificado, mas não se trata de um trajeto qualquer, pois de alguma forma está colocado um ponto de partida e esboçado um ponto de chegada. Luna (1996) sugere que nem mesmo o tema deve ser fixado de antemão. No entanto, o tema, de forma ampla, já contém o símbolo que mobiliza o pesquisador em direção à investigação e, portanto, de alguma forma ele já está presente no plano de pesquisa. Ele poderá ser, com certeza, reformulado, redimensionado, às vezes, até transfigurado, mas o cerne do tema está lá, pois ele está na base da motivação inicial do pesquisador.

Do plano, por meio de reflexões e leituras (pesquisa bibliográfica preliminar) chega-se à elaboração de um projeto de pesquisa. Para Kude (1995), um projeto de pesquisa é um plano de envolvimento em investigação sistemática para obter compreensão de um fenômeno.

Entende-se por projeto de pesquisa, no enfoque qualitativo, um esboço inicial que funciona como uma 'carta de intenções' do pesquisador, no qual suas motivações e inquietações paulatinamente vão sendo exploradas e consideradas. O fato de ser considerado como um esboço não significa que o projeto seja visto como um 'rascunho' descomprometido, desprovido de seriedade. Trata-se de um esboço porque ele estará, inevitavelmente, sujeito a alterações, que serão impostas pelas circunstâncias com as quais o pesquisador irá, necessariamente, se deparar ao longo do processo de pesquisa.

Do projeto de pesquisa constam necessariamente o tema que o pesquisador pretende investigar, o motivo pelo qual considera relevante sua pesquisa, tanto do ponto de vista pessoal quanto do ponto de vista científico e/ou social. Para tanto, deve ser feita uma extensa revisão de literatura sobre o assunto, o que, além de fundamentar a justificativa e relevância do tema, ajuda o pesquisador a encaminhar

os objetivos gerais da pesquisa, os quais poderão ser especificados e/ou alterados no processo. Nesse momento, o pesquisador começa a se deparar com as possibilidades e limites (impossibilidades) de seu 'sonho' de pesquisa.

Antes, porém, de adentrar as etapas do processo de pesquisa, mais uma vez, é importante ressaltar que pesquisar em psicologia analítica significa participar de um processo de produção de conhecimento científico no qual a meta principal é a aquisição de um conhecimento novo e relevante (LUNA, 1996), tanto em relação ao conhecimento coletivo como no que se refere ao autoconhecimento do pesquisador, uma vez que, conforme já ressaltado, conhecimento e autoconhecimento são indissociáveis.

O levantamento das pesquisas realizado neste estudo, mais uma vez, reafirmou a importância de se atentar para o caráter dinâmico da pesquisa qualitativa como um processo de produção de conhecimento altamente complexo, que pode ser comparado a uma saga heroica nos termos descritos por Joseph Campbell, ou ao processo de individuação descrito por Jung e pelos pós-junguianos.

Ao se dispor a realizar uma pesquisa em psicologia analítica, o pesquisador inevitavelmente ingressa numa aventura cheia de imprevistos, alguns agradáveis, outros nem tanto. Os imprevistos desagradáveis geralmente são ocorrências que contrariam o plano previsto, que se interpõem no projeto de pesquisa originalmente idealizado e planejado pelo pesquisador, e que são vivenciadas como problemas ou complicações. Raramente o pesquisador é capaz de se deixar levar, ou pelo menos, refletir sobre o significado desses imprevistos no processo. A esse respeito será feita, mais adiante, uma reflexão sobre o papel da sincronicidade na epistemologia e no método junguiano.

Qual pesquisador não passou pela angústia de, diante de um tema, não saber como investigá-lo; ao coletar dados não saber a melhor forma de registrá-los! Quantas dúvidas permeiam a aventura de realizar uma pesquisa! Que dados são relevantes para a pesquisa? Ou, ainda, diante dos dados coletados não saber para onde eles apontam. Afinal, quem conduz a pesquisa? O pesquisador ou o material pesquisado? Mas, também, há que se lembrar o momento em que o pesquisador se vê totalmente absorvido pelo processo, tomado por um entusiasmo que chega a pôr

em risco sua capacidade crítica. Esse arrebatamento também ameaça tornar o processo de pesquisa algo interminável, quase um processo de vida. Uma pesquisa não pode durar para sempre, e quanto a esse tópico são interessantes as colocações de Morse (1998) sobre a 'etapa de retirada'. A autora se refere especificamente à retirada do campo de coleta de dados, mas isso vale para o processo todo.

Muitas escolhas e decisões são feitas de modo intuitivo e apenas posteriormente são pensadas e analisadas racionalmente. Se o processo for conduzido exclusivamente pelo pensamento dirigido racional e consciente, isto pode tolher a criatividade e novidades podem escapar do processo, por outro lado, se o processo for conduzido exclusivamente pela intuição e emoção do pesquisador, o resultado, embora, agradavelmente criativo, talvez não possa ser considerado uma produção científica, mas apenas uma produção artística ou pessoal. O equilíbrio entre esses aspectos precisa ser encontrado e mantido durante o processo de pesquisa.

Vale destacar aqui, ainda, que o pesquisador participa ativamente do processo de pesquisa, interagindo com os aspectos conscientes e inconscientes do fenômeno pesquisado. Os aspectos conscientes e inconscientes do pesquisador e os elementos conscientes e inconscientes do pesquisado estão constantemente interagindo durante todo o processo. Portanto, a personalidade do pesquisador atua em todas as etapas do processo, o que, sem dúvida, exige, por parte do pesquisador, uma atitude compatível com a proposta epistemológica e metodológica do paradigma junguiano, para que a pesquisa seja conduzida de modo apropriado e resulte na produção de conhecimento científico. Dessa forma, a atitude do pesquisador, particularmente em relação à participação do inconsciente durante o processo de pesquisa deve ser alvo de constante atenção e o pesquisador precisa atentar para as demandas inconscientes que permeiam suas escolhas e decisões.

8.3 Etapas do processo de pesquisa

No processo de pesquisa destacam-se três grandes etapas: 1. escolha do tema; 2. apreensão do fenômeno – coleta de dados e 3. compreensão do fenômeno – análise de material, as quais se sucedem e se desdobram, entrelaçadas e

interligadas, formando um todo coeso em que os primeiros estágios preparam e determinam os seguintes (PENNA, 2007). É necessário esclarecer que a dinâmica do processo de pesquisa é bastante complexa e seu desenvolvimento está sujeito a constantes revisões e reformulações em função das ponderações e descobertas feitas pelo pesquisador durante todo o processo. Janesick (1998) faz uma interessante analogia entre os estágios pelos quais o pesquisador passa para elaborar um projeto de pesquisa e as etapas percorridas pelo dançarino na preparação de sua coreografia – aquecimento – exercícios e relaxamento. Pode-se dizer que, no processo de pesquisa, há vários momentos de aquecimento – exercício e relaxamento que se sucedem.

8.3.1 Primeira etapa - Escolha do tema

Esta etapa do processo de pesquisa começa pela mobilização do pesquisador para a realização de um trabalho de pesquisa, tal mobilização pode estar assentada em diversos motivos. As pesquisas acadêmicas, por exemplo, têm como motivação basilar o desejo e/ou a necessidade de capacitação e/ou aperfeiçoamento profissional. Um motivo mobilizador, necessário para disparar um processo de pesquisa científica, é o desejo de conhecer e dar a conhecer algo. Esse algo inicial a ser conhecido é o germe de um tema de pesquisa.

A 1ª etapa do processo de pesquisa – escolha de um tema de pesquisa – implica na consideração de vários aspectos e elementos que irão fazer parte do plano de pesquisa e, posteriormente, do projeto de pesquisa que será realizado. Do tema inicial, ainda vago e amplo, passa-se ao levantamento de perguntas sobre o tema, que conduz à formulação de um problema de pesquisa e enseja a pesquisa bibliográfica, que, por sua vez, dá contornos mais nítidos ao tema, com base no qual se delineiam os objetivos gerais, uma nova revisão de literatura que levam à configuração dos objetivos específicos do projeto de pesquisa.

Do ponto de vista epistemológico, no paradigma junguiano, a produção de conhecimento compreende o acesso a aspectos inconscientes relativos à psique coletiva e pessoal. O conhecimento do inconsciente é possível apenas indiretamente, por meio de suas manifestações na consciência. A ponte epistemológica entre consciente e inconsciente é feita pelos símbolos. O fenômeno

psíquico passível de ser investigado na psicologia analítica é o símbolo (PENNA, 2003), assim, o tema da pesquisa, e por decorrência seu objeto, é considerado um símbolo importante para o pesquisador e provavelmente para sua comunidade científica.

Para Jung (vol.6), o símbolo depende de uma atitude favorável da consciência para se manifestar. A emergência de um símbolo, por um lado, depende do consentimento da consciência e, por outro lado, o inconsciente, pelo mecanismo da auto-regulação, mobiliza a consciência em direção a algo que lhe falta (algo desconhecido), promovendo uma aproximação entre as duas esferas (consciente e inconsciente), que foi chamada por Jung de função transcendente. Desta, por sua vez, resulta o símbolo, produto da cooperação entre consciente e inconsciente. Uma vez formulado o símbolo, com a vivência numinosa que ele produz, o ego 'deseja e precisa' capturar a mensagem contida no símbolo (PENNA, 2004). "Onde há um símbolo há uma necessidade de interpretação" (ROMANYSHYN, 2007, p.87). O objeto de pesquisa – fenômeno a ser pesquisado –, considerado um símbolo, constela a necessidade de conhecimento do pesquisador. As forças numinosas do símbolo instigam e capturam a consciência do pesquisador, mobilizando-o em direção ao desconhecido, esta é a motivação básica da investigação. Assim sendo, o pesquisador deve, sobretudo, estar disponível para a experiência numinosa que o símbolo propicia. O caráter inédito e relevante do conhecimento científico, a ser produzido no processo de pesquisa, reside nos aspectos inconscientes contidos no símbolo a ser investigado.

Do ponto de vista metodológico, o processo de pesquisa é desencadeado por um interesse do pesquisador em algo, que o conduz a uma pergunta ou questões em torno de um problema. Sampieri, Collado e Lucio (2006) fala de uma 'motivação intrínseca' com relação ao trabalho de pesquisa; no paradigma junguiano isto remete à vivência numinosa que tem o símbolo como raiz.

Morse (1998) chama de 'etapa de reflexão' aquela em que o pesquisador identifica um tema e passa a considerá-lo passível de investigação. A eleição de um tema, ou a elaboração de uma pergunta de pesquisa, de acordo com Morse (1998), requer um esforço considerável por parte do pesquisador, e a chave mestra da escolha do tema é identificar algo que capture seu interesse por um longo tempo,

pois o processo de pesquisa é uma empreitada de longo prazo.

A seleção e configuração de um tema de pesquisa já estabelecem um vínculo entre o pesquisador e o pesquisado, em que o tema vai se constelando como um símbolo importante para o pesquisador. A relação entre o pesquisador e seu objeto de investigação – o símbolo – desde o princípio é permeada por fatores conscientes e inconscientes, tais como intenções, expectativas e fantasias em relação ao objeto, assim como uma certa fascinação pela incógnita que o símbolo produz.

De acordo com Romanyshyn (2007), “um tema escolhe o pesquisador através de seus complexos, tanto quanto, ou talvez mais do que ele ou ela conscientemente o escolhe” (p.135). A proposição de que o tema de pesquisa (e posteriormente o objeto da pesquisa) seja entendido como um símbolo importante para o pesquisador considera que este contém em seu bojo aspectos conscientes e inconscientes (complexos e arquétipos) que capturam e movem o processo de pesquisa rumo à elaboração do(s) símbolo(s) aí contido(s).

A etapa de escolha do tema requer do pesquisador sensibilidade e paciência. Mais do que escolher de forma exclusivamente egoica um tema, trata-se também de se deixar ser mobilizado e escolhido pelo tema. Faz parte desta etapa a formulação de um problema de pesquisa, que leva ao levantamento de perguntas e à definição dos objetivos da pesquisa; para tal a pesquisa bibliográfica, tão importante quanto necessária, é de grande ajuda.

O símbolo é sempre algo mobilizante para a consciência que o experimenta; seu caráter ambivalente e paradoxal produz uma sensação de conhecimento e desconhecimento (PENNA, 2003). Ao refletir sobre seu interesse pelo tema, tanto sua motivação pessoal quanto sua relevância científica devem ser explicitadas e justificadas no projeto de pesquisa. A relevância do tema reside no valor simbólico deste para o pesquisador, assim como para a comunidade social e científica à qual ele pertence. A discriminação desta relevância no plano individual é fornecida pela observação e reflexão sobre seu valor subjetivo, no plano coletivo a relevância do tema é verificada pelo valor e repercussão que o tema tem para o contexto científico, social e histórico em que a pesquisa será realizada, o que é buscado, mais uma vez por meio de pesquisa bibliográfica.

Nesta etapa, é importante que o pesquisador examine os motivos conscientes e inconscientes envolvidos no problema de pesquisa, explorando as fantasias e expectativas sobre seu projeto, e trate seu tema como um símbolo. Em analogia à recomendação feita por Jung em relação aos sonhos:

[...] quase sempre dá bons resultados fazer uma meditação verdadeira e profunda sobre o sonho (símbolo), isto é, se o carregarmos dentro de nós por algum tempo [...] (JUNG, vol 16, § 86)

É recomendável que o pesquisador carregue consigo o tema eleito, refletindo sobre ele e se deixando mobilizar por tudo quanto o tema evoque, pois o símbolo é sempre algo intrigante e instigante para a consciência que o vivencia (PENNA, 2007). Este procedimento permite explorar e tornar conscientes, na medida do possível, aspectos inconscientes do pesquisador, que, do contrário, podem ser projetados no objeto de pesquisa e acarretar interferências sombrias no processo. Quanto à interferência de aspectos sombrios no processo de pesquisa, na revisão bibliográfica do presente estudo, foram encontrados pouquíssimos autores que alertam para essa questão. Cumpre citar, no entanto, Janesick (1998), que não se refere explicitamente a fatores inconscientes, mas ressalta a importância de serem explicitadas “as experiências pessoais (do pesquisador) como um *ímpeto* para a pesquisa, o que não é *errado*, mas é melhor que o pesquisador esteja consciente de seus possíveis motivos para conduzir o estudo, pois tais experiências podem dar um viés particular ao estudo”. (p. 58) (grifos da autora)

Faz parte do procedimento circum-ambulatorio desta etapa imaginar as respostas às quais se deseja chegar para as perguntas levantadas; isso ajuda a trazer à luz possíveis preconceitos e ilusões do pesquisador em relação ao assunto pesquisado. Lembrando que, segundo Von Franz (1992b), as ilusões são formadas pelos véus de projeção que se interpõem entre o eu e o outro. Esse trabalho de meditação e reflexão em busca do esclarecimento de possíveis e prováveis aspectos sombrios concernentes ao tema (e objeto) de pesquisa tem por finalidade a especulação sobre os complexos, aos quais Romanyshyn (2007) se refere, envolvidos no símbolo em questão. Ainda que nem tudo possa ser esclarecido, no trabalho de pesquisa, em relação aos aspectos inconscientes tanto do pesquisador como do pesquisado. Esse assunto será novamente abordado no que tange às vicissitudes da relação entre o pesquisador e o pesquisado.

8.3.1.1. Estabelecimento e delimitação do objetivo da pesquisa

O objetivo da pesquisa é refinado na 1ª etapa e pode ser reformulado até a 3ª etapa (compreensão dos dados). Em geral, os objetivos têm uma primeira formulação em larga escala com base na motivação inicial para a pesquisa e são fortemente impregnados pela fascinação que a incógnita simbólica exerce sobre o pesquisador. Desta primeira formulação resultam 'perguntas', e o refinamento destas leva a uma delimitação dos objetivos, fruto da confrontação das expectativas e fantasias sobre o tema com as perguntas formuladas e com os dados de realidade que a revisão da literatura fornece.

Morse (1998) fala de 'perguntas pesquisáveis', que são encontradas por meio de consultas a fontes bibliográficas ou a especialistas da área. Recorrer à bibliografia é um recurso que permeia todo o processo de pesquisa e funciona como um modelador das escolhas e decisões a serem tomadas, norteando as alterações no curso da pesquisa.

Tanto as perguntas pesquisáveis quanto os objetivos formulados numa pesquisa resultam da articulação entre vários elementos da pesquisa, tais como: objeto de estudo, área do conhecimento em que a pesquisa é conduzida e, sobretudo, o paradigma adotado pelo pesquisador, que condiciona a opção metodológica da pesquisa.

Considerando-se as características da pesquisa qualitativa em geral, e do paradigma junguiano em particular, os objetivos de uma pesquisa em psicologia analítica, frequentemente dizem respeito à compreensão simbólica dos fenômenos investigados e pretendem abranger seus sentidos e significados tanto numa perspectiva causal como final, isto é, a investigação dos fenômenos deve buscar compreendê-los não apenas em sua perspectiva atual, mas também em relação a suas causas e finalidades. De acordo com Jung, "todo produto psíquico, encarado do ponto de vista causal, é a resultante de conteúdos psíquicos que o precederam [...], além disso, esse mesmo produto psíquico, considerado sob o ponto de vista de sua finalidade, tem um sentido e um alcance que lhe são próprios dentro do processo psíquico" (vol.8, §451). Dessa forma, "todo evento psíquico é forjado numa relação causal e final, ou seja, ao mesmo tempo em que o símbolo é causado por

uma situação de tensão energética, ele é também fruto de uma relação de finalidade, isto é, tem um propósito teleológico de conduzir a psique a níveis mais complexos de desenvolvimento. Os fenômenos psíquicos, no paradigma junguiano, não podem ser compreendidos apenas com base em suas causas” (PENNA, 2003, p.166). Por conseguinte, tanto a apreensão como compreensão dos fenômenos psíquicos devem abarcar o ponto de vista da causa e da finalidade a que eles se referem, o que já deve estar presente para o pesquisador na formulação do tema e na definição de seus objetivos.

Em qualquer circunstância, é possível perguntar-se "por quê?" e "para quê?", pois toda estrutura orgânica é constituída de um complexo sistema de funções com finalidade bem definida e cada uma delas pode decompor-se numa série de fatos individuais, orientados para uma finalidade precisa. (JUNG,8, §462)

É recomendável que as perguntas que norteiam o pesquisador na formulação do problema de pesquisa – ‘perguntas pesquisáveis’ – sigam essa orientação a fim de que o estabelecimento de seus objetivos de pesquisa sejam compatíveis com o paradigma adotado. A pergunta ‘por quê’ aponta para as origens e causas do fenômeno. A pergunta ‘para quê’ se dirige para a finalidade do fenômeno.

O estabelecimento dos objetivos da pesquisa resulta da avaliação e verificação dos interesses e motivações do pesquisador diante da amplitude do tema e do levantamento de perguntas para as quais o pesquisador deseja buscar respostas, o que conduz à delimitação do tema. Desse percurso resulta a circunscrição de um contexto no qual o tema será investigado e, naturalmente, algumas hipóteses são levantadas.

Por um lado, as hipóteses são apresentadas com base nos pressupostos teóricos; como propõem Mazzotti e Gewandsznajder (1998), “uma teoria é formada por uma reunião de leis, hipóteses, conceitos e definições interligadas e coerentes” (p. 8). Nesse sentido, algumas hipóteses fundamentais são colocadas no projeto de pesquisa com base nos fundamentos epistemológicos do paradigma adotado pelo pesquisador. Estas hipóteses orientam a formulação dos objetivos e a definição de perguntas de pesquisa.

Tais hipóteses, na pesquisa qualitativa, não têm a função nem o objetivo de serem verificadas, testadas ou comprovadas, mas têm o papel de orientar

epistemologicamente a pesquisa, no sentido de suposições fundamentadas pela teoria e pela revisão bibliográfica (outras pesquisas) sobre o assunto. Por outro lado, as hipóteses são “conjecturas, palpites, soluções provisórias, que (supostamente) tentam resolver um problema ou explicar um fato” (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 5), e neste caso, associam-se às fantasias, expectativas e mesmo pré-conceitos mais ou menos conscientes que permeiam o símbolo a ser investigado, as quais, como visto anteriormente, devem ser outrossim consideradas.

Em ambos os casos as hipóteses têm a função de promover e incentivar a investigação quando criteriosamente avaliadas pelo pesquisador, seja para confirmá-las, seja para descartá-las ou reformulá-las durante o processo de pesquisa.

8.3.2 Etapa intermediária: pausa para reflexão sobre o andamento do processo

Antes de entrar propriamente na 2ª etapa do processo, que diz respeito à apreensão do fenômeno, faz-se necessário introduzir algumas reflexões sobre a intrincada relação que se estabelece entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa e suas implicações quanto à polêmica questão do papel da subjetividade na atividade de pesquisa e suas associações com a objetividade. Essas questões mantêm estreita relação com a observação dos fenômenos, sobretudo na etapa de coleta do material.

Na pesquisa qualitativa em geral, e na psicologia analítica em particular, em que o símbolo é considerado o fenômeno psíquico passível de investigação, a atitude simbólica do pesquisador é um recurso metodológico. A consciência do pesquisador é o instrumento básico e principal na apreensão dos fenômenos, e o procedimento principal para esta apreensão é a observação.

Do ponto de vista da Psicologia, o sistema observado consistiria não de objetos físicos, como também incluiria o inconsciente, ao passo que à consciência caberia o papel de instrumento de observação. (PAULI. in: Vol.8, §439, nota 129)

Janesick (1998) diz que a pesquisa qualitativa exige que o pesquisador se torne o principal instrumento de pesquisa. Isto significa que “o pesquisador deve ter a capacidade de observar comportamento e deve afiar as habilidades necessárias

para observação e entrevista face a face”. (p. 42). Segundo Patton (2004), observação e escuta são os principais instrumentos de pesquisa nas ciências humanas.

Nas ciências humanas, em geral, e na psicologia em particular, a relação dinâmica entre sujeito e objeto, com suas tensões e controvérsias, é uma realidade intrínseca a esse campo do conhecimento, que deve ser tratada com todas as implicações e dificuldades que dela decorrem.

Chizzotti (2003) afirma que a abordagem qualitativa fundamenta-se na relação dinâmica entre o mundo real e a pessoa, formando-se um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do indivíduo. Allones (2004) destaca “a tensão particular que mantém o sujeito e o objeto na intervenção e na pesquisa” (p. 20) como um fator preponderante nesta atividade, que encaminha posições epistemológicas e metodológicas que possam viabilizar a pesquisa numa tentativa constante de encontrar os melhores meios de lidar com essa ‘tensão específica entre sujeito e objeto’. Figueiredo (1989) aponta “a interpenetração do sujeito e do objeto do conhecimento psicológico” (p. 20) e suas implicações como alvo frequente de discussão em vários aspectos da pesquisa em psicologia.

Esta situação (tensão entre sujeito e objeto) própria às ciências sociais, aliás inevitável, e seus efeitos podem constituir um freio, um obstáculo, um “barulho” parasitante, paralisando o trabalho daquele que intervém ou do pesquisador, se seu modelo de referência é o das ciências exatas, cujas exigências de cientificidade visam justamente a reduzi-las ou eliminá-las (ALLONES, 2004, p.21).

A implicação do pesquisador no processo de pesquisa é notória e já está posta desde o início do processo de pesquisa – motivação para iniciar um processo de pesquisa – e permeia toda a discussão sobre o assunto. No entanto, é na etapa de coleta de dados que as idiossincrasias da relação entre pesquisador e pesquisado ficam mais evidentes. Em cada um dos itens destacados nesta discussão serão abordadas as especificidades da participação do pesquisador no processo de pesquisa e sua função como instrumento principal de coleta e análise do material pesquisado.

É importante sublinhar que a relação pesquisador-pesquisado está fortemente entrelaçada à observação como procedimento metodológico de apreensão, e disto

decorrem as idiossincrasias da presença inevitável da subjetividade do pesquisador no processo e a necessária objetividade que o trabalho científico requer.

8.3.2.1. Uma dinâmica intrincada: pesquisador – pesquisado

Os fundamentos epistemológicos que sustentam a proposta metodológica do paradigma junguiano foram amplamente apresentados e discutidos no capítulo sobre as diretrizes metodológicas básicas para a pesquisa em psicologia analítica. A ênfase, neste momento, será colocada nos aspectos metodológicos concernentes ao processo de pesquisa. Entretanto torna-se necessário retomar algumas premissas epistemológicas com o objetivo de esclarecer a perspectiva metodológica referente às características da relação dinâmica que se estabelece entre o pesquisador e o pesquisado, suas especificidades e limites. Do ponto de vista metodológico, é importante analisar as particularidades dessa relação para assegurar que um conhecimento científico seja produzido.

No paradigma junguiano, do ponto de vista epistemológico, a psique é tanto sujeito como objeto do conhecimento, o que, para Jung, constituiu um grande desafio na busca de métodos em psicologia (PENNA, 2004).

No entanto, ainda que o outro (pesquisado) esteja contido no mesmo todo do qual o eu (pesquisador) faz parte (PAPADOPOULOS, 2002), não se trata, em momento algum, de anular as diferenças entre ambos, uma vez que "a identidade sujeito-objeto torna impossível qualquer conhecimento" (Jung, vol.6, §231).

Do ponto de vista metodológico, o outro é algo ou alguém (objeto do conhecimento) que não sou eu ou nós (pesquisador) sujeito do conhecimento (PAPADOPOULOS, 2002). Ambos formam um par de opostos complementares, sendo que a distinção entre as duas entidades, como já assinalado, é sempre indispensável. Para o pesquisador, como sujeito do conhecimento, seu objeto alvo de conhecimento se constitui num outro, entretanto, em psicologia analítica, o outro é considerado a partir de uma dupla perspectiva. Por um lado, há um outro assim chamado 'interno', constituído pelos aspectos inconscientes do pesquisador, relativamente desconhecido para o ego, e há um outro 'externo' que é representado pelo fenômeno / objeto de investigação, parcialmente desconhecido do pesquisador. Esta intrincada relação será abordada em maior profundidade mais adiante neste

estudo.

A física quântica demonstrou que o observador (pesquisador) interfere no fenômeno observado e, com isso, a noção de objetividade preconizada pelo positivismo lógico foi bastante abalada desde então. No entanto, o paradigma científico que preconiza a assepsia entre sujeito e objeto, notadamente nas, assim chamadas, pesquisas experimentais no enfoque metodológico quantitativo, ainda desfruta de alto prestígio na comunidade científica contemporânea. Nas ciências humanas os métodos qualitativos de pesquisa discutem e propõem meios para operar uma produção de conhecimento em que a relação entre sujeito e objeto é necessariamente distinta das ciências naturais ou exatas.

No paradigma simbólico-arquetípico esse tema é abordado a partir de dois ângulos, quais sejam: a personalidade do pesquisador e sua inevitável subjetividade; e os limites e articulações possíveis e necessários entre objetividade e subjetividade na produção científica.

Papadopoulos (2006) diz que Jung, desde suas mais precoces formulações epistemológicas, “estava ciente de que as ‘premissas científicas’ não estão dissociadas da história pessoal (educação), assim como dos contextos coletivos mais amplos (meio ambiente cultural)” (p. 26) do cientista. Kotsch (2000) discute os limites e articulações entre objetivismo e relativismo, sugerindo que a epistemologia de Jung seja considerada um ‘realismo psíquico’ que supera a dicotomia entre objetivismo e relativismo.

Em 1920 Jung (vol.6) abordou a questão da personalidade do pesquisador como determinante para o ponto de vista pelos quais as teorias científicas são construídas, assim como para a relação estabelecida com seu objeto de estudo e a perspectiva a partir da qual os fenômenos são pesquisados e analisados. A personalidade do autor ou do pesquisador inegavelmente influencia sua abordagem dos fenômenos e a forma como estes são pesquisados. A produção científica para Jung é “um produto da constelação psicológica subjetiva do pesquisador. Na elaboração de teorias e conceitos científicos há muita coisa de sorte pessoal”. (vol.6, § 8)

Romanyshyn (2007) discute a vulnerabilidade do observador, ressaltando que

“a inclusão do sujeito conhecedor no objeto a ser conhecido é uma exigência inescapável para qualquer corpo de conhecimento que pretenda ser verdadeiramente objetivo” (p. 107).

Entre a inescapável subjetividade do pesquisador e a necessidade de uma comunicação objetiva da produção de conhecimento com a finalidade de promover compreensão científica, coloca-se uma tensão entre polaridades, que constitui um grande desafio para todo pesquisador.

Todos os autores consultados na revisão de literatura deste estudo, de algum modo, mais detalhado ou menos aprofundado, abordam o tema da subjetividade como fator inegavelmente implicado na produção de conhecimento atual. Não se trata aqui de propor uma receita ou um modelo para se lidar com o binômio ou mesmo antinomia – objetividade-subjetividade, mas, talvez, de recomendar ao pesquisador uma atitude consciente e crítica quanto a esse assunto, pois se trata mais de um problema a ser considerado do que a ser resolvido.

A aceitação do fator subjetivo, por um lado, já configura uma posição adequada do pesquisador, pois “se, por ventura, a subjetividade for desconsiderada, ela permanecerá inconsciente no processo de conhecimento; e, como se sabe, uma polaridade inconsciente tende a se manifestar de forma, muitas vezes, primitiva” (PENNA, 2003, p.172). Para Maroni (1998), a subjetividade, quando inconsciente, corre o risco de se expressar indevidamente com feições de universalidade e generalidade, o que sem dúvida acarreta uma atitude arrogante e pretensiosa do pesquisador. De acordo com Romanyszyn (2007), a objetividade não é assegurada pela negação da presença do pesquisador no processo, nem pela “ficção do observador neutro” (p.106). Por outro lado, não basta a aceitação da influência do fator subjetivo na atividade de pesquisa. Cabe ao pesquisador treinar e desenvolver sua objetividade ao ponto em que ambas polaridades possam se equilibrar dentro dos limites do humanamente possível, com a finalidade de evitar uma posição excessivamente subjetiva, viabilizando assim uma posição o menos unilateral possível para que seja alcançada uma síntese na intersubjetividade. Conforme foi salientado por Jung (vol.6, §8), “exigir que só se olhe objetivamente nem entra em cogitação, pois isto é impossível. Já deveria bastar que não se olhasse subjetivamente demais”.

Evitar que a subjetividade atue excessivamente, como já foi mencionado, inclui atenção às fantasias e pré-conceitos em relação ao objeto, pois enquanto estas permanecerem inconscientes atuarão por meio de projeções e, na vigência da projeção, há uma fusão entre o sujeito e o objeto (Jung, vol.6) que inviabiliza o conhecimento do objeto.

Romanyshyn (2007) discute longamente a problemática da subjetividade e sugere que o pesquisador ferido está para o processo de pesquisa, da mesma forma que o curador ferido está para o processo analítico. E nesse aspecto há que se atentar para as semelhanças e diferenças entre os dois processos. É inegável que a relação do pesquisador com seu objeto de pesquisa se estabelece em bases transferenciais semelhantes às do processo analítico, sobretudo quando o objeto de pesquisa são seres humanos. Como enfatiza Jung (vol.16/2), toda relação humana constela um vínculo transferencial. Entretanto o papel e a função do pesquisador se distinguem do papel e da função do psicoterapeuta.

A pesquisa se distingue da prática clínica em seus objetivos e procedimentos, e quanto a isso Allones (2004) e Romanyshyn (2007) concordam, assim como em relação à instauração de um campo transferencial, tanto no processo de pesquisa como no processo analítico. Entretanto, há que se frisar também as particularidades distintas das duas atividades do psicólogo. Uma distinção importante sublinhada por Allones (2004) diz respeito à demanda; na pesquisa a demanda é do pesquisador ou de um grupo de pesquisa, e, nesse sentido os pontos de partida estão invertidos se comparados ao processo psicoterapêutico. Romanyshyn (2007) salienta que o envolvimento do pesquisador é tão complexo e intenso quanto o envolvimento do psicoterapeuta (p. 139), mas ressalta que “isto não significa que pesquisa seja terapia, ou que devesse ser” (p. 136). No processo de pesquisa, o envolvimento e o compromisso do pesquisador está focalizado em seu trabalho e é neste vínculo que se estabelece o campo transferencial.

Allones (2004) ressalta a contratransferência como mais importante na discussão de procedimentos clínicos em pesquisa do que a transferência. Em verdade trata-se apenas e tão somente de transferência, ou melhor, de um vínculo transferencial que se estabelece entre o pesquisador e o pesquisado, que perpassa esferas racionais e irracionais, cognitivas e emocionais, conscientes e inconscientes.

Por vínculo transferencial entende-se um canal que une de modo recíproco os participantes da relação (PENNA, 2005b). No caso do processo de pesquisa, os conteúdos dessa transferência interessam e devem ser analisados pelo pesquisador em benefício de seu trabalho e não em favor do paciente, como acontece no processo analítico.

Além do esforço pessoal e da atenção do pesquisador quanto à tensão entre objetividade e subjetividade, presente no processo de pesquisa, as diretrizes metodológicas do paradigma funcionam como parâmetros para o manejo de sua relação com o objeto de pesquisa e orientam na seleção de instrumentos de apreensão e procedimentos para a compreensão do símbolo investigado.

Considerando-se, como visto, que a relação 'pesquisador–pesquisado' envolve a articulação dinâmica de elementos conhecidos e desconhecidos, tanto no plano interno como no plano externo ao pesquisador, o processo de pesquisa compreende dois sistemas em interação: o sistema pesquisador com seus aspectos conscientes e inconscientes e o sistema pesquisado – fenômeno psíquico a ser conhecido – com seus aspectos conhecidos e desconhecidos – manifestos e subjacentes. Ambos, pesquisador e pesquisado fazem parte da dimensão coletiva e a compartilham, tanto no plano consciente como no plano inconsciente. A interação entre esses dois sistemas produz, pelo menos, quatro conjuntos de conexões possíveis que se estabelecem entre o pesquisador e seu objeto/símbolo de pesquisa, as quais se articulam de modo dinâmico e devem ser consideradas ao longo de todo o processo de pesquisa.

A título de ilustração, para a melhor visualização dos componentes implicados nesta intrincada relação, propõe-se uma representação gráfica da interação pesquisador–pesquisado no processo de pesquisa, com a finalidade de contribuir para a compreensão e reflexão sobre o assunto, pois, por mais que seja desejável que o pesquisador se envolva de corpo e alma no processo e considere seus aspectos conscientes e inconscientes na pesquisa e se deixe levar por suas fantasias e pelo fascínio que o símbolo produz, o comando do processo está mais a cargo da consciência do pesquisador do que do objeto pesquisado.

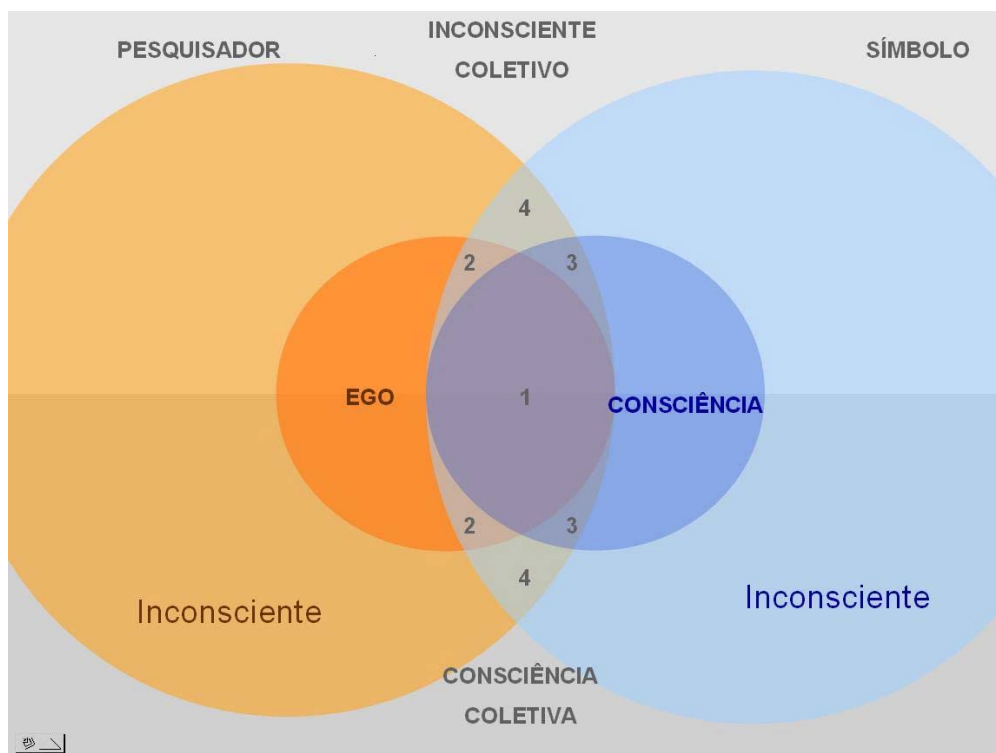


Figura 1: Relação pesquisador-pesquisado

Como é possível observar (fig. 1), a dinâmica estabelecida entre os dois sistemas – pesquisador e pesquisado – apresenta formas de interpenetração em vários níveis que devem ser observados pelo pesquisador durante o processo de pesquisa:

1. neste plano observa-se a relação entre o ego do pesquisador com a face manifesta do símbolo. Este é o plano de relação que se pode chamar de face a face. Refere-se àquilo que o pesquisador sabe de si e àquilo que ele percebe explicitamente em seu objeto de pesquisa. É um plano de constatações. Neste plano o pesquisador registra e recolhe as informações que o objeto lhe oferece, por meio dos procedimentos de apreensão.

2. neste plano se dá a relação entre o ego do pesquisador com a face desconhecida – inconsciente – do símbolo. Aqui é onde o pesquisador faz suas descobertas. Em contato com o fenômeno, especialmente por meio dos procedimentos de análise, o pesquisador vai descobrindo facetas, que antes lhe eram desconhecidas.

3. neste plano ocorre a relação do inconsciente do pesquisador com a face manifesta do símbolo, que geralmente se dá via projeção. O pesquisador deve estar atento para elucidar os vieses que a projeção de conteúdos inconscientes pode exercer ao promover distorções na percepção e compreensão dos fenômenos e, fazer o recolhimento dessas projeções. Para tanto, o primeiro passo é reconhecer a natureza da relação que se estabelece entre o pesquisador e a pesquisa e fazer uso de procedimentos que funcionem como ‘filtro’ para a elucidação das projeções. Apesar de qualquer recurso técnico que possa ser empregado para minimizar os efeitos da projeção, o melhor recurso a ser utilizado nesse campo ainda é a atitude reflexiva do pesquisador, consciente de que este plano da relação está constantemente ativado. É neste plano também que, com o recolhimento das projeções, o pesquisador pode descobrir que o seu objeto de estudo não era exatamente aquilo que ele imaginava e então se surpreender com as novidades que a investigação propõe.

4. o plano de relação entre o inconsciente do pesquisador e os aspectos inconscientes – desconhecidos – do símbolo é uma suposição plausível decorrente dos pressupostos epistemológicos do paradigma, mas do qual pouco, ou mesmo nada, se pode dizer a não ser aceitar sua existência. Neste campo se insere a discussão sobre verdade que será abordada mais adiante.

Em resumo, a perspectiva simbólica arquetípica aplicada no campo da pesquisa configura uma relação sujeito-objeto dialética que diferencia o eu e o outro, mas não prioriza um em detrimento do outro. Embora a produção de conhecimento seja primordialmente conduzida pelo pesquisador, a este não é dado, em princípio, um controle egoico absoluto da situação, uma vez que o inconsciente – pessoal e coletivo – participa e interfere constantemente no processo. Apenas a manutenção de uma atitude simbólica em relação ao pesquisado pode favorecer o andamento do processo, que busca integrar as polaridades em questão, sem menosprezar ou supervalorizar uma ou outra. Dessa forma a atitude do pesquisador, particularmente em relação à participação do inconsciente no processo, é alvo de constante atenção. Desde o início do processo de pesquisa, o pesquisador deve estar atento às demandas inconscientes que permeiam suas escolhas e decisões.

8.3.3 Segunda etapa – apreensão do fenômeno – coleta de material

Retomando as diretrizes metodológicas do paradigma junguiano, que indica a consciência do pesquisador como o instrumento primordial na apreensão dos fenômenos e a observação o procedimento principal para esta apreensão, deve-se enfatizar também que, da apreensão do fenômeno depende diretamente sua compreensão, ou seja, a etapa de coleta de dados delimita e condiciona, em larga escala, os limites e possibilidades de análise e interpretação que o material permite. Outro aspecto importante a ser considerado na apreensão dos símbolos no paradigma junguiano é o contexto do fenômeno, ou seja, a situação e a condição em que o símbolo emerge (PENNA, 2003) e como sua expressão simbólica é captada pelo pesquisador. Considerações a respeito do contexto do fenômeno, quer na sua apreensão, como em sua compreensão, serão feitas ao longo de toda a discussão sobre o processo de pesquisa.

8.3.3.1. Recursos metodológicos

Cumprе salientar que a atitude simbólica do pesquisador consiste em recurso metodológico indispensável na condução de um processo de pesquisa coerente com as demandas ontológicas e epistemológicas do paradigma junguiano. A atitude do pesquisador diante de seu objeto de pesquisa, assim como diante de todo o processo de pesquisa, confere um caráter amplificatório à sua forma de captar o material. A função instrumental da consciência do pesquisador tem sido alvo de atenção ao longo de toda a discussão do processo de pesquisa e, por isso, não requer nem comporta um destaque isolado neste momento. Por outro lado, quanto à observação, esta, sim, merece destaque como parte dos procedimentos metodológicos de apreensão dos fenômenos.

8.3.3.2. Observação e auto-observação

Com base nas considerações feitas sobre as características e implicações da dinâmica ‘pesquisador–pesquisado’, é possível discutir agora a observação como procedimento metodológico básico na apreensão dos fenômenos investigados. O enfoque qualitativo de pesquisa, com frequência, está baseado em métodos de coleta de dados sem medição numérica, privilegiando a observação como modo primordial de apreensão dos fenômenos.

Pieri (2002) distingue dois tipos de observação: a observação 'natural' e a observação 'experimental'. Pode-se falar também de observação instrumental, ou seja, mediada por um instrumento. Nas ciências naturais fala-se de observação a 'olho nu' ou por instrumentos (microscópios ou telescópios). Embora, a rigor, toda observação seja mediada pelo observador, essa distinção é válida quando se trata de avaliar procedimentos de coleta de material.

Há que se lembrar também a distinção entre observação direta e indireta, pois “o inconsciente, por definição, não é acessível à observação direta” (vol.8, §356, nota 12). Assim, a apreensão dos fenômenos psíquicos é sempre feita por meio de procedimentos de observações diretas e indiretas.

A psicologia como ciência relaciona-se, em primeiro lugar, com a consciência; a seguir, ela trata dos produtos do que chamamos psique inconsciente que não pode ser diretamente explorada por estar a um nível desconhecido, ao qual não temos acesso. (JUNG, vol.18/1, §8)

A distinção que Jung faz do arquétipo em si e da manifestação arquetípica é fundamental para se discriminar entre constructo teórico limite (arquétipo), que fica fora da experiência observável e, portanto, fora dos limites do conhecimento (consciência), e as manifestações dessa entidade teórica que são acessíveis à consciência e, por isso, passíveis de observação e conhecimento. De acordo com Jaffé (1989), a distinção entre o conteúdo arquetípico na consciência e o arquétipo em si “caracteriza o fundamento epistemológico da obra de Jung desde os seus primórdios” (p. 42) e encaminha diretrizes para o método de pesquisa em psicologia analítica. Jung afirma que o inconsciente, apesar de não ser acessível à observação direta, pode ser observado, de modo indireto, por suas manifestações na consciência (símbolos). Nesse sentido, de certa forma, toda observação psicológica que vise acessar material inconsciente pode ser considerada uma observação indireta.

As representações simbólicas desse constructo teórico (arquétipo) são acessíveis à consciência por intermédio de suas expressões simbólicas e, dessa forma, passíveis de observação e compreensão. A produção de conhecimento neste paradigma se efetiva através da pesquisa dessas manifestações na esfera consciente, tanto no âmbito pessoal como no coletivo. No processo de pesquisa, a tarefa do pesquisador é manejar a captação e o processamento dos símbolos

investigados desde sua apreensão (coleta) até sua compreensão (análise).

A capacidade e a habilidade de observação estão diretamente relacionadas às funções perceptivas da consciência conhecedora. O treinamento dessa capacidade inata do ser humano leva ao refinamento da observação, que se traduz em acuidade, sensibilidade e perspicácia perceptivas que habilitam o pesquisador a observar os fenômenos em suas sutilezas e nuances. Todavia o conhecimento humano é sempre resultante da articulação de, pelo menos duas funções – uma perceptiva (irracional) e uma de julgamento (racional). A sensação e a intuição, como funções perceptivas da consciência, foram consideradas por Jung (vol.6 e 18/1) funções irracionais, pelo modo imediato com que abordam os objetos. A sensação simplesmente constata ‘que o objeto é’. Pela percepção sensorial, ela capta os fenômenos de modo detalhado e minucioso; a intuição os capta de modo global e abrangente, percebendo-os como parte de um todo mais amplo – visão de contexto, e, nesse sentido, são funções puramente apreensivas. O pensamento e o sentimento são funções de julgamento, o primeiro define e conceitua o objeto, e o segundo atribui significado e avalia o fato percebido. A articulação entre as funções perceptivas e as funções de julgamento resulta numa observação perceptiva e compreensiva dos fenômenos, assim, toda observação é simultaneamente perceptiva e interpretativa. Vale, mais uma vez, sublinhar que ao ser humano não é possível perceber sem simultaneamente interpretar, por conseguinte, é admissível a distinção entre procedimentos de apreensão e de compreensão, mas sua separação no processo de realização da pesquisa, até certo ponto, tem uma função didática para facilitar a transmissão do conhecimento.

À observação também se acrescenta a auto-observação, que consiste na constante reflexão do pesquisador sobre sua conexão com as metas da pesquisa, avaliando constantemente suas decisões e ações, considerando seu vínculo com o objeto de pesquisa, tentando, na medida do possível, atentar para os aspectos inconscientes envolvidos no processo, como já foi discutido no que diz respeito à relação ‘pesquisador – pesquisado’. Da mesma forma que conhecimento e autoconhecimento são indissociáveis, também a observação e a auto-observação são inseparáveis.(PENNA, 2003)

As alterações operadas no fenômeno (símbolo) por ocasião de sua

observação pelo pesquisador estão presentes ao longo do processo de pesquisa e são decorrentes, tanto dos procedimentos de apreensão como dos procedimentos de análise. Elas se sucedem nas etapas do processo e seus efeitos são cumulativos. Ainda que tais interferências sejam, em grande medida, inevitáveis e mesmo inerentes à pesquisa qualitativa, é importante considerá-las. Por este motivo é necessário que o pesquisador explicita detalhadamente suas escolhas e decisões, definindo o contexto de apreensão e o contexto de compreensão dos fenômenos pesquisados, alertando para os vieses naturais da investigação. Dessa forma, suas descobertas se traduzem numa produção de conhecimento que contribui para a comunidade científica e cultural.

A observação como instrumento fundamental de apreensão dos símbolos está intimamente associada à relação 'pesquisador–pesquisado', anteriormente abordada. As implicações discutidas quanto à relação epistemológica eu – outro (sujeito-objeto) estão diretamente relacionadas à questão metodológica da observação, embora não se trate exatamente do mesmo tipo de relação.

A relação que se estabelece entre o sistema observante e o sistema observado vai além da relação direta sujeito-objeto, visto que entre os dois sistemas pode se interpor um instrumento (relato, foto, filme, teste psicológico, técnica expressiva), como equipamento técnico favorecedor e facilitador da observação do símbolo. A equação pessoal de ambos os sistemas também se interpõe tanto na emissão da imagem a ser observada como na sua captação. O campo de observação psicológica é um campo simbólico que preenche de significados o processo de observação, o que, mais uma vez, reafirma o caráter interpretativo da observação.

O ideal e o objetivo da ciência não consistem em dar uma descrição, a mais exata possível, dos fatos – a ciência não pode competir com a câmera fotográfica ou com o gravador de som – mas em estabelecer a lei que nada mais é do que a expressão abreviada de processos múltiplos que, no entanto, mantêm certa unidade. Este objetivo se sobrepõe, por intermédio da concepção, ao puramente empírico, mas será sempre, apesar de sua validade geral e comprovada, um produto da constelação psicológica subjetiva do pesquisador. (vol.6, §8)

8.3.3.3. Procedimentos metodológicos para a apreensão dos fenômenos

A opção por um procedimento de investigação é da competência exclusiva do pesquisador e decorre, em primeiro lugar, do paradigma adotado por ele. Um mesmo método admite vários recursos metodológicos, a articulação de diversos procedimentos tende a enriquecer e aprofundar a coleta de material. Conforme apontado por Oliveira (2007), 'a diversidade de estratégias [utilizadas] reflete o esforço dos pesquisadores para encontrar e elaborar recursos que contemplem o material de pesquisa e o referencial teórico'. A escolha dos recursos metodológicos – instrumentos ou estratégias – para a apreensão dos fenômenos é derivada, em segundo lugar, da articulação entre o tema da pesquisa, seus objetivos, o contexto em que a pesquisa é conduzida e o objeto de estudo selecionado pelo pesquisador como a manifestação simbólica por meio da qual o símbolo será captado.

Optou-se por discutir os procedimentos metodológicos para apreensão dos fenômenos em sua interface com o objeto da pesquisa como fonte de informação selecionada pelo pesquisador para captar o símbolo a ser investigado. A escolha do objeto de pesquisa condiciona, em larga medida, os recursos metodológicos para a captação das manifestações simbólicas pretendidas na pesquisa. Há pesquisas em que são eleitas mais de uma fonte de informação sobre o fenômeno, nestes casos é frequente a associação com o ser humano como fonte de informação, por exemplo, quando são usados documentos e seres humanos; ou obras literárias e seres humanos. Mesmo quando o fenômeno alvo de investigação é de cunho cultural (social ou histórico), percebe-se que, na pesquisa em psicologia em geral, há uma preferência pelo ser humano como fonte de informação. Por esse motivo, a discussão dos procedimentos de apreensão é encaminhada, primeiramente, pelas pesquisas com seres humanos.

8.3.3.4. Procedimentos em Pesquisas com seres humanos

Quanto à articulação entre os procedimentos de coleta, o objeto de estudo e sua fonte de informação, destacam-se as pesquisas em que a apreensão é feita com seres humanos. Primeiramente porque isso se aplica a uma grande parcela das pesquisas realizadas, como foi observado na análise da produção acadêmica atual

em psicologia analítica em que 62% das pesquisas tinham seres humanos como fonte de informação para a investigação do fenômeno e, em segundo lugar, porque essa articulação requer procedimentos e providências específicas.

Quando os dados são coletados pela observação ou intervenção com seres humanos, o primeiro ponto a ser esclarecido é quanto à nomenclatura utilizada. Tradicionalmente as pesquisas com seres humanos usavam o termo 'sujeito' ou 'sujeito de pesquisa' para nomear as pessoas que forneciam os dados num processo de pesquisa. Com o advento das pesquisas qualitativas, sobretudo nas ciências humanas, essa nomenclatura passou por várias revisões, que propuseram os termos 'informante' ou 'participante' para designar os 'sujeitos'. Chizzotti (2003) refere-se a 'pessoas-fonte' como os indivíduos que são considerados adequados para fornecer informações ao pesquisador sobre o tema da pesquisa. No presente estudo será adotado, preferencialmente, o termo participante, com a advertência de que o participante equivale ao objeto de pesquisa, ou seja, o ser humano é para o pesquisador, o objeto/fenômeno por meio do qual o material de pesquisa é apreendido. Em outras modalidades de pesquisa, os objetos / fenômenos podem ser documentos, textos, filmes ou quaisquer outros tipos de evento cultural, artístico ou científico. Outro ponto importante, a ser aqui destacado, diz respeito ao vínculo transferencial que necessariamente se estabelece entre o pesquisador e o participante e que deve ser cuidadosamente observado especialmente na etapa de apreensão do material, embora também deva ser considerado na etapa de compreensão do fenômeno. As pesquisas com seres humanos exigem também cuidados éticos específicos, alguns dos quais previstos nas regulamentações de instituições de ensino e saúde onde as pesquisas são realizadas, e outros recomendáveis pela ética profissional e pessoal que devem ser explicitados no relato da pesquisa.

Nas pesquisas com seres humanos, o procedimento mais frequentemente utilizado é a entrevista, podendo ser também usados outros instrumentos de coleta tais como: depoimentos, questionários, registros ou relatos verbais escritos ou gravados, testes ou recursos expressivos. A observação, tanto natural como instrumental, cumpre papel importante em todas essas circunstâncias.

8.3.3.5. Entrevistas

Bleger (2007) considera a entrevista um instrumento psicológico fundamental, tanto no método clínico como na investigação científica.

Entrevista é o procedimento mais frequentemente utilizado para apreensão dos fenômenos nas pesquisas com seres humanos. Em 46% das pesquisas acadêmicas atuais, analisadas neste estudo, o procedimento de entrevista foi selecionado como instrumento de coleta de material.

Como procedimento preferencial na pesquisa em psicologia analítica, as entrevistas devem ser subsidiadas, de acordo com Blanchet (2004), por uma teoria e pela experiência do pesquisador. Diante dos fundamentos epistemológicos do paradigma junguiano, a elaboração das entrevistas deve ter por objetivo colher material consciente e inconsciente, assim as modalidades de entrevista semidirigidas, semi-estruturadas, abertas ou em profundidade são as mais adequadas. O que distingue essas modalidades de entrevista é o crescente grau de liberdade por elas permitido, tanto ao entrevistador como ao entrevistado no seu transcurso. Estes tipos de entrevistas são orientados por um roteiro previamente estabelecido que lhes confere flexibilidade, favorecendo a espontaneidade do participante e a criatividade do pesquisador. Entretanto, essas modalidades de entrevista exigem do entrevistador conhecimento aprofundado do assunto pesquisado, além de sensibilidade psicológica para os conteúdos projetados na relação transferencial que necessariamente se estabelece entre entrevistador e entrevistado, conforme discutido anteriormente.

Dessa forma, a elaboração e aplicação das entrevistas devem privilegiar a relação interpessoal dinâmica entre o entrevistador e o entrevistado (vide relação 'pesquisador – pesquisado'). De acordo com Bleger (2007), "a entrevista psicológica é uma relação, com características particulares, que se estabelece entre duas ou mais pessoas" (p. 6). Ao pesquisador entrevistador compete eleger modos e formas de conduzir a entrevista a fim de que seja captado o material necessário e condizente com seu tema de pesquisa.

Quanto à dinâmica relacional, Bleger (2007) salienta como habilidades importantes do entrevistador não apenas a escuta, mas também a observação do

comportamento do outro, ou seja, deve-se conseguir, pela entrevista, captar a personalidade do entrevistado. Quanto ao entrevistador “é importante ressaltar o esforço para estimular os sujeitos a se tornarem generosos ao assumirem a tarefa de informante, ponto central para o sucesso da coleta” (PAULA, 2005, p. 135), pois, conforme aponta Allones (2004), o procedimento de entrevista pode deixar muitos conteúdos implícitos e, quanto a isso, é importante, não apenas a promoção de um ambiente favorável para a realização da entrevista, mas também a formulação de um roteiro que permita a emergência do material a que se destina a entrevista, ou seja, atentar para a sintonia com os objetivos da pesquisa e do procedimento.

É imprescindível que a entrevista seja elaborada de tal modo que permita o acesso ao material consciente e inconsciente. É desejável que o caráter projetivo da entrevista seja articulado com seu aspecto expositivo, favorecendo a naturalidade e espontaneidade do entrevistado.

Quanto à captação de material consciente, é recomendável que seja solicitado ao entrevistado o uso das várias funções da consciência (pensamento, sentimento, sensação e intuição) em suas respostas. Para tanto, o roteiro da entrevista deve contemplar questões que incentivem o participante a exprimir-se tanto do ponto de vista cognitivo e perceptivo, como também valorativo e intuitivo quanto ao tema investigado. Dessa forma é assegurada a apreensão de múltiplas facetas conscientes do símbolo investigado. Ainda em relação à obtenção de informação no plano consciente, pode ser conveniente para o tema da pesquisa proceder à investigação dos dinamismos arquetípicos por meio dos quais o indivíduo se relaciona com o ambiente, neste caso o roteiro de entrevista deve abranger perguntas que atentem para tais dinamismos. Por exemplo, questões relativas a gosto, prazer ou aspectos da natureza tendem a revelar um funcionamento de tipo matriarcal. Por outro lado, questões referentes a dever, trabalho, leis e regras, assim como disciplina e ordem, suscitam o desempenho patriarcal da consciência. Com isso fica evidente a necessidade de domínio das bases epistemológicas do paradigma por parte do pesquisador (entrevistador) para o uso eficiente dos instrumentos de coleta de dados em geral.

Quanto às estratégias para a apreensão de material inconsciente, podem ser utilizadas perguntas ou propostas que solicitem a projeção de conteúdos

inconscientes que remetam o indivíduo à imaginação e à fantasia. A formulação de perguntas, tais como ‘se você fosse...’, ou, ‘o que você imagina que...’, ou ainda, ‘como seria se...’, incentiva a fantasia e, com isso, a entrevista se torna um recurso metodológico projetivo.

A modulação do ritmo, a duração da entrevista bem como a sequência de temas abordados e a intensidade de envolvimento solicitado ao entrevistado também contribuem para a consecução dos objetivos almejados na apreensão dos fenômenos. O roteiro da entrevista deve ser cuidadosamente preparado, testado e, se necessário, reformulado. A avaliação da pertinência e eficiência do roteiro de entrevista pode ser feita por meio de entrevistas piloto ou pela ‘auto-aplicação’ do roteiro. A experiência de uso da ‘auto-aplicação’ de recursos metodológicos em grupos de alunos da graduação tem se mostrado muito interessante. Ao se submeter a seu próprio instrumento, o pesquisador experimenta de modo prático, e não apenas teórico, a ressonância provocada por seu instrumento de coleta de material, sobretudo no que diz respeito aos aspectos transferenciais envolvidos na aplicação de estratégias de pesquisa.

Os registros (escritos ou gravados e transcritos) devem ser feitos “com a maior fidelidade possível, buscando preservar o dinamismo e vivacidade originais de forma a reconstituir o diálogo registrado” (PAULA, 2005, p.144). Nesse sentido a competência do pesquisador como observador atento e sensível a sutilezas e minúcias é essencial.

Muitas das considerações feitas quanto à elaboração e aplicação de entrevistas também se aplicam ao uso de outros procedimentos metodológicos em pesquisas com seres humanos.

8.3.3.6. Recursos projetivos

A utilização de recursos projetivos também é bastante frequente nas pesquisas em psicologia analítica. São considerados recursos projetivos tanto os testes projetivos como as técnicas expressivas, amplamente utilizadas nos processos de psicodiagnóstico e no processo analítico. Os recursos projetivos, por sua natureza, favorecem a emergência de conteúdos inconscientes via projeção e são, portanto, estratégias muito adequadas aos objetivos da pesquisa junguiana

para a captação de material. O uso de testes projetivos na coleta de material dispensa comentários mais detalhados, uma vez que a literatura específica dos testes informa e orienta sua aplicação.

Quanto ao emprego de recursos expressivos, estes podem ser de cunho gráfico, plástico, dramático, corporal e imaginativo, tais como desenho, modelagem, dramatização, técnicas de relaxamento e expressão corporal, visualização de imagens, fantasia dirigida, material onírico e cenários em caixa de areia. Esses recursos evocam material simbólico que se expressa por vias não-verbais, ainda que em alguns casos seu registro seja verbal (ou escrito).

8.3.3.7. Material não-verbal

De acordo com a conceituação de símbolo e considerando-se que o conhecimento é fruto da articulação das diversas funções da consciência, na pesquisa em psicologia analítica é não apenas viável como também desejável, dependendo dos objetivos e do contexto em que a pesquisa é feita, a obtenção de material não-verbal. Estes podem ser associados à coleta de material verbal. Os desenhos, por exemplo, são estratégias de apreensão de dados muito utilizadas em razão de sua capacidade expressiva que articula material projetivo (inconsciente e consciente) com uma forma de expressão não verbal. A articulação entre procedimentos de apreensão de material verbal e material imagético enriquece e aprofunda o espectro de facetas do símbolo em pauta na investigação.

8.3.3.8. Considerações sobre pesquisa e Intervenção psicoterapêutica

Com respeito à pesquisa com seres humanos, cumpre salientar também as investigações clínicas, cujo foco principal situa-se na avaliação de intervenções psicoterapêuticas. Esta modalidade de pesquisa foi amplamente discutida por Allones (2004) e algumas de suas implicações foram abordadas quando se discutiu a relação 'pesquisador – pesquisado'. Entretanto algumas considerações ainda devem ser feitas quanto às pesquisas que fazem uso de intervenções terapêuticas como procedimento de apreensão do fenômeno. Herrmann (2006) e Neder (1993)

argumentam em favor da não discriminação entre a atividade clínica e de pesquisa e sustentam que o trabalho clínico é em si um trabalho de investigação, porém o papel e a função do pesquisador e do psicoterapeuta são bastante distintos, assim como o são seus objetivos. Não se trata de invalidar a produção de conhecimento no campo da psicoterapia, ao contrário, seu valor é inegável. Trata-se, porém de escolher cuidadosamente a forma de realizar tais pesquisas, visto que o acúmulo de papéis e funções advindo da sobreposição das atividades de pesquisa e de intervenção torna-se especialmente delicado e até mesmo arriscado, tanto para o pesquisador como para os indivíduos que dela participam. O processo de pesquisa em psicologia analítica por si só já envolve uma grande diversidade de fatores a serem considerados, assim como um alto grau de complexidade no manejo e articulação de elementos conscientes e inconscientes tanto no plano individual quanto arquetípico. Portanto é mais aconselhável, na medida do possível, manter a discriminação entre as funções de pesquisador e psicoterapeuta e as atividades de pesquisa e intervenção. Se o profissional tem o hábito de registrar e arquivar o material de seus pacientes, ele não terá dificuldade em realizar uma investigação científica de cunho clínico utilizando esse material previamente coletado, o que é prática bastante frequente entre os psicólogos clínicos. Essas recomendações são válidas também para outros tipos de intervenções clínicas em instituições de saúde em geral. Vale ressaltar o caso das clínicas-escola e os hospitais-escola, em que todo material é registrado e arquivado com o consentimento prévio de seus usuários com a possibilidade de eventual uso como material de pesquisa.

Nas pesquisas teórico-clínicas, o material clínico geralmente é utilizado como uma ilustração a serviço de uma compreensão ampliada e aprofundada do tema ou conceito teórico alvo da investigação. Essa é, outrossim, uma alternativa interessante para a produção de conhecimento no campo clínico.

8.3.3.9. Procedimentos em Pesquisas de fenômenos culturais

Muitos dos aspectos abordados sob a rubrica de pesquisa com seres humanos são da mesma forma aplicáveis às pesquisas de fenômenos culturais e às pesquisas teóricas. Nas pesquisas cujo objeto de estudo são fenômenos culturais, muitas vezes são utilizados seres humanos como fonte de informação. Cumprido, no entanto, salientar as situações em que o objeto exclusivo da pesquisa são eventos

culturais, tais como obras de arte, personagens ou fatos de ordem histórica ou ficcional, cujas fontes de informação podem ser documentos; produções literárias ou cinematográficas; mídia escrita ou televisiva, entre outros.

Oliveira (2007), em sua pesquisa sobre a personagem Buffy, de um seriado de televisão, afirma, em relação à abordagem de produções culturais nas pesquisas em psicologia analítica, que “a intensidade da fascinação ou das emoções geradas pelas imagens cinematográficas é fator suficiente para justificar o trabalho de análise” assim como sua eleição como objeto de pesquisa (p. 17).

Os procedimentos de coleta nestes casos fazem amplo uso da observação natural ou instrumental e da coleta de material via registro das observações. Aqui também são utilizados recursos para obtenção de material não-verbal, tais como fotos e vídeos a partir dos quais o pesquisador recolhe seu material de pesquisa para análise e compreensão do fenômeno.

Alguns critérios devem ser estabelecidos para proceder à coleta desse tipo de material. A delimitação do contexto de coleta cumpre papel relevante para circunscrever as características da amostra, orientar e organizar a seleção de material apropriado aos objetivos da pesquisa. As fontes consultadas devem ser minuciosamente registradas. Algumas opções quanto ao tipo de material a ser selecionado para análise, muitas vezes, precisam ser feitas de antemão, por exemplo, no caso de filmes é preciso decidir se a unidade de análise serão as imagens ou as cenas do filme, se será constituída pelos diálogos dos personagens, ou ainda por ambos, visto que, dependendo da escolha feita pelo pesquisador, as perspectivas de observação e o registro do material são diferentes.

A relação que se estabelece entre o pesquisador e o pesquisado neste tipo de pesquisa, apesar de distinta daquela em vigor nas pesquisas com seres humanos, ainda assim envolve alguma espécie de vínculo transferencial, em função da hipótese de que o tema da pesquisa e seu correlato no fenômeno (objeto de pesquisa) são, respectivamente um símbolo e uma expressão ou manifestação desse símbolo. O caráter numinoso do símbolo tanto captura como fascina o pesquisador, mobilizando forte carga energética de emoções e curiosidade intelectual, que são, inevitavelmente fonte de fantasias projetivas sobre o objeto.

Com isso é essencial que o pesquisador fique atento a suas expectativas, crenças e valores consensuais assim como pré-conceitos com relação ao objeto sob investigação, que, de certa forma, podem configurar complexos culturais do pesquisador. Tais projeções podem nublar a observação e ainda enviesar a coleta de material. Mesmo admitindo-se que algum tipo de viés (subjetividade) estará sempre presente, o registro minucioso tanto dos dados como das fontes utilizadas, neste caso, são muito importantes.

Finalmente, com relação às pesquisas cujo objeto de estudo são fenômenos culturais, é preciso ressaltar que, em função de seus pressupostos epistemológicos, o paradigma junguiano oferece recursos metodológicos para a “compreensão e análise de fenômenos socioculturais” (OLIVEIRA, 2007, p. 24), o que tem sido observado na produção de vários autores pós-junguianos⁶, e também foi constatado pela presença de 35% de pesquisas de cunho cultural na produção acadêmica atual brasileira.

8.3.3.10. Procedimentos em pesquisas de conceitos ou temas teóricos

Nas pesquisas em que o objeto alvo da investigação consiste em questões relativas a conceitos teóricos ou autores da psicologia analítica, os procedimentos de coleta de material empregados são, geralmente, revisão bibliográfica: levantamento de textos de cunho histórico ou de documentos considerados relevantes para o assunto pesquisado. Aqui se aplicam as mesmas recomendações feitas a respeito dos fenômenos culturais, tanto em relação aos procedimentos de coleta como referentes ao vínculo transferencial com o material. A variedade de fontes consultadas pode auxiliar na redução de vieses. O rastreamento histórico do conceito ou do tema pesquisado confere maior amplitude de possibilidades na análise e colabora para o estabelecimento do contexto de apreensão e, nesse sentido, encaminha o contexto de análise do material. O progresso da ciência depende da sinergia entre pesquisa básica e pesquisa aplicada (COZBY, 2003).

⁶ Para informações a esse respeito, ver, dentre outros: Gambini (1988); Neumann (1990); Stein (2001); Singer (2002); Ramos (2004); Zoja (2005).

8.3.4 Terceira etapa: Processamento simbólico arquetípico

Os fenômenos investigados na pesquisa junguiana são parcialmente conhecidos (conscientes) e parcialmente desconhecidos (inconsciente) e portanto analisáveis e compreensíveis. Os aspectos conhecidos do fenômeno são as facetas evidentes do objeto pelas quais ele se apresenta e é captado e registrado. Seus aspectos desconhecidos são as incógnitas a serem respondidas pela investigação, as quais estão delineadas ou sugeridas no objetivo da pesquisa e serviram de orientação para a apreensão do fenômeno na fase de coleta de dados.

Tais fenômenos têm valor simbólico para o pesquisador e para a comunidade científica e cultural e estão referidos a um determinado contexto, no qual foram apreendidos (contexto de coleta de dados). A etapa de análise compreensiva do material tem por finalidade decifrar e assimilar a face desconhecida do símbolo, tornando-a, até certo ponto, conhecida. Cumpre-se, assim, a meta do processo de pesquisa: produção de um conhecimento novo e significativo. Nesta fase do processo, os principais recursos metodológicos utilizados concentram-se nos recursos internos do pesquisador: suas capacidades e habilidades, seus conhecimentos específicos sobre o tema investigado, e o trabalho realizado nas etapas anteriores.

Dessa forma, a condução do processamento simbólico arquetípico do material coletado exige a participação integral da personalidade do pesquisador. Mesmo que, desde o início do processo de pesquisa, seus recursos internos estejam atuantes e se articulem com a atividade de apreensão, neste momento, eles se fazem mais proeminentes e exigem também introspecção e reflexão, uma vez que os rumos do trabalho podem ser alterados pelo processamento simbólico arquetípico que começa a revelar as incógnitas do símbolo investigado.

O processamento simbólico arquetípico requer, em primeiro lugar, a articulação das funções da consciência, favorecendo a compreensão psicológica dos fenômenos a partir da perspectiva simbólica arquetípica do paradigma junguiano (PENNA, 2003). Em segundo lugar, esse processamento tem caráter dinâmico, que inclui, conforme proposto por Jung (vol.8), as etapas de tradução, interpretação (hermenêutica) e elaboração do material, as quais transcorrem dialeticamente em

seqüências de análises e sínteses e demandam uma atitude compatível por parte do pesquisador.

Para Jung (vol.6), a psicologia é uma espécie de ciência intermediária capaz de unir ideia e coisa. A realidade psíquica é uma “realidade viva”, realidade esta que “não é dada exclusivamente pelo produto do comportamento real objetivo das coisas, nem pela fórmula ideal, mas pela combinação de ambos no processo psicológico vivo” (§ 73). Nesse âmbito, a experiência sensível da coisa e a força da ideia se integram, pois, se por um lado, “*ao esse in intellectu* falta a realidade tangível, *ao esse in re* falta espírito” (§ 73), pelo *esse in anima* o paradigma junguiano supera a dissociação, tradicional da filosofia das ciências, entre a perspectiva materialista e a perspectiva idealista.

Ideia e coisa confluem na psique humana que mantém o equilíbrio entre elas. Afinal o que seria da idéia se a psique não lhe concedesse um valor vivo? E o que seria da coisa objetiva se a psique lhe tirasse a força determinante da impressão sensível? O que é a realidade se não for uma realidade em nós, um *esse in anima*? (JUNG, vol.6, §73).

Do ponto de vista prático, para que a 3ª etapa do processo tenha início, o pesquisador precisa fazer uma revisão geral de todo material coletado e avaliar a necessidade de complementação ou descarte de dados, para então encerrar definitivamente a etapa de apreensão; retirar-se do campo de coleta e se dedicar à compreensão do material.

As suas funções da consciência (pensamento, sentimento, sensação e intuição) são os recursos internos de que dispõe o pesquisador para observar e compreender os símbolos. Como foi discutido anteriormente, a observação é o recurso metodológico primordial para a apreensão dos fenômenos, sua articulação com as funções de julgamento resulta em uma percepção interpretativa. Tais recursos no processo de pesquisa constituem recursos metodológicos tanto de apreensão como compreensão.

Segundo Von Franz (1992), “uma interpretação meramente intelectual jamais é satisfatória, pois o valor emocional do conteúdo arquetípico é tão importante quanto sua compreensão [racional]” (p. 108). Dessa forma, os processos cognitivos devem ser flexibilizados, por um lado, pela participação de outras funções perceptivas e avaliativas, e por outro lado, permitindo que, ao pensamento racional

dirigido seja acrescentado o pensamento irracional não dirigido (Jung, vol.5), donde resulta o pensamento simbólico (Jung, vol.6). A leitura simbólica do material promove uma compreensão que não é literal ou simplesmente descritiva do fenômeno. A atitude simbólica do pesquisador diante da pesquisa é peça fundamental nesta etapa do trabalho.

O trabalho realizado na 2ª etapa resultou num material que agora deve ser analisado. O material a ser analisado precisa ser considerado quanto ao contexto; quanto a suas causas e finalidades e quanto aos seus aspectos arquetípicos e particulares ou individuais. Esses três aspectos encontram-se fortemente entrelaçados nos fenômenos.

Por um lado, os eventos psicológicos – manifestações simbólicas – emergem tanto no contexto individual como no contexto cultural – símbolos individuais e símbolos culturais – e, por outro lado, todo conhecimento é forjado e faz sentido num determinado contexto. A perspectiva simbólica arquetípica do paradigma requer que os fenômenos sejam analisados dentro de um amplo espectro de possibilidades, no que diz respeito ao contexto em que a compreensão do material será conduzida. A investigação na psicologia analítica abarca a esfera dos fenômenos individuais e dos fenômenos coletivos, desde que configurados por seu valor simbólico, seja para o indivíduo ou para a coletividade que os produz e os vivencia.

O contexto mais amplo e geral de qualquer fenômeno psicológico é o contexto arquetípico, e seu contexto mais estrito e específico é o contexto particular ou individual. Entre esses dois polos há gradações que devem ser consideradas, de acordo com a situação (contexto) em que o fenômeno foi observado e os objetivos da pesquisa.

Na perspectiva simbólica-arquetípica, o evento simbólico é compreendido com base nas causas, na teleologia (finalidade) e na sincronicidade; é analisado e interpretado no entrelaçamento de seus aspectos atuais, históricos e arquetípicos, buscando-se sempre situar seu sentido na totalidade de que faz parte.

8.3.4.1. Organização do material para fins de análise

Esta é uma etapa preliminar da análise compreensiva essencial para a

preparação do material para sua leitura simbólica, que já invoca as capacidades analíticas e amplificatórias do pesquisador para traduzir o material recolhido num texto legível, a fim de ser interpretado.

Meu modo de proceder não difere daquele usado para decifrar um texto difícil de ler. O resultado obtido com este método nem sempre é um texto imediatamente compreensível, mas muitas vezes não passa de uma primeira, mas preciosa indicação que comporta numerosas possibilidades. (Jung, vol.8, §542)

- Reconstituição do contexto de coleta:

A 'reconstituição do contexto' (Jung, vol.8) do fenômeno é feita pela retomada das condições de apreensão do fenômeno e informa sobre sua situação atual e as condições gerais em que esse símbolo se expressa, tanto na perspectiva espaço temporal (cultural) no contexto da consciência coletiva, como na perspectiva da consciência individual e, também, quanto à situação psíquica que enseja a manifestação do símbolo, qual seja, a dinâmica compensatória entre a consciência (coletiva e individual) e o inconsciente (coletivo e pessoal). Lembrando que todo evento psicológico "é uma auto-representação, em forma espontânea e simbólica, da situação atual do inconsciente" (Jung, vol.8, §505) e tem uma função compensatória para a situação atual da psique (individual ou coletiva) na qual ele emerge.

A avaliação do contexto do fenômeno aliada aos objetivos pretendidos pela pesquisa encaminham o contexto da análise e definem o âmbito em que o fenômeno será analisado e compreendido; com isso, delimitam em que grau e com que ênfase os aspectos arquetípicos e individuais do símbolo serão considerados em sua interpretação.

Algumas perguntas, a título de reflexão, podem ser levantadas pelo pesquisador com o intuito de esclarecer e preparar a análise do material:

Que circunstâncias forjaram a emergência deste símbolo / fenômeno?

Que situação psíquica este símbolo vem compensar?

Qual o tema arquetípico subjacente neste símbolo?

- Tradução do material num texto legível

Com a reconstituição do contexto de apreensão, que considera "um trabalho simples, quase mecânico, que tem um valor meramente preparatório" (vol.8, §542), é

feita a tradução do material em um 'texto legível' para sua interpretação e compreensão subsequentes. A tradução equivale à etapa de organização e preparação do material para fins de análise.

Na preparação do material o pesquisador tenta encontrar padrões de semelhança e/ou discrepâncias relevantes, com a finalidade de descobrir e definir que tipo de análise o material permite e selecionar os ângulos pelos quais a compreensão dos fenômenos será encaminhada. Essa organização do material, por vezes, se assemelha à montagem de um quebra-cabeça cuja figura final ainda não está definida, visto que no enfoque qualitativo de pesquisa a análise e a interpretação do material não estão predeterminadas, ao contrário, elas vão se delineando ao longo da etapa de coleta e se estabelecendo à medida que o material é organizado. O modo mais frequente e adequado de preparar o material para fins de análise é por meio de leituras e re-leituras analíticas que conduzem à seleção das categorias de análise. O parâmetro básico para a seleção das categorias são as unidades de significado observadas pelo pesquisador na organização e mapeamento do material por eixos temáticos. Os núcleos temáticos que subjazem a seleção de categorias são discriminados pelo procedimento *circum-ambulatorio* que consiste em circular em torno do material, procurando e se deixando surpreender pelos padrões arquetípicos constelados no material. É recomendável, mais uma vez, lembrar que “dá bons resultados fazer uma meditação verdadeira e profunda sobre o [material], isto é, se o carregarmos dentro de nós por algum tempo”. (JUNG, vol.16/1, §86)

Em síntese, esta etapa de tradução do material num texto legível situa o material recolhido (contexto de apreensão) e destaca os elementos mais significativos e relevantes disponíveis para a análise a partir das categorias selecionadas. Com isso o contexto de interpretação é delimitado e a perspectiva pela qual será conduzida a análise é delineada; são retomados ou reformulados os objetivos em função das disponibilidades e possibilidades oferecidas pelo material, lembrando que sempre há “diversas possibilidades de interpretação para os conteúdos simbólicos”. (JUNG, vol.16/1, §9).

Assim, o campo está razoavelmente preparado para a etapa de interpretação. Diante deste panorama, algumas questões devem ser levantadas pelo pesquisador

com o objetivo de orientá-lo na leitura simbólica do 'texto legível' produzido pela tradução de seus dados.

Neste momento, visando à avaliação dos parâmetros de causa e finalidade, fornecem boas pistas ao pesquisador, perguntas do tipo:

De onde surge este fenômeno? Qual a sua origem?

Por que isso se apresenta neste momento?

Qual a finalidade deste evento? A que serve este símbolo?

Para onde isto aponta ou se encaminha?

8.3.4.2. Parâmetros de interpretação

Conforme delineado até este momento, o processamento simbólico arquetípico, com o objetivo de compreender o material, coletado envolve vários aspectos que se articulam em vários níveis de análise e interpretação: construção de uma rede de associações entre características explícitas e implícitas do fenômeno, estabelecimento de conexões entre o material de pesquisa e as hipóteses (ontológicas e epistemológicas) do paradigma adotado pelo pesquisador e articulação entre o plano arquetípico e o plano individual dos fenômenos. Trata-se de um processo cuja dinâmica e complexidade em muito escapa à tentativa de descrevê-lo, ao preço e ao risco de ser reduzido e imobilizado artificialmente. Assim sendo, a descrição e discussão desta etapa do processo de pesquisa é apresentada de tal forma que a dinâmica seja preservada e a compreensão não seja comprometida.

Os principais parâmetros de análise são: causalidade, finalidade, eventual sincronicidade, padrões arquetípicos proeminentes e função compensatória do símbolo em relação ao inconsciente coletivo e individual (fator desconhecido). Parâmetros esses que já vêm sendo considerados e empregados no processamento simbólico arquetípico desde a reconstituição do contexto e estão especificados nas diretrizes metodológicas da pesquisa em psicologia analítica.

8.3.4.3. Atitude simbólica do pesquisador

A atitude do pesquisador junguiano consiste em considerar as polaridades psíquicas, sem menosprezar ou sobrevalorizar uma em detrimento da outra,

evitando uma posição unilateral em relação aos fenômenos. Assim, o pesquisador deve empregar todos os recursos de sua personalidade para que o conhecimento se processe, o que exige uma abertura para o desconhecido (inconsciente), tanto em si mesmo como no outro. Essa atitude diante dos fenômenos psíquicos baseia-se na concepção de inconsciente coletivo, na hipótese de um princípio organizador da psique e no conceito de símbolo (PENNA, 2003). Trata-se de uma atitude simbólica do pesquisador, indispensável para a condução do processo de pesquisa e para a produção de um conhecimento científico condizente com as diretrizes do paradigma junguiano (PENNA, 2007). Tal atitude é, como já foi apontado anteriormente, fundamental no processo de pesquisa em todas as suas etapas.

Kluger (1993) considera o método junguiano de interpretação dos fenômenos uma hermenêutica reflexiva, uma vez que esta se propõe a manter a tensão entre o nível objetivo da interpretação e seu nível subjetivo, posto que o conceito de imago sintetiza as percepções externas com as imagens internas e assim re-une sujeito e objeto.

Romanyshyn (2007) propõe a manutenção da tensão entre pensar e imaginar como o modo de se situar entre o objetivismo e o subjetivismo e configura uma posição do pesquisador diante dos fenômenos. Kotsch (2000) diz que Jung “forjou um caminho que levou a uma posição meta-psicológica similar ao realismo interno [...] e a uma psicologia teórica que deu lugar tanto à estrutura cognitiva inconsciente como à imaginação. Longe de ser meramente uma preocupação acadêmica, esta perspectiva conduz a uma atitude inconfundivelmente junguiana” (p. 219). O autor propõe que essa perspectiva da psicologia analítica seja denominada ‘realismo psíquico’, para superar a oposição entre subjetivismo e objetivismo.

A perspectiva simbólica arquetípica da psicologia analítica supera várias dicotomias típicas da mentalidade moderna com sua acentuada predominância do dinamismo patriarcal. Tanto epistemológica como metodologicamente, o paradigma junguiano tende a uma posição de síntese das polaridades consciente e inconsciente, espírito e matéria, sujeito e objeto, individual e coletivo e causa e finalidade. Essa perspectiva acarreta uma atitude diante da vida, da realidade e dos fenômenos que pode ser chamada atitude simbólica. Tal atitude precisa ser adotada pelo pesquisador, mas nem sempre coincide com a educação e formação

acadêmica a que ele esteve exposto e pela qual foi treinado para lidar com os problemas e desafios da vida. Nesse sentido, é importante destacar a necessidade da comunidade junguiana de se dedicar à formação de pesquisadores da mesma forma que vem se dedicando à formação de analistas há mais de 50 anos.

Ao considerar a atitude do pesquisador, cabe ressaltar a sincronicidade como um fator relevante no processamento simbólico arquetípico dos fenômenos. Mais do que um conceito ou apenas um parâmetro para a compreensão da realidade, a sincronicidade implica uma atitude diante dos fatos, visto que o reconhecimento de sua ocorrência requer, mais do que uma capacidade perceptiva, uma cosmovisão que dê acolhida à sincronicidade.

Definida por Jung (vol.8) como um princípio de conexões acausais cuja relação se estabelece pelo significado, a sincronicidade permanece uma noção altamente polêmica, mesmo com as descobertas da física quântica sobre a não localidade do átomo e dos campos interativos. A física quântica aborda o campo dos fenômenos microfísicos relativos a uma espécie de realidade subjacente, assim como a realidade inconsciente, ao passo que, o campo dos fenômenos da física clássica refere-se à realidade cotidiana manifesta, assim como a realidade consciente. A sincronicidade refere-se a eventos relacionados pela via do significado e não pela via da causalidade. A noção de *unus mundus* originária da filosofia medieval; o conceito de realidade unitária de Jung (vol.8) subjacente à dualidade psique e matéria e a ordem implicada proposta por Bohm (2001) apontam para a conexão entre psique e matéria, conexão esta que escapa aos tão arraigados parâmetros racionais visíveis de causa e efeito.

Hauke (2000) situa a sincronicidade como a manifestação de algo para além da esfera material e, portanto, fora do alcance da percepção sensorial. Aufranc (2006) sugere que “quando os arquétipos operam simultaneamente em ambas as esferas, a da psique e a da matéria, dão origem ao fenômeno da sincronicidade” (p. 11).

“A causalidade não explica uma determinada classe de acontecimentos, e que, neste caso, é preciso levar em conta um fator formal, isto é, a sincronicidade, como princípio de explicação”. (JUNG, vol.8, §934)

A sincronicidade como mais um fator de explicação para fenômenos psíquicos amplia o âmbito de análise e compreensão. Causa e finalidade implicam relações temporais, a sincronicidade envolve relações de significado. Dessa forma, aos parâmetros de causa e finalidade acrescenta-se o parâmetro da sincronicidade na compreensão dos fenômenos investigados.

Não há como orientar o pesquisador, nesta etapa do processo, sem contar com seus conhecimentos claros e abalizados sobre os pressupostos ontológicos e epistemológicos do paradigma junguiano, assim como invocar sua acuidade simbólica e sua sensibilidade e experiência pessoais com relação à perspectiva arquetípica da vida e dos fenômenos, ou seja, sua atitude simbólica.

E quanto a isso é necessário considerar a formação do pesquisador à semelhança da formação do analista junguiano, posto que, no enfoque qualitativo de pesquisa, o pesquisador é o primeiro e principal recurso metodológico empregado na apreensão e na compreensão do material. Soma-se a isso a exigência básica da metodologia qualitativa de consistência e coerência entre epistemologia e método. Destarte a habilitação do pesquisador não é de ordem técnica, ao contrário trata-se de uma formação que envolve conhecimentos específicos sobre o paradigma adotado, experiência profissional e formação pessoal do pesquisador.

8.3.4.4. Amplificação simbólica

Quanto aos procedimentos empregados no processamento simbólico arquetípico do material, destaca-se a pesquisa bibliográfica, que já foi feita em etapas anteriores, mas que agora se aplica ao processamento do material em decorrência dos achados da fase de tradução do material, e é feita em duas direções: literatura específica sobre o tema central da pesquisa em associação ao material coletado e relativa aos conceitos da psicologia analítica que se mostraram relevantes para a análise e literatura ampla e variada sobre os temas encontrados no material a partir das categorias temáticas.

Com isso pretende-se estabelecer conexões e fazer associações que forneçam informações sobre o assunto pesquisado e permitam a ampliação e o aprofundamento do conhecimento sobre os temas em pauta.

Conforme destaca Oliveira (2007), “a incursão por estudos culturais advindos de outros campos da ciência, como a antropologia, folclore, história, linguística e ciências da religião, concorre para a delimitação do campo de estudo [...] além de demonstrar que diferentes ciências, pautadas por diferentes intenções, criam demarcações relativas aos resultados” a serem analisados e interpretados (p. 17).

A pesquisa bibliográfica inter-áreas (artes, mitologia, história, religião, antropologia etc.) pretende estabelecer conexões com outras áreas do conhecimento e ampliar as possibilidades de compreensão do fenômeno e, para tanto, deve abranger diversos campos da cultura em diferentes épocas com a finalidade de avaliar a qualidade arquetípica do símbolo e as transformações a que foram submetidas suas manifestações tanto no plano individual como coletivo. O tratamento dispensado ao material bibliográfico deve ser do tipo hermenêutico amplificador, tendo como centro o núcleo temático do fenômeno, buscando associações e analogias entre os achados bibliográficos e o núcleo temático do material pesquisado.

A pesquisa bibliográfica específica tem como objetivo dar sustentação epistemológica e articulação consistente às várias possibilidades vislumbradas pela pesquisa bibliográfica amplificatória realizada no plano cultural.

A hermenêutica junguiana, também chamada amplificação simbólica, é aqui proposta como um procedimento metodológico a serviço do processamento simbólico arquetípico, seu caráter amplificador estabelece uma rede de associações em torno do tema nuclear do fenômeno, visando amplificar seus significados em vários níveis de interpretação. A rede de associações por analogias e comparações entre diversas áreas do conhecimento favorece a articulação entre o nível arquetípico (coletivo) e o nível particular (individual) do fenômeno, simultaneamente sintetiza as perspectivas objetiva e subjetiva e, assim, restabelece o vínculo entre indivíduo e cultura. A circum-ambulação, como a estratégia de rodear o símbolo em busca de semelhanças de sentido e significado, visa também encontrar correspondências entre o âmbito atual de expressão do símbolo e seu âmbito causal (histórico), assim como perscrutar sua finalidade – perspectiva teleológica (prospectiva) –, estabelecendo uma conexão entre o passado, o presente e o futuro do fenômeno pesquisado. Nesse sentido, o processamento dos símbolos

por meio da amplificação, ao observar o presente, olha também para o passado e nessa intersecção vislumbra o futuro, resgatando as encruzilhadas do lembrado e do esquecido, do universal e do particular. “O tratamento hermenêutico [dos símbolos] conduz teoricamente ao longo da análise à síntese do indivíduo com a psique coletiva [arquetípica ou cultural]”. (JUNG, vol.7/2, p.146).

A amplificação simbólica aplica-se a qualquer tipo de mensagem simbólica e não está exclusivamente associada à mensagem verbal. A transdução (RAMOS, 2005) de um canal (corporal) de expressão do símbolo para outro canal (pictórico) diversifica e amplia as possibilidades de compreensão do símbolo.

A perspectiva teleológica pesquisada por meio do parâmetro da finalidade do símbolo no panorama atual da psique cumpre também um dos objetivos da pesquisa científica, que é o encaminhamento de novas questões para futuras pesquisas, o que, no paradigma cartesiano positivista foi chamado de poder preditivo, mas que, no paradigma junguiano, refere-se a suas finalidades e o sentido para onde aponta o conhecimento então produzido, ampliando o sentido e o significado dos fenômenos analisados. Com esse procedimento pretende-se obter um amplo leque de possibilidades para a compreensão dos dados.

De qualquer forma, é necessário ressaltar, mais uma vez, que a interpretação dos fenômenos psíquicos, visando sua compreensão, realizada pelo processamento simbólico arquetípico, “é geralmente uma tarefa exigente. Ela pressupõe empatia psicológica, capacidade de combinação, penetração intuitiva, conhecimento do mundo e dos homens e, sobretudo, um saber específico que se apoia ao mesmo tempo em conhecimentos extensos e numa certa *intelligence du coeur*”. (JUNG, vol.8, §543).

8.3.5 Quarta e última etapa – produção do relato da pesquisa

Com a finalização da etapa de análise e compreensão do material pesquisado, o processamento simbólico arquetípico está quase concluído. As incógnitas do símbolo investigado, passíveis de compreensão, foram assimiladas e integradas à consciência (do pesquisador) e, assim, um conhecimento – novo e relevante – científico, foi produzido.

Contudo a conclusão do trabalho de pesquisa não encerra o processo, uma vez que, no campo científico, de nada vale um conhecimento se este não for comunicado e, com isso, alcance o âmbito público.

A confecção do relato de pesquisa não é uma etapa simples, nem tampouco rápida. Embora o texto venha sendo redigido ao longo de todo processo de pesquisa, agora, sua redação concentra todas as atenções do pesquisador. Na produção final do relato da pesquisa, o processamento do material da investigação prossegue e, frequentemente, as ‘conclusões’ se corporificam e, até mesmo, algumas revelações ainda acontecem. A confecção do produto final – texto – deve tentar retratar o mais fielmente possível o processo de pesquisa tal como foi idealizado, pensado, planejado, vivido, e realizado pelo pesquisador.

O trabalho de construir um texto claro e coerente; fiel e comunicável, convoca, mais uma vez, as funções da consciência do pesquisador. Desta feita todas as funções perceptivas, cognitivas e avaliadoras concorrem para um tipo de transdução da experiência de pesquisa e suas particularidades, para um canal de expressão específico que é a linguagem escrita. São invocadas, novamente, as habilidades analíticas e sintéticas do pesquisador, assim como, e sobretudo, sua memória. Muita paciência e dedicação são necessárias para que sejam feitos os últimos retoques no quebra-cabeça e a imagem final se revele tão interessante quanto compreensível para os ‘outros’.

E então, outra vez, é ativado o tema da relação eu – outro, não mais sob o enfoque da interação pesquisador – pesquisado, mas sob o ângulo do pesquisador com sua comunidade científica. As características dessa interação têm estreita conexão com os objetivos da pesquisa e, principalmente, com a finalidade a que ela se destina, o que configura os interlocutores, isto é, a que ‘outro’ é endereçado o produto final da pesquisa, o que condiciona a forma e o estilo de comunicação a ser feita.

Não serão abordadas aqui as regras específicas a serem seguidas na organização e elaboração do texto final da pesquisa. Embora tais regras sejam muito úteis para o autor. Quanto aos aspectos técnicos da elaboração de um texto científico, há bastante bibliografia disponível, por exemplo, Humberto Eco (1998),

que escreve especificamente sobre teses acadêmicas, e Köche (2001), que fala sobre relatórios de pesquisa e artigos científicos. Ambos dão informações detalhadas sobre estilos de redação, organização e formatação do texto (capítulos, sumário, referências bibliográficas); Goldenberg (2005), Mazzotti e Gewandsznajder (1998), Severino (2002) e Cozby (2003) dão dicas interessantes para a redação e os tipos de textos a serem elaborados dependendo de sua finalidade. Por outro lado, há pouca literatura que discute a função e finalidade do texto público, por meio do qual um processo de pesquisa se apresenta. A produção de conhecimento, lentamente forjada ao longo do processo de pesquisa, se efetiva no relato final desta e nele se cumpre seu caráter científico.

É apropriado retomar, neste momento, alguns cuidados, já discutidos anteriormente com relação à condução do processo de pesquisa e que o pesquisador deve dispensar agora, na confecção de seu texto. Primeiro ele deve esforçar-se para dar solidez e precisão aos seus conceitos, discutindo-os de tal modo que seu texto expresse aquilo que o autor pretende comunicar (JUNG, vol.5). Em segundo lugar, “qualquer pesquisador deve documentar, tanto quanto possível, os resultados a que chegou” (JUNG, vol.9/2, §429), assim como expressar suas opiniões e avaliações sobre o tema pesquisado, levantar hipóteses, se for o caso, e fazer propostas, correndo o risco de errar, pois “afinal de contas, são os erros que nos proporcionam os fundamentos da verdade [e a continuidade do processo de conhecimento]” (vol.9/2, §429). E, por fim, o pesquisador deve estar ciente de que, com o produto de seu trabalho, ele afirma sua autoria e assume um compromisso com a comunidade científica.

Uma das funções básicas do relato de pesquisa é promover um debate crítico que ofereça a oportunidade de transformação constante ao conhecimento científico, tanto pelos erros quanto pelos acertos. Vale lembrar, ainda, que a concepção atual de ciência é bastante sintônica com a posição de Jung no que diz respeito à transitoriedade da verdade, quando ele afirma que não temos condições de fazer “afirmações verdadeiras ou corretas [...] o melhor que conseguimos são ‘expressões verdadeiras’” (vol.4, §771), na realidade, mais do que ‘expressões verdadeiras’, o máximo que se pode fazer, num trabalho científico, é fornecer, no relato de pesquisa, expressões honestas sobre o que foi estudado.

O pesquisador, como uma psique individual, com seu trabalho, penetra e interfere na psique coletiva (cultural), dessa forma cumprindo seu papel. Conforme discute Zoja (2005), “a psique individual é o produto de uma cansativa diferenciação da psique coletiva” (p. 21), mas indivíduo e cultura se influenciam mutuamente num movimento circular e esta relação configura, segundo Jung (vol.18/2, §1095), uma relação de ‘culpa trágica’ do indivíduo com a cultura, uma vez que “a individuação retira a pessoa da conformidade pessoal e, com isso, da coletividade. Esta é a culpa que o individualizado deixa para o mundo e precisa tentar resgatar [...], precisa pagar um resgate, isto é, precisa apresentar valores que sejam o equivalente de sua ausência na esfera coletiva”. Sem a produção de valores para a cultura, a individuação torna-se imoral. Ao oferecer seu produto individual à comunidade científica, o pesquisador devolve ao coletivo o que dele retirou ou recebeu, acrescido de sua contribuição pessoal e criativa para a cultura.

O produto final de um processo de pesquisa ao ser entregue à comunidade científica sobrevive ao seu autor e, assim, cumpre sua função científica cultural.

Com isso, o propósito da transformação do trabalho num texto público tem forte ligação com as questões éticas implicadas na atividade científica. Antes, porém, de refletir sobre essas implicações éticas, outra questão importante se interpõe e concorre para a referida reflexão. Trata-se dos riscos e das possibilidades que a pós-modernidade oferece aos pesquisadores junguianos contemporâneos.

8.3.6 Riscos e possibilidades na pesquisa contemporânea

A pós-modernidade como uma época de crise em que os limites se borram, os valores se diluem, o velho e o novo se alternam numa dinâmica de pluralidade e plasticidade, apresenta características da modernidade ainda fortemente arraigadas na cultura, assim como questiona e critica aspectos dessa mesma modernidade, faz propostas novas, instala novos hábitos e valores numa dinâmica ambivalente tão instigante e fascinante quanto angustiante e assustadora.

No contexto deste trabalho interessa discutir os riscos e as possibilidades que a pós-modernidade oferece ao pesquisador junguiano, e nesse sentido a discussão situa-se no âmbito da ciência e da pesquisa científica.

No cenário contemporâneo em que os horizontes da cientificidade foram significativamente ampliados, instala-se, principalmente nas ciências humanas, uma concepção de ciência menos idealizada e mais realizável, que admite a incerteza, a diversidade e a complexidade do mundo e do ser humano. Uma concepção de ciência que não apenas permite, mas incentiva a criatividade do pesquisador e navega por diversas epistemologias que, por sua vez, encaminham diferentes propostas metodológicas essencialmente no campo da pesquisa qualitativa.

O enfoque qualitativo da pesquisa científica abarca diversas epistemologias que, em geral, destacam-se pela plasticidade e pela ênfase da experiência sobre os princípios abstratos e axiomáticos fortemente influenciadas pela mentalidade pós-moderna. Samuels (1995) aponta como características da pós-modernidade a presença penetrante da dúvida e da relativização da noção de verdade, assim como a interpretação e re-interpretação constantes dos fenômenos, o que define a época atual como uma 'era de incertezas'. "A relatividade e a diversidade multifacetadas, a imprecisão e a paradoxalidade são características tão marcantes do que é chamado de pós-modernidade que a indefinição passa a ser sua definição" (PENNA, 2006, p. 16). Desses diversos pressupostos epistemológicos decorrem os "paradigmas qualitativos", com métodos de pesquisa altamente flexíveis que admitem procedimentos e arranjos metodológicos tão criativos quanto caóticos. Observa-se até uma certa displicência com o rigor metodológico (GUBA, 1990; DENZIN; LINCOLN, 1998b), o que requer alguns cuidados na condução das pesquisas. Há, no entanto, setores do conhecimento científico que ainda se pautam pelos princípios do paradigma cartesiano positivista moderno.

De acordo com Figueiredo (1992), no século 16 muitas transformações foram produzidas, percebidas e tolerantemente acolhidas, apesar do medo que as diluições de fronteiras, a mistura de costumes, a desagregação das crenças religiosas e a vertiginosa mobilidade social causavam.

Assim como a renascença, a pós-modernidade parece ser um tempo de passagem para um novo cânone cultural. Nesse contexto, as consciências individuais e a consciência coletiva, ainda fortemente arraigadas ao projeto cartesiano positivista se angustiam diante da incerteza causada pela plasticidade escorregadia dos tempos atuais. Parece natural que diante dessa angústia

mecanismos de defesa sejam ativados, e nestes se situam alguns dos riscos que correm os pesquisadores contemporâneos.

A crise atual do dinamismo patriarcal indica seu esgotamento e, ao mesmo tempo, anuncia a emergência de um novo padrão arquetípico. Nesta crise observa-se a alternância de várias dinâmicas arquetípicas, ora ressurgem aspectos matriarcais, ora se acirram aspectos patriarcais, ora brotam novas possibilidades.

Em tempos de crise as transformações são iminentes, e correr riscos, enfrentar desafios, aceitar ou rejeitar possibilidades é inevitável. Hoje a pós-modernidade se apresenta, não mais como uma nova e auspiciosa perspectiva, mas como uma realidade cujos aspectos criativos e destrutivos são evidentes.

O paradigma junguiano demonstra acentuada tendência pós-moderna, suas perspectivas, epistemológica e metodológica, mostram-se mais afinadas com os parâmetros científicos da pós-modernidade do que com aqueles da modernidade.

Diante disso os principais riscos que se apresentam aos pesquisadores junguianos situam-se nas próprias possibilidades que a pós-modernidade traz. A seguir são destacados quatro pontos em que possibilidade e risco se entrelaçam e, por isso, merecem reflexão.

O primeiro ponto a ser destacado refere-se à flexibilidade metodológica da ciência pós-moderna e a amplitude e complexidade do paradigma junguiano. A diversidade de recursos metodológicos à disposição dos pesquisadores, aliada à maior liberdade que o método científico permite, apresenta tanto possibilidades quanto riscos na atividade de pesquisa. Quanto à flexibilidade metodológica, o principal risco é a perda de consistência e coerência do conhecimento produzido com relação aos atributos que caracterizam e distinguem a produção científica de outras formas de conhecimento.

Vale lembrar que flexibilidade não equivale a falta de rigor, qualquer pesquisa científica deve ser conduzida rigorosamente, observando-se as exigências específicas de uma produção científica, quais sejam: um conhecimento público a serviço da coletividade, passível de crítica e eticamente responsável.

A pesquisa qualitativa, ao contemplar variadas possibilidades metodológicas

requer rigorosa consistência epistemológica do pesquisador, assim como explicitação clara dos objetivos e delimitação do contexto de coleta e de análise do material. Ou seja, o rigor metodológico é traçado pelo paradigma adotado pelo pesquisador e orienta suas escolhas e decisões. Cada paradigma interpretativo faz exigências particulares ao pesquisador, sendo, assim, essencial que o pesquisador esteja atento à consistência entre os pressupostos epistemológicos e as diretrizes metodológicas do paradigma adotado.

O segundo ponto a ser sublinhado, como possibilidade e risco simultâneos, diz respeito à transitoriedade e relatividade do conhecimento e, por conseguinte, à noção de verdade. Tais pressupostos epistemológicos oferecem como possibilidades a ampliação dos horizontes da pesquisa e maior dinamismo à produção científica, mas também oferecem riscos, quando transitoriedade e relatividade significam autorização para uma atitude descomprometida do pesquisador que prioriza suas motivações subjetivas em detrimento da coletividade. O compromisso com a coletividade, mais uma vez, é ressaltado e reporta ao papel da ciência como promotora de conhecimento e à atitude ética do cientista.

O terceiro ponto que merece destaque tem estreita conexão com os anteriores e refere-se à subjetividade do pesquisador, assunto já extensamente discutido neste estudo, mas que merece ainda reflexão. Convém reexaminar algumas advertências feitas por Jung quanto à articulação entre subjetividade e objetividade no método científico. Ao criticar veementemente o paradigma positivista materialista da ciência moderna, Jung defende a subjetividade e critica a exigência rigorosa da objetividade, mas aconselha uma posição intermediária de síntese entre ambas polaridades. A defesa da subjetividade hoje deve ser cuidadosamente observada e considerada no sentido inverso à intenção de Jung em sua época. A atenção atualmente deve se concentrar em “não [se] olhar subjetivamente demais” (vol.6, §10), pois a mentalidade pós-moderna tende a incentivar uma produção do conhecimento excessivamente subjetivista. Numa época em que a subjetividade do cientista era completamente banida, é compreensível a preocupação de Jung em resgatá-la, a fim de evitar a unilateralidade tão condenada na psicologia analítica. Hoje, entretanto, quando a subjetividade é altamente valorizada, tanto na ciência como na vida diária, deve-se prestar atenção ao seu oposto – objetividade – para que, da mesma forma, se evite a unilateralidade. O equilíbrio entre objetivismo e

relativismo é a meta e o desafio do pesquisador contemporâneo. Na busca de maior criatividade, ensejada pela liberdade metodológica, corre-se o risco de cair na liquidez escorregadia de uma flexibilidade subjetivista que diluiria o conhecimento científico no senso comum. Isto representaria um mergulho no dinamismo matriarcal em que a ciência talvez não faça mais nenhum sentido.

Há também que se observar o risco oposto. Diante de possibilidades quase infinitas que atordoam e desorientam, e simultaneamente fazem exigências, por vezes, tão complexas ao pesquisador, é tentador buscar refúgio no projeto cartesiano-positivista que, além de conhecido, promete certezas e verdades seguras. Aqui reside o quarto risco iminente na vida pós-moderna em geral, e na pesquisa acadêmica em particular, o retorno ao 'paraíso patriarcal' ou a insistência em permanecer aderido a leis e regras confiáveis e seguras assentadas numa lógica racional, ainda muito presentes e atuantes na academia. O domínio da razão associado ao livre arbítrio são aquisições irreversíveis que ampliaram os horizontes da consciência coletiva e individual ao ponto de hoje se traduzir numa liberdade tão fascinante quanto assustadora. Bauman (1998) adverte que no panorama pós-moderno não é mais possível uma liberdade sem medo, como se pretendia, no entanto, o combate ao medo combate também a liberdade alcançada.

Assim, parece que a alternativa seja o caminho da liberdade individual responsável e comprometida com o coletivo.

Todos os riscos aqui apontados configuram cuidados a serem observados para que os pesquisadores cumpram seu papel no panorama científico atual que se nos descortina.

O quarto risco apontado, no entanto, é o mais preocupante, especialmente para os pesquisadores junguianos. Afinado com o espírito pós-moderno, Jung criticou o materialismo científico do século 19, reafirmou o paradoxo e a contradição do ser humano, assim como sua complexidade; destacou a diversidade e a incerteza como inevitáveis no conhecimento do inconsciente e propôs uma epistemologia e um método consistentes, assentados na perspectiva simbólica arquetípica do conhecimento (PENNA, 2003). O método de pesquisa da psicologia analítica se propõe a articular objetividade e subjetividade, integrar causa e finalidade, além de

trabalhar com a hipótese da sincronicidade e preconizar a busca do sentido e do significado da vida individual e coletiva.

8.3.7 Questões éticas

Da consideração sobre os riscos e possibilidades, na pesquisa contemporânea, advindos da cosmovisão pós-moderna, segue-se necessariamente a reflexão sobre a ética do pesquisador junguiano.

Não serão abordados aqui os preceitos éticos específicos da profissão e da especialidade profissional do pesquisador, pois estes, supõe-se que lhes sejam plenamente conhecidos. A estes preceitos acrescentam-se as recomendações éticas do paradigma junguiano.

No panorama científico atual, o maior desafio é lidar com as polaridades oscilantes e conflitantes na atividade científica. Por um lado, observa-se um cenário em que a ciência tem a reputação de detentora da verdade e concentra o poder hegemônico da razão responsável por todo conhecimento sério e confiável. Por outro lado, percebe-se um movimento de ‘desdogmatização’ dos métodos de produção de conhecimento, que promove a relativização dos parâmetros de cientificidade, confere plasticidade aos procedimentos metodológicos e admite a transitoriedade da verdade.

Permanece, entretanto, a concentração de poder na racionalidade humana que confere uma certa idolatria à ciência. A maior ambivalência reside na tensão entre as polaridades ‘quantidade e qualidade’, subjetividade e objetividade’, rigidez e fluidez.

Waters (2006) faz um desabafo e um alerta sobre os riscos que ameaçam a ciência contemporânea. Segundo ele, os parâmetros excessivamente quantitativos de avaliação da produção científica se assentam em técnicas administrativas com vistas a “lutar por dinheiro”, denominada pelo autor “a crise da contabilidade acadêmica”.

Dessa forma a metodologia qualitativa de pesquisa com sua concepção de ciência e método deve fazer exigências claras quanto à ética do pesquisador, pois,

de acordo com Waters (2006), “entramos na região sombria da pesquisa acadêmica, e agora as exigências de produtividade estão levando à produção de um número muito maior de coisas sem sentido”. (p.28).

Em épocas como esta, em que a concepção de ciência se amplia e, com isso, apresenta uma flexibilidade metodológica que coloca à disposição do pesquisador um amplo leque de possibilidades, fica a cargo do cientista fazer escolhas e tomar decisões sobre o seu trabalho, visto que hoje não lhe é exigido, simplesmente obedecer ou acatar regras ou preceitos externos. Mais do que um compromisso com a verdade, impõe-se o comprometimento primeiro consigo mesmo e com a comunidade científica a que pertence e, em seguida, com a coletividade. Seu trabalho deve ser colocado a serviço do coletivo.

No paradigma junguiano em particular, em primeiro lugar destaca-se a atitude ética diante do inconsciente, respeitando as possibilidades e os limites com que o material de pesquisa se oferece para o conhecimento e se responsabilizando pelo conhecimento produzido perante a situação atual da consciência individual e coletiva, lembrando que

Não existe nenhuma razão para querer conhecer mais do inconsciente coletivo do que se consegue por meio de sonhos e intuições [símbolos]. Quanto mais se sabe sobre ele, maior e mais pesada a responsabilidade moral, porque os conteúdos do inconsciente se transformam em tarefas e responsabilidades individuais tão logo começam a se tornar conscientes. (JUNG, Letters 2).

Em segundo lugar parece evidente que não é possível encontrar a verdade sobre a psique. O máximo que se consegue são expressões verdadeiras na apresentação das observações e experiências subjetivas que se tem sobre a realidade psíquica objetiva e subjetiva.

“No tocante à psicologia, acho melhor renunciar à ideia de que estejamos hoje em condições de fazer afirmações ‘verdadeiras’ ou ‘corretas’ sobre a essência da psique. O melhor que conseguimos são ‘expressões verdadeiras’” (vol.4, §771). A verdade revela-se na maior aproximação possível que a consciência humana pode atingir do desconhecido. A verdade na ciência só pode ser considerada uma “hipótese, momentaneamente, satisfatória, mas não um artigo de fé eternamente válido” (Jung, 1981, p. 143). A aproximação entre consciente e inconsciente se

realiza pela função transcendente que produz os símbolos, e a compreensão destes conduz a consciência ao que há de mais verdadeiro e necessário para ela no contexto atual.

Em terceiro lugar, vale destacar que um dos problemas cruciais da crise patriarcal contemporânea é o sentimento de vazio, a perda do sentido e do significado da vida e sua consequente banalização. A busca e a compreensão do sentido e do significado dos símbolos é a meta do processo de individuação, assim como do processo de pesquisa. Nesse aspecto, o paradigma junguiano exige uma atitude íntegra do indivíduo perante o mundo e consigo mesmo. Sua integridade é definida pela atitude responsável e comprometida perante o mundo externo e seu autoconhecimento.

Considerações finais

Diante das discussões e reflexões feitas ao longo desta tese, propõe-se que o método de investigação científica dos fenômenos psíquicos pelo qual as pesquisas neste paradigma são conduzidas seja chamado de processamento simbólico arquetípico.

Simbólico porque o eixo central da pesquisa junguiana situa-se no símbolo como fenômeno psíquico a ser investigado. O símbolo como único meio pelo qual o inconsciente se torna acessível à observação é o elemento que congrega aspectos conhecidos e desconhecidos sintetizados pela função transcendente da psique, desta forma, representando e apresentando à consciência aquilo que é relevante e significativo para uma dada consciência (coletiva ou individual) num dado momento (contexto do símbolo). Nestas circunstâncias o símbolo se configura como o material psíquico a ser pesquisado pelo paradigma junguiano. O caráter simbólico deste método de pesquisa tem seu fundamento na perspectiva epistemológica do paradigma.

Arquetípico porque a concepção de arquétipo e a qualificação que este atribui à realidade psíquica e à condição do ser humano neste paradigma é seu fator distintivo em relação às outras abordagens psicológicas. O caráter arquetípico do método de pesquisa junguiano assenta-se na perspectiva ontológica do paradigma.

A atitude simbólica do pesquisador, norteadas pelas premissas ontológicas e pelos pressupostos epistemológicos do paradigma, está presente desde o início do processo de pesquisa. Esta atitude condiciona a escolha do tema; orienta a definição dos objetivos que a pesquisa pretende atingir; direciona a pesquisa bibliográfica amplificatória na 1ª, 2ª e 3ª etapas; encaminha os procedimentos de apreensão e compreensão do material e, sobretudo, sustenta e permeia a relação que se estabelece entre o pesquisador e o pesquisado durante todo o processo.

Na base ontológica do paradigma situa-se seu fundamento arquetípico, do qual decorre o pressuposto epistemológico do símbolo, que condiciona a atitude simbólica do pesquisador e encaminha a perspectiva metodológica do paradigma com suas recomendações específicas quanto aos procedimentos metodológicos a

serem empregados no processo de pesquisa em psicologia analítica. Conforme anteriormente proposto, o conjunto destes procedimentos aplicados à investigação científica por um pesquisador que adote uma atitude simbólica no processo de pesquisa configura o método de investigação condizente com o paradigma junguiano – simbólico arquetípico – que consiste no processamento simbólico arquetípico.

À semelhança do processo de individuação que visa à integração gradual e constante de elementos do inconsciente e do mundo na consciência, promovendo a ampliação e complexificação da consciência; e em conformidade com o processo analítico cuja meta principal é ajudar o paciente a seguir seu caminho de individuação para ser capaz de suportar e elaborar os conflitos e tensões inevitáveis da vida por meio da compreensão e integração de suas vivências simbólicas; assim também o processo de pesquisa atinge seu objetivo final ao tornar conhecidos os aspectos desconhecidos dos símbolos investigados pelo processamento simbólico arquetípico do material pesquisado.

O símbolo processado deixa de ser um símbolo e passa a ser um conteúdo assimilado e integrado na consciência e, desse modo, dá lugar à emergência de novos símbolos. A finalização de um processo de pesquisa favorece o surgimento de novas incógnitas que ensejam novas pesquisas.

Com isso se cumpre a finalidade da pesquisa científica, dando prosseguimento ao processo de produção de conhecimento e promovendo a ampliação da consciência coletiva.

Post-scriptum

Várias metáforas são adequadas para retratar o processo de pesquisa, desde uma saga heróica, à semelhança de Hércules e seus trabalhos, até uma penosa jornada como a de Psique e suas tarefas impossíveis impostas pela poderosa Afrodite.

A jornada heroica de realizar uma pesquisa tem por meta a materialização do processo num produto apresentável. Se, por um lado, letras⁷ enfileiradas, página após página, são sempre uma redução drástica das vicissitudes do trabalho, por outro lado, letras, parágrafos, gráficos, tabelas, em uma longa sucessão de páginas, acondicionados em capa e contracapa sóbrias e elegantes, devem guardar também o espírito que habita o texto.

Com e por tudo isso, a motivação primordial para que uma pesquisa aconteça é que ela seja um símbolo importante para o pesquisador. O sentido e o significado que a pesquisa tem para o pesquisador é sua maior fonte de energia e criatividade. Sem paixão não há razão que consiga ensejar e sustentar a jornada heroica. Em tempos tão esvaziados de sentido, a tendência à burocratização ou banalização das atividades é quase uma tentação, tanto para o pesquisador junguiano em seu processo de pesquisa, como para o analista junguiano no processo analítico e também para o indivíduo em seu processo de individuação.

Algumas, últimas recomendações aos pesquisadores junguianos.

Durante o processo de pesquisa é recomendável dormir bem – os sonhos podem ajudar! Já que outros prazeres têm que ser, na melhor das hipóteses, sacrificados, e, na pior, reprimidos, algumas reverências à Grande Mãe devem ser concedidas: comer alimentos nutritivos e saborosos! Dieta, sobretudo as de cunho estético, não combina com processo de pesquisa.

No campo da alteridade, invocando anima e animus, os pesquisadores devem

⁷ Há uma passagem do clássico de Shakespeare em que Hamlet está na biblioteca do falecido pai procurando indícios sobre o seu assassinato e um de seus supostos inimigos lhe pergunta: – O que há de tão interessante nesses livros. E ele responde: – Letras, esses livros estão cheios de letrinhas... letrinhas enfileiradas.

pedir e receber ajuda de amigos, colegas, parceiros, professores, orientador e divindades afins, pois a eles serão dirigidos os agradecimentos que figuram nas primeiras páginas do produto final e, além disso, a sabedoria compartilhada é mais nobre e prazerosa do que a erudição solitária. No campo da totalidade, é recomendável que o pesquisador possa ser dirigido por todos os pontos cardeais, de tal forma que conte com uma gama mais ampla de direções a seguir, podendo ser não apenas orientado e norteado, mas também ‘ocidentado’ e ‘suleado’.

Para melhor encaminhamento do processo, algumas condições são necessárias:

1. Paciência e disposição com perseverança e entusiasmo
2. Criatividade com crítica e coerência
3. Fé, esperança com senso de realidade
4. Capacidade de análise e síntese
5. Disciplina e flexibilidade
6. Senso de responsabilidade e espírito de aventura
7. Seriedade e senso de humor
8. Ativação do arquétipo do herói e da *Soror Mystica*
9. *Senex* e *Puer* tutelados pelo *Trickster* e por *Sophia*
10. A função superior assessorada pela função inferior (ou vice-versa)

E, finalmente, não se deixar abater pelo desânimo (perda de anima ou animus), nem se deixar inflar com o entusiasmo prematuro de um *insight* delirante.

A título de finalização, cabe destacar os inevitáveis acidentes eletrônicos que caracterizam a inexorável realidade do ser humano pós-moderno agraciado e escravizado pela tecnologia; outros tipos de imprevistos são também paradoxalmente previstos, os quais podem ser compreendidos sob a ótica da sincronicidade.

Referências

- ABBAGANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ALLONES, C.R. **Psicologia clínica e procedimento clínico** p.17-34. In: Os procedimentos clínicos nas ciências humanas – documentos, métodos, problemas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- ANASTASI, A. **Testes psicológicos**. São Paulo: Herder e EDUSP, 1965.
- AUFRANC, A.L.B. A Psique e o Universo. **Junguiana**. São Paulo, v. 24, p. 7-14, 2006.
- AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis: Vozes, 1978.
- AZEVEDO, V. in prefacio de clássicos Jackson vol XXIII **Heródoto - História** 1º vol. São Paulo: W. M. Jackson, 1964.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. New York: Ballantine, 1972.
- BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BENKÖ, A. Psicologia moderna e concepções espiritualistas do homem. **Revista de psicologia normal e patológica**. Instituto de psicologia da PUC-SP. São Paulo, ano VII, n. 4, 1961.
- BLEGER, J. **Temas de psicologia**: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BLANCHET, A. **A entrevista: a “co-construção” do sentido**. In: Os procedimentos clínicos nas ciências humanas – documentos, métodos, problemas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BOHM, D. **A totalidade e a Ordem Implicada**: Uma nova percepção da realidade. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BORHHEIM, G. Filosofia do Romantismo. In: Guinsburg, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BYINGTON, C.A.B. A identidade pós-patriarcal do homem e da mulher e a estruturação quaternária do padrão de alteridade da consciência pelos arquétipos da anima e do animus. **Junguiana**. São Paulo, v. 4, p. 5-69, 1986.

CASSIRER, Ernst **Um Ensaio sobre o Homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2003.

CHODOROW, J. Active Imagination. In: PAPADOPOULOS R. **The handbook of Jungian psychology**: theory, practice and application. London and New York: Routledge, 2006.

CLARKE, J.J. **Em Busca de Jung**: indagações históricas e filosóficas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

COZBY, P.C. **Métodos de Pesquisa em Ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

DAVIDOFF, L.L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Makron, 2001.

DAVY, G in: DURKEIM, E. **Lições de sociologia**: a moral, o direito e o estado. São Paulo: EDUSP, 1983.

DENZIN, N.K. & LINCOLN, S.Y. **The Landscape of Qualitative Research**: theories and issues. Londres: Sage, 1998.

DENZIN, N.K. & LINCOLN, S.Y. **Strategies of Qualitative Inquiry**. California: Sage, 1998b.

DÜRKEIM, E. **Lições de sociologia a moral, o direito e o estado**. S. P.: EDUSP, 1983.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ELLENBERGER, H. **The Discovery of Unconscious**: the history and Evolution of Dynamic Psychiatry. New York: Harper Collins, 1970.

FIGUEIREDO, L.C.M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1989.

FIGUEIREDO, L.C.M. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação 1500-1900. São Paulo: EDUC, 1992.

FOULQUIÉ, P. & SAINT-JEAN, R. **Dictionnaire de la langue Philosophique**. Paris: Universitaires de France, 1969.

FRANÇA, J.L., VASCONCELLOS, A.C., BORGES, S.M. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. Belo Horizonte: UFMG, 1992.

FREITAS, L.V. Algumas considerações sobre a psicologia analítica no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. **Boletim de Psicologia**, vol. LVII, nº 126, 2007.

GAMBINI, Roberto. **O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

GARRETT, H.E. **Grandes experimentos da psicologia**. São Paulo: Nacional, 1969.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. São Paulo: Record, 2005.

GOLDFARB, Ana Maria A. **Da alquimia à química**. São Paulo: Landy, 2001.

GORRESIO, Z.M.P. **Os pressupostos míticos de Jung na leitura do destino: moira**. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

GUBA, E.G. **The Paradigm Dialog**. Califórnia: Sage, 1990.

GUINSBURG, J. Romantismo, Historicismo e História. In: Guinsberg, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

HAUKE, C. **Jung and postmodern: The interpretation of realities**. London: Routledge Taylor & Francis, 2000.

HERRMANN, F. Pesquisa psicanalítica, ciência e cultura. Out/Dez 2004, vol. 56, nº 4, Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em: 06 Ago 2006.

HILGARD, E.R. & ATKINSON, R.C. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Nacional, 1976.

JANESICK, V.J. The dance of qualitative research design: metaphor, methodolatry, and meaning. In: DENZIN, N.K. & LINCOLN, S.Y. **Strategies of qualitative Inquiry**. California: Sage, 1998.

JAPIASSU, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JACOBI, J. **Complexo, Arquétipo, Símbolo na Psicologia de C.G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1986.

JAFFÉ, A. **O mito do Significado na obra de C.G.Jung**. São Paulo: Cultrix, 1989.

JUNG, C.G. **Obras Completas**. Petrópolis: Vozes.

_____ vol. 2 Estudos experimentais

_____ vol. 4 Freud e a psicanálise

_____ vol. 5 Símbolos de transformação

_____ vol. 6 Tipos psicológicos

_____ vol. 7/1 Psicologia do inconsciente

_____ vol. 7/2 O eu e o inconsciente

_____ vol. 8/1 A natureza da psique

_____ vol. 9/1 Arquétipos do inconsciente coletivo

_____ vol. 9/2 Aion – estudos sobre o simbolismo do si-mesmo

_____ vol. 16/1 A prática da psicoterapia

_____ vol. 16/2 Ab-reação, análise dos sonhos, transferência

_____ vol. 18/1 A vida simbólica

_____ vol. 18/2 A vida simbólica

JUNG, C.G. **The Zofingia lectures: The Collected Works Supplementary vol. A**. London: Routledge & Kegan Paul, 1983.

JUNG, C.G. **Letters** – selected and edited by Gerhard Adler – Bollingen Series XCV:1 e 2. USA; Princeton, 1991.

JUNG, C.G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

KERLINGER, F.N.; LEE, H.B. **Investigación del comportamiento: metodos de investigación em ciencias sociales**. México: Mc Graw Hill, 2002.

KERLINGER, Fred N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: Um tratamento conceitual. São Paulo: EPU, 1980.

KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

KOTSCH, W.E. Jung's mediatory science as a psychology beyond objectivism. In: **Journal of Analytical Psychology**. v. 45, p. 217-244, 2000.

KUDE, V.M. Moreira. **A qualidade do atendimento na creche**: Um estudo em duas culturas. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

KUGLER. P. The subject of dreams. **Dreaming**: the publication of the Association for the Studies of Dreams. New York, vol. 3, nº 2, 1993.

KUHN, T.S. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: University of Chicago, ([1970] 2001)

LINCOLN, Y.S. & GUBA, E.G. **Naturalistic Inquiry**. Califórnia: Sage, 1985.

LEFÉVRE, F.; LEFÉVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa: desdobramentos. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LUNA, S.V. **Planejamento de pesquisa**: Uma introdução. São Paulo: EDUC, 1996.

MARIOTTI, Humberto in MATURANA, H.R. & VARELLA, F.J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MARONI, A. **Jung**: O Poeta da Alma. São Paulo: Summus, 1998.

MAZZOTTI, Alda J.A. e GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais** – pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

MÉTODO In: Larousse Universal. Paris: Librairie Larousse, v. 2, p. 236, 1923.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN. E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MORSE, J.M. Designing funded qualitative research. In: Denzin, N.K. & Lincoln, S.Y. *Strategies of qualitative Inquiry*. California: Sage, 1998.

MURRAY, G. **Five Stages of Greek Religion**. New York: Columbia University, 1930.

NEDER, M. O psicólogo e a pesquisa psicológica na instituição hospitalar. **Revista de Psicologia Hospitalar**, FMUSP, ano 3, nº 2, p. 2-4, 1993.

NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1990.

NIETZSCHE, F.W. **Obras Incompletas**. Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NUNES, B. **A Visão Romântica**. In: Guinsberg, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

OLIVEIRA, L. **Coisas de Menina**: Análise simbólica da personagem Buffy – a Caça-Vampiros. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PAULA, C.P.A. O Símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Universidade de São Paulo, 2005.

PAPADOPOULOS R. **The handbook of Jungian psychology**: theory, practice and application. London and New York: Routledge, 2006.

PAPADOPOULOS, R. Jung and the concept of the other, In: Papadopoulos,R. & Saayman,G.S. **Jung in modern perspective**. London: Prism, 2002.

PENNA, E.M.D. **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C.G.Jung**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

PENNA, E.M.D. Methodological Perspectives in Jung's *Collected Works*. **Harvest**. v. 50, nº 1, p.100-119, 2004.

PENNA, E.M.D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa p.46-71. **Psicologia USP**. São Paulo, vol.16 n. 3, 2005.

PENNA, E.M.D. **A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico**. In: WERRES, J. Ensaio sobre a clínica junguiana. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005b.

PENNA, E.M.D. Jung e a pós-modernidade. **Junguiana**. São Paulo, v. 24, p. 15-24, 2006.

PENNA, E.M.D. Pesquisa em Psicologia Analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. **Boletim de Psicologia**. São Paulo, vol. LVII, N. 127, p. 127-138, jul/dez 2007.

PIERI, P.F. **Dicionário junguiano**. São Paulo e Rio de Janeiro: Paulus e Vozes, 2002.

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas**. São Paulo: UNESP, 1996).

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RAMOS, D. G. Corruption: Symptom of a Cultural Complex in Brazil? In: SINGER, Thomas e KIMBLES, Samuel L. (ed.). **The Cultural Complex: Contemporary Jungian Perspectives on Psyche and Society**. New York: Brunner-Routledge, 2004.

RAMOS, D.G. **A psique do corpo: uma compreensão simbólica da doença**. São Paulo: Summus, 2005.

RAUHALA, L. The basic views of C.G. Jung in the light of hermeneutic metascience. In: Papadopoulos, R.K. & Saayman, G.S. **Jung in modern perspective: the master and his legacy**. Dorset: Prism Press, 1991.

REY, F.L.G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomson, 2001.

ROMANYSHYN, R.D. **The Wounded Researcher: Research with soul in mind**. New Orleans: Spring, 2007.

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, P.B. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Mc Graw Hill, 2006.

SAMUELS, A. **A psique política**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

SAMUELS, A. **Jung e os pós-junguianos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SANTOS, S.B. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SINGER, Thomas. The Cultural Complex and the Archetypal Defenses of the Collective Spirit: Baby Zeus, Elian Gonzales, Constantine's Sword, and Other Holy Wars. **The San Francisco Jung Institute Library Journal**. Vol. 20, nº 4, 2002.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma**: uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2000.

STEIN, Murray. On the politics of individuation in the Americas. **A identidade latino-americana**. Anais do II congresso latino-americano de psicologia junguiana. São Paulo: Paulus, 2001.

TACEY, D. Jung in Academy: devotions and resistances. **Journal of Analytical Psychology**, vol. 42, n.2, abril 1997.

TARNAS, R. **A epopéia do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

VASCONCELLOS, M.J.E. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. São Paulo: Papirus, 2005.

VON FRANZ, M.L. **C.G.Jung**: seu mito em nossa época. São Paulo: Cultrix, 1992.

VON FRANZ, M.L. **Reflexos da alma**: projeção e recolhimento interior na psicologia de C.G.Jung. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1992b.

WATERS, L. **Inimigos da Esperança**: publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo: UNESP, 2006.

WERTHEIMER, M. **Pequena História da Psicologia**. São Paulo: Nacional e EDUSP, 1972.

WOODWORTH, R.S. & MARQUIS, D.G. **Psicologia**. São Paulo: Nacional, 1965.

ZOJA, Luigi. Carl Gustav Jung como fenômeno histórico-cultural. **Cadernos junguianos**. São Paulo, nº 1, p. 18-31, 2005.

Anexos

Anexo I - Quadro do Levantamento Geral do Material

Nº	Autor	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	Título
1	Alexandre Schmitt	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O limite como potência: um estudo das relações entre a vergonha e a criatividade".
2	Ligia Maria Bonini	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Logomarca e seu simbolismo: um estudo sob a perspectiva junguiana
3	Ana Carolina Falcone Garcia	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Da relação pai-filha à profissional mulher: um estudo qualitativo com mulheres adultas jovens, numa abordagem junguiana
4	Marcia Loureiro Baptista	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	A teoria Junguiana dos Tipos Psicológicos: a possibilidade do uso clínico na infância".
5	Reinalda Melo da Matta	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	A utilização da terapia do Sandplay no tratamento de crianças com Transtorno Obsessivo-Compulsivo".
6	Mônica Perri Kohl Greggi	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	"O uso do sandplay na psicoterapia de pacientes com sintomas orgânicos: uma análise compreensivo-simbólica
7	Mara Lucia Salla	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Desfeminização Cultural e Saúde - Um Estudo em Mulheres Executivas na Ótica da Psicologia Analítica
8	Lilian Harumy Shibata	2006	Dissertação	Educação	PUC-SP	Em Busca de um Novo Caminho - O Pós Carreira como Oportunidade de Realização de Potencialidades
9	Solange Lopes de Souza	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Expressão Psicossomática da Infertilidade Conjugal: Investigação dos Processos de Enfrentamento Durante Diagnóstico
10	Marília Aparecida F.	2001	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	No limiar da transcendência - a alquimia e o sagrado em Jung: reflexos na atualidade
12	M. Mercedes Samudio Santos	2005	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	Convivendo Com Adolescentes: Esboçando Um Modelo De Intervenção Clínica Em Adolescentes Em Uma Instituição Escolar
13	Cristiane Curi Abud	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Dores e Odores - Distúrbios e Destinos do Olfato
14	Aydil da Fonseca Prudente	2006	Dissertação	Direito	PUC-SP	A Ressocialização do Adolescente Infrator: Uma Leitura Interdisciplinar
15	Cláudia G. Gonçalves Freitas	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Psicossomática e Tecnologia: Stress em Jogadores de Lan House
16	Ana Luiza Nogueira Vessoni	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	A Experiência Expressiva Na Clínica Da Psicose

Nº	Autor	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	Título
17	Carlos Eduardo A. de L. Salem	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Uma Leitura Simbólica do Espírito Empreendedor
18	Fernanda da Silva Pimentel	2005	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Quando o psiquê liberta o demônio: um estudo sobre a reação entre exorcismo e cura psíquica em mulheres na igreja universal do reino de Deus
19	Arnaldo Alves da Motta	2005	Dissertação	Psicologia Social	PUC-SP	Psicologia Analítica no Brasil Contribuições para a sua história
20	Ricardo Alvarenga Hirata	2005	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	O Rio da Alma - Contribuições do simbolismo religioso e da psicologia analítica para uma reflexão sobre a crise ecológica no rio Tietê
21	Patricia Maria Martins	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Mapeamento Integrado de Saúde - Uma Contribuição da Psicologia
22	Lia Monteiro Bogdanowicz	2001	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Psicossomática: A Busca Do Elo Perdido
23	Juliano Maluf Amui	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Vinho: uma imagem arquetipa
24	Maria Lygia de C. Alli Molineiro	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Vocação: Uma perspectiva junguiana - A orientação vocacional na clínica junguiana
25	Cintia Roberta R. Hoffmann	2006	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Unus Mundus: os graus da Coniunctio do alquimista Gerardus Dorneus, as fases alquímicas e suas relações com o ritmo ternário dos processos psíquicos em busca da totalidade quaternária, segundo C. G. Jung
26	João Bezinelli	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Imago Dei: Da proto-imagem ao conceito Um estudo da formação do conceito da Imago Dei nas Obras de C. G. Jung
27	Luísa de Oliveira	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Coisas de menina: análise simbólica da personagem Buffy A Caça Vampiros
28	Luciana Carnial	2005	Dissertação	Literatura, Crítica Literária, Comunicação, Semiótica	PUC-SP	A Narrativa Mítica Na Literatura Infantil Contemporânea: Uma Visão
29	Mônica Amaral Melo Poyares	2006	Tese	Ciências da Religião	PUC-SP	Abra a Roda Tin dô Lê Lê - Dimensão Religiosa nas Brincadeiras de Roda entre Crianças de 4 a 6 anos
30	Cecilia Lourenço Maeda	2005	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	Eutonia E Qualidade De Vida Em Pacientes Com Fibromialgia (mulher)
31	Maria Cherubina de L. Alves	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Apropriação de espaço: vivências dos pacientes hospitalizados
32	Neide Maria Rocha Giordano	2005	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Contar histórias: um caminho para o sagrado
33	Maria de Fatima de J. A. Ferreira	2004	Dissertação	Gerontologia	PUC-SP	O Idoso E A Criança: O Significado Da Relação Ao Contar Histórias

Nº	Autor	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	Título
34	Claudete Sargo	2000	Tese	Educação	PUC-SP	O processo de aprendizagem e sua articulação com a dinâmica relacional entre pais e filhos: um estudo a partir da psicologia analítica
35	Edson Fernandes	2005	Tese	Literatura, Crítica Literária, Comunicação, Semiótica	PUC-SP	Imaginário da cibercultura e territórios mitológicos da grande mãe web: uma leitura crítica dos mitos, símbolos e ritos do espaço telemáticos e da estética na web art.
36	Vânia Medeiros Gasparello	2005	Tese	Educação	PUC-SP	Expandindo a consciência pelo caminho simbólico: uma perspectiva interdisciplinar em educação
37	Regina Bruhns R. Andrade	2005	Dissertação	Educação	PUC-SP	Professor Formador & Professor Discente: uma relação a ser construída com consciência da sincronicidade
38	Jorgson K. Smith Moraes Jr	2005	Dissertação	Literatura, Crítica Literária, Comunicação, Semiótica	PUC-SP	Herói decadente - A emergência histórica do anti-herói na literatura, no cinema e na tv
39	Maria Cristina M. Guarnieri	2001	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Morte no corpo, vida no espírito: o processo de luto na prática espírita da psicografia
40	Waldemar Magaldi Filho	1999	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	A crise e o sagrado: um estudo em Carl Gustav Jung e René Girard
41	Kleber Maia Marinho	2006	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	In The President We Trust: uma análise da concepção religiosa na esfera política dos EUA presente nos discursos de George W. Bush.
42	Judith Vero	2006	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	Paixões Estrangeiras: A Vingança
43	Valeria Sanchez Silva	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Devir Cigano - O Encontro Cigano-não Cigano (Rom-Gadjé) como Elemento Facilitador do Processo de Individuação
44	Maria de Fátima C. Dias Ferreira	2006	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	Da expressão que espanta ao toque que encanta: a Calatonia e a Shantala como instrumentos de intervenção no re-significar das relações entre mães e filhos
45	Claudia L. Passalacqua	2007	Dissertação	Literatura, Crítica Literária, Comunicação, Semiótica	PUC-SP	Estudo sobre um instrumento de escrita designado auto-retrato para a expressão do indivíduo
46	Felipe Alberto de Q. Lalinde	2006	Dissertação	Literatura, Crítica Literária, Comunicação, Semiótica	PUC-SP	Paixões, Pecados, Picardia e Poesia na Publicidade (Radiofônica)
47	Tânia Maria Dias Fernandes	2006	Dissertação	Literatura, Crítica Literária, Comunicação, Semiótica	PUC-SP	Personagens e imaginário em Lygia Bojunga Nunes
48	Eric Richter	2004	Dissertação	Ciências Contábeis	PUC-SP	Carater organizacional e o processo de planejamento financeiro
50	Eloisa Penna	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Um estudo sobre o metodo de investigacao da psique na obra de C. G. Jung
52	Estela Noronha ok	2005	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Tenha fe, tenha confiança, Iemanjá e uma esperança! : um estudo a luz da socio-antropologia e da psicologia analítica do fenomeno 'Iemanjismo' entre os não devotos das religiões afro-brasileiras

Nº	Autor	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	Título
53	Anna Patricia ChagasBogado	2003	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Maria Madalena: da pecadora a iniciada : um estudo psicologico sobre o feminino a partir dos evangelhos
54	Brigida Carla Malandrino	2003	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Umbanda - mudar para permanecer : a influencia dos simbolos na mudanca religiosa e permanencia na umbanda segundo a psicologia analitica
55	Angela Maria Carcassoli Kato	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Um estudo sobre a relacao entre feminilidade e esterilidade primaria feminina sob o enfoque da psicologia analitica
56	Margareth Lury Yoshikawa	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Cenarios femininos : um estudo psicossomatico de mulheres com sindrome do ovario policistico atraves da terapia do Sandplay
57	Marcia Rodrigues Sapata	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O mioma uterino e a mulher na metanoia : uma leitura simbolica da doenca.
59	Maria Ruth Gonçalves Pereira	1990	Tese	Psicologia Clínica	USP	Espaço para a individuação: o masculino e o feminino como pontes a unidade
60	Regina Celia F. Amaro Giora	1994	Tese	Psicologia Social	USP	Um estudo sobre a liderança carismática de Getúlio Vargas
61	Laura Villares de Freitas	1995	Tese	Psicologia Clínica	USP	Mascara e palavra: exploração da persona em grupos vivenciais
62	Paulo Afranio Sant'Anna	1996	Dissertação	Psicologia Clínica	USP	Estudo dos arquétipos nos sonhos de portadores de HIV
63	Angela M.R.Cavalcanti Brasil	1996	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Voar é viajar, viajar é migrar, é sair da terra: migração como processo finito e processo infinito - estudo junguiano dos símbolos presentes na trajetória heróica migrante
64	Sandra M.G. Tavares Duran	1997	Tese	Psicologia Clínica	USP	O atendimento psicoterapeutico em grupo aos usuários de uma unidade básica de saúde pelo método corporal Petho Sandor: uma interpretação na perspectiva da psicologia analítica de C.G.Jung
65	Patrícia Díaz Gimenez	1998	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Orientação profissional numa abordagem clínica junguiana: da técnica ao ritual
66	Luciana Puglisi de P. Souza	1998	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Da adolescência à fase adulta: um ritual de passagem e transformação
67	Elvira Maria Leme	1998	Dissertação	Psicologia Clínica	USP	O corpo - sentido no processo educativo: uma abordagem fenomenológica
68	Walter José Martins Migliorini	1999	Tese	Psicologia Clínica	USP	Imaginário e envelhecimento
69	Márcia Marques Portazio	2000	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Construção de um instrumento de medida para identificação de determinados padrões arquetípicos no comportamento feminino
70	Mariana Halpern-Chalom	2001	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Contar histórias e expressar-se: aprendizagem significativa e plantão psicológico abrindo possibilidades para a clínica

Nº	Autor	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	Título
71	Patrícia Pinna Bernardo	2001	Tese	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	A "Doce Medicina": trabalhando com a sabedoria da psique na criação de um conhecimento integrado ao auto-conhecimento
72	Antonio Carlos Farjani	2002	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Freud x Jung no caso do Homem dos Lobos: como um trabalho científico pode ser contaminado pela paixão
73	Iara Lopes Patarra	2003	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Do papel das imagens às imagens no papel: o conceito de imagem na psicologia genética piagetiana e analítica de Jung
74	André Mendes	2005	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	A identidade migrante: reflexões sobre o processo de individuação em sua relação com o espaço, a migração e a comunidade
75	José Edmundo Heráclito Silva	2005	Tese	Literatura, Crítica Literária, Comunicação, Semiótica	USP	As habilidades de comunicação no trabalho jornalístico: uma proposta de compreensão e desenvolvimento com base na teoria dos arquétipos de Carl Gustav Jung
76	Guilherme Scandiucci	2005	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Juventude negro-descendente e a cultura hip hop na periferia de São Paulo: possibilidades de desenvolvimento humano sob a ótica da psicologia analítica
77	Cláudio Paixão A. de Paula	2005	Tese	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entreprofessores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior
78	Rinaldo Miorim	2006	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Aprender com o corpo: estabelecendo relações entre a psicologia analítica e as técnicas corporais taoístas
79	Jose Jorge de M. Zacharias	1994	Tese	Psicologia Social	USP	Tipos psicológicos junguianos e escolha profissional: uma investigação com policiais militares da cidade de São Paulo
80	Angelita Viana Corrêa Scárdua	2003	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Felicidade e individuação: um estudo exploratório do desenvolvimento adulto baseado na psicologia positiva e na teoria de Jung
81	Durval Luiz de Faria	2001	Tese	Psicologia Social	PUC-SP	O pai possível : um estudo dos conflitos da paternidade em um grupo de homens.
83	Liliana Liviano Wahba	2001	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	Relacao medico-paciente : subsidios da psicologia para a educacao medica.
84	Monalisa Dibo	2007	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Prabha - Mandala : os efeitos da aplicacao do desenho da mandala no comportamento da atencao conc
85	Giuseppe Mario Sabella	2004	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Os efeitos da danca circular e de tecnicas expressivas corporais no stress e na qualidade de vida
86	Geni Garcia Santiago	2003	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Um estudo sobre a religiosidade em mulheres acima de oitenta anos de idade.
87	Maria Lucia Tavares Ferreira	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	A psique do paciente com cancer na fase terminal
88	Heloisa Dias da Silva Galan	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Um estudo psicologico sobre o infarto do miocardio em mulheres.

Nº	Autor	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	Título
89	Miguel Glikin	2001	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	As imagens mentais como recurso em psicoterapia : uma pesquisa de quatro abordagens: Gerald Epste
90	Marisa Campio Muller	2001	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	Um estudo psicossomatico de pacientes com vitiligo numa abordagem analitica.
91	Maria Raymunda Ribeiro	2000	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Proposta de intervencao terapeutica para adultos hipertensos.
92	Marcia Iole Sanchez Turrini Coutinho	1999	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	"Levanta-te e anda" - invalidez e reabilitacao como caminhos para o significado da vida : dos lim
93	Alberto Pereira Lima Filho	1999	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	O significado do pai para a psique : da interdicao estruturante a construcao da autonomia.
94	Mara de Sa Martins da Costa Passos	1999	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Exu pede passagem.
95	Susana de Albuquerque Lins Serino	1999	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Diagnostico compreensivo simbolico : uma proposta de ressignificacao da doenca organica para a pr
96	Marcus Cezar Donha	1998	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O arquétipo do pai na cultura patriarcal : um estudo sobre a relacao pai-filho e seus reflexos na
97	Luiz Antonio de Oliveira e Araujo	1997	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Crime e hierofania : um estudo sobre algumas manifestacoes do sagrado em crianas e adolescentes
98	Joao Baptista Soares de Faria Lago	1997	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O embruxamento e a psique masculina na obra de Franklin Joaquim Cascaes.
99	Paulo Sergio Ruby	1997	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Tipologia junguiana - correlacoes entre a funcao inferior e o sintoma corporeo : um estudo sobre
100	Elisabete Sofia Lepera	1995	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O desenvolvimento da abordagem sistêmico simbolica
101	Denise Gimenez Ramos	1993	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	O modelo analítico no tratamento de doencas organicas
102	Pedro Otavio Barretto Prado	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Estudo exploratório da dimensão psicobiológica do método Rolfing de integração estrutural: criação, desenvolvimento e avaliação de questionários
103	Regina Alvares Biscaro	2008	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O treino em psicoterapia na residência de psiquiatria: uma visão da psicologia analítica
104	Elizabeth do Rocio Dipp Azevedo Gimaël	2008	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Conflitos conjugais: uma leitura a partir da psicologia analítica, tomando como base os tipos psicológicos
105	Susan Carol Albert	2008	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Infertilidade na relação conjugal: uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com Sandplay

Nº	Autor	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	Título
106	Valeria Centeville	2008	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Ciúme patológico masculino: reflexões sob a ótica junguiana
107	Daniela Borba	2008	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Individuação e expatriação: resiliência da esposa acompanhante
108	Marilena Dreyfuss Armando	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Calatonia e religiosidade: uma abordagem junguiana
109	Flávia Cristina Amaro da Silva	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Ameaças à Infância: do Trauma Psíquico ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático
110	Maria Aparecida Mello	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Endometriose: percepção da doença e estratégias de enfrentamento
111	Lisete Moreira Del Bianco	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Alegria em uma perspectiva de saúde
112	Manuela Silva Ferreira de Sousa	2007	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	A busca pela cirurgia plástica estética: um sintoma da sociedade contemporânea?
113	Maria Teresa Nappi Moreno	2004	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	Raiva: uma das emoções ligadas à gastrite e à esofagite
114	Cristina Martins Torres Masiero	2008	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	A resiliência em pessoas com lesão medular que estão no mercado de trabalho: uma abordagem psicossomática
115	Eliana Lemos Pommé	2008	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O vínculo mãe-bebê: primeiros contatos e a importância do holding
116	Guilherme Tavares de Siqueira	2008	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Hostilidade: uma revisão de literatura no referencial teórico junguiano
117	Neusa Maria Lopes Sauaia	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Psicoterapia de orientação junguiana com foco corporal para grupos de crianças vítimas de violência: promovendo habilidades da resiliência
118	Renata Soifer	2008	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Relação mãe-filho e o sono do bebê: uso de técnica para modificação de hábitos de sono
119	Maria Claudina Mendes Vasconcelos de Oliveira	2001	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Câncer de mama e resiliência: uma abordagem psicossomática
120	Maria Beatriz Vidigal Barbosa de almeida	2007	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Paternidade e subjetividade masculina em transformação : crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana
121	Santina Rodrigues de Oliveira	2006	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Reflexões sobre a materialidade numa abordagem imagético-apresentativa : narrativa de um percurso teórico e prático à luz da psicologia analítica
122	Luís Gustavo Vechi	2008	Tese	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	A psicologia analítica de Carl Gustav Jung no estudo de instituição : uma proposta teórico-metodológica

Nº	Autor	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	Título
123	Paulo Afranio Sant'ana	2001	Tese	Psicologia Clínica	USP	As imagens no contexto clínico de abordagem junguiana: uma interlocução entre teoria e prática
125	Rita de Cassia Ferrer da Rosa Mootoka	2008	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Aspectos emocionais investigados na infertilidade através do método de Rorschach
126	Cecilia Lourenço Maeda	2000	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Eutonia e o processo de individuação: uma abordagem psicossomática
127	Julia Signer e Cruz	2008	Dissertação	Ciências da Religião	PUC-SP	Do eu ao não-eu: um estudo sobre os relatos dos efeitos da experiência do estado de rigpa (clara luz) segundo a tradição budista tibetana
128	Maria Rosa Spinelli	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Um estudo psicoterápico de uma paciente com lúpus eritematoso sistêmico
130	Nairo de Souza Vargas	1995	Tese	Medicina	USP	Psicoterapia de casais - uma visão simbólico-arquetípica da conjugalidade
131	Marion Gallbach	1990	Dissertação	Psicologia Clínica	USP	O arquétipo materno na gravidez: um estudo de temas oníricos na abordagem junguiana
132	Marion Gallbach	1997	Tese	Psicologia Clínica	USP	Grupo de vivência de sonhos: uma investigação sobre formas de trabalho com sonhos
133	Patrícia Pinna Bernardo	1994	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O processo criativo como veículo de transmutação do arco-íris em ponte mandala (a utilização de recursos artísticos no trabalho terapêutico)

Anexo 2 - Quadro das pesquisas realizadas entre 2002 - 2007

Nº	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição
1	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
2	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
3	2002	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP
4	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
5	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
6	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
7	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
8	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
9	2003	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP
10	2003	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP
11	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
12	2004	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP
13	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
14	2005	Dissertação	Psicologia Social	PUC-SP

Nº	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição
15	2005	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP
16	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
17	2005	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP
18	2005	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP
19	2005	Tese	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP
20	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
21	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
22	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
23	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
24	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
25	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
26	2006	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP
27	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
28	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
29	2006	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP

Nº	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição
30	2006	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP
31	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
32	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
33	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
34	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
35	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP
36	2007	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP
37	2007	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP

Anexo 3 - Quadro descritivo com categorias de análise - pesquisas realizadas entre 2002 - 2007

Nº	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	título	tema	Método declarado	Objeto	Contexto de apreensão	Análise verbal/imagética	Modalidade
1	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Um estudo sobre a relação entre feminilidade e esterilidade primária feminina sob o enfoque da psicologia analítica	Feminilidade e esterilidade	Comparação entre grupos	Seres Humanos	Social	Análise de material verbal	Clínica
2	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Cenários femininos : um estudo psicossomático de mulheres com síndrome do ovário policístico através da terapia do Sandplay	Síndrome do Ovário Policístico	Qualitativo e comparativo	Seres Humanos	Clínico	Análise verbal e imagética	Clínica
3	2002	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Freud x Jung no caso do Homem dos Lobos: como um trabalho científico pode ser contaminado pela paixão	Freud x Jung	Não explicitado	Fenômenos da cultura	Científico	Não se aplica	Teórica
4	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	A psique do paciente com câncer na fase terminal	Câncer Terminal	Explicitação das etapas da pesquisa	Seres Humanos	Clínico	Análise de imagens	Clínica
5	2002	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Um estudo psicológico sobre o infarto do miocárdio em mulheres.	Infarto em mulheres	Qualitativo	Seres Humanos	Institucional	Análise de material verbal	Clínica
6	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O uso do sandplay na psicoterapia de pacientes com sintomas orgânicos: uma análise compreensivo-simbólica	Pacientes orgânicos/avaliação terap.	Qualitativo	Seres Humanos	Clínico	Análise de imagens	Clínica
7	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung	Método	Explicitação das etapas da pesquisa	Conceitos teórico-científicos	Científico	Não se aplica	Teórica
8	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O mioma uterino e a mulher na metanoia : uma leitura simbólica da doença.	Mioma uterino	Qualitativo	Seres Humanos	Clínico	Análise verbal e imagética	Clínica
9	2003	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Do papel das imagens às imagens no papel: o conceito de imagem na psicologia genética piagetiana e analítica de Jung	Conceito de imagem Piaget e Jung	Não explicitado	Conceitos teórico-científicos	Científico	Análise de imagens	Mista: teórica/clínica
10	2003	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Felicidade e individuação: um estudo exploratório do desenvolvimento adulto baseado na psicologia positiva e na teoria de Jung	Desenvolvimento adulto	Pesquisa de campo	Seres Humanos	Social	Análise de material verbal	Mista: teórica/cultural

Nº	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	título	tema	Método declarado	Objeto	Contexto de apreensão	Análise verbal/imagética	Modalidade
11	2003	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Psicoterapia de orientação junguiana com foco corporal para grupos de crianças vítimas de violência: promovendo habilidades da resiliência	Violência: crianças e terapia corporaal	Qualitativo	Seres Humanos	Institucional	Análise verbal e imagética	Clínica
12	2004	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	Raiva: uma das emoções ligadas à gastrite e à esofagite pouco junguiana	Raiva	Explicitação das etapas da pesquisa	Seres Humanos	Institucional	Análise de material verbal	Cultural
13	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Desfeminilização Cultural e Saúde - Um Estudo em Mulheres Executivas na Ótica da Psicologia Analítica	Desfeminilização	Qualitativo	Seres Humanos	Institucional	Análise de material verbal	Cultural
14	2005	Dissertação	Psicologia Social	PUC-SP	Psicologia Analítica no Brasil Contribuições para a sua história	Psicologia analítica no Brasil	Abordagem social e histórica	Fenômenos da cultura	Histórico	Não se aplica	Cultural
15	2005	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	Eutonia E Qualidade De Vida Em Pacientes Com Fibromialgia (mulher)	Eutonia	Não explicitado	Seres Humanos	Clínico	Análise de material verbal	Clínica
16	2005	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Apropriação de espaço: vivências dos pacientes hospitalizados	Apropriação de espaço	Quali/Quanti; Estudo exploratório	Seres Humanos	Institucional	Análise verbal e imagética	Análise institucional
17	2005	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	A identidade migrante: reflexões sobre o processo de individuação em sua relação com o espaço, a migração e a comunidade	Migração	Pesquisa de campo	Seres Humanos	Social	Análise de material verbal	Cultural
18	2005	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Juventude negro-descendente e a cultura hip hop na periferia de São Paulo: possibilidades de desenvolvimento humano sob a ótica da psicologia analítica	Cultura Hip hop	Metodologia própria em caráter de ensaio	Seres Humanos	Social	Análise de material verbal	Cultural
19	2005	Tese	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	O símbolo como mediador da comunicação nas org.: abordagem junguiana das rel.entre a dim. afetiva e a prod.de sentido nas comunic.entre prof. do depto. de psic. de 1 inst. de ensino sup.bras.	Comunicação entre professores	Empírico; Estudo de caso	Seres Humanos	Institucional	Análise de material verbal	Análise institucional
20	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	O limite como potência: um estudo das relações entre a vergonha e a criatividade".	Vergonha e criatividade	Não explicitado	Conceitos teórico-científicos	Cultural	Não se aplica	Mista: teórica/cultural
21	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Logomarca e seu simbolismo: um estudo sob a perspectiva junguiana	Logomarcas	Qualitativo	Fenômenos da cultura	Institucional	Análise verbal e imagética	Cultural

Nº	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	título	tema	Método declarado	Objeto	Contexto de apreensão	Análise verbal/imagética	Modalidade
22	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Da relação pai-filha à profissional mulher: um estudo qualitativo com mulheres adultas jovens, numa abordagem junguiana	Relação pai-filha	Qualitativo; Compreensão simbólica	Seres Humanos	Social	Análise de material verbal	Cultural
23	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	A teoria Junguiana dos Tipos Psicológicos: a possibilidade do uso clínico na infância".	Tipologia e psicodiagnóstico	Análise interpretativa	Seres Humanos	Clínico	Análise de material verbal	Clínica
24	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	A utilização da terapia do Sandplay no tratamento de crianças com Transtorno Obsessivo-Compulsivo	Criança/ TOC/avaliação terapia	Quali/Quanti; Estudo exploratório	Seres Humanos	Clínico	Análise verbal e imagética	Clínica
25	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Uma Leitura Simbólica do Espírito Empreendedor	Espírito empreendedor	Não explicitado	Fenômenos da cultura	Cultural	Não se aplica	Cultural
26	2006	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	Paixões Estrangeiras: A Vingança	Vingança	Não explicitado	Fenômenos da cultura	Cultural	Análise de material verbal	Cultural
27	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Devir Cigano - O Encontro Cigano-não Cigano (Rom-Gadjé) como Elemento Facilitador do Processo de Individuação	Processo de individuação	Não explicitado	Fenômenos da cultura	Social	Não se aplica	Cultural
28	2006	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Da expressão que espanta ao toque que encanta: a Calatonia e a Shantala como instrumentos de intervenção no re-significar das relações entre mães e filhos	Relações entre mãe e filho	Qualitativa; Estudo de caso	Seres Humanos	Social	Análise de material verbal	Clínica
29	2006	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Aprender com o corpo: estabelecendo relações entre a psicologia analítica e as técnicas corporais taoístas	Técnicas corporais	Teórico	Conceitos teórico-científicos	Científico	Não se aplica	Teórica
30	2006	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Reflexões sobre a materialidade numa abordagem imagético-apresentativa : narrativa de um percurso teórico e prático à luz da psicologia analítica	Materialidade	Método junguiano	Seres Humanos	Clínico	Análise verbal e imagética	Teórica
31	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Vinho: uma imagem arquetipa	Vinho	Amplificação; Método simbólico construtivo	Fenômenos da cultura	Cultural	Não se aplica	Cultural
32	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Vocação: Uma perspectiva junguiana - A orientação vocacional na clínica junguiana	Orientação vocacional	Teórico	Conceitos teórico-científicos	Clínico	Análise verbal e imagética	Mista: teórica/clínica

Nº	Ano	Tipo	Área de concentração	Instituição	título	tema	Método declarado	Objeto	Contexto de apreensão	Análise verbal/imagética	Modalidade
33	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Imago Dei: Da proto-imagem ao conceito Um estudo da formação do conceito da Imago Dei nas Obras de C. G. Jung	Imago dei	Teórico	Conceitos teórico-científicos	Científico	Não se aplica	Teórica
34	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Coisas de menina: análise simbólica da personagem Buffy A Caça Vampiros	Buffy personagem	Qualitativo	Fenômenos da cultura	Cultural	Análise de imagens	Cultural
35	2007	Dissertação	Psicologia Clínica	PUC-SP	Calatonia e religiosidade: uma abordagem junguiana	Calatonia e religiosidade	Método construtivo de Jung, fenomenológico	Seres Humanos	Institucional	Análise verbal e imagética	Clínica
36	2007	Tese	Psicologia Clínica	PUC-SP	A busca pela cirurgia plástica estética: um sintoma da sociedade contemporânea? Pouco junguiana	Cirurgia Plástica	Pesquisa descritiva Quali-Quantitativa	Seres Humanos	Social	Análise de material verbal	Cultural
37	2007	Dissertação	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Paternidade e subjetividade masculina em transformação : crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana	Paternidade	Qualitativo	Seres Humanos	Cultural	Análise de material verbal	Mista: teórica/clínica

Anexo 4 - Quadro dos Procedimentos de Coleta de Dados

Nº	Ano	Tipo	Procedimentos de coleta
1	2002	Dissertação	Questionário estruturado
1	2002	Dissertação	Testes psicológicos
2	2002	Dissertação	Intervenção terapêutica
2	2002	Dissertação	Relato de sonhos
3	2002	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
4	2002	Dissertação	Entrevistas
4	2002	Dissertação	Relato de sonhos
4	2002	Dissertação	Recursos Expressivos
5	2002	Dissertação	Entrevistas
6	2003	Dissertação	Intervenção terapêutica
6	2003	Dissertação	Registro de imagem e/ou som
7	2003	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
8	2003	Dissertação	Intervenção terapêutica
8	2003	Dissertação	Recursos Expressivos
8	2003	Dissertação	Recursos Expressivos
8	2003	Dissertação	Relato de sonhos
8	2003	Dissertação	Observação
9	2003	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
10	2003	Dissertação	Entrevistas
10	2003	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
11	2003	Dissertação	Recursos Expressivos
11	2003	Dissertação	Recursos Expressivos
11	2003	Dissertação	Intervenção terapêutica
11	2003	Dissertação	Recursos Expressivos
12	2004	Tese	Documentos
12	2004	Tese	Testes psicológicos
12	2004	Tese	Entrevistas
13	2005	Dissertação	Entrevistas

Nº	Ano	Tipo	Procedimentos de coleta
13	2005	Dissertação	Questionário estruturado
13	2005	Dissertação	Registro de imagem e/ou som
14	2005	Dissertação	Documentos
14	2005	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
15	2005	Tese	Entrevistas
15	2005	Tese	Intervenção terapêutica
15	2005	Tese	Questionário estruturado
15	2005	Tese	Testes psicológicos
16	2005	Dissertação	Documentos
16	2005	Dissertação	Entrevistas
16	2005	Dissertação	Observação
16	2005	Dissertação	Observação
16	2005	Dissertação	Recursos Expressivos
16	2005	Dissertação	Registro de imagem e/ou som
17	2005	Dissertação	Observação
17	2005	Dissertação	Registros escritos
18	2005	Dissertação	Entrevistas
18	2005	Dissertação	Entrevistas
18	2005	Dissertação	Observação
18	2005	Dissertação	Registros escritos
19	2005	Tese	Entrevistas
19	2005	Tese	Testes projetivos
20	2006	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
21	2006	Dissertação	Recursos Expressivos
22	2006	Dissertação	Entrevistas
23	2006	Dissertação	Entrevistas
23	2006	Dissertação	Observação
23	2006	Dissertação	Testes psicológicos
23	2006	Dissertação	Testes projetivos

Nº	Ano	Tipo	Procedimentos de coleta
24	2006	Dissertação	Entrevistas
24	2006	Dissertação	Intervenção terapêutica
24	2006	Dissertação	Questionário estruturado
24	2006	Dissertação	Registro de imagem e/ou som
24	2006	Dissertação	Testes projetivos
24	2006	Dissertação	Testes psicológicos
25	2006	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
25	2006	Dissertação	Pesquisa literária
26	2006	Tese	Entrevistas
26	2006	Tese	Pesquisa literária
27	2006	Dissertação	Experiência do pesquisador
28	2006	Dissertação	Entrevistas
28	2006	Dissertação	Intervenção terapêutica
28	2006	Dissertação	Intervenção terapêutica
28	2006	Dissertação	Observação
29	2006	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
30	2006	Dissertação	Registro de imagem e/ou som
30	2006	Dissertação	Registros escritos
30	2006	Dissertação	Registros escritos
30	2006	Dissertação	Relato de sonhos
31	2007	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
32	2007	Dissertação	Intervenção terapêutica
32	2007	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
33	2007	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
34	2007	Dissertação	Observação
34	2007	Dissertação	Recursos Audio-Visuais
35	2007	Dissertação	Entrevistas
35	2007	Dissertação	Observação
35	2007	Dissertação	Recursos Expressivos

Nº	Ano	Tipo	Procedimentos de coleta
35	2007	Dissertação	Registros escritos
36	2007	Tese	Questionário estruturado
36	2007	Tese	Testes projetivos
37	2007	Dissertação	Entrevistas
37	2007	Dissertação	Observação
37	2007	Dissertação	Pesquisa bibliográfica
37	2007	Dissertação	Registro de imagem e/ou som
37	2007	Dissertação	Registros escritos

ANEXO 5

MODELO DE FICHA DE ANÁLISE

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA

- N.
- TÍTULO

OBJETIVO:

- PROBLEMA
- OBJETIVO GERAL
- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

MÉTODO:

PROCEDIMENTOS DE APREENSÃO:

- MÉTODO DE COLETA:
- CONTEXTO
- OBJETO DE PESQUISA (PARTICIPANTES)
- INSTRUMENTOSA DE COLETA DE DADOS
- TRATAMENTO DOS DADOS
- CUIDADOS ÉTICOS
- OBSERVAÇÕES

PROCEDIMENTOS DE COMPREENSÃO:

- MÉTODO DE ANÁLISE
- INSTRUMENTOS
- TRATAMENTO DOS DADOS
- OBSERVAÇÕES